

Naelza de Araújo Wanderley

# Versos Viola Sertão

obra completa  
de Antônio Américo  
de Medeiros



Naelza de Araújo Wanderley

# **VERSOS, VIOLA, SERTÃO**

Obra completa de Antônio Américo de Medeiros



Campina Grande - PB

2021

W245v Wanderley, Naelza de Araújo.

Versos, viola e sertão: obra completa de Antônio Américo de Medeiros [livro eletrônico] / Naelza de Araújo Wanderley. – Campina Grande: Editora UFCG, 2021.

540 p.

(E-book)

ISBN 978-65-86302-51-6

1. Medeiros, Antônio Américo de (1930-2014). 2. Poesia Popular. 3. Literatura de Cordel. I. Título.

CDU 82-91

---

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - EDUFCG  
editoradaufcg@gmail.com

Prof. Dr. Antônio Fernandes Filho  
**Reitor**

Prof. Dr. Mario Eduardo Rangel Moreira Cavalcanti Mata  
**Vice-Reitor**

Prof. Dr. Patrício Borges Maracajá  
**Diretor Administrativo da Editora da UFCG**

Profª. Naelma W. Lira de Araújo  
**Revisão**

Izaias Nóbrega da Silva  
**Capa**

**CONSELHO EDITORIAL**

Anubes Pereira de Castro (CFP)  
Benedito Antônio Luciano (CEEL)  
Erivaldo Moreira Barbosa (CCJS)  
Janiro da Costa Rego (CTRN)  
Marisa de Oliveira Apolinário (CES)  
Marcelo Bezerra Grilo (CCT)  
Naelza de Araújo Wanderley (CSTR)  
Railene Hérica Carlos Rocha (CCTA)  
Rogério Humberto Zeferino (CH)  
Valéria Andrade (CDSA)

À minha tia Chiquinha (*In memoriam*), com carinho.

“Escrever é sempre carecer de palavras.”  
Geneviève Bollème



Canta o poeta a paisagem  
da vida dos passaredos  
do sôpro da ventania  
nas grimpas dos alvoredos  
das matas silenciosas  
de tenebrosos segredos.

Antônio Américo de Medeiros

## **Agradecimentos**

A realização deste trabalho deve-se, especialmente, ao desprendimento de muitos que, de diferentes formas, colaboraram. Inicialmente, presto um agradecimento (agora póstumo) à minha Tia, a esposa e musa de Antônio Américo, a qual prontamente atendeu ao meu pedido para compilar e estudar a obra do poeta. Ainda recebi das suas mãos a maior parte dos textos que aqui estão apresentados. Às minhas primas Betânia, Vamberlania e Márcia, filhas do poeta, pois, mesmo após a partida da minha Tia, mantiveram a permissão para a finalização desta obra. Especialmente, agradeço à Lana, que, apesar das muitas atividades que desempenha, sempre encontrou tempo para atender às minhas solicitações de material para a pesquisa. Pelas leituras e revisões, agradeço à minha irmã Naelma Wanderley. Ao meu esposo, pelo apoio em todos os sentidos. A todos, meus sinceros agradecimentos.

## Sumário

<b>Algumas palavras iniciais ...</b> .....	<b>15</b>
<b>Quem foi Antônio Américo de Medeiros?</b> .....	<b>17</b>
<b>Antônio Américo: o editor de folhetos</b> .....	<b>35</b>
<b>As Pelejas de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira</b> ...	<b>41</b>
<b>Antônio Américo: entre poemas e canções</b> .....	<b>73</b>
<b>Da folha avulsa ao livro: <i>Poesias, violas e repentés</i></b> .....	<b>99</b>
<i>Poesias violas e repentés: - Poemas</i> .....	<b>109</b>
<i>Poesias violas e repentés: Coletânea de sextilhas</i> .....	<b>155</b>
<b>Da folha avulsa ao livro: <i>Vida, verso e viola</i></b> .....	<b>199</b>
Capítulo I – Programas de Rádio .....	<b>201</b>
Capítulo II – Congressos de violeiros .....	<b>203</b>
Capítulo III – Achados poéticos .....	<b>206</b>
<b>Antônio Américo: o poeta de cordel</b> .....	<b>235</b>
<b>Referências</b> .....	<b>453</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>459</b>

## Algumas palavras iniciais ...

Naelza de A. Wanderley

Hoje, como pesquisadora e leitora de sua poesia, compreendo que foi um privilégio conhecer, de bem perto, o ser humano e o poeta Antônio Américo de Medeiros. Ainda de forma ingênua, pude partilhar com ele a paixão pelos folhetos que, com seu jeito manso de falar, foram-me apresentados, pela primeira vez, por ele mesmo, em sua banca. Muitas daquelas histórias e versos já eram velhos conhecidos, contados e cantados, muitas vezes, nos finais de tarde, no alpendre de casa, onde um velho e querido tio os recitava, pois sabia “de cor” os versos. Conhecê-los materializados através da escrita, em folhetos, principalmente aqueles de capas coloridas, editados pela Luzeiro, só foi possível muitos anos depois, quando, ainda muito jovem, fui ao Mercado de Patos e conheci o local onde o poeta Antônio Américo colocava em exposição os folhetos, para que os leitores pudessem folheá-los e escolherem aquele que mais lhes agradava. Era quase uma rotina para mim, aos sábados, passar nesse local, ficar por um bom tempo olhando os folhetos e ouvindo dele o relato sobre as histórias escolhidas e seus autores.

Ao ver outros leitores curiosos, olhando para os folhetos, e ele, como bom folheteiro e “marqueteiro nato” da poesia popular, atendendo a cada um e dizendo para aqueles que apenas olhavam frases como: “Fique à vontade, pode olhar, pois, só olhar, não paga”, eu ainda não entendia a generosidade desse gesto, que permitia também às pessoas que não tinham o dinheiro suficiente para a compra do folheto, mesmo custando uma quantia tão pequena, a leitura das mesmas histórias que encantavam ao poeta e àqueles que podiam pagar pelo

texto. Dessa forma, o folheto ficava, mas a história saía na memória do leitor, e este, ao mesmo tempo em que dava continuidade àquela história lida através da contação desta para outros ouvintes / leitores, também conquistava novos consumidores do folheto. Mais tarde, também entendi que essa era mais uma das estratégias do poeta, em sua luta pela continuidade da arte de fazer versos, para cantar e contar para o povo histórias que encantaram / encantam gerações de leitores.

O tempo passou, mas ficaram para esta leitora: o estímulo da curiosidade, através das sugestões constantes sobre a leitura de um novo folheto que precisava ser conhecido; as histórias contadas sobre os textos e sobre os seus autores; o encanto pela literatura de cordel e o exemplo de dedicação e luta do homem e do poeta pela permanência dessa literatura única, que continua viva entre nós graças à obra e à luta de homens e poetas como este que lhes apresento.

## Quem foi Antônio Américo de Medeiros?

*O poeta é pra lutar.*

Antônio Américo

Poeta, cantor, violeiro, repentista, folheteiro, editor, cordelista, escritor... Essa é uma resposta deveras incompleta à pergunta aqui lançada. Assim sendo, careceremos de muitas palavras a mais para discorrer, ao longo desse texto, sobre o poeta e sua produção e contar sobre a sua escrita e o seu canto, na tentativa de esmiuçar os fatos / detalhes que se apresentam na busca da resposta a essa questão. Iniciemos, então, a nossa jornada.

Em sua obra, Antônio Américo, com uma poética singular, conduz o leitor à sedução, pela forma como sua poesia passeia livremente pelos caminhos da história, da discreta crítica social e da ficção, utilizando-se da palavra versada na linguagem do povo que a compreende e que, envolvido pelos versos do poeta, adentra caminhos que conduzem ao real e ao fantástico, num retrato vivo daquilo que faz parte da arte de ser nordestino.

Sua poesia revela um olhar (des)interessado, que é lançado por sobre tudo aquilo que está à sua volta, e esta é a matéria viva do seu canto e de sua escrita. Sua poesia, por meio de uma linguagem “lida” pelo povo de várias formas, investiga, recria e transmite uma visão de mundo que é quase coletiva, porque também é parte dessa gente que representa e que canta em seus versos.

Nos dois textos de apresentação do livro *Vida, verso e viola*, encontraremos, inicialmente, as palavras do poeta Oliveira de Panelas definindo o também poeta Antonio Américo como sendo um “Virtuoso Menestrel”. Ao falar sobre o amigo, Oliveira de Panelas vai descrevê-lo como

um importante e resistente bardo da poesia popular que sempre buscou fertilizar com pérolas poéticas improvisadas ou rebuscadas o chão aureolado pelos génios da cantoria.

[...]

Antônio Américo, de dimensões imensas, criativo e versátil, um polivalente na arte de poetar, poetizar e poetificar.

Fundou um reino de ideias para dar convivência harmônica a sua fada mãe—“a poesia”. Dela, extraiu as mais valiosas pepitas do amplo imaginário da cantoria e do repente.

Na sua trajetória exorcizou as dúvidas e os desânimos, usando até suas reservas de forças para dar continuidade de riqueza e substância a essa linda e fascinante arte da cantoria nordestina. Rendeu-se apenas aos encantos dela própria, porque dela se fez um eterno enamorado, com a fidelidade dos amores mais amantes.

Polinizou com sua verve incansável o mundo mágico do cordel; registrou através dos tempos maravilhas da improvisação; divulgou pelas ondas do rádio o feitiço encantador do repente; criou toadas, edificou poemas, glosou motes e imortalizou-se em duelos inesquecíveis realizados em noites mornas de verão da maravilhosa e incomparável gleba sertaneja.

Antônio Américo um cidadão do mundo na arte de versejar. Sua magna responsabilidade de fazê-la a capricho extremo, dá-lhe o galhardão de lídimo representante de sua geração, com o aval de magnitude para a posteridade.

[...]

Assim sendo, o poeta e o cidadão há um só tempo, enfrentaram labirintos, peripécias, desilusões, desencantos, desdêns e discriminação. Mas, com sua habilidade genial, ei-lo vencedor, erguendo o troféu da simplicidade e da vitória e a premiação de ser laureado, reconhecido e homenageado, e com indubitável justiça.<sup>1</sup>

São essas as palavras do poeta para nos dizer quem foi o poeta Antônio Américo. A seguir, no segundo texto da referida apresentação, o historiador José Romildo de Sousa, ao falar sobre “A vida e a obra de um poeta combatente”, vai apresentá-lo biograficamente com as seguintes informações:

[...] natural de São José do Sabugi, município do Rio Grande do Norte, tendo nascido em 07 de fevereiro de 1930, filho de Manoel Francisco de Medeiros e Ana América de Medeiros. Criou-se trabalhando na agricultura e foi aluno de uma escola rural particular onde estudou até o terceiro livro primário, como se dizia na época. Aos 15 anos, sentiu a vocação de ser cantador. Comprou a primeira viola em 1945 e começou a cantar na vizinhança com outros colegas amadores, aproveitando-se sempre, dos fins de semana. Até 1954 trabalhava na agricultura e cantava de forma amadora, vindo posteriormente a música como profissão. Viajou sem paradeiro por quase todo o nordeste, onde conheceu e cantou com os

---

1 Em todos os textos citados, ao longo deste trabalho, foi preservada a escrita de origem.

grandes cantadores daquele tempo, a exemplo de Josué da Cruz, José Alves Sobrinho, Juvenal Evangelista, Ercílio Pinheiro, Lourival Batista, Pinto do Monteiro e Manoel Chudú.

Chegou à cidade de Patos em 1960, onde criou na Rádio Espinharas um programa de violeiros com o jovem cantador José Batista. O programa tinha como título: “Violas e Repentes” e foi ao ar pela primeira vez no dia 03 de novembro daquele mesmo ano, fazendo sucesso por ser o único naquele estilo na região. Segundo Antônio Américo, o programa foi sempre muito prestigiado por afamados cantadores, chegando nele a se apresentar Manoel Francisco, João Severo, Severino Feitosa, João Luiz, João Moaci, Marsal Barros, Biu Donato, entre muitos outros. Seus apresentadores foram os radialistas Luiz Pereira, Luiz Gonzaga Lima de Moraes, Ramalho Silva, José Augusto Longo, Orlando Xavier e, por último, Sousa Irmão.

Ainda em 1960, Antônio Américo casou-se com a jovem Francisca Araújo de Medeiros, que era natural de São José de Espinharas. Ficaram residindo em Patos e do casal nasceram três filhas: Maria Betânia de Medeiros, Vamberlânia Araújo de Medeiros e Márcia Bersane Araújo de Medeiros Torres.

Antônio Américo continuou cantando na Rádio Espinharas e fazendo as cantorias que apareciam na região. Assim, criou as três filhas e formou todas elas.

Na década de 70, começou a escrever poemas, canções e folhetos da literatura de cordéis, aí comprou uma barraca–Santo Antônio, nº 267–no

Mercado Central de Patos onde passou a vender cordéis e confecções. A esposa Francisca Araújo Medeiros o ajudava nesta empreitada.

Em 1988, Antônio Américo parou de cantar ficando apenas com a atividade comercial, depois de cantar por 28 anos no programa “Violas e Repentes” na Rádio Espinharas. Daí pra frente, o grande cantador nortegrandense ficou só escrevendo e vendendo cordéis.

Segundo Antônio Américo, a sua primeira obra como poeta de bancada foi escrita na década de 70, graças a interferência do Dr. Enaldo Torres Fernandes, na época Promotor de Justiça de Patos, que o levou até o Cartório de Fernando Trigueiro e se responsabilizou perante o tabelião para que Américo tivesse acesso aos autos do processo referente ao caso da menina Francisca que foi martirizada no ano de 1923. Deste detalhado estudo, confirma o grande cordelista, surgiu no ano de 1972 A História Completa da Cruz da Menina<sup>2</sup>, que já teve uma tiragem de mais de dez edições.

[...]

No ano de 2005, Antônio Américo encerrou suas atividades comerciais na Barraca Santo Antônio, no Mercado Central de Patos, onde serviu por longos anos de ponto de referência de violeiros, cordelistas e pesquisadores da literatura de cordel.

Ainda de acordo com o historiador, Antônio Américo era “um referencial” na literatura de cordel “em todo o sertão paraibano, notadamente pelo seu espírito de resistência e combatividade em favor da cantoria e do folheto de cordel.”

---

2 Grifo do autor

Ao falar sobre esse papel de resistência do poeta popular em defesa da literatura de cordel, Francisca Neuma Fachine Borges, no texto “Literatura de cordel viva no Brasil: A resistência heroica dos poetas” (1995), afirma que, “versejando múltiplos temas”, poetas como Antônio Américo de Medeiros continuavam atuando (na época da publicação do texto da referida autora) e, mesmo “a duras penas”, mantendo viva a nossa literatura de cordel.

No prefácio do livro *Poesias, violas e repentistas*, mais uma vez, coube ao historiador José Romildo de Sousa a tarefa de falar sobre o poeta e sua caminhada pelas estradas da poesia sertaneja. Dessa vez, o historiador fez-se também poeta para, em sextilhas, apresentar os versos de Américo:

Recebo com alegria  
a incumbência para prefaciar  
o livro de Antônio Américo  
que nasceu para cantar,  
fazer versos de improviso  
e no cordel se consagrar.

Fez-se cedo repentista  
e dando de garra da viola  
saiu pelo nordeste  
cantando a toda hora,  
foi grande a caminhada  
bem maior a sua glória.

Em **Violas e Repentistas**<sup>3</sup>  
por vinte e oito anos tocou  
recebeu grandes amigos  
e a **Espinharas** alegrou

---

3 Grifos do autor

o programa teve seu fim,  
mas muita saudade deixou.

Como poeta de bancada  
grandes folhetos escreveu:  
**A Cruz da Menina**, o primeiro  
que a quinta edição já rendeu,  
Tem também grande valor  
o d'**A Moça que mais sofreu**.

De **Inácio e Romano**  
as duas peijas editou  
e em **Patos do Major Miguel**  
o cordelista mostrou  
como é grande a nossa história  
cheia de glória e esplendor.

Versou ainda em cordel  
Sobre **Silvino e Lampião**;  
sobre a **Princesa Safira**  
e o **Padre Cícero Romão**.  
foi grande a trajetória  
deste cantador do sertão.

Este trabalho de **Américo**  
já no título traz valores.  
Pois é um livro de poesias,  
a bem de todos leitores.  
Professor dos estudantes,  
diretor dos professores.

É rico e o seu conteúdo  
cheio de inspiração.  
Vai ser muito folheado

e correr de mão em mão  
ajudando a muita gente  
a ter sua opinião.

A dar valor ao seu dia  
e ao dos outros também,  
a conhecer feriados  
que o ano todo tem  
e a gostar de poesia  
que sempre faz muito bem.

O poeta pernambucano  
**Cícero Pedro de Assis**  
a homenagear **Antônio**  
saiu-se muito feliz,  
principalmente no verso  
em que ele assim diz:

Os trabalhos de **Américo**  
Estão chamando atenção  
Empata com **Patativa**,  
**Pedro Bandeira e Canção**;  
**Louro, Pinto e Canhôntinho**  
**Zé Faustino e Mergulhão.**

Depois de tantas estrelas,  
o melhor mesmo é parar.  
E deixar para Américo  
sua poesia mostrar.  
Neste seu primeiro livro  
que me honra apresentar.

Como já referido anteriormente, nos versos do historiador Romildo de Sousa, o poeta pernambucano Cícero Pedro de Assis, Membro da

Academia Brasileira de Literatura de Cordel, rende homenagem ao poeta com os seguintes versos:

Antônio Américo Medeiros  
é cordelista modelo.  
uma caneta de ouro  
igual a de Zé Camêlo  
e Zé Duda do Zumbi  
nome que merece zêlo

Américo é um seguidor  
de Silvino Pirauá  
ou João Martins de Ataíde  
o trovador do Ingá,  
igual a Cordeiro Manso  
e Odilon Nunes de Sá.

Américo tem as idéias  
do grande Leandro Gomes  
o dom de José Pachêco  
Cícero Vieira um dos nomes  
ou um Firmino Teixeira  
que brilhou entre os renomes.

De Manoel D'Almeida Filho  
Américo está bem pertinho  
no cordel ele é igual  
a José Alves Sobrinho  
caneta que nunca errou  
da poesia o caminho.

Os trabalhos de Américo  
estão chamando atenção  
empata com Patativa,

Pedro Bandeira e Canção,  
Louro, Pinto e Canhotinho,  
Zé Faustino e Mergulhão.

Escreve igual a Rodolfo  
Paulo Nunes e Diniz.  
Eu e Gonçalo Ferreira,  
sua caneta é quem diz  
nesta Homenagem prestada  
Por Cícero Pedro de Assis.<sup>4</sup>

Um dos poetas mais conhecido da literatura de cordel no Nordeste, José Costa Leite, autor de diversos folhetos, apresenta a sua peleja<sup>5</sup> com o poeta Antônio Américo com os seguintes versos:

Agora caros leitores  
Vamos ler uma peleja  
De dois poetas famosos  
Fãs da lira sertaneja  
Esta saiu do jeitinho  
Que todo mundo deseja

Antonio Américo Medeiros  
É campeão no repente.  
No campo da poesia  
Tem sido bem competente  
Pra ser melhor do que ele  
Já se perdeu a semente.

4 Esse poema foi publicado no final do folheto *História da guerra de Juazeiro do Padre Cícero Romão Batista em 1914*, de autoria de Antônio Américo de Medeiros.

5 LEITE, José Costa. *Peleja de Costa Leite com Antônio Américo*. Fortaleza: Editora Tupynanquim, [19--]. (Cf. Anexos)

O poeta e pesquisador José Alves Sobrinho, ao citar Antônio Américo, em seu livro *Cantadores, repentistas e poetas populares*, no capítulo em que distribui os cantadores nordestinos como pertencentes a seis gerações diferentes, “Cantadores de seis gerações”, apresenta o poeta como pertencente à quinta geração. Ao seu lado, estão poetas como o próprio Sobrinho, “o Grande Rogaciano”, “Domingos Martins Fonseca / Um repentista sem fim”, “Azulão”, “Sebastião Feitosa”, “Zé Limeira”, “O grande Inocêncio Gato, / Mestre Raimundo Nonato”, entre muitos outros:

Tem Zé Francisco e Zé Monte,  
E também José Maria,  
Alberto e José Porfírio  
Dotados na poesia,  
Cesanildo, Tonho Ferreira,  
E os quatro irmãos Bandeira,  
Antônio Maracajá,  
O Tindara dos Ferreiros,  
A. Américo de Medeiros  
E Manuel Pirauá

(SOBRINHO, 2003, p. 57)

Juvenal Evaristo Santos (1984), no folheto *Origem da literatura de cordel*, ao falar sobre o início e a trajetória do cordel, em certo momento de seu poema, afirma que o bom cantador ainda existe, mas “é meio salteado”. Entretanto, quando se procura, é possível encontrar “Um ou dois em cada Estado”. É nesse contexto que o poeta cita Antonio Américo de Medeiros como parte deste seleto grupo de bons cantadores, ao lado de nomes como Louro Branco, João Paraibano, Geraldo Amâncio, entre outros.

A antropóloga e professora Julie Cavignac, em seu livro *A literatura de cordel no Nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral*, no segundo anexo, “Poetas de bancada e cantadores”, faz referência ao poeta

Antônio Américo de Medeiros definindo-o como poeta de bancada, cantador e folheteiro. A autora também o identifica, equivocadamente, com a alcunha de Orlando Folheteiro. Uma possível referência a Orlando Ferreira de Brito, esse sim conhecido como Orlando Folheteiro (citado pelo poeta Antônio Américo no folheto *Os mestres da literatura de cordel*), natural da cidade de Santa Luzia, que viveu em Patos – Paraíba, praticamente durante toda a sua vida e trabalhou durante muito tempo com literatura de cordel nas feiras de Patos e da região. Era conhecido por recitar os folhetos nas ruas da cidade, principalmente aquelas próximas ao Mercado Público, onde ocorriam as feiras. Destaquemos aqui que, na cidade de Patos, tornaram-se referência na venda de folhetos apenas o senhor Orlando Ferreira e o poeta Antônio Américo, fato que justifica o referido equívoco.

Essas são algumas das palavras de estudiosos e poetas sobre Antônio Américo de Medeiros que, em suas falas, cada um a seu modo, buscam descrever quem foi o poeta.

Nós sabemos que ele foi um homem simples, de fala mansa e admirado por aqueles que o acompanharam em sua trajetória como ser humano e como poeta. Amigo e admirador de seus companheiros de viola, vibrava com a riqueza dos versos destes, registrava e fazia questão de divulgá-los, conforme podemos observar nos dois livros que publicou com coletâneas de sextilhas. Orgulhava-se de suas parcerias poéticas e rendia verdadeiras homenagens àqueles a quem admirava, enaltecendo o talento. Exemplo disso também são os versos do poema *Homenagem a Odilon*, dedicados ao poeta Odilon Nunes de Sá, um dos nomes mais conhecidos da poesia popular no sertão das Espinharas:

Odilon Nunes de Sá.  
Seu nome está nos jornais.  
E num túmulo reservado  
Estão seus restos mortais.

Na terra, um poeta a menos.  
No céu, um poeta a mais.

Odilon, o seu cartaz,  
Vai alcançar um milênio  
De livros que publicou  
Deixou o seu quatriênio.  
Patos perdeu um poeta.  
Santa Terezinha, um gênio.

Odilon foi grande gênio.  
Quem conheceu considera.  
E através dos poetas  
A sua fama prospera.  
Enquanto eu puder versar,  
Seu nome tem que brilhar,  
Como o sol da primavera.

Meyer (1980, p. 06) vai nos dizer que “há três tipos de poetas populares”, certamente, Antônio Américo tem a sua trajetória vinculada ao grupo de poetas que, “habitando as áreas rurais”, dividiam “o seu tempo entre as atividades agrícolas e a poesia”, uma vez que o poeta criou-se trabalhando na agricultura e estudou apenas até o “terceiro livro primário”. Foi um autodidata, tinha como temas para sua poesia os assuntos que faziam parte de sua realidade e da realidade do povo do sertão, falava a língua de seu público, ouvintes e leitores, editou seus textos “em gráfica alheias” e foi, na maioria das vezes, o vendedor de seus próprios textos, assim como dos textos de outros poetas.

Como quase todos os violeiros de sua época, foi poeta itinerante. Legítimo herdeiro dos jograis medievais, adquiriu a sua primeira viola quando tinha quinze anos e começou a cantar para a vizinhança. Poucos anos depois, viajava como andarilho, com a viola nas costas, cantando e fazendo versos por quase todos os recantos deste nor-

deste. Essa realidade do cantador do sertão é descrita pelo poeta e violeiro Juvenal Evaristo Santos:

Como um herói do sertão  
O cantador viajava  
Ou de pé ou a cavalo  
A profissão enfrentava  
Levando a literatura  
Da maneira que ele usava.  
(SANTOS, 1984, p. 6)

Foi em uma dessas andanças que, assim como em uma história de folheto, ele conheceu a musa de seu fazer poético, que o acompanharia até o seu último dia. Uma filha de fazendeiro que se encantou pelo seu canto e, mesmo contra tudo e contra todos, acompanhou-o em seu caminho e fez o poeta criar pouso na cidade de Patos. Francisca Araújo de Medeiros, ou simplesmente “Chiquinha” como a chamava, foi a musa inspiradora e a sua parceira por mais de cinquenta anos.

Uma vez na cidade de Patos, o poeta, como já dito no texto do historiador José Romildo de Sousa, em 1960, ao lado do cantador José Batista, cria um programa de violeiros, *Violas e repentos*, veiculado na Rádio Espinharas de Patos<sup>6</sup>. Foi um dos primeiros, senão o primeiro, na região, a atuar no rádio com essa atividade. De acordo com Ayalá (1988, p. 31), “O rádio é considerado etapa fundamental na vida profissional do cantador.” Dessa forma, é possível compreender o grande número de cantadores em início de carreira e de renomados cantadores que participaram do programa ao longo dos anos. Foram

<sup>6</sup> Sobre a atuação do cantador no rádio, no cordel e nos festivais, o poeta Juvenal Evangelista escreve:  
Pra não desaparecer  
O cantador do sertão  
Precisou ir pra cidade  
Com rádio e com gravação  
Com folheto e festival  
E um pouco em televisão.

vinte e oito anos de atuação no referido programa de rádio até que, em 1988, o poeta parou de cantar e passou a se dedicar apenas à escrita e à publicação de seus textos, assim como às suas atividades como folheteiro e comerciante.

A sua produção escrita surge na década de setenta, quando publica o folheto *A história completa da Cruz da Menina*, com diversas edições posteriores. A partir daí, a produção do poeta se estende à edição de duas pelepas e à escrita de folhetos: *Primeira e Segunda Peleja de Romano da Mãe D'Água com Inácio da Catingueira*; *Patos do Major Miguel*; *Lampião e sua história contada toda em cordel*; *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró*; *A fada do bosque negro e a princesa Safira*; *A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte*; *História da guerra de Juazeiro do Padre Cícero Romão Batista em 1914*, *A vida do cangaceiro de nome Antônio Silvino*; *A vida de Lampião: intriga, luta e cangaço*; *Segunda peleja do poeta e repentista Antônio Américo com o poeta José Costa Leite*; *O marco do Sabugi*; *Os mestres da literatura de cordel*. Também foi autor de Poemas e Canções, publicadas em folhas avulsas, e de dois livros: *Poesias, violas e repentos* e *Vida, verso e viola*. Como cordelista, de acordo com Viana (2020), seguiu “a linha dos velhos mestres, escrevendo histórias longas e bem feitas.”

Foi incansável em sua luta para manter viva a tradição dos versos populares, não somente como cantador, mas como poeta de bancada e folheteiro. De acordo com Viana (2020),

Mesmo durante a maior crise da Literatura de Cordel, que aconteceu no período de 1988 a 1998, manteve sua banca de folhetos no Mercado Público de Patos, sempre com um estoque acima de 200 títulos, inclusive obras de autores consagrados como Leandro Gomes de Barros, José Pacheco e José Camelo de Melo Resende.

“Era uma enciclopédia da poesia popular.” Assim foi definido Antônio Américo pelo poeta e pesquisador Marco Haurélio, em 02 de

fevereiro de 2014, em seu *blog*, ao noticiar a morte do poeta fazendo referência a um outro *blog*, o *Acorda Cordel*, mantido pelo poeta Arievaldo Viana, que havia notificado, já há alguns dias, a partida do poeta cordelista e cantador no dia 21 de janeiro.

Em um texto intitulado “Mais um poeta que parte...”, Arievaldo Viana conta da generosidade que fazia parte da personalidade do cantador, ao relatar quando, em sua correspondência com o poeta, recebeu deste “muitas dicas preciosas para um poeta ‘iniciante’ que estava também se lançando como editor de sua própria obra e da obra de outros poetas.” Também destaca que teve “a honra de fazer a capa do único folheto que Américo publicou pela Editora LUZEIRO, sob a orientação do poeta Marco Haurélio...”.

Este foi Antônio Américo de Medeiros, o homem, o poeta que, vinculado à camada social que representava, o seu público do rádio, das cantorias e dos folhetos, era também o porta-voz de suas angústias e inquietações, assim como de suas aspirações. Foi o cantor do sertão, da natureza e do homem sertanejo e, com seu “dom especial”, foi também “capaz de deixar vagar a fantasia e trazê-la de volta, em forma de rimas”. Aspectos comuns ao vínculo estabelecido entre a figura do poeta popular e seu público, conforme destaca Ribeiro (1986, p. 68).

Antônio Américo vai embora em 2014, deixando a saudade para aqueles de sua convivência e o exemplo para aqueles que o admiravam, mas fica o poeta e as suas lições de poesia para aqueles que estão na estrada e que ainda têm muito a trilhar pelos caminhos da difícil arte de ser poeta e cantador repentista, afinal,

Cantador pra cantar bem,  
três coisas tem que fazer,  
primeiro tocar viola,  
segundo gostar de ler,  
terceiro, cantar com estilo,  
pra o povo compreender.

E assim ele o fez

## **Antônio Américo: o editor de folhetos**

O surgimento de pequenas gráficas em nossa região, em meados do século passado, possivelmente, favoreceu a atividade de impressão de folhetos e atendia a um determinado público leitor que habitava as pequenas cidades e a zona rural. Esse público, identificado com uma literatura que falava sobre o povo e para o povo, contribui decisivamente, não somente com a produção de folhetos, mas também com a reprodução destes e a sua distribuição em diferentes localidades do Nordeste, aonde não chegavam outras fontes de lazer ou de informação. Dessa forma, consolida-se uma espécie de pacto entre o poeta, a figura do editor e os leitores desses folhetos adquiridos nas feiras livres, muitas vezes, diretamente das mãos dos autores.

Esses folhetos, mesmo frutos de uma impressão simples e em papel barato, tinham grande aceitação junto ao público leitor, e o consumo destes pelas pessoas simples do povo permitia a alguns poetas viverem da arte de fazer e de vender versos. Para tanto, muitos deles, além da criação de seus versos, teriam de recorrer à adaptação de práticas editoriais e estratégias comerciais que lhes permitissem compor, imprimir e vender essa produção.

É como parte desse contexto que o poeta Antônio Américo de Medeiros, com uma produção bem modesta, também exerceu o papel de editor junto ao cenário que envolve as atividades de publicação e distribuição da literatura de cordel em nossa região.

Assim como a maioria dos editores da região na época, o poeta / editor também enfrentou problemas como uma tecnologia de impressão improvisada e a questão da autoria dos folhetos, fatos que, provavelmente, foram decisivos para a pouca atividade do poeta nessa área, uma vez que este não era dono de gráfica/editora, dependendo,

portanto, do precário parque gráfico da região e da autorização dos autores para reedição de textos. Cabe lembrar que, na época em que foram reeditadas as pelejas por ele selecionadas, a questão da autoria do texto de cordel já assumia posturas bem delimitadas.

Enquanto editor, sua produção consta de apenas dois folhetos: *A primeira peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira*: Quando Patos ainda era uma pequena Vila, que apresenta como autor o poeta Silvino Pirauá de Lima, e *Segunda peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira*, que apresenta como autor o poeta Leandro Gomes de Barros.

Esses textos foram reproduzidos em pequenas brochuras, que traziam em suas capas de abertura uma xilogravura de J. Borges e, nas capas finais, informações resumidas sobre os poetas protagonistas da peleja; uma estrofe ditada por Inácio da Catingueira, em seu leito de morte, para alguém que a transcreve e uma informação comercial para a aquisição do folheto pelos leitores ou revendedores da região. Assim como os demais folhetos, estes foram confeccionados em papel jornal, a primeira peleja com oito páginas, e a segunda com dezesseis.

A forma como o texto é apresentado ao leitor na capa sugere uma espécie de sequência em torno das pelejas, ou seja, segundo consta nas capas dos folhetos, estaríamos diante de duas pelejas ocorridas entre Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira, uma primeira, que teria ocorrido “quando Patos ainda era uma pequena vila”, e uma segunda sem referência temporal. Observemos aqui uma das muitas estratégias de conquista do leitor, um título longo e esclarecedor; a primeira parte expõe a natureza do texto, seguida por uma segunda parte, que consta de um detalhamento acerca dos “personagens” que desenvolverão a “ação” e de uma localização espacial e temporal (esse último dado consta apenas na capa da primeira peleja). O título então

cumprir o seu papel de chamar a atenção dos ouvintes-leitores nas feiras ou nas barracas onde eram vendidos.

Essa forma de apresentação dos títulos também pode ser entendida como uma espécie de estratégia para atrair o leitor, uma vez que a publicação de textos fragmentados, ou seja, em volumes que seguissem uma sequência, já era utilizada pelos romances de cordel também como estratégia que poderia garantir, segundo a aceitação do público, a venda de um maior número de folhetos. Dessa forma, a partir dos títulos, o editor já conta com a fidelidade dos leitores da primeira peleja, uma vez que esta já contou com uma aceitação do texto, já comprovada em edições bem anteriores, tanto aqueles já familiarizados com os versos quanto os novos leitores, que tiveram acesso ao texto pela primeira vez através da reedição. Ratificamos aqui a ideia de que nenhum detalhe do folheto de cordel está lá por acaso.

Um outro recurso utilizado pelo editor, ainda na capa do folheto, é o uso da xilogravura para ilustrar o assunto, prática, na época, bastante utilizada pelos poetas e editores dos folhetos de cordel. Elaborada pelo também poeta e xilogravurista J. Borges, a imagem reforça a temática já anunciada no título, ao apresentar dois personagens em uma postura que sugere as ações que fazem parte do canto de improviso e do acompanhamento musical comum na disputa poética. A xilogravura também ratifica a versão de que o poeta Inácio da Catingueira cantava com o acompanhamento de um pandeiro, enquanto Romano do Teixeira usava como instrumento a viola. Esse fato foi citado pelo Padre Manoel Otaviano, em conferência proferida em 1948, transcrita por Luiz Nunes, no livro *Inácio da Catingueira: o gênio escravo*.

Ainda sobre a parte externa do folheto, é possível observar a contracapa, ou quarta capa, também como ferramenta comercial utilizada pela maioria dos poetas de cordel. De acordo com Mark Curran, no

ensaio “A ‘página editorial’ do poeta”, publicado na *Revista Brasileira de Folclore*, “A contracapa se dirige tanto aos agentes do editor quanto ao freguês. Da estrutura comercial vêem-se a razão de ser da contracapa, os motivos e declarações do poeta-editor que nela aparecem.” (1972, p. 6). O autor também aponta categorias ou temas que serão classificados de acordo com “o propósito editorial do poeta que imprimiu o folheto.”

Entre os dez temas ou categorias apontadas por Curran como parte integrante da contracapa dos folhetos de cordel, podemos observar, no texto editado pelo poeta Antônio Américo, a presença da “propaganda poética do poeta-editor”, com informações básicas sobre o endereço do editor para a aquisição dos folhetos e sobre a possibilidade de envio destes pelo Correio (observemos aqui que este também assume o papel de folheteiro, aquele que também revende o cordel); de alguns “dados biográficos dos poetas”, nesse caso, dos poetas protagonistas das pelepas, e podemos acrescentar ainda um outro tema que não se apresenta entre aqueles citados por Curran e que, a nosso ver, ilustra para o leitor, em um primeiro olhar sobre o texto, a qualidade dos versos que este encontrará no interior do folheto, pois se trata da “última estrofe” ditada pelo poeta Inácio da Catingueira, em seu leito de morte. Os versos, além de ilustrar a beleza da poesia do escravo poeta, também funcionariam como mais uma estratégia de conquista do leitor, uma vez que estes apresentam, ao mesmo tempo, dois apelos fundamentais para atrair a atenção deste leitor: eles materializam as últimas palavras de um grande poeta e estão carregados do tom saudosista e do canto sobre a terra mãe, temáticas bastante recorrentes e eficazes no processo de identificação entre o texto e leitor de cordel.

Assim sendo, é possível observar que a contracapa dos folhetos das pelepas aqui apresentadas reúne as características apontadas sem

que nenhuma predomine sobre as demais, e esses dados se unem ao conjunto da capa principal, que contém título e xilogravura ilustrativa do conteúdo a ser abordado no folheto, de forma que o leitor tenha acesso a informações paratextuais essenciais à sua escolha na hora da compra. Destaque-se ainda que as duas pelepas apresentam quase a mesma estrutura gráfica para capa e contracapa, exibindo apenas pequenas alterações no que se refere ao título e à ordem das informações apresentadas na contracapa. Uma limitação de recursos, uma acomodação por parte do editor ou mais uma estratégia junto ao leitor?

Figura – Capa e contracapa da Primeira peleja



Fonte: Acervo da autora

Figura – Capa e contracapa da Segunda peleja



Fonte: Acervo da autora

Ainda sobre as estratégias junto aos leitores, observemos também a escolha dos textos a serem (re)editados. Entre os variados gêneros textuais conhecidos através do folheto de cordel, o poeta / editor Antônio Américo, não por acaso, escolhe a peleja enquanto produção poética a ser rerepresentada aos leitores. Por que então essa escolha? Sabemos que o poeta de cordel conhecia o seu público, assim como o seu gosto e, pautado nesse conhecimento, na maioria das vezes, definia sua produção. Ao assumir o papel de editor, até por também ser poeta, não agiria de forma diferente. A peleja, o desafio poético, a luta travada entre dois grandes trovadores, encantou desde sempre os amantes da poesia popular do Nordeste. Dessa forma, a aceitação da reedição de uma das mais célebres pelejas já registradas pela literatura de cordel seria uma escolha perfeita para quem iniciava a atividade de editor.

## As Pelejas de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira

### Primeira peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira: Quando Patos ainda era uma pequena Vila

AUTOR: SILVINO PIRAUÁ LIMA<sup>7</sup>

EDITOR: ANTONIO AMÉRICO

Senhores que aqui estão<sup>8</sup>  
me tire de um engano  
me aponte com os dedos  
quem é Francisco Romano

<sup>7</sup> Muitas são as narrativas existentes sobre a Peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira, acontecida na cidade de Patos, sertão da Paraíba, no final do século XIX. Esse desafio, ao longo dos anos, foi narrado ao público por diversos cantadores e poetas populares. Entre os poetas populares que recontaram o desafio estão Silvino Pirauá Lima, o “discípulo amado” de Romano, que, segundo Batista (1929, p. 58), “tinha cópia de todas as suas poesias” e Leandro Gomes de Barros. Foram estas as narrativas escolhidas pelo editor Antônio Américo para a rerepresentação dos versos da famosa peleja ao público dos folhetos. Observemos a “credibilidade” que o editor busca atribuir às versões dos textos já a partir da escolha dos narradores desses versos. Referências que falam por si.

<sup>8</sup> Não é objetivo nosso discutir a “autenticidade” ou não dos textos das pelejas aqui apresentados. Partindo da ideia de que a peleja está entre os gêneros que fazem parte da cantoria de viola e de que esta é um “acontecimento extraordinário, jamais repetido, pela própria especificidade da poesia improvisada” (AYALA, 1988, p. 17). Apresentaremos as pelejas editadas por Antônio Américo, colocando-as lado a lado com as versões indicadas pelo próprio como sendo os textos-fonte que foram reproduzidos, através da indicação de autoria citada nas capas dos folhetos. O texto da “Primeira peleja”, editado por Antônio Américo, apresenta como autor Silvino Pirauá de Lima; consta de 08 páginas; não cita data de publicação; é composto de sextilhas de sete sílabas, exceção feita à segunda estrofe da última página, que é composta por dez versos, e tem um total de 38 estrofes. O esquema de rima das sextilhas é ABCBDB e da décima ABBAACDDC. Cabe esclarecer ainda que foi preservada a escrita das palavras e dos versos, conforme apresentada nos folhetos. Na peleja apresentada por Francisco das Chagas Batista, em seu livro *Cantadores e poetas brasileiros* (1929), como sendo da autoria de Silvino Pirauá, não consta essa primeira estrofe.

pois venho no piso dele  
já não sei, a quanto Zano

**R.** Inácio vinheste a Patos<sup>9</sup>  
procurando quem te forre  
volte para casa negro  
aqui ninguem te socorre  
que caindo em minhas unhas  
apanha, diserta ou morre

**I** Seu Romano eu vim a Patos  
pela fama do senhô  
que me disseram que era  
mestre e Rei de cantadô  
que dentro de um salão  
tem discurso dum doutô

**R.** Inácio meu pai foi pobre  
por isso não estudei  
porem as primeiras letras  
na escola as decorei  
e a falta de dinheiro  
meu negro, não me formei

**I.** Eu bem sei q seu Romano<sup>10</sup>  
sabe lê, sabe conta

---

<sup>9</sup> A segunda estrofe (1<sup>a</sup>, na edição de Chagas Batista, por trazer uma estrofe a menos) já apresenta algumas diferenças na transcrição dos versos, embora a estrutura da estrofe permaneça a mesma:

Ignacio, vieste a Patos  
Procurando quem te forre,  
*Volta p'ra traz* meu negrinho  
Que aqui ninguem te socorre;  
E quem cae nas minhas unhas  
Apanha, deserta ou morre.

<sup>10</sup> No decorrer do texto, várias outras estrofes também apresentam alterações em seus versos. A estrofe 5 (4), no seu último verso, apresenta a seguinte redação: “No mundo para cantar.”.

e não é como Inácio  
que não sabe assoletrá  
mas nasci com dote e sina  
para muito improvisá

**R.** Inácio o meu martelo  
foi bem feito e bem forjado  
tanto ele é bom no aço  
como está bem temperado  
a forja a onde foi feito  
trabalho em aço blindado

**I.** Seu Romano lhe garanto  
que resisto ao seu martelo  
ao golpe do seu facão  
ao corte do seu cutelo  
se não morrer na peleja  
lhe vencerei no duelo

**R.** Inácio quando eu mi zango  
tenho a força do zebú  
pra gente da sua côr  
sou pior que canguçú  
rasgo, estraçalho e devoro  
mato negro e como crú

**I.** Seu Romano eu me zangando  
devoro sem compaixão  
corto mais do que navalha  
furo mais do quê ferrão  
queimo como fogo embrasa  
é de tremer coração

**R.** Inácio se tu pretendes  
contra a mim me fazer guerra

verás eu tirar-te a vida  
deixar te inerme na terra  
e jogar no seu cadaver  
serra por cima de serra

**I.** Seu Romano eu tenho visto  
cantadô grande e sabido  
Vem pelejar contra mim  
quando se achar perdido  
chora pedindo desculpa  
dizendo eu vim iludido

**R.** Inácio as tuas façanhas  
eu delas não faço conta  
vindo de encontro a mim  
dá murro em faca de ponta  
eu monto em teu cangote  
e no meu ninguém não monta

**I.** Seu Romano faça a conta<sup>11</sup>  
e veja como eu desmancho  
procure se defendê  
que toco fogo em seu rancho  
daqui até a Mãe Dágua  
faço um serviço de gancho

**R.** Inácio eu estando irado  
faço estremecer o sul

---

11 A estrofe 13 (12) sofre alterações em quase todos os versos:  
“Seu” Romano não faz conta  
Porem eu hoje desmancho  
Tudo o que o senhor fizer:  
Toco-lhe fogo no rancho.  
Cuide em si que o negro velho  
Dá-lhe um serviço de gancho,

solto bomba envenenada  
com raios de fogo azul  
tenho a força de sansão  
e a nobreza de saul

**I.** Se Inácio se zangar  
abala o sol o mar geme  
se agita a atmosfera  
cai estrela, a terra treme  
pega fogo o mundo em roda  
nada disso o nêgro teme

**R.** Hoje aqui há de se ver  
relâmpago de caracol  
os nevoeiros pararem  
e eclipsar-se o sol  
secar a água do mar  
e pescar baleia de anzol

**I.** Hoje eu quero mostrá<sup>12</sup>  
como o ferreiro trabalha  
como se caldeia ferro  
como o aço se esbandalha  
como se bloqueia pedra  
e metralhadora, metralha

**R.** Inácio veja que tenho<sup>13</sup>  
força e inteligência  
nunca falta no meu astro  
a voz da reminiscência

---

12 A estrofe 17 (16) , no primeiro e no último verso da sextilha, traz a seguinte redação:  
“Hoje aqui tem de se ver” / “Como se estoura a metralha”;

13 Essa estrofe 18 (17) é alterada em seu último verso: “Em cantor de alta sciencia.”

muitas vezes tenho dado  
em cantador na ciência

**I.** Seu Romano eu só garanto  
é que ciência não tenho  
mas para desenganar-me  
cantar contigo hoje venho  
abra o olho, e cuide em si  
prá não perder seu desenho

**R.** Meu Deus o que tem Inácio  
que no cantar se atrapalha  
sustente o ferro na mão  
que estou na primeira entalha  
teu ferro está se virando  
e o meu não mostra falha

**I.** Meu Deus o q' tem Romano<sup>14</sup>  
parece que está doente  
está temendo a desfeita  
como quem teme a serpente  
tudo é mêdo de apanhar  
perante essa boa gente

**R.** Inácio eu tenho contado<sup>15</sup>  
com repentista de tino  
no sul com Manoel Carneiro  
no Sabugi, Ugolino  
como não canto contigo  
que és fraco e pequenino

---

14 A estrofe 21 (20) sofre alterações nos três últimos versos: “Ou o bote da serpente, /Ou está com medo de Ignacio / Ou com vergonha da gente.”.

15 A estrofe 22 (21), no segundo verso: “Com muito homem de tino”.

**I.** Abra o olho seu Romano<sup>16</sup>  
cuidado com o moreno  
eu tenho verso de sobra  
como cobra tem veneno  
tenho visto touro grande  
apanhá de um pequeno

**R.** Inácio a tua zoadá<sup>17</sup>  
só dá certo em catingueira  
em Patos estais perdido  
nesta batalha primeira  
juro com todos 10 dêdos  
que tu não vais a Teixeira

**I.** Meu branco não digo isso<sup>18</sup>  
que o senhor não me conhece  
veja quando o sol sair  
como a luz replaniece  
mêcha com os quatros canto  
vê se Inácio aparece

**R.** Inácio eu ainda vou<sup>19</sup>  
lá de Mãe d'água ou Teixeira

---

16 A estrofe 23 (22) tem alterados todos os seus versos:  
“Seu” Romano, abra os olhos  
Com esse preto moreno  
Tenha medo da botada  
Da serpente e do veneno;  
Eu já tenho visto grande  
Apanhar d'um fraco e pequeno.

17 A estrofe 24 (23) apresenta alterações nos quatro primeiros versos: “Ignacio, a tua fama / E' só lá na Catingueira, /Para o sacco da mãe d'agua, / Tú não sobes a ladeira;”

18 A estrofe 25 (24) tem modificados os dois últimos versos: “Olhe para os quatro lados / Que o negro velho aparece.”.

19 Na estrofe 26 (25), são alterados quase todos os versos, com exceção do verso 3:

levo meu mano Veríssimo  
vamos tamar batingueira  
dar-te uma em martelo  
quero vê tua carreira

**I.** O senhor diz e não vai<sup>20</sup>  
e se fôr não faz vantagem  
Veríssimo não qué ir lá  
Romano falta a corage  
que prá toma batingueira  
quem fôr lá perde a viage

**R.** Inácio se você vê<sup>21</sup>  
eu e meu mano em serviço  
somos como dois machados  
no tronco dum pau maciço  
um raio abrasador  
outro trovão inteiriço

**I.** Eu bem sei q'seu Veríssimo<sup>22</sup>  
é como um rei coroado

---

Ignacio eu inda me abalo  
Lá da serra do Teixeira,  
Levo meu mano Verissimo  
Vamos dar-te uma carreira.  
Dar-te uma surra em martello  
E tomar-te Catingueira.

20 Assim como a primeira, a estrofe 27 (26) da edição de Antônio Américo não consta na edição de Chagas Batista, nesta, dando sequência à peleja, consta a seguinte:

Meu branco, eu dou-lhe um conselho.  
Se *voimincê* me attende;  
Se for para nós brincarmos  
Pode ir que não me offende,  
Mas p'ra tomar a Catingueira  
Não vá não que se arrepende.

21 A estrofe 28 (27) sofre alteração em seu primeiro verso: "Inácio, tú nunca viste".

22 Na estrofe 29 (28), são alterados o terceiro, quarto e quinto versos: "Mas, leve elle á Catingueira / Muito bem apadrinhado, /E verá como é que apanha".

porem indo a batingueira  
leve bem apadrinhado  
na certeza que apanha  
padrinho e afilhado

**R.** Eu já tenho dado em touro<sup>23</sup>  
que quando tomba estremece  
tenho domado leão  
amansa e me obedece  
dei em muitos cantores  
nunca achei quem me desse

**I.** Até com touro e leão<sup>24</sup>  
seu Romano já brigou  
porem hoje aqui em Patos  
eu ei de mostrá quem sou  
quero dá no velho mestre  
que diz que nunca apanhou

**R.** Inácio arrufe o pandeiro<sup>25</sup>  
enquanto acendo o cigarro  
hoje na vila de Patos  
negro fugido eu amarro

---

23 A estrofe 30 (29) apresenta alterações em seus três últimos versos: "Até que elle me obedece; /Já dei em muitos cantores, / Mas nunca achei quem me desse!".

24 Na estrofe 31 (30), o primeiro, terceiro e o quinto versos sofrem alterações: "Com touros e com leões," "Mas se o povo se acalmar" "Quero dar em "seu" Romano".

25 As estrofes 32 e 33 do texto editado por Antônio Américo não constam na edição publicada por Chagas Batista, nesta, o texto é sequenciado com uma estrofe que, com algumas alterações de versos (1, 4 e 6), corresponde à estrofe 34 do texto editado por Antônio Américo.

Meu Deus, que tem este negro  
Que no cantar se maltrata!  
Agora, Romano velho  
Canta um anno e não se mata;  
Quanto mais canta mais sabe  
E nó que dá ninguém desata.

prá terminar o serviço  
levo prá mesa do carro

**I.** Meu senhô nunca me deu  
seu Romano qué me dá  
dá de língua e muito face  
mais querê me amarrá  
num carro prá me batê  
isso eu não vou aceitá

**R.** Meu Deus o que tem Inácio  
que no cantar se maltrata  
agora Romano velho  
dar nó que ninguém desata  
quanto mais canta mais sabe  
e ninguém me desacata

**I.** Seu Romano para o povo<sup>26</sup>  
tem a fama dos anéis  
canta com um, e com dois  
sete, oito, nove, dez  
o nó que dá com as mãos  
eu desmancho com os pés

**R.** Latona, Cibele e Réa  
Íris, Vulcano e Netuno

---

<sup>26</sup> A estrofe 35 apresenta alterações em todos os versos:

Eu bem sei que “seu” Romano  
Está na fama dos aneis;  
Canta um anno, canta dois,  
Canta seis, sete, oito e dez;  
Mas o nó que der com as mãos  
Eu desato com os pés.

Minerva, Diana e Juno  
Anfitrite e Androcéia  
Venus, Climene, Amaltéia  
Plutão, Mercurio e Teseu  
Júpiter, Zoilo e Perseu  
Apolo, Ceres, Pandora  
Inácio desata agora  
o nó que Romano deu

**I.** Seu Romano deste jeito  
eu não posso acompanhá-lo  
se desse um nó em martelo  
ia vê eu desata-lo  
mais como foi em ciência  
cante só que eu me calo

**R.** Inácio eu reconheço<sup>27</sup>  
que és bom martelador  
agora não podes mais  
reconheça meu valor  
porque eu em cantoria  
não temo nem a doutor.

Fim

Silvino Pirauá de Lima esta peleja foi publicada a primeira vez em 1903 pelo  
Autor

---

<sup>27</sup> Esta última estrofe da peleja apresenta alterações nos versos 3 e 4: “Mas, agora que apanhastes. / Dirás que tenho valor;”. As demais estrofes da peleja editada por Antônio Américo apresentam pequenas alterações, apenas no que se refere à escrita de algumas palavras, sem a ocorrência destas no que se refere à estrutura das estrofes apresentadas na edição de Chagas Batista. Cabe destacar ainda que o texto transcrito por Batista (1929, p. 58-66), diferente do texto editado por Antônio Américo, é composto de apenas 35 estrofes.

## Segunda peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira<sup>28</sup>

AUTOR: LEANDRO GOMES DE BARROS

EDITOR: ANTONIO AMÉRICO DE MEDEIROS

**R.** Negro me diga o seu nome<sup>29</sup>

que quero ser sabedor  
se é solteiro ou casado  
aonde é morador  
e se acaso é cativo  
diga quem é seu senhor.

**I.** Eu sou muito conhecido

aqui por esta ribeira  
este é um seu criado  
Inácio da Catingueira

---

28 A peleja *Romano e Ignacio da Catingueira* foi assinada por Leandro Gomes de Barros e publicada em 1910, no folheto *O cometa*. É um folheto “sem capa” e, segundo Maranhão (1981, p. 27), os folhetos assim denominados pertencem a um período mais antigo da poesia popular. Ele tem quarenta estrofes, em sextilhas que seguem a tradição rímica ABCBDB e, assim como as demais versões desse desafio, apresenta modificações quando consideramos outros registros da mesma peleja. De acordo com Terra (1983, p.60), todas as pelejas escritas por Leandro foram inventadas, imaginárias. Essa afirmativa sugere a ideia de ficcionalidade defendida por alguns estudiosos acerca do fato de que a célebre peleja não partiu de um desafio “real”, cercado de façanhas poéticas que ecoaram e ecoam na imaginação e na memória do público, até mesmo no que se refere ao seu tempo de execução, pois esta teria durado oito dias ou oito horas, conforme os narradores que “registraram” o desafio. Dessa forma, a ideia de uma “segunda” peleja ocorrida entre os poetas Romano do Teixeira e Inácio da Catingueira, anunciada já no título do folheto editado por Antônio Américo, reforça o caráter imaginário / fictício do texto e, ao mesmo tempo, provoca no leitor da “primeira peleja” o desejo / a curiosidade de conhecer a sequência do renomado desafio que tem como autor ninguém menos que o poeta Leandro Gomes de Barros.

29 Nessa peleja, encontraremos várias alterações na construção do poema, quando consideramos a suposta “fidelidade” do editor ao texto matriz, uma vez que este apresenta uma indicação de autoria. O texto dessa edição tem um total de 78 estrofes, ou seja, quase o dobro do que consta no poema de Leandro Gomes de Barros. Essas alterações já tem início na apresentação da sequência das primeiras quatro estrofes, uma vez que estas não fazem parte da peleja assinada por Leandro, entretanto cabe des-

dentro da vila de Patos  
compro, vendo e faço feira.

**R.** Negro que andas fazendo  
aqui nesta freguesia  
cadê o teu passaporte  
e a tua carta de guia  
se vens fugindo eu amarro  
negro comigo não chia.

**I.** Seu Romano eu sou cativo  
trabalho pra meu senhô  
êle sabe quando saio  
e sabe pra onde eu vou  
quando me vê num pagode  
foi êle quem me mandou.

**R.** Ouvi bem a tua lôa<sup>30</sup>  
mas, não posso acreditar  
que eu também tenho negro  
mas, não mando vadiar

---

tacar que a 4ª estrofe se aproxima sonora e tematicamente da estrofe de número 30 e que ambas são encerradas com o mesmo verso. Destaque-se, ainda, que, no poema de Leandro, as duas primeiras estrofes equivalem às estrofes 14 e 15 do texto da “primeira peleja” editada por Antônio Américo. A peleja narrada por Leandro Gomes de Barros já se inicia com os cantadores em pleno embate poético, diferente do que acontece nessa versão, onde se percebe uma espécie de introdução comum ao gênero, na qual acontece uma espécie de apresentação dos desafiantes para que o combate possa seguir.

30 As estrofes 5 e 6, com algumas modificações, equivalem, respectivamente, às estrofes 31 e 32 do texto de Leandro:

É' que diz todo negro  
Ninguém deve acreditar,  
Eu também tenho escravo  
Mando elle trabalhar,  
Quando estou fóra de casa  
Elle só quer vadiar.

se eu sair pra divertir  
negro sai pra trabalhar.

**I.** Seu Romano eu sou cativo  
trabalho pelo comum  
dá descanso a seus escravos  
é gosto de cada um  
meu senhô tem muito negro  
seu Romano só tem um.

**R.** Inácio da Catingueira  
se mete a cantar repente  
negro me trate melhor  
que aqui tem bôa gente  
queira Deus você não saia  
da sala de couro quente.

**I.** Meu branco eu dou um conselho<sup>31</sup>  
espero o senhô tomá  
se saia deste sentido  
se arrede deste pensá

---

O que o senhor Romano diz  
E sempre um facto comum, Escravos de muitos homens  
Passam semana em jejum,  
Meu senhor tem 20 escravos,  
Senhor Romano só tem um.

<sup>31</sup> Nessa estrofe, é possível percebermos uma aproximação com a estrofe 24 do poema de Leandro Gomes de Barros quanto ao tema abordado e, mais uma vez, coincide o último verso em ambas as versões, ou seja, a redação dos demais versos da estrofe é alterada, mas dois detalhes poéticos são preservados: a coincidência rímica e a permanência do último verso.  
Meu branco, se o senhor diz,  
Que ainda tem de me açoitár,  
Deixe dessa tentação  
Cria em Deus, cuide em rezar,  
Eu lhe juro adiantado  
Um homem só não me dar.

juro com todos dez dêdo  
que um home só não me dá

**R.** Inácio eu perdi a conta  
de surras que tenho dado  
em cantadores famosos  
e nunca fui apertado  
hoje você leva uma  
do lombo sair queimado.

**I.** Meu senhô dono da casa<sup>32</sup>  
eu lhe peço por favô  
queira cedê-me licença  
para eu mostrá quem sou  
pra hoje eu dá neste branco  
que diz que nunca apanhou.

**R.** Coitado de Catingueira<sup>33</sup>  
onde veio se socar  
dentro duma mata escura  
onde não pode enxergar  
veio por ser inocente  
não volta sem apanhar.

**I.** Coitado de seu Romano  
onde ele vem caí  
nas unha dum gavião  
sendo ele um bem-ti-vi  
está se vendo apertado  
como peixe no jiqui.

---

<sup>32</sup> Essa estrofe sofre alteração em seus três primeiros versos, quando comparada à estrofe de número 18 do poema de Leandro.

<sup>33</sup> As estrofes 11 e 12, mesmo com pequenas alterações, correspondem à mesma sequência apresentada no texto matriz.

**R.** Quando pego um cantador  
adoece de repente  
dar-lhe uma dôr de cabeça  
e uma coceira ardente  
e um vexame tão grande  
que não há cão que aguento.

**I.** Meu martelo tem azougue  
cantadô dêle não sai  
dá-lhe frio com tontura  
seca a carne, a língua cai  
fica ô corpo sem governo  
e a alma vai não vai.

**R.** Inácio tú me conheces<sup>34</sup>  
e sabes bem quem eu sou  
hoje vou te prevenir  
que na Catingueira eu vou  
derrubar o teu castelo  
que nunca se derrubou.

**I.** É mais fácil um boi voá  
um cururú ficá belo  
aruá jogá cacête  
e cobra calçá chinelo  
do que havê valentão  
que derrube o meu castelo.

**R.** Tú ainda não corrêste  
ignorando a razão  
talvez nunca tenha visto

---

34 As estrofes 15 e 16 equivalem às de número 3 e 4 da versão de Leandro, assim como as seguintes, 17, 18, 19 e 20, equivalem à sequência 7, 8, 9 e 10; 21 e 22, à sequência 13 e 14; 23 e 24, à sequência 21 e 22. Já as estrofes 25 e 26, com pequenas alterações, correspondem à mesma sequência apresentada no texto matriz.

eu chegar touro ao mourão  
espantar onça da furna  
e aperriar um leão.

**I.** Se fô pra contá façanha  
eu já peguei jacaré  
arranquei as duas pernas  
e sacudí na maré  
peguei baleia de anzol  
e tubarão de jereré.

**R.** Eu não importa com isto  
irei sempre a Catingueira  
entro em todas as partes  
não me fica costaneira  
os de lá ficam dizendo  
lá se foi nossa ribeira.

**I.** Quando fô procure um pade  
para sua confissão  
e deixe a cova cavada  
pegue a encomendação  
leve a rêde onde há de vir  
já prontinho no caixão.

**R.** Inácio eu sei que és duro  
mas é lá na Catingueira  
na Mãe D'água aonde eu moro  
tu não sobes a ladeira  
mais fácil o diabo ir ao céu  
que tu ires a Teixeira.

**I.** Repare para o nascente  
quando o dia amanhece

quando o sol vinhé vermeio  
um mau está lhe aparece  
siná da minha chegada  
ai tudo me obedece.

**R.** Inácio meu pêso é grande  
com ele ninguem se ajuda  
melhor tomar meu conselho  
com isto não se iluda  
se eu te pegar em Teixeira  
não conheço quem te acuda.

**I.** Foi hoje que pude crê  
como o diabo é tirano  
como ilude as criatura  
e sabe fazer engano  
tanto fez, tanto mexeu  
que lançou sempre Romano.

**R.** Só canto com êste nêgro  
por um amigo me pedir  
devido eu me rebaixar  
não importa de ferir  
furo aonde achar mais mole  
bato enquanto se bolir.

**I.** Seu Romano eu lhe aconselho  
não cometa tal perigo  
peça a Deus que lhe defenda  
dos laços do inimigo  
antes morrer enforcado  
do que pelear comigo.

**R.** Negro cante com mais jeito<sup>35</sup>  
veja tua qualidade  
eu sou branco, e tu tição  
perante a sociedade  
aceitei cantar contigo  
baixei a dignidade.

**I.** Esta sua frase agora  
me deixou admirado  
que para o senhô para ser branco  
teu couro é muito tostado  
tua côr imita a minha  
teu cabelo é agastado.

**R.** Com negro não canto mais  
perante a sociedade  
comecei dar cabimento  
ele está com liberdade  
o melhor é mecalar  
que cantar contra a vontade.

**I.** O senhô me chama negro  
pensando que me acabrunha  
seu tipo de home branco  
só tem os dente e as unha  
a sua pele é queimada  
seu cabelo é testemunha.

**R.** Inácio eu estou ciente  
que és um negro ativo

---

35 Essa estrofe e a seguinte (27 e 28) correspondem, respectivamente, às de número 33 e 34 na edição de Leandro Gomes de Barros.

mas não estou satisfeito  
devo te ser positivo  
que me abate cantar  
hoje com um negro que é cativo.

**I.** Na verdade seu Romano  
eu sou negro confiado  
Como o senhô quer ser branco  
da côr de café torrado  
seu avô vei ao Brasil  
para ser negociado.

**R.** Inácio eu vou te pedir  
vamos deixar o passado,  
esquecer quem foi cativo  
que nos dá mais resultado  
acabar este assunto  
deixar isto para um lado.

**I.** Isto aí é outra coisa  
eu não luto sem motivo  
o senhô também esqueça  
o povo que é cativo  
quem tem defunto ladrão  
não fala em roubo de vivo.

**R.** Inácio eu te garanto  
avise pra teu senhor  
que irei a Catingueira  
entrar lá no teu setor  
tomar-te todos os bêcos  
sem deixar um corredor.

**I.** Meu branco eu torno a dizer  
pra vê se o senhô atende  
se fô para nós divertir  
ninguem de lá lhe ofende  
mas pra tomá Catingueira  
não tente que se arrepende.

**R.** Se tú és duro amolece  
nem que peças com amor  
eu vou tomar Catingueira  
entupir seu “bebêdor”  
deixar morrendo de sêde  
seja de qual jeito for.

**I.** Meu branco eu torno a pedir  
tal perigo não comêta  
o bebedô de Inácio  
é todo na pedra prêta  
ponta de aço não fura  
nem lavanca, nem marreta.

**R.** A desgraça do homem rico  
é dá liberdade a pobre  
sendo eu, a prata fina  
me misturar com o cobre  
grande castigo merece  
quem se abate sendo nobre.

**I.** Esta agora é engraçada  
eu digo com toda fé  
com prata se enfeita arreo  
faz faca, garfo e cuié

com prata se faz espora  
pra negro botar no pé.

**R.** Agora vou te calar <sup>36</sup>  
não quero articulação  
vamos na geografia  
que chama o povo atenção  
veja se sabe ou se pode  
me dar uma explicação.

**I.** Seu Romano eu lembro bem  
que meu senhô me dizia  
que o mundo tem cinco parte  
a Ásia, a Oceania,  
Europa, América e África,  
nos diz a geografia.

**R.** Assim debes conhecer  
cabos e estreitos do mar  
golfo, ilha e arquipélago  
quem neles pode habitar  
negro afine tua memória  
que quero te perguntar.

**I.** Não lhe respondo a pergunta  
não conheço academia  
só vivo do meu roçado  
e da minha cantoria  
vá perguntar a um doutô  
que saiba geografia.

---

36 Essa estrofe (41) e as duas que se seguem correspondem, respectivamente, às de número 35, 36 e 37 na edição de Leandro. Aqui se encerram coincidências entre o texto editado por Antônio Américo e o texto de autoria do poeta Leandro Gomes de Barros.

**R.** Sou Romano da Mãe D'água  
mato com pólvora saturna  
para vencer eleição  
não mêto chapa na urna  
salto de cima da pedra  
e tomo a boca da furna.

**I.** Sou negro da Catingueira  
desbastadô de catombo  
dou três tapa, são três queda  
dou três tiro, são três rombo  
nêgro bamba, cachoeiro  
bêbo mais não dou tombo

**R.** Inácio você não topa  
eu e Verissimo meu mano  
de mim vai apanhar mais  
do quê burro de cigano  
e se cantar com Verissimo  
apanha que chora um ano.

**I.** Seu Romano inda não viu  
de Catingueira o arranco  
se pensa que dá em mim  
eu quero lhe falá franco  
abra o olho, limpe a vista  
negro também dá em branco.

**R.** Quem quer ferir inimigo  
não faz ponto, nem avisa  
quando eu for a Catingueira  
neste dia o sol se deslisa  
lá dentro do teu chiqueiro  
eu quero dar-te uma pisa.

I. Me diga o dia que vai  
quem são os seus companheiro  
o senhô pode levá  
dez ou doze cangaceiro  
eu saio de peito a peito  
como um valente guerreiro.

**R.** Não digo dia nem hora  
topo da forma que fôr  
no momento da chegada  
tú hás de ser sabedor  
irei tomar teu riacho,  
rio, serra e tombador.

I. Veja que eu sou escravo  
do senhô Manoel Luiz  
tanto corta como risca  
como sustenta o que diz  
sou vigáro capelão  
e sacristão da matriz.

**R.** Saiba que eu sou Romano  
dentadura de elefante  
barbatana de baleia  
força dum grande gigante  
sou ouro que não mareia  
pedra fina de brilhante.

I. Inácio da Catinguera  
é negro desengonsado  
abre cacimba no sêco  
em baixo dá no molhado  
aperta sem ser troquês,  
corta pau sem ser machado.

**R.** Negro criado vadio  
tem por fim se acabar  
uns casam com negra fôrra  
outros dão para roubar  
outros fugam do serviço  
com mêdo de trabalhar.

I. Infelizmente não sou  
escravo de senhô crú  
que trabalha o dia todo  
e a noite faz quinguingú  
apalpando no escuro  
Fussando como tatú.

**R.** Negro se eu te pegar  
na beira de um caminho  
no sôco eu faço um agrado  
com meu chicote um carinho  
se a camisa for nova  
fica só o colarinho.

I. Sou abelha de ferrão  
sou o besouro cabôco  
se eu pegá seu Romano  
arrocho que fica rôco  
quebro as duas canela  
deixo só os dois cotôco

**R.** Negro você não me venha  
que se vinher eu lhe abeco  
arrasto até minha forja  
puxo o fole e lhe sapeco  
deitado em cima da safra  
a marrêta teco-teco

**I.** Romano não se alegre  
que a luta não acabôsse  
eu derrubo de machado  
pra depois picá de foice  
valentão pra mim é fuba  
mato de queda e de coice.

**R.** Inácio da Catingueira  
madeira do Piancó  
derrubo com meu machado  
tiro a casca, arranco nó  
boto a régua e passo a linha  
e desempenho de enxó.

**I.** Seu Romano Carapina  
carrega boa ferrage  
sou baraúna velada  
dura como pedra em lage  
sou lageiro da pedreira  
botá seu ferro é bobage.

**R.** No lugar que eu campeio  
tú mesmo não tira gado  
faço figura no limpo  
faço melhor no feichado  
no pôço que tomo pé  
tú morres, lá afogado.

**I.** Eu não temo cantadô  
e muito meno vaqueiro  
vá em cavalo afamado  
que vou em qualquer sendêro  
o quê fôr fazer em março  
eu faço logo em janeiro.

**R.** Inácio tú tens cabeça  
porém juízo não tem  
um gigante para mim  
na luta não é ninguém  
aperto um dobrão nos dedos  
faço virar um vintem.

**I.** Pegá gigante de mão  
e não ficá de mão cheia  
dobrá um dobrão nos dedo  
e não quebrá uma veia  
êsse dobrão é de cêra  
e o gigante de areia.

**R.** Inácio da Catinguera  
é como uma folhinha  
não quero escutar bobagem  
pare a sua ladainha  
não quero ouvir seu conselho  
quando você ia eu vinha.

**I.** Seu Romano eu pra cantá  
não preciso passaporte  
é um dom da natureza  
em favô da minha sorte  
topá um home letrado  
em luta de vida ou morte.

**R.** Pra gente da sua laia  
não puxo por meu quicé  
para caça pequenina  
eu não armo meu mondé  
cantador da sua marca  
eu nem pergunto quem é.

**I.** O senhô nunca me viu  
frangi o couro da venta  
meu cabelo se arpá  
a testa ficá cinzenta  
se o colega esquentá  
esfrio com água benta.

**R.** Toro-te a lingua no meio  
te troncho o pé do nariz  
te toro o beijo de cima  
fica como um chafariz  
caistes nas minhas unhas,  
nunca mais sairás feliz.

**I.** Seu Romano em minha zunha  
o mestre velho bambeia  
te toro o beijo de baixo  
arranco as duas ureia  
toro a metade da língua  
fica uma marmota feia.

**R.** Se você vê que não pode  
É melhor que se aquete  
enquanto derruba um  
eu derroto mais de sete  
que pra lutar com você  
abasta meu canivete.

**I.** Cascavé quando me vê  
não toca o seu maracá  
tiro saranhão sem fogo  
tataíra, arapuá  
se o branco tiver mandinga  
eu desmancho o patuá.

**R.** Coisa ruim é se cantar  
com quem não tem consciência  
sem saber nem o que diz  
iludindo a assistência  
se você faz o que diz  
vamos cantar na ciência.

**I.** Seu Romano bem que sabe  
letras pra mim são escura  
eu tenho é força no braço  
pra pegar pela cintura  
no meio de todo povo  
a sua queda é segura

**R.** Inácio eu estou com sono  
todo povo quer dormir  
você já está exausto  
só falta mesmo cair  
deixemos pra outro dia  
com mais gente pra ouvir.

**I.** O senhô qué paradeiro  
e o povo combinou  
eu posso pará também  
mais cansado não estou  
só não vá sair dizendo  
que Catingueira apanhou.

FIM

Diante das versões dos textos das pejeas editadas pelo poeta Antônio Américo, é possível observar que as alterações presentes nestas corroboram uma prática bastante comum no caso da escrita ou reescrita de folhetos. No caso das pejeas, especialmente a de Romano

do Teixeira e Inácio da Catingueira, esse fato se acentua ainda mais quando consideramos como ocorreu o processo de produção dos versos, do desafio e o registro destes para a posteridade. De acordo com Coutinho Filho, em seu livro *Violas e repentes*, as versões / “recomposições” surgem como “produto de reminiscências de pessoas já falecidas, especialmente de muitos cantadores da época, que acompanharam todo desenrolar da grande justa.” (1972, p. 89) Ainda de acordo com o referido autor, essas versões sofreram uma rápida propagação em todo o nordeste brasileiro.

Dessa forma, mesmo tendo como base para a escrita “um desafio real” (TERRA, 1983, p. 60), é comum o traço imaginário, inventado pelos poetas que reescrevem as pejejas, permanecendo, como ponto comum nas versões existentes, na maioria das vezes, apenas estrofes / versos que se repetem nas principais narrativas sobre esta. Com o processo de recomposição da pejeja, surgem várias versões para esse célebre embate poético. Curran (2011, p. 172), ao comentar as informações existentes sobre o duelo, afirma que o que de fato pode ser afirmado como “verdade são as várias versões ou, pelo menos, alguns fragmentos da versão original transcritos para os folhetos de cordel por Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde, mestres cordelistas pioneiros.”

No que se refere à “Primeira pejeja”, observamos que há um processo de recriação mais ameno que na “Segunda pejeja”, ou seja, o texto editado por Antônio Américo está mais próximo daquele que é indicado como fonte da publicação em vários de seus aspectos, conforme já apresentado. No caso da segunda pejeja, esse processo é mais complexo, pois o editor indica como fonte um texto de Leandro Gomes de Barros, do qual somente 23 estrofes das 40 que fazem parte do folheto são “reproduzidas”, algumas com alterações na sequência estabelecida pelo texto matriz e na redação dos versos, ocorrendo variações leves ou profundas. Algumas estrofes são subtraídas e outras são acrescentadas, de forma que o texto sofre uma

ampliação significativa, no que se refere ao número e à ordem das estrofes na pejeja editada por Antonio Américo.

Sobre o texto da “segunda pejeja”, é possível dizer que ele, provavelmente, foi elaborado a partir de partes do poema *Romano e Ignácio da Catingueira*, publicado por Leandro Gomes de Barros, em 1910, da junção de vários outros registros da pejeja, nascidos da pena de estudiosos e poetas, e do acréscimo de estrofes elaboradas pelo poeta / editor, de forma que também ele seguiu o caminho de muitos outros mestres que também registraram a famosa disputa, elaborando a sua própria versão para a pejeja.

Essa afirmativa se deve à observação de alguns momentos do texto em que é possível encontrar detalhes que evidenciam o processo de construção da sequência e da tessitura das estrofes a partir de uma estrutura que recorre, por exemplo, nas seis estrofes iniciais da pejeja, aos versos iniciais de uma versão registrada pelo Padre Manoel Otaviano, coincidindo até mesmo a sequência das estrofes. Também fazem parte da pejeja editada por Antônio Américo várias estrofes da *Pelêja de Romano e Inacio da Catingueira*, do poeta João Martins de Athayde, publicada em 1939. Esta, por vezes, tem sua autoria atribuída a Leandro Gomes de Barros, provavelmente, em virtude da compra dos direitos autorais da obra de Leandro, após a sua morte, por Athayde. Fato é que o texto da pejeja publicado por Athayde, também editor, amplia de tal forma o texto de Leandro que somente nas estrofes finais é possível perceber a coincidência entre estas, no que se refere à semelhança dos versos e à sequência das estrofes que encerram a pejeja. Observemos, então, que o texto editado por Antônio Américo se aproxima do texto de Athayde, tanto no que se refere à transcrição de estrofes, quanto no tocante ao processo de ampliação elaborado para a “segunda pejeja”.

Dessa forma, acreditamos que, a partir da reprodução de alguns fragmentos de versões que reescreveram para a posteridade a célebre

disputa e da ampliação do poema através da composição de versos fictícios para o embate, o poeta / editor Antônio Américo também elabora a sua versão da peleja. É dessa forma que, inspirado pela grandeza dos poetas debatedores, pelo muito que ouviu ou guardou de memória, entra em cena o poeta / editor, a preencher, a seu modo, os espaços existentes, segundo sua imaginação, entre o registro escrito acessível e a memória acerca dos fatos narrados, para que este possa ser levado ao leitor na forma de mais um exemplar da célebre peleja, sem que ninguém duvide da habilidade e da legitimidade dos versos e dos debatedores. Nascem, então, a versão de mais um encontro entre os célebres poetas e mais duas versões para a peleja de Romano do Teixeira e Inácio da Catingueira

### **Antônio Américo: entre poemas e canções**

No Nordeste, a realização de uma cantoria é sinônimo de improviso poético. Entretanto, permeando essa tradição, duas composições poéticas, que não nascem do improviso e sim de uma escrita prévia, são constantemente solicitadas aos poetas pelo público participante desses eventos, são elas os poemas e as canções. Essas composições, denominadas por Ayala (1988, p.16) como “novas formas poéticas” no âmbito da cantoria, assim como os folhetos, eram impressas, na maioria das vezes, em papel jornal, em folhas avulsas, e também eram vendidas pelos revendedores do cordel.

Algumas dessas composições são identificadas como sendo poema ou canção, mas também existem aquelas sem nenhuma referência quanto ao gênero a que pertencem. De acordo com Ayala (1988, p.121), elas não apresentam uma padronização na apresentação gráfica, sendo impressas em “folhas avulsas, de tamanho e formatos variados”, e em papel colorido, assim como os folhetos. Dificilmente, apresentam uma data de publicação ou informação sobre a tipografia ou gráfica responsável pela impressão, constando apenas de título e indicação de autoria. Observemos aqui que, diferente do repente, que era improvisado, esses gêneros da poesia popular eram composições fixas, parte de um repertório guardado na memória do poeta, que poderiam ou não ser da autoria daquele que as interpretava.

As canções, em sua maioria, eram seguidoras das regras da cantoria, mas também podiam apresentar variações quanto aos padrões métricos e à melodia. Esta forma de composição poderia, inclusive, contar com um autor para o poema e outro para a melodia. Até porque se acreditava que a “qualidade” do poeta estava nos versos por ele compostos e não na voz ou na habilidade em tocar a viola. Batista (1982) as define como poemas decorados que apresentavam uma metrificação variada e que não tinham uma fórmula determinada.

Quanto aos temas, essas composições, perpassadas de nostalgia e apelo sentimental, estão fortemente marcadas pelo sentimento amoroso. Este apresenta-se traduzido em versos que falam sobre a fidelidade, as declarações de amor, a saudade, o sonho de uma vida ao lado do ser amado, assim como o amor à figura materna, dentre outros. De acordo com Ayala (1988, p. 124), “O tema amoroso é o que reúne mais títulos.” Slater (1982), ao comentar sobre o cordel e a canção lírica, afirma que, entre as características que identificam a canção, estão aspectos como o lamento lírico em primeira pessoa, no qual pode, inclusive, constar de elementos autobiográficos do poeta / autor; a presença de uma espécie de contrato entre um homem e uma mulher e a referência ao destino como sinônimo de má sorte. Um outro ponto destacado pela autora é que, diferente do folheto de cordel, raramente as canções apresentam referência a um editor ou a uma data de publicação.

Os poemas, mesmo fugindo ao improvisado característico da cantoria, como as canções, também fazem parte do repertório desta. De acordo com Ayala (1988, p. 122), “os poemas são compostos por estrofes que obedecem às características dos gêneros da cantoria (sextilhas, septilhas, décimas etc.), sendo cantados nas toadas próprias desses gêneros.” Ainda de acordo com a autora, não é fácil estabelecer uma distinção entre poemas declamados, poemas cantados e canções, uma vez que os impressos dessas composições, em sua maioria, não especificam a modalidade a que pertence o texto e nem se esta deve ser cantada ou declamada. Ayala (1988, p. 124) afirma ainda que “estas criações apresentam-se no espaço de confluência entre o repente e o folheto” e que, considerando “o conjunto de folhas avulsas vendidas em bancas de folhetos, sua inclusão em discos de cantadores e em cantorias, é grande o número de poemas e canções existentes.”

A divulgação das canções e dos poemas, principalmente das canções, acontecia também através dos programas de rádio dedicados aos grandes poetas e violeiros da região, nos finais de tarde, quando o

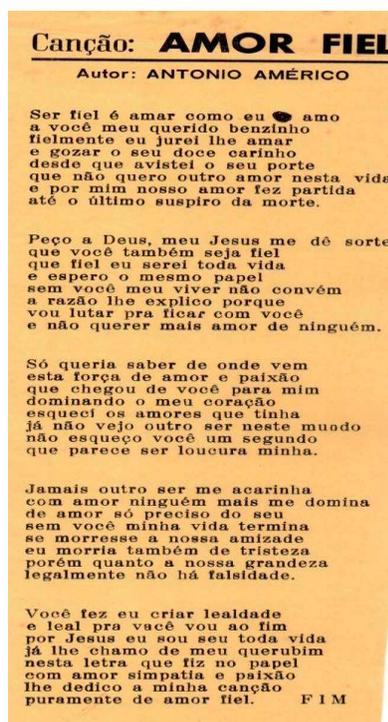
sertanejo, depois de um dia de trabalho, retornava do campo, e o seu descanso tinha início ao som das cantorias, através do canto do(s) cantador(es), acompanhado(s) pelo som da viola. Além do repente e da recitação de poemas, as canções a serem entoadas pelos cantadores eram escolhidas pelo público, na sua maioria rural, e solicitadas ao poeta apresentador do programa ou àquele convidado para interpretá-las. Essas solicitações aconteciam através de cartas que, na maioria das vezes, traziam, entre as páginas escritas, o dinheiro que pagava ao poeta pelo pedido atendido. Os mais diversos temas abordados nas canções eram alvo das solicitações, entre eles, aquelas que cantavam sobre festividades como aniversário de filhos e amigos; sobre alguma narrativa triste acerca de um acontecimento trágico, e até mesmo aquelas que, na voz e nas palavras dos poetas populares, traduziam os sentimentos do ouvinte em fervorosas declarações de amor dedicadas, com “todo amor e carinho”, a um determinado “alguém”, que também era ouvinte do programa.

Nesse cenário, o poeta Antônio Américo de Medeiros foi repentista, participante de cantorias e também foi autor de canções e de poemas, assim como de folhetos de cordel. Como outros poetas populares, ao participar de uma cantoria, também apresentava, com o acompanhamento da viola, nos intervalos do repente, a recitação de poemas ou o canto de canções que lhe eram solicitadas pelo público. Foi divulgador desses gêneros também em seu programa de rádio *Violas e Repentes*, por 28 anos. Vale a pena lembrar que o rádio foi um grande impulsionador do gênero junto ao público. Com composições próprias ou interpretando criações de outros poetas, ele cumpria o “contrato” tácito sempre observado entre público e poeta popular, no qual o receptor, através de suas solicitações, praticamente determina o que espera ouvir nas palavras do poeta. E, para que o leitor / ouvinte tivesse acesso a seus poemas e canções, estes também se encontravam impressos e colocados à venda em sua barraca no Mercado Central da Cidade de Patos – PB, posteriormente, denominado de Centro Comercial Darcílio Wanderley, juntamente com muitos

outros títulos da literatura de cordel, uma vez que o poeta também foi folheteiro.

As canções e os poemas, assim como o registro de alguns versos de improviso, produzidos pelo poeta Antônio Américo, apresentam-se de forma bem diversificada, no que se refere a aspectos como estrutura e temática. Essas composições representam, no contexto da obra deixada pelo poeta, o elo com a tradição popular da cantoria e do repente, assim como dos gêneros poéticos a ela vinculados que não partiam do improviso, mas do registro escrito e da memória do cantador.

Figura – Canção: Amor fiel



Fonte: Acervo da autora

### Canção: AMOR FIEL<sup>37</sup>

AUTOR: ANTONIO AMÉRICO

Ser fiel é amar como eu amo  
a você meu querido benzinho  
fielmente eu jurei lhe amar  
e gozar o seu doce carinho  
desde que avistei o seu porte  
que não quero outro amor nesta vida  
e por mim nosso amor fez partida  
até o último suspiro da morte.

Peço a Deus, meu Jesus me dê sorte<sup>38</sup>  
que você também seja fiel  
que fiel eu serei toda vida  
e espero o mesmo papel  
sem você meu viver não convém  
a razão lhe explico porque  
vou lutar pra ficar com você  
e não querer mais amor de ninguém.

37 Sobre essa canção, cabe-nos esclarecer, inicialmente, que os quatro primeiros versos da segunda estrofe desta foram citados em um estudo da professora Candace Slater, *Cordel and Canção in today's Brazil*, no qual ela os vincula ao “cantador” José Bonifácio. Provavelmente, a autora se refere ao poeta repentista pernambucano José Bonifácio, conhecido como Zé Bonifácio. Essa possibilidade se justifica por fatores como a interpretação das canções em rádios e em cantorias da região por outros poetas que não assinavam a autoria das composições cantadas ou recitadas. (Apontamos as interpretações como fonte provável porque, de acordo com relatos, o referido poeta gravou apenas um LP – disco vinil – em parceria com João Bernardo, no início da década de 80 e no mesmo não consta a gravação dessa canção, atividade também comum entre os poetas cantadores.). Além do fato de que a pesquisa que deu origem ao referido estudo foi desenvolvida em Recife, outro fato que podemos citar é que é quase certo o contato do poeta pernambucano com o poeta Antônio Américo e suas composições, uma vez que o primeiro habitava a cidade de Santa Cruz do Capibaribe - PE, estado vizinho à Paraíba, atuando no ramo de confecção, atividade também exercida pela esposa de Antônio Américo, que visitava a referida cidade praticamente todas as semanas.

38 Quanto à estrutura do poema, é possível observar que é composto por cinco estrofes de oito versos eneassílabos, com esquema rímico ABCBDEED, uma espécie de quadrão de temática lírica, em primeira pessoa. O texto sugere o que, segundo Slater (1982), seria uma espécie de contrato subjacente envolvendo um homem e uma mulher de *status* social mais ou menos igual, comprometidos com uma troca emocional. No poema, esse “contrato” se dá a partir da reciprocidade de sentimentos e da lealdade / fidelidade dos amantes um ao outro, e é celebrado sob a égide das bênçãos divinas. Aqui, é a amada que define a realidade do eu lírico, uma vez que dela dependia a sobrevivência deste, que sucumbiria sem a “amizade” do ente amado.

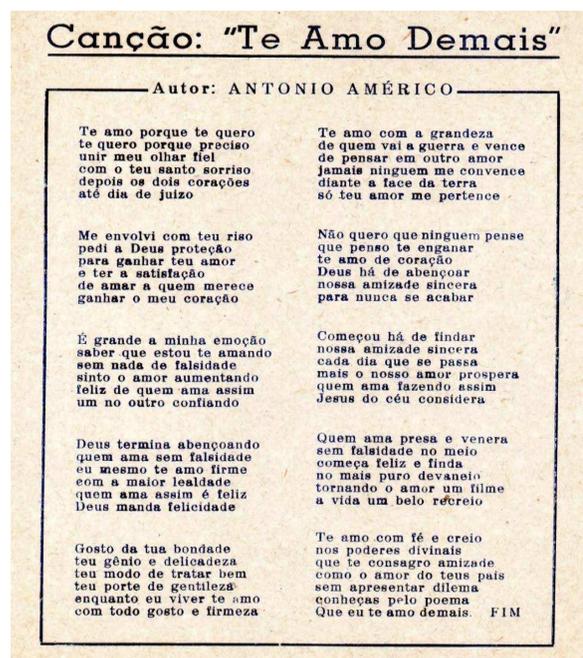
Só queria saber de onde vem  
esta força de amor e paixão  
que chegou de você para mim  
dominando o meu coração  
esqueci os amores que tinha  
já não vejo outro ser neste mundo  
não esqueço você um segundo  
que parece ser loucura minha.

Jamais outro ser me acarinha  
com amor ninguém mais me domina  
de amor só preciso do seu  
sem você minha vida termina

se morresse a nossa amizade  
eu morria também de tristeza  
porém quanto a nossa grandeza  
legalmente não há falsidade.

Você fez eu criar lealdade  
e leal pra você vou ao fim  
por Jesus eu sou seu toda vida  
já lhe chamo de meu querubim  
nesta letra que fiz no papel  
com amor simpatia e paixão  
lhe dedico a minha canção  
puramente de amor fiel. F I M

Figura – Canção Te amo demais



Fonte: Acervo da autora

### Canção: “TE AMO DEMAIS”<sup>39</sup>

AUTOR: ANTONIO AMÉRICO

Te amo porque te quero  
te quero porque preciso  
unir meu olhar fiel  
com o teu santo sorriso  
depois os dois corações  
até dia de juízo

Me envolvi com teu riso  
pedi a Deus proteção  
para ganhar teu amor  
e ter a satisfação  
de amar a quem merece  
ganhar o meu coração

É grande a minha emoção  
saber que estou te amando  
sem nada de falsidade  
sinto o amor aumentando  
feliz de quem ama assim  
um no outro confiando

39 A canção, assim como as demais, traz, em sua impressão, o registro do autor, embora não faça referência à data de publicação e nem à tipografia ou gráfica responsável pela impressão. De temática lírica e centrada na primeira pessoa, a composição é uma eloquente declaração de amor, na qual o eu lírico também conta com a bênção divina para a credibilidade de seus sentimentos diante do ser amado. Estruturalmente, o poema é composto por dez estrofes, sendo nove de seis versos (sextilhas), em heptassílabos, com esquema rímico ABCBDB, uma estrutura mais próxima daquela utilizada pelo folheto, e a última, composta de sete versos (septilha ou sete linhas) também heptassílabos, com esquema rímico ABCB-DDB, em que o segundo, quarto e o sétimo verso rimam entre si e o quinto e o sexto têm uma segunda rima entre si. Observemos ainda que o poeta, no final de cada estrofe e no início da seguinte, utiliza-se do recurso do *leixa-pren* (deixa – prende), comum às sextilhas usadas pelos poetas repentistas.

Deus termina abençoando  
quem ama sem falsidade  
eu mesmo te amo firme  
com a maior lealdade  
quem ama assim é feliz  
Deus manda felicidade

Gosto da tua bondade  
teu gênio e delicadeza  
teu modo de tratar bem  
teu porte de gentileza  
enquanto eu viver te amo  
com todo gosto e firmeza

Te amo com a grandeza  
de quem vai a guerra e vence  
de pensar em outro amor  
jamais ninguém me convence  
diante a face da terra  
só teu amor me pertence

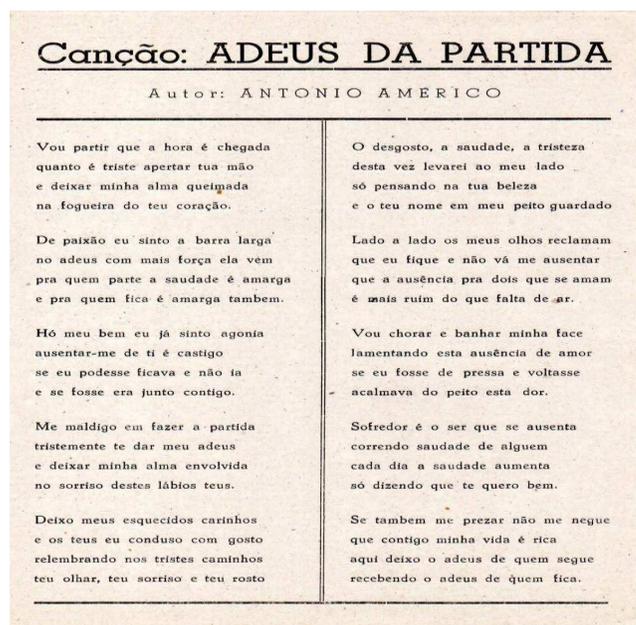
Não quero que ninguém pense  
que penso te enganar  
te amo de coração  
Deus há de abençoar  
nossa amizade sincera  
para nunca se acabar

Começou há de findar  
nossa amizade sincera  
cada dia que se passa  
mais o nosso amor prospera  
quem ama fazendo assim  
Jesus do céu considera

Quem ama presa e venera  
sem falsidade no meio  
começa feliz e finda  
no mais puro devaneio  
tornando o amor um filme  
a vida um belo recreio

Te amo com fé e creio  
nos poderes divinais  
que te consagro amizade  
como o amor do teus pais  
sem apresentar dilema  
conheças pelo poema  
Que eu te amo demais. F I M

### Figura – Canção : Adeus da partida



Fonte: Acervo da autora

### Canção: ADEUS DA PARTIDA<sup>40</sup>

AUTOR: ANTONIO AMÉRICO

Vou partir que a hora é chegada  
quanto é triste apertar tua mão  
e deixar minha alma queimada  
na fogueira do teu coração.

De paixão eu sinto a barra larga  
no adeus com mais força ela vem  
pra quem parte a saudade é amarga  
e pra quem fica é amarga também.

Hó meu bem eu já sinto agonia  
ausentar-me de ti é castigo  
se eu pudesse ficava e não ia  
e se fosse era junto contigo.

Me maldigo em fazer a partida  
tristemente te dar meu adeus  
e deixar minha alma envolvida  
no sorriso destes lábios teus.

Deixo meus esquecidos carinhos  
e os teus eu conduzo com gosto  
relembrando nos tristes caminhos  
teu olhar, teu sorriso e teu rosto

O desgosto, a saudade, a tristeza  
desta vez levarei ao meu lado  
só pensando na tua beleza  
e o teu nome em meu peito guardado

Lado a lado os meus olhos reclamam  
que eu fique e não vá me ausentar  
que a ausência pra dois que se amam  
é mais ruim que falta de ar.

Vou chorar e banhar minha face  
lamentando esta ausência de amor  
se eu fosse de pressa e voltasse  
acalmava do peito esta dor.

40 Essa canção, também de temática amorosa, é escrita em primeira pessoa e se traduz em um canto de lamento lírico dedicado à saudade e à dor da separação. Aqui, algum acontecimento do mundo exterior força a separação dos amantes e, diante do que está posto, o eu lírico se mostra impotente. Os seus versos cantam um sofrimento intenso como forma de impressionar a amada que fica através da construção de imagens hiperbólicas. A canção é escrita em quadras, modalidade poética considerada pelos repentistas como uma composição simples e, embora tenha sido cultivada inicialmente pelos poetas populares, sendo, mais tarde, substituída pela sextilha, ela ainda é bastante utilizada pelos mesmos. Comumente, é composta por versos de sete sílabas, mas, aqui, o poeta escolheu os versos de nove sílabas e o esquema rímico ABAB.

Sofredor é o ser que se ausenta  
correndo saudade de alguém  
cada dia a saudade aumenta  
só dizendo que te quero bem.

Se também me prezar não me negue  
que contigo minha vida é rica  
aqui deixo o adeus de quem segue  
recebendo o adeus de quem fica.

### Figura – Casinha de amor



Fonte: Acervo da autora

### CASINHA DE AMOR<sup>41</sup>

AUTOR: ANTONIO AMÉRICO

Uma casinha de amor  
eu terminei de fazer

está pronta do piso a chave  
para lhe oferecer

41 Composição de temática lírica, mas, ao contrário das demais, esta não identifica o gênero a que pertence, ou seja, se canção ou poema. Considerando-se o tema e a estrutura

você recebendo eu fico  
todo cheio de prazer

O chão é de simpatia  
as paredes de bondade  
as telhas de gratidão  
o piso de lealdade  
as madeiras de carinho  
o forro de amizade

As portas dum olhar puro  
as tintas dum riso doce  
a luz fina da paixão  
em toda casa instalou-se  
a chave é meu coração  
que agora apaixonou-se

De gestos bem amorosos  
são todos seus azulejos  
o mozaico é transparente  
na côr firme dos desejos  
e todos móveis comprados  
na fabricação dos beijos

Já tem água saneada  
a mais doce do paiz  
da fonte do coração  
de quem ama e é feliz  
um banheiro perfumado  
que só há dêle em Paris

Cada sala com seus móveis  
e cada quarto também  
todos atualizados  
quem olha se sente bem  
se você não tomar conta  
nela não entra ninguém

Uma cozinha moderna  
com todos materiais  
de fazer todas comidas  
além das nacionais  
tem os livros que ensinam  
as internacionais

Sanitários e banheiros  
cada qual com duas pias

Adotados pelo poeta, vamos incluí-la entre as composições do gênero canção, pois, assim como a canção *Te amo demais*, ela é composta de dez estrofes, sendo nove de seis versos (sextilhas), em heptassílabos, com esquema rímico ABCBDB, e a última é composta de sete versos (septilha ou sete linhas) também heptassílabos, com esquema rímico ABCBDB. O cenário, cuidadosa e imaginariamente construído e oferecido ao ser amado como recanto para a vivência amorosa, sugere uma espécie de *locus amoenus*, de terra de “São Saruê”, que revela ao leitor / ouvinte, em um primeiro momento, uma “casa” cuja parte estrutural estava erguida a partir de paredes de bondade, piso de lealdade, madeiras de carinho, forro de amizade”, entre outros sentimentos considerados nobres. Em um segundo momento, encontramos a descrição do interior desse lugar elaborado a partir de elementos mais ligados ao contexto de um lar, mas, ainda assim, elevados a um plano idealizado, se considerarmos o contexto da época.

o muro cheio de plantas  
com cinco lavanderias  
bem no centro uma piscina  
orgulho dos nossos dias

Tem ar condicionado  
no nosso apartamento  
bonita biblioteca  
de novo conhecimento  
o melhor televisor  
que existe no momento

Na frente tem um jardim  
o mais lindo do setor  
meu nome escrito na porta  
dizendo eu fui o autor  
terminada a construção  
receba de coração  
minha casinha de amor

»FIM»

### Figura – Canção: Mensagem à Mamãe

**CANCÃO: Mensagem à Mamãe**  
Autor: ANTONIO AMÉRICO

<p>Maria mãe de Jesus rainha de todos seres a protetora das mães dona de todos poderes com o poder da Senhora quero dedicar agora uma mensagem sagrada a minha mamãe querida vida que me deu a vida e nunca me negou nada</p> <p>Mamãe que sofreu por mim fez tudo e está fazendo sou feliz porque conheço que tudo estou lhe devendo sem nada poder pagar vou apenas dedicar este poema inspirado de um filho conhecedor mensagem de puro amor pelo seu dia sagrado</p> <p>Porque sempre todo ano perto do dia das mães vou a rádio dedicar poemas tôdas manhãs homenagiando a minha mamãe querida rainha além de belas canções ofereço melodias a ela todos os dias de dez a mais gravações</p> <p>Dia das mães bem cedinho naquela data feliz convido a nossa morada o vigário da matriz como costume da raça celebra em ação de graça uma missa em nossa casa pra mamãe meu querubim que o filho que faz assim Deus ajuda e não se atrasa</p>	<p>Depois do dia das mães vem o seu aniversário considero o maior dia entre todo calendário como filho eu faço planos mamãe completando anos o que devo oferecer mensagem presente e prece dia que mamãe merece tudo de mim receber</p> <p>Oferto um jarro com flores um bôlo bem preparado já tenho pra este dia um vestido encomendado um par de sapato lindo entrego tudo sorrindo a mamãe do coração presente, rádio e jornal com reportagem em geral até pra televisão</p> <p>quem tem mãe está feliz mãe é mais que uma escrava todo amor de mãe é doce a um filho nunca agrava sabe lhe compreender faz tudo pra defender quando está fora do trilha ter mamãe é coisa boa que é a única pessoa que morre pelo seu filho</p> <p>Enquanto mamãe for viva e eu f r vivo também meu dever é agradar a quem só me faz o bem amor de mãe não se paga mas, filho bom propaga seu valor toda segundo aqui termino a mensagem a mais completa homenagem que lhe presto neste mundo «FIM»</p>
---	---

Fonte: Acervo da autora

### Canção: MENSAGEM À MAMÃE<sup>42</sup>

AUTOR: ANTONIO AMÉRICO

Maria Mãe de Jesus  
rainha de todos seres  
a protetora das mães  
dona de todos poderes  
com o poder da Senhora  
quero dedicar agora  
uma mensagem sagrada  
a minha mamãe querida  
vida que me deu a vida  
e nunca me negou nada

Mamãe que sofreu por mim  
fez tudo e está fazendo  
sou feliz porque conheço  
que tudo estou lhe devendo  
sem nada poder pagar  
vou apenas dedicar  
este poema inspirado  
de um filho conhecedor  
mensagem de puro amor  
pelo seu dia sagrado

Porque sempre todo ano  
perto do dia das mães  
vou a rádio dedicar

poemas tôdas manhãs  
homenagiando a minha  
mamãe querida rainha  
além de belas canções  
ofereço melodias  
a ela todos os dias  
de dez a mais gravações

Dia das mães bem cedinho  
naquela data feliz  
convido a nossa morada  
o vigário da matriz  
como costume da raça  
celebra em ação de graça  
uma missa em nossa casa  
pra mamãe meu querubim  
que o filho que faz assim  
Deus ajuda e não se atrasa

Depois do dia das mães  
vem o seu aniversário  
considero o maior dia  
entre todo calendário  
como filho eu faço planos  
mamãe completando anos

42 Esta canção apresenta outro tema frequentemente utilizado por esse gênero, a menção à figura materna. Esta é motivo para a referência à religiosidade, tão comum ao homem do sertão, e para uma elaboração de versos permeados pelo sentimento de gratidão e de exaltação dessa figura, que é o destinatário da “mais completa homenagem” que pode ser elaborada pelo poeta. De acordo com Slater (1982), tematicamente, essas composições estariam próximas das canções de amor. Estruturalmente, é escrita em oito décimas, com versos de sete sílabas e esquema rímico ABCBDEFFE.

o que devo oferecer  
mensagem presente e prece  
dia que mamãe merece  
tudo de mim receber

Oferto um jarro com flôres  
um bôlo bem preparado  
já tenho pra este dia  
um vestido encomendado  
um par de sapato lindo  
entrego tudo sorrindo  
a mamãe do coração  
presente, rádio e jornal  
com reportagem em geral  
até pra televisão

quem tem mãe está feliz  
mãe é mais que uma escrava  
todo amor de mãe é doce

a um filho nunca agrava  
sabe lhe compreender  
faz tudo pra defender  
quando está fora do trilho  
ter mamãe é coisa bôa  
que é a única pessoa  
que morre pelo seu filho

Enquanto mamãe for viva  
e eu for vivo também  
meu dever é agradar  
a quem só me faz o bem  
amor de mãe não se paga  
mas, filho bom propaga  
seu valor todo segundo  
aqui termino a mensagem  
a mais completa homenagem  
que lhe presto neste mundo  
«FIM»

## Figura – Vaqueiro feliz



Fonte: Acervo da autora

## VAQUEIRO FELIZ<sup>43</sup>

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO

Aboiei para um vaqueiro  
que vinha da exposição  
de Juazeiro do Norte  
do padre Cícero Romão  
comandando os animais  
no lugar de seu patrão

Seis carretas carregadas  
com mais de cem animais  
bons e selecionados  
de raças especiais  
da fazenda Bela Vista  
do Dr. Paulo Moraes

Dr. Paulo é fazendeiro  
do sertão Alagoano  
além de outras fazendas

lá no terreno Bahiano  
e seu vaqueiro é chamado  
Raimundo Paraibano

Encontrei êle em Milagres  
bebendo num grande bar  
com os seis carros na fila  
quando mandou me chamar  
e disse poeta amigo  
diga se sabe aboiar

Ali respondi patrão  
eu canto verso de gado  
só não faço é chamar bem  
porem sendo improvisado  
canto até o dia todo  
que sou poeta inspirado

43 A composição poética *Vaqueiro feliz*, apesar de não apresentar nenhuma indicação de classificação quanto ao gênero a que pertence, aqui será entendida como uma canção e, assim como muitas outras pertencentes ao nosso cancionário popular, tem como temas o vaqueiro e a vaquejada. Citaremos como comuns a esse tipo de canção os seguintes aspectos: a figura do vaqueiro necessariamente não precisa ser alguém real, sendo, em sua maioria, fruto da imaginação do poeta; os fatos são apresentados na forma de uma narrativa sequenciada por um narrador que exalta o poeta que sabe improvisar e o vaqueiro, numa espécie de encontro perfeito entre esses dois personagens da cultura nordestina. Aqui, diferente de outras composições do mesmo gênero dedicadas a essa temática, não é a figura do vaqueiro que narra os fatos, mas o poeta que reproduz até mesmo a fala do vaqueiro. Em suas palavras, está a celebração dos prazeres da vida de ser vaqueiro: a poesia de improviso, o aboiar, e a vaquejada. Na referência à figura do patrão, dono da fazenda onde exerce a atividade de vaqueiro, como um parceiro, está a ideia de que aquele que prova seu valor consegue o seu lugar no mundo e a felicidade em ser vaqueiro. Estruturalmente, a canção é composta por dezesseis estrofes de seis versos (sextilhas) de sete sílabas e esquema rímico ABCBDB.

Raimundo disse: poeta  
tome a cerveja primeiro  
cante na vida de gado  
quem lhe pede é um vaqueiro  
no fim eu pago o almoço  
e ainda lhe dou dinheiro

Entrei na vida de gado  
quando cantei meia hora  
Raimundo disse: poeta  
faz pena é eu ir embora  
porque levo uns animais  
não posso fazer demora

Pegue esta nota de cem  
que lhe faço oferecida  
deixo seu almoço pago  
sua janta e a dormida  
porem antes de sair  
vou lhe contar minha vida

Eu saí da Paraíba  
com vinte anos de idade  
corri numa vaquejada  
em Crato bela cidade  
lá encontrei Dr. Paulo  
foi minha felicidade

Tudo que um vaqueiro faz  
eu fiz em Crato na pista  
tive o primeiro lugar

ganhei nome de artista  
e convite pra ser vaqueiro  
da Fazenda Bela Vista

Dr. Paulo disse môço  
faz dez anos que procuro  
um vaqueiro do seu jeito  
que seja artista e seguro  
se quer trabalhar comigo  
vai ser feliz no futuro

Sou Dr e fazendeiro  
só vivo de vaquejada  
já tenho perdido alguma  
a falta de um camarada  
você ficando comigo  
não vamos perder mais nada

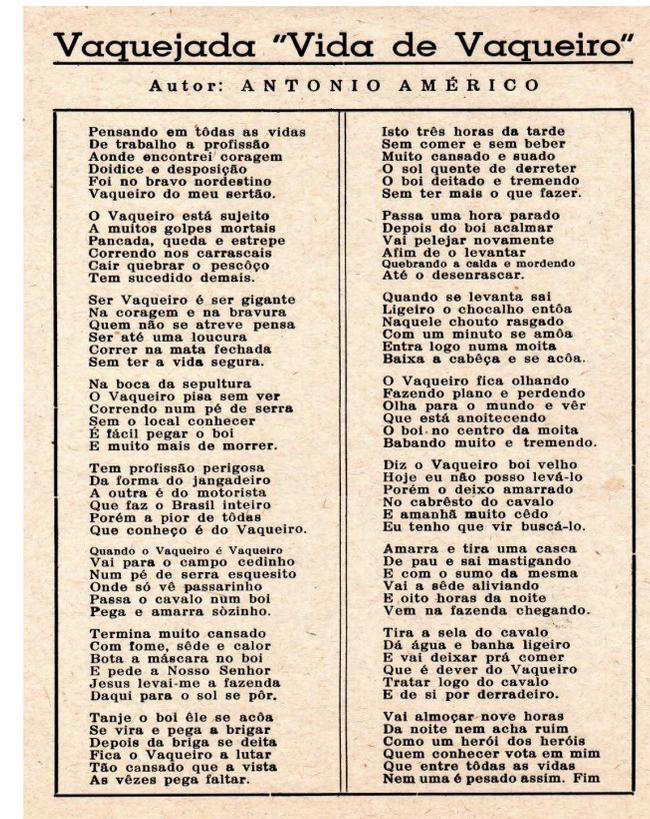
Sobre ganho ninguem fala  
fica como dois irmãos  
carro, dinheiro e prestígio  
você tem tudo nas mãos  
e brincar vaquejada agora  
comigo em todos os chãos

Daquele dia pra cá  
eu fiquei com o doutor  
vaquejada no Brasil  
já fui em todo setor  
taça, medalha e troféu  
onde vou sou ganhador

Dr. Paulo é muito rico  
tem mais preocupações  
me entrega os animais  
pra vir as exposições  
compro gado e vendo gado  
faço tôda transações

Vaquejada com o Doutor  
eu vou em todo Paiz  
na hora que agente corre  
o povo é pedindo biz  
tanto que me considero  
ser um vaqueiro feliz «FIM»

Figura – Vaquejada “Vida de vaqueiro”



Fonte: Acervo da autora

## VAQUEJADA “VIDA DE VAQUEIRO”<sup>44</sup>

AUTOR: ANTONIO AMÉRICO

Pensando em tôdas as vidas De trabalho a profissão Aonde encontrei coragem Doidice e desposição Foi no bravo nordestino Vaqueiro do meu sertão.	Sem o local conhecer É fácil pegar o boi E muito mais de morrer.  Tem profissão perigosa Da forma do jangadeiro A outra é do motorista Que faz o Brasil inteiro Porém a pior de tôdas Que conheço é do Vaqueiro.
O Vaqueiro está sujeito A muitos golpes mortais Pancada, queda e estrepe Correndo nos carrascals Cair quebrar o pescôço Tem secedido demais.	Quando o Vaqueiro é Vaqueiro Vai para o campo cedinho Num pé de serra esquesito Onde só se vê passarinho Passa o cavalo num boi Pega e amarra sozinho.
Ser Vaqueiro é ser gigante Na coragem e na bravura Quem não se atreve pensa Ser até uma loucura Correr na mata fechada Sem ter a vida segura.	Termina muito cansado Com fome, sêde e calor Bota a máscara no boi E pede a Nosso Senhor Jesus levai-me a fazenda Daqui para o sol se pôr.
Na boca da sepultura O Vaqueiro pisa sem ver Correndo num pé de serra	

<sup>44</sup> Da mesma forma, também aqui consideraremos também a composição poética *Vaquejada “Vida de vaqueiro”* como pertencente ao gênero canção. Toda a canção é um canto de exaltação à figura do vaqueiro do sertão, sua luta diária, os perigos e as adversidades enfrentadas, o seu cansaço, a sua fé. A canção é composta por dezesseis estrofes de seis versos (sextilhas) de sete sílabas e esquema rímico ABCBDB.

Tanje o boi êle se acôa  
Se vira e pega a brigar  
Depois da briga se deita  
Fica o Vaqueiro a lutar  
Tão cansado que a vista  
As vêzes pega a faltar.

Isto três horas da tarde  
Sem comer e sem beber  
Muito cansado e suado  
O sol quente de derreter  
O boi deitado e tremendo  
Sem ter mais o que fazer.

Passa uma hora parado  
Depois do boi acalmar  
Vai pelear novamente  
Afim de o levantar  
Quebrando a calda e mordendo  
Até o desenrascar.

Quando se levanta sai  
Ligeiro o chocalho entôa  
Naquele chouto rasgado  
Com um minuto se amôa  
Entra logo numa moita  
Baixa a cabeça e se acôa.

O Vaqueiro fica olhando  
Fazendo plano e perdendo  
Olha para o mundo e vêr

Que está anoitecendo  
O boi no centro da moita  
Babando muito e tremendo.

Diz o Vaqueiro boi velho  
Hoje eu não posso levá-lo  
Porém o deixo amarrado  
No cabrêsto do cavalo  
E amanhã muito cêdo  
Eu tenho que vir buscá-lo.

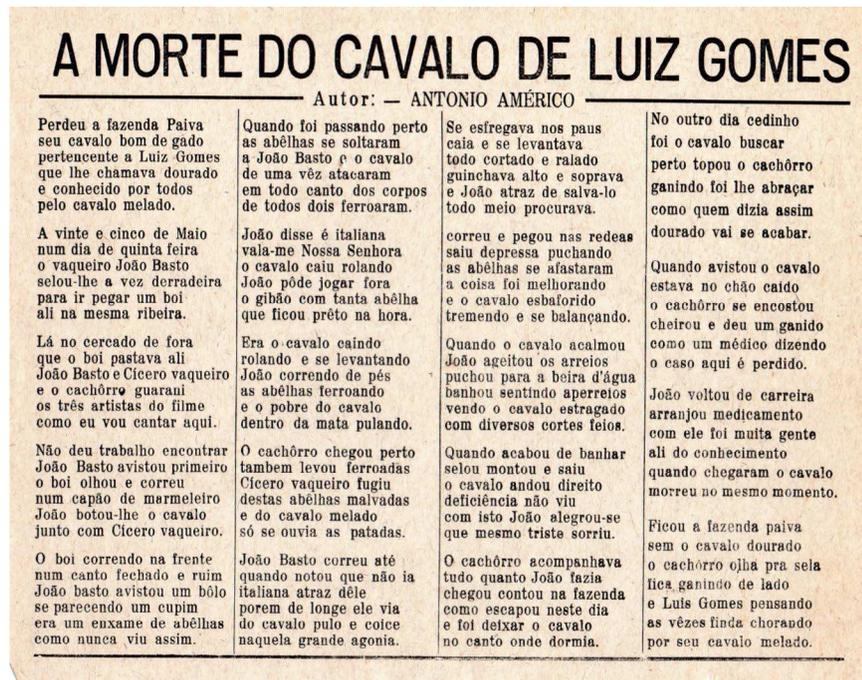
Amarra e tira uma casca  
De pau e sai mastigando  
E com o sumo da mesma  
Vai a sêde aliviando  
E oito horas da noite  
Vem na fazenda chegando.

Tira a cela do cavalo  
Dá água e banha ligeiro  
E vai deixar prá comer  
Que é dever do Vaqueiro  
Tratar logo do cavalo  
E de si por derradeiro.

Vai almoçar nove horas  
Da noite nem acha ruim  
Como um herói dos heróis  
Quem conhecer vota em mim  
Que entre tôdas as vidas  
Nem uma é pesado assim.

FIM

Figura – A morte do cavalo de Luiz Gomes



Fonte: Acervo da autora

### A MORTE DO CAVALO DE LUIZ GOMES<sup>45</sup>

AUTOR: ANTONIO AMÉRICO

Perdeu a fazenda Paiva seu cavalo bom de gado pertencente a Luiz Gomes que lhe chamava dourado e conhecido por todos pelo cavalo melado.

45 Em *A morte do cavalo de Luiz Gomes*, encontraremos uma temática comum ao gênero canção. A narrativa poética evoca a figura do vaqueiro para contar sobre o fim de um “cavalo bom de gado” da fazenda Paiva. Essa temática, também comum aos folhetos de cordel, aproxima-se do que Diégues Júnior (2012) chama de “estórias de animais”, ligadas aos temas tradicionais do romanceiro. Destaquemos que, entre as histórias mais tradicionais do Nordeste brasileiro, estão aquelas que têm como protagonistas um vaqueiro e seu valoroso cavalo. De acordo com Diégues Júnior (2012, p. 81), não raramente, esses animais são mais

A vinte e cinco de Maio num dia de quinta feira o vaqueiro João Basto selou-lhe a vez derradeira para ir pegar um boi ali na mesma ribeira.

Lá no cercado de fora que o boi pastava ali João Basto e Cícero vaqueiro e o cachorro guarani os três artistas do filme como eu vou cantar aqui.

Não deu trabalho encontrar João Basto avistou primeiro o boi olhou e correu

num capão de marmeleiro João botou-lhe o cavalo junto com Cícero vaqueiro.

O boi correndo na frente num canto fechado e ruim João Basto avistou um bôlo se parecendo um cupim era um enxame de abêlhas como nunca viu assim.

Quando foi passando perto as abêlhas se soltaram a João Basto e o cavalo de uma vêz atacaram em todo canto dos corpos de todos dois ferroaram.

prestigiados que “outros homens”. Ainda de acordo com o referido autor, há uma “inevitável consagração ao boi ou ao cavalo”, traduzida nos folhetos populares. Geralmente, essas narrativas nos contam sobre perigosas perseguições a um boi no tabuleiro do sertão, onde o vaqueiro destemido e o seu cavalo provam o seu valor na captura do animal em fuga. Nessa composição do poeta Antônio Américo, o ouvinte / leitor acompanha descritivamente a sequência dos acontecimentos que culminam com a morte do valoroso animal, já anunciada no título. Aqui, o foco não é a perseguição a um boi valente no meio da caatinga e sim sobre a luta do animal e do vaqueiro para escapar das agruras da natureza da qual eles também são parte. Encerrada a luta, o cavalo, mesmo ferido, cumpre, pela última vez, com o seu dever, regressa à fazenda com o seu companheiro, que, mais uma vez, sobrevive ao meio como parte de seu ofício. A última estrofe encerra quase um lamento, no qual até mesmo o cachorro sente a ausência do cavalo, assim como o dono da fazenda, que “finda chorando” ao pensar em seu “cavalo melado”. Observemos aqui que a tristeza do vaqueiro pela perda de seu companheiro é esquecida pelo narrador, afinal ele não era o “dono” do animal, mais um detalhe da vida prática das fazendas do sertão. A canção é composta por dezenove estrofes, sendo dezoito de seis versos (sextilhas) heptassílabos, com esquema rímico ABCBDB, e a última é composta de sete versos (septilha) também heptassílabos, com esquema rímico ABCBDB.

João disse é italiana  
vala-me Nossa Senhora  
o cavalo caiu rolando  
João pôde jogar fora  
o gibão com tanta abêlha  
que ficou prêto na hora.

Era o cavalo caindo  
rolando e se levantando  
João correndo de pés  
as abêlhas ferroando  
e o pobre do cavalo  
dentro da mata pulando.

O cachôrrro chegou perto  
tambem levou ferroadas  
Cícero vaqueiro fugiu  
destas abêlhas malvadas  
e do cavalo melado  
só se ouvia as patadas.

João Basto correu até  
quando notou que não ia  
italiana atrás dêle  
porem de longe ele via  
do cavalo pulo e coice  
naquela grande agonia.

Se esfregava nos paus  
caía e se levantava  
todo cortado e ralado  
guinchava alto e soprava  
e João atraz de salva-lo  
todo meio procurava.

correu e pegou nas redeas  
saiu depressa puchando  
as abêlhas se afastaram  
a coisa foi melhorando  
e o cavalo esbaforido  
tremendo e se balançando.

Quando o cavalo acalmou  
João ageitou os arreios  
puchou para a beira d'água  
banhou sentindo aperreios  
vendo o cavalo estragado  
com diversos cortes feios.

Quando acabou de banhar  
selou montou e saiu  
o cavalo andou direito  
deficiência não viu  
com isto João alegrou-se  
que mesmo triste sorriu.

O cachôrrro acompanhava  
tudo quanto João fazia  
chegou contou na fazenda  
como escapou neste dia  
e foi deixar o cavalo  
no canto onde dormia.

No outro dia cedinho  
foi o cavalo buscar  
perto topou o cachôrrro  
ganindo foi lhe abraçar  
como quem dizia assim  
dourado vai se acabar.

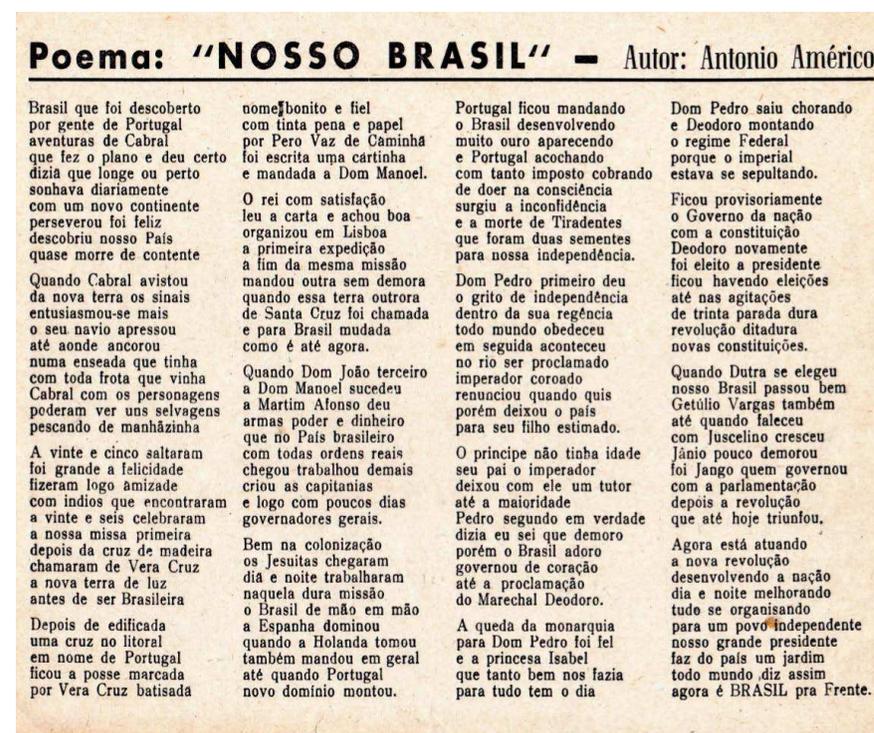
Quando avistou o cavalo  
estava no chão caído  
o cachôrrro se encostou  
cheirou e deu um ganido  
como um médico dizendo  
o caso aqui é perdido.

João voltou de carreira  
arranjou medicamento  
com ele foi muita gente  
ali do conhecimento

quando chegaram o cavalo  
morreu no mesmo momento.

Ficou a fazenda paiva  
sem o cavalo dourado  
o cachôrrro olha pra sela  
fica ganindo de lado  
e Luiz Gomes pensando  
as vêzes finda chorando  
por seu cavalo melado.

### Figura – Poema: “Nosso Brasil”



Fonte: Acervo da autora

**Poema: “NOSSO BRASIL”<sup>46</sup>**

AUTOR: ANTONIO AMÉRICO

Brasil que foi descoberto  
por gente de Portugal  
aventuras de Cabral  
que fez o plano e deu certo  
dizia que longe ou perto  
sonhava diariamente  
com um novo continente  
perseverou foi feliz  
descobriu nosso País  
quase morre de contente

Quando Cabral avistou  
da nova terra os sinais  
entusiasmou-se mais  
o seu navio apressou  
até aonde ancorou  
numa enseada que tinha  
com toda frota que vinha  
Cabral com os personagens  
poderam ver uns selvagens  
pescando de manhãzinha

A vinte e cinco saltaram  
foi grande a felicidade  
fizeram logo amizade

com índios que encontraram  
a vinte e seis celebraram  
a nossa missa primeira  
depois da cruz de madeira  
chamaram de Vera Cruz  
a nova terra de luz  
antes de ser Brasileira

Depois de edificada  
uma cruz no litoral  
em nome de Portugal  
ficou a posse marcada  
por Vera Cruz batisada  
nome bonito e fiel  
com tinta pena e papel  
por Pero Vaz de Caminha  
foi escrita uma cartinha  
e mandada a Dom Manoel.

O rei com satisfação  
leu a carta e achou boa  
organizou em Lisboa  
a primeira expedição  
a fim da mesma missão  
mandou outra sem demora

46 O poema *Nosso Brasil* apresenta, na sequência das estrofes, uma narrativa resumida e quase “romantizada” dos principais momentos da história de nosso país, desde o descobrimento, narrado nas estrofes iniciais, até a ditadura que antecedeu o processo de redemocratização do país, em meados da década de oitenta. Identificada como pertencente ao gênero poema, a composição é estruturada em catorze décimas de sete sílabas e esquema rímico ABBCDDEED.

quando essa terra outrora  
de Santa Cruz foi chamada  
e para Brasil mudada  
como é até agora.

Quando Dom João terceiro  
a Dom Manoel sucedeu  
a Martim Afonso deu  
armas poder e dinheiro  
que no País brasileiro  
com todas ordens reais  
chegou trabalhou demais  
criou as capitânicas  
e logo com poucos dias  
governadores gerais.

Bem na colonização  
os Jesuítas chegaram  
dia e noite trabalharam  
naquela dura missão  
o Brasil de mão em mão  
a Espanha dominou  
quando a Holanda tomou  
também mandou em geral  
até quando Portugal  
novo domínio montou.

Portugal ficou mandando  
o Brasil desenvolvendo  
muito ouro aparecendo  
e Portugal acochando  
com tanto imposto cobrando  
de doer na consciência  
surgiu a inconfidência

e a morte de Tiradentes  
que foram duas sementes  
para nossa independência.

Dom Pedro primeiro deu  
o grito de independência  
dentro da sua regência  
todo mundo obedeceu  
em seguida aconteceu  
no rio ser proclamado  
imperador coroado  
renunciou quando quis  
porém deixou o país  
para seu filho estimado.

O príncipe não tinha idade  
seu pai o imperador  
deixou com ele um tutor  
até a maioridade  
Pedro segundo em verdade  
dizia eu sei que demoro  
porém o Brasil adoro  
governou de coração  
até a proclamação  
do Marechal Deodoro.

A queda da monarquia  
para Dom Pedro foi fel  
e a princesa Isabel  
que tanto bem nos fazia  
para tudo tem o dia  
Dom Pedro saiu chorando  
e Deodoro montando  
o regime Federal

porque o imperial  
estava se sepultando.

Ficou provisoriamente  
o Governo da nação  
com a constituição  
Deodoro novamente  
foi eleito a presidente  
ficou havendo eleições  
até nas agitações  
de trinta parada dura  
revolução ditadura  
novas constituições.

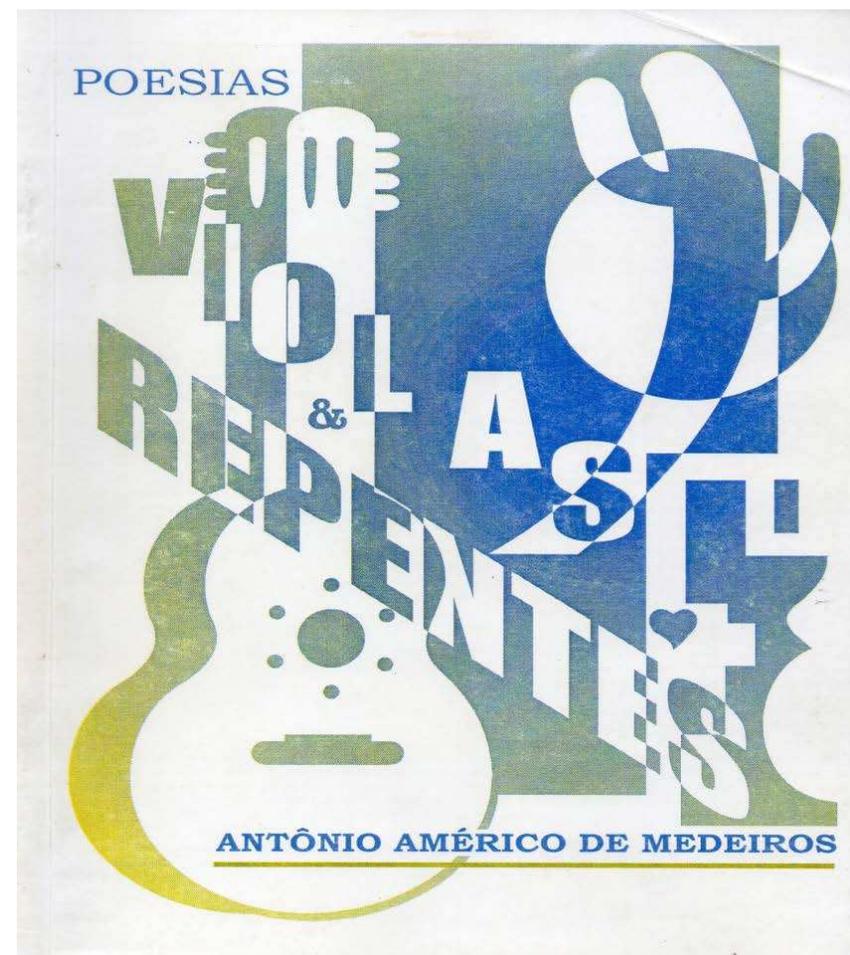
Quando Dutra se elegeu  
nosso Brasil passou bem  
Getúlio Vargas também  
até quando faleceu

com Juscelino cresceu  
Jânio pouco demorou  
foi Jango quem governou  
com a parlamentação  
depois a revolução  
que até hoje triunfou.

A gora está atuando  
a nova revolução  
desenvolvendo a nação  
dia e noite melhorando  
tudo se organizando  
para um povo independente  
nosso grande presidente  
faz do país um jardim  
todo mundo diz assim  
agora é BRASIL pra Frente.

## Da folha avulsa ao livro: *Poesias, violas e repentis*

Figura – Capa do livro *Poesias, violas e repentis*



Fonte: Acervo da autora

O livro *Poesias, violas e repentis*, de Antônio Américo, foi impresso em uma gráfica da região, no final da década de noventa. Foi o seu pri-

meiro livro publicado. A impressão deste foi um presente das filhas para o pai poeta. O texto é composto, inicialmente, por uma breve biografia do autor, seguida de uma dedicatória poética à família e aos leitores:

O meu livro é dedicado,  
a minha esposa querida,  
e as três filhas que tenho  
grandeza da minha vida,  
para quem gosta de ler,  
pesquisar e entender,  
encontra a forma completa,  
de poesia e cultura,  
crescendo a literatura,  
vendo o valor do poeta.

O prefácio, também escrito em versos, foi assinado pelo historiador José Romildo de Sousa. O texto consta de doze estrofes (sextilhas) que contam sobre a vida do poeta e sobre suas composições.

A primeira parte do livro é composta por vinte e seis poemas que versam, principalmente, sobre as datas comemorativas do ano, constando, entre estes, um poema dedicado à memória do Presidente Tancredo Neves. A segunda parte do livro traz o folheto de cordel *Patos do Major Miguel*,<sup>47</sup> e a terceira parte consta de uma coletânea de sextilhas, cantadas de improviso e recolhidas pelo poeta, em sua maioria, através de gravações de cantorias.

Os poemas que compõem a primeira parte estão estruturados com versos heptassílabos, variando a estrutura das estrofes em décimas

---

47 Este folheto será apresentado em outro capítulo, junto aos demais folhetos escritos pelo poeta.

e oitavas e diversificando também o número de estrofes e o esquema rímico.

O primeiro poema do livro, “Dia de ano”, assim como os poemas “Carnaval”, “Mês de Maio”, “Dia dos Finados”, “O Dia dos bandeirantes” e “Bandeira Nacional”<sup>48</sup>, é composto por oito estrofes em décimas, com versos de sete sílabas (heptassílabos) e com rimas dispostas conforme o esquema rímico ABABCCDEED. Tematicamente, os poemas contam sobre, além do significado das datas cantadas pelo poeta, o sentimento religioso comum ao sertanejo que se prepara para mais um ano; os excessos cometidos pelos foliões durante o carnaval, com uma postura diferenciada daqueles que cantam as belezas dessa festa pagã, enquanto manifestação popular; a referência às comemorações que o mês de maio abriga, desde a dedicação à figura religiosa de Maria e às novenas marianas, à aparição de Fátima, ao Dia das Mães, dia da Cavalaria, da Fraternidade, da Santíssima Trindade, do Trabalhador rural, entre outras datas desse mês. O poeta encerra seu canto falando sobre as belezas da natureza sertaneja comuns ao mês de maio, quando “As chuvas de pingo em pingo / afinam pelas manhãs”. No poema sobre o Dia de Finados, encontraremos um descrição dos rituais religiosos comuns a essa data em nossa região. Em “O Dia dos bandeirantes”, está a exaltação à figura do bandeirante e suas expedições desbravadoras no princípio de nossa história e, em “Bandeira Nacional”, além de breve descrição acerca desse símbolo nacional, também encontraremos a ideia de exaltação à Bandeira como símbolo de grandeza da “terra brasileira”.

“Saudosa memória do Presidente Tancredo Neves” é um poema composto por vinte e três estrofes e, quanto à sua estruturação, foi elaborado com versos redondilhos maiores (heptassílabos), organizado em décimas, valendo-se do esquema de rimas ABCBDDEFFE. Em número de estrofes, é o poema mais extenso entre os demais.

---

48 Esse poema é apresentado no sumário do livro com o título “Dia da Bandeira”.

Tematicamente, o poema conta a trajetória do político Tancredo Neves, desde o início de sua vida política como vereador a sua eleição para a Presidência da República, e sua morte antes da posse como Presidente eleito.

“Quaresma”, assim como o poema “Dia do Estudante”, foi construído em oito estrofes de oito versos (oitava), todos em heptassílabos e empregou o esquema de rimas ABBCDEEC. Tematicamente, os poemas versam, respectivamente, sobre os rituais religiosos presentes na tradição do período de quaresma em nosso sertão, ensinados de geração para geração, e sobre a figura do estudante no Brasil, enquanto símbolo de luta, força e futuro, pois, de acordo com os versos do poeta, da “classe estudantil” nasceriam os “grandes doutores”, assim como os “políticos brilhantes”.

“Dia de Índio” é um poema composto por doze estrofes de dez versos (décima), com versos heptassílabos e esquema de rimas também em ABCBDDEFFE. Já no início do poema, apresenta-se o tom de denúncia e indignação direcionado aos constantes ataques sofridos pelos índios no mundo, quando o poeta dedica as quatro primeiras estrofes para falar sobre o massacre de quarenta Quichés na Embaixada de Espanha, na Guatemala, no início da década de oitenta, e, no Brasil, quando o poeta faz referência ao gradativo desaparecimento das tribos brasileiras em várias regiões de nosso país e encerra o poema com um pedido de ajuda aos representantes do povo, direcionado aos “pobres índios”, “inocentes”, “iludidos”, “sofridos” e “em resmida quantia”.

“Tiradentes” é um composto por dez estrofes em décimas, com versos de sete sílabas (heptassílabos) e com rimas dispostas conforme o esquema rímico ABABCCDEED.

“Descobrimento do Brasil”, assim como o poema “Dia do professor”, é composto por oito estrofes de dez versos (décima), com versos heptassílabos e esquema de rimas também em ABCBDDEFFE.

“Dia do Trabalho”, assim como o poema “Dia da Pátria”, é composto por dez estrofes de dez versos (décima), com versos heptassílabos e esquema de rimas também em ABCBDDEFFE.

“Dia das Mães”, assim como o poema “Dia da Criança”, é composto por nove estrofes de dez versos (décima), com versos heptassílabos e esquema de rimas também em ABCBDDEFFE.

“Abolição dos Escravos” é um poema composto por vinte estrofes, elaborado com versos heptassílabos, organizado em décimas, valendo-se do esquema de rimas ABCBDDEFFE.

“Mês de Junho” foi construído em dez estrofes de oito versos heptassílabos, apresentando o sistema rímico ABBCDDC, forma que utiliza comumente a parcela ou carretilha, quando esta é composta por oito pés.

“José de Anchieta” foi elaborado em dezoito estrofes de oito versos heptassílabos, apresentando o sistema rímico ABCBDEED.

“Dia dos Namorados”, assim como o poema “Dia dos Pais”, é composto por oito estrofes de dez versos (décima), com versos heptassílabos e esquema de rimas também em ABCBDDEFFE.

“Foclore”, assim como o poema “Natal”, é composto por nove estrofes de dez versos (décima), com versos heptassílabos e esquema de rimas também em ABABCCDEED.

“Dia do soldado” é composto por treze estrofes de dez versos (décima), com versos heptassílabos e esquema de rimas também em ABCBDDEFFE.

“Dia da República” é composto por catorze estrofes de dez versos (décima), com versos heptassílabos e esquema de rimas também em ABCBDDEFFE.

A terceira parte do livro, conforme dito anteriormente, é composta por sextilhas<sup>49</sup> cantadas de improviso ao som da viola e registradas pelo poeta enquanto parte de uma produção construída ao longo de mais de quatro décadas como repentista. Nas sextilhas a seguir, é possível observarmos, não somente o seguimento da tradição poética comum ao gênero, mas também o confronto, a habilidade poética e a força do desafio de viola e violeiros e a exibição de um repertório de conhecimentos “adaptados” à realidade e à linguagem de quem escuta, conhecimento este construído de muitas formas e através de muitas fontes, inclusive aquele guardado apenas na memória para ser transformado em canto, em poesia para o povo que assiste embevecido ao duelo de mentes e violas. De acordo com Ayala (1988, p. 151), “A perspicácia dos cantadores, sua capacidade de observar detalhes e sua rapidez de pensamento possibilitam-lhes, ainda, captar instantes, incidentes e, na sua boca, tudo vira poesia.”

Enquanto gênero, o repente tem o improviso como uma de suas principais características. As sextilhas aqui apresentadas, recolhidas de cantorias vivenciadas pelo poeta Antônio Américo, foram motivadas pela sugestão de deixas<sup>50</sup>, conforme tradição da cantoria de repente.

49 São sessenta e nove sextilhas dentre as quais as de número onze, vinte e oito e vinte nove, na sequência estabelecida no livro, não constam no documento manuscrito disponível no arquivo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

50 Na sextilha, esse recurso poético consiste na determinação da rima da última palavra, do último verso deixado pelo cantador para que o seu companheiro repita essa rima no primeiro verso de sua estrofe, logo a seguir. A obrigação de começar a sextilha rimando com

Sobrinho (2003) atribui o surgimento da deixa ao poeta Silvino Pirauá Lima. Elas somam um total de sessenta e nove sextilhas, entre as quais apenas duas não são de sua autoria, uma vez que elas aparecem no texto como resposta de outros poetas, José Alves Sobrinho (sextilha de número quarenta e seis no manuscrito) e Josué da Cruz (sextilha de número cinquenta e quatro no manuscrito), aos versos do poeta Antonio Américo.

Ainda sobre as sextilhas, cabe-nos esclarecer que essa terceira parte do livro *Poesias, violas e repentistas*, em quase sua totalidade e com pequenas alterações, faz parte do acervo digital para leitura da cordelteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. O material aqui referido trata-se de um arquivo composto de setenta e duas páginas, ainda na forma de manuscrito<sup>51</sup>, que, ao final, traz uma carta do poeta a um amigo que divulgaria o “documentário de versos só de improviso, ao som da viola, com mais 50 repentistas,<sup>52</sup>” composto de

---

o último verso deixado pelo parceiro também é conhecida como “pegar na deixa”. Segundo Melo (1998), a deixa determina o improviso, evitando, assim, o uso de textos decorados por parte dos cantadores.

51 Esse arquivo, cedido pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, consta nos anexos.

52 Na realidade, no documento, apenas são citados quarenta e seis repentistas que fizeram parceria com o poeta Antônio Américo, mas lembremos que, na apresentação da décima (poema de número 64, no manuscrito), o poeta afirma que, no evento narrado, fez parte de uma bancada com outros oito poetas, sem identificá-los. Dessa forma, esse fato ratifica a informação que consta na carta. Os poetas identificados por Antônio Américo, no texto do manuscrito, são:

Manoel Fabrício, nome de guerra Asa Branca, natural Fagundes – PB;

Francisco Fabrício de Oliveira, nome de guerra Chico Pedra, natural de Jardim de Piranhas – RN;

Severino Capote, nome de guerra Capotinho, natural de Campina Grande – PB;

Inocêncio Gato, natural de Pau dos Ferros – RN;

Sérgio Alexandre, natural de Pau dos Ferros – RN;

Manoel Calixto, natural de Augusto Severo – RN;

Juvenal Evangelista, natural de Picuí – PB;

Justo Alves de Amorim, natural de Serra Talhada – PE;

Ercílio Pinheiro, natural de Alexandria – RN;

Antônio Mota, natural de Catolé do Rocha – PB;

respostas “puramente de improviso” do poeta às deixas de seus companheiros de cantoria. Na carta, o poeta autoriza ao seu interlocutor “divulgar, distribuir e até publicar em livros, revistas e livretos” as

---

Josué Alves da Cruz, natural de Serraria – PB;  
Júlio Veríssimo, nome de guerra “Patativa”, era natural de Patos – PB;  
Estrelinha, natural de Queimadas – PB;  
Jorge Viana, nome de guerra “José Batista”, natural de Patos – PB;  
José Alves Sobrinho, natural de Picuí – PB;  
José Mota Pinheiro, natural de Boa Viagem – CE;  
Apolônio Belo, natural de Viçosa – AL;  
Manoel Ferreirinha, natural de Queimadas – PB;  
Manoel Chudú Sobrinho, natural de Pilar – PB;  
Canhôzinho, natural de Taperoá – PB;  
João da Silveira, natural de Guarabira – PB;  
José Soares do Nascimento, natural de Caruaru – PE;  
Alcides Tenório, natural de Afogados de Ingazeira – PE;  
Clodomiro Paes, natural de São José do Egito – PE;  
Vicente Grangeiro, natural de Mata Grande – AL;  
Francisco Evaristo, é natural de Uiraúna – PB;  
Sebastião José do Nascimento, natural de Pilar – PB;  
Antônio Moreno, natural de Taperoá – PB;  
Agostinho Lopes dos Santos, natural de São José do Egito – PE;  
Severino Borges da Silva, natural de Timbaúba – PE;  
Exedito Sobrinho, natural do Ceará;  
Severino Alves, nome de guerra “Severino Severo”, natural de Santa Terezinha – PB;  
Manoel Dionísio Filho, natural de Santa Terezinha – PB;  
José Barbosa, natural de Santa Luzia – PB;  
João Severo de Lima, natural de Patos – PB;  
Manoel Basílio de Lima, natural de Patos – PB;  
Santino Luiz, natural de Santa Luzia – PB;  
Raimundo Arruda Batista, nome de guerra “Arrudinha Batista”, natural de Teixeira – PB;  
Fenelon Dantas, natural de São Mamede – PB;  
Sebastião Basílio de Lima, natural de Patos – PB;  
Geraldo Amâncio Pereira, natural de Cedro – CE;  
Pedro Bandeira, natural de São José de Piranhas – PB;  
Sebastião Dias, natural de Ouro Branco – RN;  
Manoel Francisco Neto, natural de Livramento – PB;  
Severino Feitosa, natural de Santa Terezinha – PE;  
Biu Donato, natural de Queimadas – PB.

sextilhas enviadas, entretanto solicita uma única coisa: a atribuição de sua autoria aos versos enviados.

Poeticamente, esse documentário é composto por sessenta e sete sextilhas<sup>53</sup> e uma décima<sup>54</sup>. A sextilha de número setenta não consta entre as que foram publicadas no livro *Poesias, violas e repentistas*.<sup>55</sup>

Tematicamente, as sextilhas estão voltadas para diversos assuntos comuns ao dia a dia do homem simples do sertão e seguem quase que uma tradição entre os cantadores em seus desafios ao som

---

53 No documento, duas sextilhas se repetem, conforme veremos a seguir.

54 No texto do manuscrito, a estrofe de número sessenta e quatro não é uma sextilha como as demais estrofes apresentadas. É uma décima e esta corresponde à sexta estrofe do poema *Nosso Brasil*. Aqui, o poeta esclarece que o tema para a estrofe, “governadores gerais”, foi dado por um jornalista, quando ele estava “glosando em Cajazeiras – PB, numa bancada com oito poetas.” (Esclarecemos, aqui, a palavra glosar e seus derivados, constantemente usada pelo poeta, como referência à composições poéticas elaboradas a partir do desenvolvimento de um tema proposto pelo mote.) O poeta conta ainda que, “quando glosaram cinco poetas neste tema” ele foi o sexto a cantar e que, após a sua apresentação, “todos os repentistas aplaudiram e disseram neste tema ninguém glosa mais, Américo já disse tudo”. Consta também a informação de que o verso foi copiado “da fita de um gravador.” Cabe-nos esclarecer também que, tanto no livro quanto no manuscrito, as sextilhas são apresentadas ao leitor e comentadas pelo próprio poeta Antônio Américo.

55 O cantador Juvenal Evangelista, cantando com Antônio Américo, na Rádio Iracema, de Iguatu – CE, deixou a deixa

Quem canta com Juvenal  
Precisa fé e coragem

Antonio Américo respondeu com esta linda sextilha que depois foi copiada da fita de um gravador de um rapaz que gravava o número de Juvenal e Américo no programa da Iracema.

Canta o poeta a paisagem  
da vida dos passaredos  
do sôpro da ventania  
nas grimpas dos alvorrêdos  
das matas silenciosas  
de tenebrosos segredos.

da viola. Entre eles, podemos citar a morte, o sertão e sua natureza exuberante, o sentimento e o orgulho de pertencer ao sertão, a seca, a religião e o sentimento de religiosidade do sertanejo, a saudade e o amor, a figura do vaqueiro, a sabedoria humana, enfim, a vida e seus acontecimentos diários. De acordo com Ayala (1988, p. 150), “O repentista deve saber inserir-se na tradição: mantém as normas poéticas – métrica, rima, oração, gêneros, toadas – desenvolve uma temática em parte consagrada – natureza nordestina – mas a criação deve ser individual.” A autora afirma ainda que “A novidade do improviso depende da capacidade do poeta, que reelabora, que repensa o que já é dado. É nisto que consiste seu engenho e arte.”

Destacamos ainda que outro tema bastante comum nas sextilhas do livro é a própria poesia, o poeta e o fazer poético. Centradas em uma abordagem metalinguística estão as estrofes que, a partir da deixa, discorrem sobre a poesia e o poeta repentista, o louvor à figura do poeta, o acontecimento do desafio acirrado entre os cantadores, afinal de acordo com o poeta Ivanildo Vila Nova, “Toda cantoria é disputa. A disputa é a própria cantoria. Sempre a finalidade é cantar mais que o outro.” (AYALA, 1988, p. 148). Nessa disputa, estão presentes artifícios poéticos como o uso de trocadilhos, assim como o confronto marcado pela ridicularização entre os oponentes, presentes na poesia popular desde as cantigas medievais. As sextilhas ainda apresentam ao leitor dos versos aspectos comuns ao fazer poesia no interior do sertão como o fato de o poeta ser pago pelo povo ao término de uma apresentação, aspecto que ratifica, entre outras coisas, o cenário de dificuldades enfrentadas pelo poeta popular para se apresentar para o seu público pelos recantos do sertão.

## **Poesias violas e repentistas: - Poemas**

### **Dia de ano.**

Dia de ano se sabe,  
é primeiro de janeiro,  
é nesta data que cabe,  
do ano o dia primeiro  
um ano que terminou,  
e outro que começou,  
com uma nova esperança,  
todo mundo se alimenta,  
a outra jornada enfrenta,  
com fé, e perseverança.

A festa do fim do ano  
esta já foi celebrada,  
nova era novo plano,  
outra nova caminhada,  
e muita gente pensando,  
quem trabalha planejando,  
quem negocia também,  
pensando o que vai fazer,  
para poder obter,  
o que, melhor lhe “convém”

O que devemos fazer,  
dia de ano cedinho,  
é a Deus agradecer  
orando bem direitinho,  
por tudo que alcançou,  
no ano que terminou,  
tudo bem, tudo direito,

peça a Jesus novamente,  
um novo ano excelente  
de paz, amor e respeito.

Dia um, primeiro dia,  
Janeiro, primeiro mês  
do ano que inicia,  
todo mundo, espera vez,  
pensando em dias melhores  
porque passou os piores,  
no ano que terminou-se,  
talvez por fazer bobagem,  
pra uma nova viagem,  
com fé em Deus preparou-se.

Escreva a nova era,  
dia de ano bem cedo,  
havendo fé se prospera,  
não faça nada, com medo,  
diga Deus vou trabalhar,  
este ano sem parar,  
porque preciso vencer,  
lute muito e persevere,  
com fé em Deus e espere,  
o que vai acontecer.

Devemos se confessar,  
véspera de ano, também,  
e no dia, comungar

com fé, no Deus de Belém,  
contrito de coração,  
receber a comunhão,  
se sentindo, consciente,  
que cristo, é nosso juiz,  
para puder, ser feliz,  
daquele dia, pra frente.

É primeiro de janeiro,  
dia mundial da paz,  
data que o brasileiro,  
sempre, um novo plano faz,  
tendo fé na providência,  
exame de consciência.  
Faz e deixa a parte errada,

pensar mais e pecar menos,  
e preparar os terrenos,  
para a nova caminhada.

Procure se dominar,  
Tenha cuidado, nos vícios,  
pra não, se degenerar,  
e cair, em sacrifícios,  
porque todo viciado,  
depois de inveterado,  
perde a saúde e o plano,  
já deu pra se entender,  
o que devemos fazer,  
no próximo, dia de ano.

---

### Saudosa Memória do Presidente Tancredo Neves.

Como saudosa memória,  
Do presidente Tancredo,  
Filho de São João del-Rei  
E se formou, muito cedo,  
pra doutor advogado.  
Foi bacharel respeitado,  
promotor de ideias finas,  
foi vereador legal,  
deputado estadual,  
pelo estado de Minas.

Deputado federal,  
e ministro da justiça,  
do grande Getúlio Vargas,  
que trabalhou sem cobiça,  
só houve uma coisa estranha,

foi perder uma campanha,  
pra governo, do estado.  
Magalhães Pinto, venceu,  
Tancredo Neves perdeu,  
dessa vez, foi derrotado.

Saiu primeiro ministro,  
no tempo, do parlamento,  
do governo, João Goulart,  
agiu todo movimento,  
chegando a revolução,  
ele era na gestão,  
deputado federal.  
Foi eleito, e reeleito,  
Nunca mais, perdeu um pleito  
ali, com seu pessoal.

Deputado federal,  
quatro vezes, no setor,  
aí em setenta e oito,  
foi eleito senador,  
e fundador do P.P.  
pelo P.M.D.B.  
Foi governo do estado,  
Numa campanha decente,  
partiu para presidente,  
e foi eleito folgado.

Na eleição indireta,  
Tancredo se elegeu,  
vencendo Paulo Maluf,  
que gastou muito e perdeu,  
o Brasil, ficou contente,  
com o novo, presidente,  
que prometia mudança,  
pela campanha que fez,  
até mesmo o camponês,  
tinha nele, confiança.

Depois de eleito foi  
uma excursão planejada  
em países estrangeiros,  
seguiu a sua jornada,  
foi a Itália primeiro,  
como chefe brasileiro,  
o Papa lhe recebeu,  
tudo certo em alto plano,  
no Parlamento Romano,  
palestrou e entendeu.

Lá recebeu a visita,  
do Presidente Francês,

depois, foi a Portugal,  
o governo Português,  
lhe prestou uma homenagem  
e prosseguiu a viagem.  
Desta vez, foi a Espanha,  
o Rei lhe agraciou  
para o futuro acertou  
negócio na terra estranha.

Levantou vôo da Espanha  
para os Estados Unidos,  
os dias que passou lá,  
foram bons e merecidos,  
muitos projetos deixou.  
Fez plano e negociou,  
Dentro da sua rotina,  
pra isso tinha bagagem,  
para o final da viagem  
só faltava a Argentina.

Chegando na Argentina,  
houve festa e alegria,  
Alfonsim, o recebeu,  
dentro da diplomacia,  
no campo das relações  
nasceram compreensões,  
entre os dois presidentes,  
deixando tudo acertado,  
para um futuro esperado,  
os dois, sorriam contentes.

Partindo da Argentina,  
para a terra brasileira,  
foi recebido com festa,  
tudo em paz, boa maneira

e para um trabalho sério,  
escolher seu ministério,  
tudo bem, ele escolheu,  
entre os que lhe ajudaram,  
que satisfeitos, ficaram,  
na escolha que se deu.

A sua posse marcada  
pra data 15 de três,  
do ano de oitenta e cinco,  
o povo esperava a vez,  
dia quatorze de noite,  
o tempo deu um açoite,  
qualquer coisa apareceu.  
Pra deixar tudo mudado,  
Tancredo, foi operado,  
De manhã , o rádio deu.

Operado não podia,  
mais tarde, se aposar  
porém os grandes juristas,  
começaram examinar,  
nossa constituição,  
viram que a solução,  
era o vice assumir,  
no cumprimento da lei,  
cabia a José Sarney,  
ali substituir.

Pela nossa carta magna  
da forma que a lei rezava,  
pelo poder do congresso,  
assim Sarney se empossava.  
Por lei e regulamento,

até chegar o momento,  
do Presidente assumir,  
que todo mundo esperava,  
que Tancredo melhorava,  
para tudo certo agir.

José Sarney assumiu  
começou a despachar,  
dentro da nova república,  
pensando de melhorar  
qualquer coisa, logo cedo,  
para entregar a Tancredo,  
com seu trabalho prestado,  
nos dias que governasse,  
queria mostrar a classe,  
de um político habilitado.

Assim Sarney, começou,  
despachando normalmente,  
rádio, T.V. e jornal,  
dizendo que o Presidente,  
estava passando bem,  
e com seis dias, lá vem  
a segunda operação.  
Nos deixou desanimado,  
sem melhorar foi levado,  
pra São Paulo de avião.

Chegando no hospital.  
Instituto do Coração,  
se operou em São Paulo,  
por ter melhor condição.  
Fez terceira cirurgia  
Doutor Pinotti, dizia,

que ele estava normal  
e dessa vez melhorava,  
ninguém não acreditava,  
o lamento, era geral.

Dia primeiro de Abril,  
foi a quarta operação,  
dia quatro foi a quinta.  
Chorava toda nação,  
começaram, colocar,  
aparelhos, no lugar,  
que funcionava errado,  
dia nove, novamente,  
Sexta vez que o Presidente,  
tornou a ser operado.

Dai pra frente o Brasil,  
fez uma corrente forte.  
Católicos e evangélicos,  
pra Deus, o livrar da morte,  
pai de santo e umbandista,  
todos estes numa pista,  
pedindo a Deus pra mandar  
saúde ao Presidente,  
e ficar bom novamente,  
para o Brasil governar.

Dia onze de Abril,  
Foi a última cirurgia.  
Se operou sete vezes,  
até que chegou o dia.  
A vinte e um faleceu,  
sua morte aconteceu  
na data do feriado

da morte de Tiradentes,  
dois mineiros conscientes,  
filhos de um só estado.

Foi de São Paulo a Brasília,  
O seu corpo transportado.  
No palácio do governo,  
pelas filas visitado,  
depois em outro avião,  
tomou nova direção,  
para a capital Mineira.  
Velado no salão nobre,  
visita de rico e pobre,  
chegou de toda maneira.

Houve até um incidente.  
Com o acôcho do povo,  
morreram cinco pessoas,  
organizaram de novo,  
todo mundo visitou,  
e novamente voou,  
em um possante avião,  
pra sua terra natal,  
velado na Catedral  
da cidade de São João.

Dona Risoleta disse,  
é para se prorrogar,  
só se sepulta Tancredo,  
quando o povo visitar,  
até a última pessoa,  
desta sua terra boa,  
a quem tanto ele amou.  
Terminadas as visitas,

em honrarias benditas,  
Tancredo se sepultou.

Às onze horas da noite,  
foi o seu sepultamento,  
lá em São João Del-Rei,  
berço do seu nascimento.

---

### **Carnaval.**

carnaval são três dias  
de farra e de mela-mela,  
de entrudo e de folias,  
onde ninguém não se zela.  
Três dias de bebedeira,  
do Domingo a Terça-feira,  
quem brinca tem essa vez,  
no fim dar ódio e ranzinza,  
na Quarta-feira de cinza,  
vendo a bobagem que fez.

Uma representação  
de Momo, para enganar,  
como um rei de Tradição,  
se vê no clube chegar.  
Um homem fantasiado  
vem como um rei coroado,  
dando apoio aquela gente,  
saúda com pantomima,  
aí o povo se anima,  
o carnaval vai a frente

Um estadista mineiro  
e o maior brasileiro.  
No seu tempo, sem segredo,  
O nome foi pra História,  
com a saudosa memória  
Do Presidente Tancredo.

O povo se manifesta,  
depois que momo aparece,  
aí pega fogo a festa,  
com isto a folia cresce,  
tanto bebe, como pula,  
o povo crescendo a gula,  
bebe e come o que achar,  
pulando manifestado,  
como quem está dopado,  
quer ver a tanga voar.

Ali não existe medo,  
e nem tem mulher nervosa.  
Pra homem não há segredo,  
Toda moça é corajosa.  
Bebe, salta e dialoga,  
não deixa de haver droga  
nas mão da rapaziada.  
Depois de tudo endoidar,  
O negócio é debandar  
nas horas da madrugada.

Homem não volta pra casa,  
vai dormir numa pensão.  
Tem mulher que bate a asa,  
pega logo um gavião,  
no fogo do carnaval,  
muda logo o ideal,  
diz eu vou me desquitar.  
Com este passa os três dias,  
no fim de todas folias,  
ele manda ela voltar.

Deles que trabalha um ano  
para gastar em três dias,  
porque errar é humano,  
gasta e perde as energias,  
no fim inventa uma briga,  
leva um tiro na barriga,  
vai parar no hospital,  
e se acaso escapar,  
ele passa a meditar,  
foi saldo do carnaval.

---

### **Quaresma.**

Quaresma, quarenta dias  
de respeito e de jejum,  
sendo em homenagem a um,  
que por nós morreu na cruz,  
da Quarta-feira de cinzas  
ao Domingo pascal,  
época que o pessoal  
tem mais respeito a Jesus.

Recife em todo Nordeste,  
Tira em primeiro lugar.  
Salvador passa no teste,  
porém não pode abafar,  
é o carnaval do Rio,  
que este, é um desafio  
em foliões e dinheiro.  
Desfile, arte e escola,  
o Rio tem sido a mola  
do carnaval brasileiro.

Em São Paulo também tem  
um carnaval dos maiores,  
e os jornais contam bem  
sobre as honras das menores,  
é grande a destruição,  
dando a prostituição,  
o seu aumento anual.  
Guerra contra a virgindade,  
não contei nem a metade  
do que há no carnaval.

No decorrer da quaresma,  
devemos renunciar,  
o mal e se confessar,  
saber que Cristo sofreu,  
para nos dar salvação  
oi obrigado a morrer,  
naquele grande sofrer,  
numa cruz como morreu.

Durante os quarenta dias,  
Quarta e Sexta, abstinência.  
Faço em minha residência,  
como vovó ensinava.  
Carne ninguém não comia,  
honrando ao “Deus de Belém”  
e na Sexta-feira também  
todo mundo jejuava.

Procure se afastar  
do excesso que fazia.  
Não beba, como bebia,  
baixe a gula no comer.  
Deixe tudo na metade,  
procure se dominar.  
Se é de ir farrear,  
Pegue uma bíblia e vá ler.

Veja que Cristo sofreu  
por todos os pecadores.  
Passou por todas as dores  
e nós, nos quarenta dias,  
da quaresma precisamos,  
orar e conhecer isto,  
sentir o que sofreu Cristo  
em todas as agonias.

---

### **Dia do Índio.**

Temos o dia do Índio  
dezenove de abril,  
porém eu quero falar  
é no índio do Brasil.  
Dia do Índio se fala

Cristo além de ser preso,  
carregou a sua cruz.  
Pense o que sofreu Jesus,  
aumente o conhecimento.  
Quaresma é pra refletir  
quanto é ruim o pecado.  
Fez Cristo crucificado,  
passar por tanto tormento.

A quaresma é anual,  
da cinza, a ressurreição,  
celebra o povo cristão  
esta tarefa sagrada.  
Ao sofrimento de Cristo  
durante a semana santa  
a nossa fé se levanta  
a igreja é visitada.

A ceia da despedida  
é feita na Quinta-feira.  
A refeição derradeira  
já na véspera da paixão.  
Na Sexta se entrega ao pai  
pra cumprir as profecias,  
quaresma, quarenta dias,  
finda na ressurreição.

dos índios da Guatemala  
que foram sacrificados  
como Joana e Vicente,  
lutando por sua gente,  
foram todos torturados.

Vicente morreu queimado,  
na embaixada da Espanha,  
junto com outros indígenas,  
porque faziam campanha,  
por terra pra trabalharem  
e pra não mais propagarem,  
foram queimados na praça.  
Joana foi sequestrada,  
numa selva torturada,  
morta na maior desgraça.

O seu filho Patrocínio,  
foi sequestrado também,  
queimados com seus colegas  
na vista de mais de cem,  
índios que pediam terra,  
pra trabalharem sem guerra.  
Viram seus irmãos queimados,  
na fogueira se ardendo  
e os poderosos dizendo,  
morram aí, desgraçados.

Isto foi na Guatemala,  
porém eu mudo o roteiro,  
para falar um pouquinho  
é no Índio brasileiro.  
Sendo o Brasil descoberto,  
Abreu Lima informou certo,  
haver cem milhões de índios.  
Hoje se pergunta a nação,  
aonde é que estão,  
nossos irmãos ameríndios  
“Cadê” os Tupinambás  
e os fortes Tabajaras,

a grande raça Tupi,  
Tapuias e outras raras,  
os valentes Caetés,  
também os Aimorés,  
Carijós e Botocudos,  
Que nada multiplicaram  
e como se acabaram,  
isto sim, precisa estudos.

Os nossos Tupiniquins  
e a tribo dos Cariris,  
os Potiguaras guerreiros,  
os Pegas e Panatis,  
Caraíbas, Goitacazes,  
se a gente fizer as bases,  
daqueles tempos distantes,  
olhando bem direitinho,  
de Índios resta um pouquinho,  
maior parte dos Xavantes.

Fica a pergunta no ar,  
como, desapareceram,  
porque não multiplicaram  
e sem produzir morreram,  
em lugar de preservados.  
Foram logo escravizados,  
pelos primeiros colonos.  
Como se chega de fora  
e escraviza na hora,  
os que da terra são donos.

O branco multiplicou,  
produziu, cresceu a raça.  
Até o negro, também,  
saiu daquela desgraça,

chamada de cativo.  
Só o índio brasileiro,  
tratou de diminuir,  
em ponto de se acabar  
se a Funai não lutar,  
vê o resto se sumir.

Eu que não conheço nada,  
faço uma comparação,  
dos índios do meu país  
com as caças do sertão.  
Já houve tantas aldeias  
e as nossas matas cheias  
de caças antigamente.  
O índio, o tempo levou,  
a caça, o homem matou,  
poeta canta o que sente.

Já existiu cem milhões  
de índios neste país,  
mais tarde baixou pra dez,  
Gean, no seu livro diz,  
de dez baixou para um.  
Longe do tempo comum,  
No IBGE, de quarenta, “1940”

---

### **Tiradentes.**

Tiradentes, a alcunha  
Do mártir da independência.  
o Brasil é testemunha  
da sua grande prudência,

baixou pra sessenta mil,  
dizem que hoje o Brasil,  
talvez não tenha cinqüenta.

Resta cinqüenta mil  
Xavantes e mais alguns,  
porém a Funai promete,  
lutar a favor de uns  
que foram domesticados  
e estes já preparados,  
vão controlando os irmãos  
onde há tribo selvagem,  
oferecendo vantagem,  
pra todos serem cristãos.

Deus queira que a Funai  
e os nossos presidentes,  
ajudem aos pobres índios,  
que considero inocentes,  
no passado iludidos  
e no presente sofridos  
em resumida quantia.  
De acordo, o que já li,  
Fiz tudo que entendi  
Para o índio no seu dia.

lutar pela liberdade,  
a bem da felicidade  
da sua terra natal,  
porque sentia um desgosto,

vê se pagar tanto imposto  
às cortes de Portugal.

José Alves Miciel  
da Europa era chegado,  
lendo no mesmo papel,  
vê o país libertado.  
No Rio, viu Tiradentes,  
todos dois idéias quentes,  
uma luta planejaram,  
Tiradentes se empolgou,  
do Rio a Minas rumou  
com os planos que traçaram.

Chegando lá se uniu  
a Tomás Antônio Gonzaga,  
Cláudio Manoel pressentiu,  
ocupou mais uma vaga.  
Assim muitos se uniram,  
pra uma luta partiram,  
chamada conspiração.  
E eles, inconfidentes,  
o chefe era Tiradentes,  
pensando em libertação.

Entrou um judas também,  
chamado Joaquim Silvério.  
Dizendo fazer o bem,  
fez foi baixar o critério.  
Deu parte do movimento.  
O Visconde, no momento,  
a derrama suspendeu,  
sendo preso Tiradentes,

chefe dos inconfidentes,  
a conspiração morreu.

E naquele mesmo dia,  
prenderam outros também.  
Cairam na enxovia,  
não escapando ninguém,  
somente Joaquim Silvério,  
se amparou no império,  
sua fraqueza provou,  
quando foi a Barbacena,  
denunciou sem ter pena,  
o que sabia, contou.

Os outros se acovardaram,  
se fazendo arrependidos,  
dizendo assim, que erraram,  
quando se viram perdidos.  
Só Tiradentes dizia,  
morrerei sem covardia,  
pela nossa independência.  
Serei firme até morrer,  
isto fazia crescer,  
contra ele, a resistência.

Ainda tirou três anos,  
na cadeia maltratado,  
porém não mudava os planos,  
quando era interrogado.  
Dizia cedo ou mais tarde,  
este bando de covarde,  
um dia cai sem vitória.  
Triunfa os independentes,

morro, mas deixo as sementes  
para os anais da História.

Já vinha preso há três anos,  
não mudava o ideal.  
Por poderes lusitanos  
teve a sentença final,  
para morrer enforcado  
e depois esquartejado  
e a cabeça levada,  
posta num poste, em ação,  
pra dar exemplo à nação  
quanto a lei era pesada.

Foi tirado da prisão,  
a vinte e um de abril,  
para a triste execução,  
seguiu sereno e viril.

Barbas longas e crescidas,  
as esperanças perdidas,  
para o que mais pretendia,  
e pela lei do regime,  
leram a sentença do crime,  
pra saber porque morria.

Depois da sentença lida,  
ele a vista levantou.  
No último instante de vida,  
para a multidão gritou  
Liberdade... Liberdade...  
Pra vossa felicidade,  
morre um dos inconfidentes,  
ali, foi sacrificado,  
só quem morreu enforcado,  
de todos foi Tiradentes.

---

### Descobrimento do Brasil.

Brasil que foi descoberto,  
por gente de Portugal,  
porém a glória ficou  
pra Pedro Álvares Cabral,  
porque foi o Almirante,  
grande chefe e comandante  
da frota de Dom Manoel.  
Mandou na viagem certa,  
desta vez foi descoberta,  
a nossa terra fiel.

Dom Manoel organizou,  
uma frota na altura,  
dizendo ser para a Índia,  
a bem de uma aventura  
para monopolizar,  
isto é, negociar,  
Portugal, com os Hindus.  
Com esta, Cabral partiu,  
e desta vez descobriu  
a terra de Vera Cruz.

No dia nove de março,  
no ano mil e quinhentos,  
a grande esquadra partiu  
com todos os documentos.  
Selados por Dom Manoel,  
tendo por chefe fiel  
o comandante Cabral.  
Logo na outra semana,  
deixou a costa africana  
chegou a Monte Pascal.

Vendo do Monte Pascal,  
os sinais de terra perto,  
pensando ser uma ilha  
ou um terreno deserto.  
Se fosse valia ouro,  
procurou ancoradouro,  
pensando num bom futuro.  
Devagarinho chegaram  
e todos desembarcaram  
no lugar Porto Seguro.

A vinte seis celebraram,  
a nossa missa primeira,  
Em nome de Portugal,  
foi posta a cruz de madeira,  
depois de edificada,  
uma carta bem narrada  
numa folha de papel,  
que Pero Vaz anotou.  
Cabral, lacrando mandou  
a carta pra Dom Manoel.

Cabral ditou pra Caminha,  
a carta, e ele escreveu.  
Toda História da viagem,  
certa como aconteceu,  
que ele com sua gente  
descobriu um continente,  
habitado por selvagem.  
Por Vera Cruz batizou,  
fechando a carta mandou  
e seguiu sua viagem.

Em nome de Portugal,  
ficou a posse marcada.  
Ele partiu para a Índia,  
sua viagem desejada.  
Assim que Dom Manoel leu  
a carta que recebeu,  
teve uma satisfação,  
no tratado Tordesilhas,  
mostrava as novas trilhas  
da posse a sua nação.

Como a posse era em nome  
da corte de Dom Manoel,  
grande Rei de Portugal,  
ele estava em seu papel.  
Escolher entre a nação,  
a primeira expedição,  
tudo num bom andamento.  
Na Bahia ela chegou,  
foi assim que começou  
o nosso descobrimento.

---

## Mês de Maio.

Maio tem trinta e um dias,  
lindas comemorações.  
É o mês das alegrias,  
novenas e orações.  
Os antigos trovadores  
chamavam de mês das flores,  
nosso quinto mês do ano,  
e o que mais vale a pena,  
cada noite uma novena  
no santo mês mariano.

Não é só nove novenas,  
são rezadas trinta e uma,  
nas santas noites serenas.  
O povo se acostuma,  
há novenas e leilões,  
famílias de tradições,  
cada qual reza em seu lar,  
em uma linda mesinha  
ou então na capelinha  
que existe em seu lugar.

As chuvas de pingo em pingo  
afinam pelas manhãs  
e no segundo Domingo  
de Maio, é dia das mães.  
Dia treze abolição,  
também a aparição  
da virgem em Portugal,  
em Fátima, o santo lugar  
que Lúcia soube informar  
a cena fenomenal.

Dia da cavalaria,  
em maio é comemorado,  
também a infantaria,  
tem seu dia registrado  
e as comemorações  
tem sua festa em ações,  
no dia cinco do mês.  
Em maio a flor tem mais cheiro,  
o dia do enfermeiro  
também goza a sua vez.

Dia da fraternidade,  
em maio se comemora.  
E a santíssima trindade  
no mês de Nossa Senhora  
tem o seu dia de bem,  
a indústria também tem,  
seu dia com força e fé.  
Da Cruz Vermelha e vitória  
em maio tem na História  
até dia do café.

O trabalhador rural,  
em maio tem o seu dia.  
O mês que o matagal,  
tem sua manhã mais fria,  
época que a Jitirana  
deixa completa a savana  
toda coberta de flores.  
A floresta bem verdinha,  
abelhas na manhãzinha  
colhe o mel, sente os odores.

Misturados com abelhas,  
tem zangões e colibris.  
As asas como centelhas,  
deixando o campo feliz,  
baixam todos no vergel  
cada qual sugando o mel  
das flores na manhã fria.  
A relva mostra a beleza  
do pomar da natureza  
no santo mês de Maria.

---

## Dia do Trabalho.

Dia do trabalhador  
anualmente lembrado.  
Cada primeiro de maio,  
tem seu aumento esperado,  
quando o nosso presidente  
num estudo competente  
assina o nosso salário,  
que é uma causa justa,  
a indústria reajusta  
o ganho do operário.

Já aumentou várias vezes,  
porém não dá condição,  
a quem vive do trabalho  
por causa da inflação,  
que esta corre na frente  
do ganho da nossa gente,  
que quando tem um aumento,  
depois de um grande estudo  
a inflação come tudo  
fica o mesmo sofrimento.

Logo ao primeiro do mês  
tem a festa do trabalho.  
Embora que ao camponês,  
sempre o seu direito é falho.  
É mês que o operário  
tem aumento no salário  
nem que diga, eu não me saio,  
porém todo aumento presta,  
no fim se termina em festa  
cada ano o mês de maio.

Quando o salário era xis,  
uma compra era duzentos  
Se o salário dobrar,  
a mesma vai pra quinhentos.  
Quem assina, cresce o nome,  
quem trabalha passa fome;  
é isso que acontece  
no seio da nossa raça,  
que cada ano que passa,  
o operário empobrece.

Não vou culpar os ministros,  
nem o nosso presidente.  
A culpa é da inflação,  
que esta corre na frente,  
do ganho de quem trabalha,  
a carestia não falha,  
cada mês a aumentar.  
O nosso custo de vida  
quem trabalha se liquida  
tem que mais pobre ficar.

Todo homem que trabalha  
sente na pele esta dor.  
O operário da fábrica,  
servente e estivador,  
o bóia-fria do eito,  
sofre deste mesmo jeito.  
Como sofre o salineiro  
quem vive de parceria,  
trabalha de noite a dia  
e nunca sobra dinheiro.

O pobre comerciante  
é vítima no seu setor,  
vendo o patrão enriquecer,  
e ele como um motor,  
trabalha até abater.  
Pouco sobra do comer  
porque o que ganha é nada.  
Comerciante enriquecendo  
e quem trabalha pensando  
na vida sacrificada.

Quem tange a agricultura  
devia ser premiado.  
Este paga é juro caro,  
para tratar do roçado,  
com fome, sem fé e magro,  
ainda paga um proagro,  
sofre demais este povo.  
E para se falar franco,  
no fim quando paga o banco,  
fica com fome de novo.

Assim quem é do pesado  
e tem a mão calejada,  
há o dia do trabalho,  
desde da época passada  
para a comemoração.  
No rádio e televisão,  
na igreja e nos jornais,  
é manchete no diário,  
porém para o operário  
cada vez piora mais.

Nunca vi agricultor  
na agricultura enriquecer,  
nem operário da fábrica  
o seu transporte comprar.  
Vive é comprando fiado,  
tudo pouco e limitado,  
a fome lhe visitando,  
deve mais do que recebe,  
assim é que se percebe,  
como o pobre está passando.

Quem trabalha pouco ganha  
é o que sei informar,  
feliz de quem se aposenta  
quando a idade chegar.  
Vive assim o operário,  
invés de um bom salário,  
só recebe um quebra galho.  
Já vem da antiguidade,  
é esta a realidade,  
para o dia do trabalho.

---

## Dia das Mães.

Dia das mães é o dia  
da maior festa do mundo,  
porque o amor de mãe  
é primeiro sem segundo,  
somente o amor de Deus,  
que não desampara os seus  
é maior e dominante.  
Porque Jesus é eterno,  
porém o amor materno  
é puro, doce e tocante.

Neste dia, o filho sente  
por sua mãe estimada,  
procura lhe visitar,  
vai até sua morada.  
Ela abençoa contente,  
recebe dele um presente  
cheia de riso e prazer,  
vai guardar a oferenda,  
dizendo Deus lhe defenda  
de um mal lhe aparecer.

Porque sempre todo ano,  
perto do dia das mães  
vou a rádio dedicar  
poemas todas manhãs,  
homenageando a minha,  
mamãe, querida rainha.  
Além de belas canções  
ofereço melodias  
a ela todos os dias  
de dez a mais gravações.

Dia das mães, bem cedinho  
na grande data feliz,  
convido a nossa morada  
o vigário da matriz,  
como costume da raça,  
celebra em ação de graça  
uma missa em nossa casa  
para mamãe, meu querubim,  
que o filho que faz assim,  
Deus ajuda e não se atrasa.

Lá nos maiores teatros,  
televisões e jornais,  
rádio, cinema e igreja,  
promovem seus festivais  
no dia da grande data,  
que cada filho retrata  
a mãe no seu coração,  
de manhã, no matinal,  
à tarde, no vespéral,  
depois na televisão.

As mães recebem também,  
missas em ações de graças,  
de Roma o papa abençoa  
as mães de todas as raças.  
Dia do maior amor,  
que até o salvador  
contempla de lá do céu,  
o que está se passando  
vê cada filho entregando  
a sua mãe um troféu.

E nas grandes capitais,  
nos auditórios e grêmios,  
se reúnem muitas mães  
a fim de ganharem prêmios.  
E a do número maior  
de filhos, ganha o melhor  
presente, e é abraçada,  
a novinha é outra oferta,  
a mais idosa na certa  
é muito bem premiada.

Escolhe a gorda e a magra,  
a mais velha e a mais nova  
e a que teve mais filhos  
são as que passam na prova.  
E ganham ricos presentes,

até choram de contentes  
com os troféus recebidos,  
esquecem os sofrimentos  
nos aplausos calorentos  
beijando os filhos queridos.

Quem tem a sua mãe morta,  
reze pra ela no dia,  
e quem tiver a mãe viva  
vá a sua moradia.  
No dia das genitoras,  
todas elas sofredoras,  
para os filhos bons e fãs  
acho que dei o recado  
termino emocionado  
poema dia das mães.

---

### **Abolição dos Escravos.**

Abolição é falando,  
o que foi escravatura,  
negro roubado na África,  
sofrendo grande tortura,  
de tormento e de agravo,  
vendido aqui como escravo  
neste Brasil de Cabral.  
Comprados por brasileiros  
aos navios negreiros,  
como se compra animal.

Quem roubava era pirata,  
quer dizer ladrão do mar,  
quem comprava era negreiro,

negro pra negociar  
de Recife a Salvador.  
Cada porto era um clamor,  
Quando um navio chegava  
com os negros engaiolados  
e outros acorrentados  
assim, o tráfico aumentava.

E no Rio de Janeiro  
o tráfico grande era lá,  
da mesma forma, em Santos,  
também em Paranaguá.  
Havendo porto e cidade  
em qualquer localidade,

chegava a pirataria  
com negros para vender,  
assim tinha que crescer  
a escravidão dia a dia.

Neste tempo, não havia  
mão de obra de operário,  
nem no trabalho do campo  
existia maquinário.  
Litoral, mata e sertões,  
eram de ricos barões,  
capitães e coronéis,  
todos patentes compradas,  
escravaturas montadas  
com capatazes cruéis.

Assim cada fazendeiro,  
se tornava um capitão  
ou um rico coronel,  
chefe daquele torrão,  
tangendo a agricultura  
com produção e fatura.  
Dois, três engenhos moendo  
com os negros trabalhando,  
chegando escravo e comprando  
e depressa enriquecendo.

Na cultura do café,  
da cana e do algodão,  
começava um fazendeiro,  
mais tarde era um capitão.  
Com o suor dos escravos  
que os capatazes bravos  
davam tarefas marcadas

que cada escravo sofria  
pra tirar uma por dia  
debaixo das chicotadas.

Trabalhava negro e negra,  
enriquecendo os senhores,  
nas ordens dos capatazes,  
sofrendo todos rigores,  
sem gozarem feriados  
nem dias santificados,  
naquele viver tirano.  
A negra era traquejada  
para ser engravidada  
e produzir todo ano.

Quando crescia o reinado  
do grande “Pedro Segundo”  
ele conheceu o erro  
do tal cativo imundo,  
por ser ele um rei humano  
vendo o trato desumano  
que cada escravo sofria,  
sentiu na alma os abalos,  
disse eu hei de libertá-los  
nem que perca a monarquia.

Era um rei estudioso,  
traçou assim quatro mapas,  
disse para libertar  
precisa de quatro etapas.  
É difícil as condições,  
tenho ministros barões,  
fazendeiros, coronéis,  
se falar em libertar

é mesmo que assanhar  
os piores cascavéis.

Lei Eusébio de Queiroz  
foi a primeira em seus planos.  
Esta proibia as compras  
de escravos africanos,  
buliu com ricos negreiros,  
piratas e fazendeiros,  
xingavam em praça pública  
para muita gente ouvir  
este rei há de cair  
e se montar a república.

Dom Pedro esperou até  
passar esta reação.  
Preparou a ventre livre  
coberto de emoção,  
porém pra se descartar  
disse eu vou viajar.  
Chamou a filha e deixou  
ela assumindo a regência  
e disse na minha ausência  
assine a lei que ficou.

Dom Pedro foi a Europa  
deixou tudo preparado.  
Visconde do Rio Branco,  
por Dom Pedro orientado,  
levou ao parlamento  
o projeto em movimento,  
teve sua aprovação  
e a princesa Isabel  
com pena, tinta e papel,  
assinou com sua mão.

A ventre-livre deixou  
o filho escravo liberto,  
quem nascesse estava livre,  
cada senhor ficou certo.  
Mordida com esta lei,  
com a princesa e o rei  
ficou toda burguesia.  
Dom Pedro de lá de fora  
pedia a nossa senhora  
vida para a monarquia.

Quando esfriou um pouquinho,  
Dom Pedro voltou de novo,  
porém ao chegar no Rio,  
viu a mudança do povo,  
isto é, do povo rico,  
Dom Pedro disse não fico  
Com medo de reação.  
Vamos a terceira luta  
e na quarta se executa  
o fim da libertação.

Entrou na terceira etapa,  
preparando a nova equipe.  
Como chefe, um seu amigo,  
o Barão de Cotegipe,  
projeto de altos planos,  
com sessenta e cinco anos  
cativo com esta idade,  
por ser sexagenário,  
publicaram no diário  
de todos a liberdade.

Marcou para quarta etapa  
do final da escravidão,

um movimento mais forte,  
já querendo abolição.  
Dom Pedro fez o estudo,  
quando planejaram tudo,  
ele disse estou doente  
falando assim para o povo,  
vou a Europa de novo  
deixo Isabel por regente.

Dona Isabel já gozava  
uma grande simpatia,  
além de tudo a herdeira  
pra seguir a Dinastia,  
atraiu neste domínio  
um José do Patrocínio,  
Rui Barbosa e Luiz Gama.  
Castro Alves, sem ter medo,  
ao lado de João Alfredo,  
tocaram a frente o programa.

Joaquim Nabuco também  
era abolicionista  
e apareceram muitos  
a fim da grande conquista,  
que era a abolição,  
moralizando a nação

que já se envergonhava,  
em ver os outros países,  
gozando dias felizes,  
só o Brasil não gozava.

No dia treze de maio,  
quando o projeto passou,  
em dezoito e oitenta e oito, “1888”  
Dona Isabel assinou,  
a lei áurea que deixava,  
o que o povo esperava,  
no meu país brasileiro,  
a liberdade nascia  
e todo povo dizia  
acabou-se o cativo.

Dom Pedro disse está bem,  
vou perder a monarquia  
e Isabel também vai  
perder nossa dinastia,  
porque o capitalismo,  
foi e é o grande abismo  
pra qualquer uma nação.  
Foi o que aconteceu  
para quem conhece e leu  
a luta da abolição.

---

### Mês de Junho.

Junho é o sexto mês  
do nosso ano civil,  
se registra no Brasil  
o mês de mais diversão,

de festa e de tradição,  
onde o povo é testemunho,  
no lugar de chamar junho  
se chama o mês de São João.

É junho o mês consagrado  
ao sagrado coração.  
De Jesus pai da nação,  
mês de festa e alegria  
e da grande simpatia  
do dia dos namorados  
de onde nasce os noivados,  
dia doze é o seu dia.

Dia treze é Santo Antônio  
nesta data festejado,  
porque quem é namorado  
se vale dele ligeiro.  
Promete reza e dinheiro  
e sempre é atendido,  
Santo Antônio é conhecido  
por santo casamenteiro.

Em junho se comemora  
dia do Meio ambiente  
e do santo padre vidente  
nosso José Anchieta.  
Focado pelo um planeta,  
querido por toda massa,  
dia dez, dia da raça,  
mistura de branca e preta.

Dia do correio aéreo  
em junho é comemorado  
o do químico registrado,  
data dezoito do mês.  
Imigrante japonês  
tem seu dia nesta lista,  
também a telefonista  
tem seu dia e sua vez.

Em junho tem três fogueiras,  
Santo Antônio e São João,  
com folclore e tradição,  
a outra, é de Pedro e Paulo.  
Paulo que antes foi Saulo,  
Simão que mudou pra Pedro,  
do céu chaveiro e paredro,  
o que eu sei “desenjaulo”.

Em junho se canta a música  
São João do carneirinho,  
tudo é amor e carinho  
na festa de João Batista.  
Sanfoneiro e repentista  
na noite de vinte e três,  
cada um tem sua vez  
no papel de folclorista.

São João dá grande festa,  
São Pedro quer abafar,  
porque em cada lugar,  
há um São Pedro da roça  
é uma tradição nossa  
um casamento matuto,  
casando João Canuto  
com Ana da Perna Grossa.

Finda a noite de São Pedro,  
Grande festa em todo mapa,  
São Pedro primeiro papa,  
São João foi precursor.  
Quem batizou o Senhor  
com a água do Jordão,  
foi o mesmo São João  
o primo do salvador.

Assim falei sobre junho,  
Desde da primeira etapa,  
No fim o dia do papa  
E do pescador também.

---

### **José de Anchieta.**

Nosso José de Anchieta  
em Tenerife nasceu,  
Uma Ilha das Canárias,  
ali foi o berço seu,  
estudou em Portugal,  
Coimbra o melhor lugar  
pra quem podia estudar  
era o ponto especial.

Naquela Universidade,  
isento de boemia,  
não pensava ser doutor  
escolheu a companhia  
de Jesus, foi estudar  
para ser um jesuíta,  
nela encontrou sua dita,  
embora noutro lugar.

Naquela Universidade  
a saúde lhe faltou.  
Teve que mudar de clima,  
sua ordem o liberou,  
ele vir para o Brasil  
com outros da companhia,  
desembarcou na Bahia  
ainda quase infantil.

Para quem conhece bem,  
findo o poema rimado  
um trabalho consagrado  
com tudo que junho tem.

Com seus dezenove anos,  
chegou ao nosso país.  
O clima lhe deu conforto,  
gostou e ficou feliz  
e na catequização,  
entrou a primeira vez  
ensinando Português  
ao povo do nosso chão.

O primeiro professor  
dos nativos da Bahia,  
em Português e Latim  
ao mesmo tempo aprendia  
a nossa língua Tupi,  
com toda calma e amor.  
Mais tarde foi professor  
Desta mesma língua ali.

O Padre Manoel da Nóbrega  
o mandou a São Vicente,  
depois a Piratininga,  
disse vá ligeiramente.  
Lá fizeram uma palhoça,  
depois Vila de São Paulo.  
Anchieta foi um saulo  
A bem desta terra nossa.

Deixou em Piratininga,  
o colégio no planalto.  
Lá começou dando aulas  
com o seu ensino alto.  
Catequizava, ensinava,  
o Latim, o Português,  
onde o índio tinha vez  
e colono melhorava.

Fundou a povoação  
com cento e trinta pessoas,  
ele com os jesuítas  
e suas ideias boas,  
atraíram muita gente,  
das selvas pra Santo André,  
com trabalho, ensino e fé,  
foi vila ligeiramente.

Até aí Anchieta,  
inda não era ordenado,  
com os jesuítas velhos  
estudava com cuidado,  
tendo como professor  
Manoel da Nóbrega, o regente,  
dele e de sua gente,  
o chefe, superior.

Voltou com trinta e dois anos  
pra seu estudo findar.  
Do Rio para a Bahia,  
terminou de se ordenar,  
um padre conceituado,  
foi José de Anchieta

com sua batina preta,  
em tudo era inspirado.

Daí pra frente Anchieta  
desbravou o litoral,  
de Olinda até São Paulo,  
conheceu tudo em geral.  
O índio lhe obedecia,  
a fera não lhe pegava,  
colono lhe respeitava  
degredado lhe temia.

Foi chefe provincial,  
dez anos e trabalhou,  
a bem do índio e do pobre,  
sua luta não parou,  
sabia catequizar,  
ensinar tudo direito,  
a fé, a lei, o respeito  
ler escrever e contar.

Foi catequista e poeta,  
gramático e escritor.  
Fez teatros nas aldeias  
dando instrução no setor,  
para nascer a cultura  
era alegre e inquieto,  
ensinou, criou projeto,  
sua missão era pura.

Profetizou sua morte,  
o ano, o mês e o dia,  
até a hora marcada

da data que falecia.  
Causou até um espanto  
quando isto aconteceu,  
marcou a hora e morreu,  
foi considerado santo.

No ano mil e quinhentos  
e trinta e quatro nasceu,  
e naquele mesmo século  
em noventa e sete morreu, “1597”  
sessenta e três de idade,  
foi toda sua existência,  
trabalho, fé, competência,  
luta e realidade.

E dos sessenta e três anos  
se conta quarenta e quatro  
de trabalho no Brasil.  
Missão de mestre e teatro  
em Tenerife nasceu,  
chegou ao nosso Brasil

com uma forma viril,  
aqui amou e viveu.

Gostava tanto dos índios  
que já perto de morrer  
procurou uma aldeia  
e foi na mesma viver.  
Com os Índios seu esporte,  
disse ninguém me proíba,  
assim foi pra Reritiba  
ficou lá até a morte.

Faleceu em Reritiba,  
se sepultou em Vitória.  
Por apóstolo do Brasil  
O nome foi pra História,  
hoje beatificado,  
por João Paulo Segundo,  
Anchieta para o mundo  
tem seu nome consagrado.

---

### **Dia dos namorados.**

O dia dos namorados  
na data doze de junho,  
cheio de amor e carinho,  
o tema dar testemunho.  
Amor vem da simpatia,  
nasce no primeiro dia  
que um do outro se agrada,  
começa com um sorriso,

o olhar dando um aviso  
ou dele ou da namorada.

Depois de simpatizar,  
simpatizando ele e ela,  
ela pega gostar dele,  
ele pega gostar dela,  
assim vão se namorando

e o amor aumentando.  
Sendo amor por simpatia  
é doce bom e gostoso,  
também é muito custoso  
aparecer covardia.

Coisa boa é namorar,  
todos dois querendo bem,  
é como diz o ditado  
amor vai e amor vem,  
ele adora e ela ama,  
ele olha e ela chama,  
ele chega e ela abraça,  
depois que abraça 'bêja"  
aí começa a peleja  
que o beijo prende e laça.

Todo namoro inicia  
dum sorriso ou dum abraço,  
não há amor sem namoro  
para não haver fracasso  
namora o primeiro dia,  
fazendo que não queria,  
tanto ele, como ela,  
porém ela está querendo  
ele por dentro, dizendo,  
meu coração já é dela.

A moça ganha um presente  
no dia dos namorados,  
compra outro e dá a ele,  
no fim termina trocados,  
ele comprou um e deu,

dela, o dele recebeu.  
Todos dois deram presentes,  
e naquele resto de dia  
por ser data de alegria  
há trocas de beijos quentes.

Pra quem namora é o dia  
mais feliz da nossa vida.  
O dia dos namorados,  
data alegre e merecida  
para quem gosta de amar,  
chega o dia de noivar,  
pra isto foi reservado,  
a data ficou marcada  
para a moça namorada  
e o rapaz namorado.

É neste dia que nasce  
o sonho de um casal,  
porque sem haver namoro,  
não há amor conjugal,  
tem que namorar primeiro,  
que é dever do solteiro  
pra depois puder noivar.  
Quem noiva, fica mais perto  
de conhecer se dar certo  
um com o outro casar.

Namoro, amor, casamento,  
quase todo mundo quer,  
nem toda moça que casa  
sabe ser boa mulher,  
nem todo rapaz também

será esposo de bem,  
porque depois de casado,  
não dando certo não presta,

é melhor ficar na festa  
do dia dos namorados.

---

### **Dia dos Pais.**

O primeiro pai do mundo  
foi o nosso pai Adão  
e por pai da descendência  
o nosso pai Abraão.  
Isaque, Jacó, José,  
cada um foi pai de fé.  
Salomão amou demais  
de ser pai tinha este gosto  
e para o mês de agosto  
deixou o dia dos pais.

Cada segundo Domingo  
de agosto é festejado,  
o grande dia dos pais  
nesta data propagado  
por rádio e televisão,  
jornais de toda nação  
endeusando os pais com fé.  
Neste tema eu sou ativo,  
São José pai adotivo  
De Jesus de Nazaré.

Ser pai é saber criar  
Como São José criou.  
Jesus filho de Maria  
como pai ele salvou,  
de Herodes não matar

o menino no lugar,  
aonde havia nascido,  
o velho forte e perito,  
foi de Belém ao Egito  
salvando ao filho querido.

Cada pai tem o dever  
criar bem e educar,  
cada filho com carinho,  
também saber perdoar.  
Sem barulho e sem questão  
de todo seu coração,  
amar seu filho querido,  
no exemplo que ficou,  
como São José criou  
o Messias prometido.

O homem pra ser bom pai  
precisa ser bom esposo,  
se não for bom pra esposa  
o filho fica nervoso.  
Para ser um pai querido  
terá que ser bom marido,  
pra ser querido dos filhos  
haver amor em geral  
em todo seu pessoal  
tudo certo, nos seus trilhos.

Quando chega o mês de Agosto  
o bom pai fica contente,  
sabe que de cada filho  
vai receber um presente.  
O filho tem o prazer  
de com gosto oferecer,  
seu presente em boa trilha.  
O pai emocionado  
recebe maravilhado,  
presente de filho e filha.

O pai é o responsável  
por todos filhos que tem,  
desde da hora que nasce,  
o bom pai se sente bem,  
dentro da realidade

a responsabilidade  
de ser pai ter aumentado,  
pra zelar, esposa e filhos  
livrando dos impecilhos  
e não fazer nada errado.

Viva o pai brasileiro  
e todos os pais do mundo.  
De Adão até agora,  
no seu dia tão profundo,  
eu mando esta mensagem,  
a cada pai, com vantagem,  
meu lindo poema vai,  
com todas credenciais,  
parabéns a todos pais  
no grande dia do pai.

---

### **Dia do Estudante.**

O dia do estudante  
é a onze de agosto,  
o estudante disposto  
se chama de esforçado.  
Existe o inteligente,  
e o que não dá valor,  
estuda como um favor,  
do pai, fazendo um mandado.

O estudante é aquele,  
que estuda com amor,  
ao estudo dá valor  
e muito gosto aos pais,

ainda que seja rude  
batalha até se formar,  
passou no vestibular.  
O resto pra frente faz.

Estudante negligente  
que estuda sem ter gosto,  
o seu pai sente desgosto,  
sua mãe se traumatiza.  
Ele é desinteressado,  
o pai gasta, ele não passa,  
fica brincando na praça,  
não estuda o que precisa.

Sendo estudante bom,  
deixa o pai satisfeito  
e vai estudar direito  
ou um grau superior,  
de médico ou engenheiro.  
Ele é quem escolhe a regra,  
qual o pai que não se alegra,  
vendo seu filho doutor.

Estudante na política,  
pensa em liberdade e pão,  
a bem de sua nação,  
diz a verdade aos doutores.  
Desagrada os poderosos  
que acham ser uma ofensa,  
em lugar de darem crença  
chamam de agitadores.

O estudante vê tudo,  
quem fala a verdade peca.  
Rui Barbosa e Frei Caneca,  
também sofreram pressões.

---

### **Folclore.**

Folclore tem o seu dia,  
a vinte e dois de Agosto,  
sua estrela e poesia  
e seu trabalho é composto,  
com coisas de tradições,  
lendas, costumes, canções,  
que ninguém pode esquecer.

O estudante não teme,  
governo que está errado,  
quando erra é apontado,  
nem que vá para as prisões.

O estudante é a força  
dentro de uma nação  
porque não teme pressão  
venha de onde vier,  
eles saem em passeata,  
tudo na garra e na raça,  
faz ato público na praça  
e dê depois no que der.

É da classe estudantil  
que saem os grandes doutores,  
bacharéis e promotores  
e os políticos brilhantes,  
os médicos e engenheiros  
e todas as formaturas,  
letras e literaturas,  
vem tudo dos estudantes.

Marcaram épocas passadas  
que deverão ser lembradas  
para o folclore viver.

São as canções populares,  
As crenças e as mesinhas,  
Que nossos familiares,

Adotaram nessas linhas.  
De todo nosso Nordeste,  
se chamar cabra da peste  
e cantar mulher rendeira,  
cirandinha, xote e moda,  
dançando coco de roda  
no terreiro a noite inteira.

O coco do Piauí  
e o xote da mulatinha,  
o doce de Buriti,  
o cântico da ladainha.  
A velha fazenda renda,  
vaqueijada na fazenda,  
encontro com caipora,  
caçada misteriosa,  
vinho do porto e gasosa,  
mostrei o Folclore agora.

O cantador na viola,  
cantando sua sextilha,  
a petecada de bola,  
um São João na quadrilha,  
a festa das pastorinhas  
e as casas de farinhas,  
quando se puxava a mão,  
no seu tempo primitivo  
é este o Folclore vivo,  
cultura desta nação.

O Folclore é registrado  
na festa de São João.  
Dia de “Reis” no reisado,  
São Cosme e São Damião,

São Benedito e “Santana”  
São Pedro, festa bacana,  
São Roque e Santa Luzia,  
São Gonçalo e Santo Antônio,  
São José, o patrimônio,  
Quando o Folclore nascia.

Folclore também cresceu  
com a festa do Rosário,  
sobre São Bartolomeu  
é o maior comentário.  
Festa de São Sebastião,  
nunca perde a tradição,  
onde ele é padroeiro.  
A lapinha de natal,  
quer ver Folclore legal,  
é a festa do Piquizeiro.

A crença de oxalá,  
batuque feito a zabumba,  
o Xangô, Iemanjá,  
o despacho e a macumba,  
o candomblé e umbanda,  
é centro de propaganda,  
os trabalhos de terreiros.  
Pretas velhas rezadeiras,  
foram as crenças primeiras  
para muitos brasileiros.

Folclore é uma palavra,  
que vem da origem inglesa,  
o poeta tem de lavra,  
por trabalhar, nesta empresa,  
um canta uma gemedeira,

outro folheto na feira,  
trabalho do romancelheiro,  
do cordel que se arquiva,  
Folclore cultura viva  
do Nordeste brasileiro.

Tem lenda que me inspira,  
Como o saci-pererê.

---

### **Dia do soldado.**

Viva o dia do soldado,  
vinte e cinco de agosto,  
glória de um militar,  
que foi honrado e disposto,  
o afamado Caxias,  
que em seus famosos dias  
tornou-se forte guerreiro.  
Ganhou medalhas do trono  
e o título de patrono  
do exército brasileiro.

Nasceu em Porto da Estrela,  
capitania do Rio,  
nosso famoso Caxias,  
que tornou-se um desafio  
na vida de militar.  
Foi uma mão exemplar,  
nunca lutou pra perder,  
por nossa pátria querida,  
deu tudo de sua vida  
para o Brasil defender.

Urutaú curupira.  
Mãe-d'água e cateretê.  
Chegança e acarajé.  
Com a lenda de sumé.  
O melhor pude informar,  
Leia o poema e decore,  
Porque este é o folclore,  
Que devemos preservar.

Começou sua bravura  
na guerra da independência,  
contra o General Madeira,  
Caxias fez resistência,  
No litoral da Bahia,  
brigando de dia a dia,  
fez a tropa portuguesa  
deixar nosso litoral,  
partindo pra Portugal  
com a maior ligeireza.

Caxias lutou também  
na guerra da Cisplatina,  
contra um poder uruguaio  
e toda força Argentina,  
nesta ele triunfou,  
entrou na guerra e ganhou.  
Chegou outra agitação,  
contra Dom Pedro Primeiro,  
lá no Rio de Janeiro,  
forma de revolução.

Dom Pedro abdicou,  
findou-se a revolução.  
Chega a Guerra dos Farrapos,  
Caxias de prontidão,  
defendeu em boa trilha,  
triunfou na Farrroupilha,  
no Maranhão foi lutar,  
ganhou a da Balaiada,  
depois da guerra ganhada,  
foi Barão, o militar.

Lutou contra um movimento  
do partido liberal,  
que criou-se em Sorocaba,  
ele deu ponto final,  
voltou a Minas Gerais,  
lutou, ganhou, fez a paz  
de uma rebelião.  
Os Farrapos novamente  
criaram nova corrente,  
voltando a guerra em ação.

Ao Rio Grande do Sul  
por Dom Pedro foi chamado,  
tomou conta da província,  
como um presidente honrado,  
lutou até acabar  
a guerra e pacificar.  
Depois de grandes batalhas,  
os Farrapos derrotados,  
o Rei com os resultados  
o deu, bonitas medalhas.

Com esta grande vitória  
se elegeu ao senado  
do Rio Grande do Sul,  
Caxias todo folgado,  
Rebentaram duas guerras  
De duas vizinhas terras,  
Uruguai e Argentina.  
Contra o país brasileiro,  
Caxias como guerreiro,  
voltou a velha rotina.

Com Rosas da Argentina  
e Oribe do Uruguai,  
os dois contra o Brasil,  
de novo Caxias vai.  
Dom Pedro disse Caxias  
o dou todas garantias,  
defenda a pátria de novo.  
Oribe se entregou,  
sozinho Rosas ficou,  
mas perdeu pra nosso povo.

Caxias junto a Urquiza,  
fizeram Rosas perder,  
voltando a paz para todos,  
o Rei sentia o prazer,  
chegou outra grande guerra,  
contra o Brasil nossa terra,  
a guerra do Paraguai.  
Francisco Solano Lopes,  
subiu aos altos topes,  
onde o Brasil quase cai.

Caxias volta de novo,  
ao comando da guerra,  
porém com Solano Lopes,  
ele viu a nossa terra,  
dentro de grande perigo,  
vendo que o inimigo,  
em tudo, era perigoso.  
Honrando suas medalhas,  
depois de grandes batalhas,  
terminou vitorioso.

No fim desta grande guerra,  
ele doente e cansado,  
deixou a mesma depois,  
de ver quase o resultado.  
Solano Lopes vencido,

---

### **Dia da Pátria.**

O nosso dia da pátria  
é a sete de setembro,  
o sonho de Tiradentes,  
que da luta foi um membro,  
queria a independência,  
mas encontrou resistência.  
Morreu pela liberdade,  
deste país brasileiro,  
depois Dom Pedro Primeiro  
fez do povão a vontade.

Quando o Brasil pertencia  
as cortes de Portugal,

Caxias muito abatido,  
voltou ao Rio de Janeiro.  
Da guerra ouvindo o batuque,  
ganhou o título de Duque  
e defensor brasileiro.

É esta a biografia  
do soldado brasileiro,  
que começou sua luta,  
junto com “Pedro Primeiro”.  
Findou com “Pedro Segundo”,  
com um trabalho profundo,  
quando ocupava o senado,  
disse pra todos jornais,  
não fui, nem quero ser mais,  
do que um fiel soldado.

debaixo deste domínio,  
sofria seu pessoal  
Portugal criando fama,  
inventou até derrama,  
obrigando a se pagar,  
imposto a peso de ouro,  
da gente tirando o couro  
pra Portugal enricar.

Surgiram alguns patriotas  
pensando em independência.  
O Brasil como colônia  
vivia de emergência,

debaixo de um cativo,  
sede no Rio de Janeiro,  
piorando cada ano.  
Nosso povo empobrecendo  
e cada ano crescendo  
o tesouro lusitano.

A luta de Tiradentes  
era para libertar,  
o Brasil de Portugal,  
porém não pôde alcançar,  
o que tinha planejado,  
porque morreu enforcado,  
puro, forte e consciente.  
Pelo plano que propôs,  
com trinta anos depois,  
foi a pátria independente.

Morreu ficou pelo mártir,  
da nossa independência,  
deixou um caminho aberto,  
para a nova descendência.  
Outros novos patriotas,  
revoltados com as cotas,  
que Portugal nos cobrava,  
todo ano de imposto,  
isto crescia o desgosto,  
todo mundo reclamava.

Assim se organizou,  
outra corrente em estudo,  
tendo José Bonifácio,  
como cabeça de tudo,  
sendo Dom Pedro o regente,

já amigo desta gente,  
que há muitos anos sofria.  
Sendo bem orientado,  
resolveu ficar ao lado,  
de quem tanto lhe pedia.

Ouvindo o povo do Rio,  
foi para Minas Gerais,  
onde Dom Pedro passava,  
ia deixando os sinais,  
que queria independência,  
todo povo com prudência,  
mostrava os lados carentes,  
de liberdade e mudança,  
aquela velha esperança,  
do saudoso Tiradentes.

De Minas, foi a São Paulo,  
em defesa da nação,  
olhar se o Porto de Santos,  
tinha mesmo condição,  
de ser uma fortaleza.  
A bem da nossa defesa,  
à tarde, quando voltava,  
com os seus caravaneiros,  
encontraram dois carteiros,  
coisa, que não esperava.

E entregaram três cartas,  
no meio daquela estrada,  
assim que Dom Pedro leu,  
puxou pela sua espada,  
e bradou num eco forte,  
ou independência ou morte.

Fica o Brasil desligado,  
das cortes de Portugal,  
morro por meu pessoal,  
como um patriota honrado.

Na tarde do dia sete,  
de setembro aconteceu,  
nas margens do Ipiranga,

a liberdade nasceu.  
Todo povo estava atento,  
pra vê o desligamento,  
do Brasil, de Portugal.  
Nova esperança nascia,  
viva o Brasil, e o dia,  
da pátria nacional.

---

### **Dia da Criança.**

Viva o dia da criança,  
que é doze de outubro,  
e o dia das Américas,  
na mesma data “descubro”  
o dia da padroeira,  
desta terra brasileira,  
a senhora Aparecida.  
Também é dia do mar,  
porém eu quero falar,  
é na criança sofrida.

“Inda” é dia do Agrônomo,  
porém eu deixo de lado,  
para falar na criança,  
no seu dia tão falado.  
Todo mundo quer fazer,  
uma festinha e dizer,  
viva nossa criança,  
na escola aonde estuda,  
só não aparece ajuda,  
pra criança abandonada.

A filha do pobrezinho,  
vive triste no mucambo,  
periferia ou favela,  
de roupa usa um molambo  
e o pobre garotinho,  
de pé no chão, coitadinho,  
com fome sem condições.  
Sem nunca ir a escola,  
termina na corriola,  
dos trombadinhas, ladrões.

A rica tem o conforto,  
a pobre, tem o tormento,  
a rica tem regalia,  
a pobre falta alimento.  
A rica, ganha brinquedo,  
a pobre, chupando o dedo,  
a rica é filha de nobre  
e sempre, mora nas ruas,  
mostrei a vida das duas,  
da filha rica e da pobre.

Se o Brasil entendesse,  
esta mensagem rimada,  
talvez começasse a ver,  
a criança abandonada.  
Sem formações, nem carinhos,  
coitada, tem dois caminhos,  
pedir esmola, ou roubar,  
se pedir é censurada,  
se roubar é torturada,  
como pode, se criar.

Tanto marginal mirim,  
na nossa atualidade,  
as culpas, cai nos parentes,  
também na sociedade,  
vendo meninas perdidas,  
mocinhas prostituídas,  
nos grupos dos marginais.  
Na miséria, sem prazeres,  
a culpa está nos poderes  
e a outra parte, nos pais.

Tanto dinheiro sobrando,  
gasto sem necessidade,  
na política brasileira,  
desde da antiguidade.  
Começou na monarquia,

passou pra democracia,  
nesta república plantada,  
ditadura que passou,  
porém, pouca gente olhou,  
a criança abandonada.

As estradas foram feitas,  
educação melhorou,  
a medicina cresceu,  
saúde, se organizou,  
o esporte está de cima,  
quem se aposenta, se anima.  
Há uma coisa esquecida,  
a marginalização,  
das crianças, da nação,  
precisa ser combatida.

Porque a criança rica,  
já se sabe, tem de tudo,  
a média, nunca lhe falta,  
calçado, roupa e estudo.  
A pobre, está escapando,  
com os seus pais trabalhando,  
havendo perseverança,  
somente a abandonada,  
precisa de ser lembrada,  
no seu dia de criança.

---

### **Dia do professor.**

Dia quinze de outubro,  
é dia, do professor,  
mestre, da educação,

a quem trato, com amor.  
O pouco que aprendi,  
nos velhos livros que li,

devo, a quem me ensinou.  
Por conhecer, seus valores,  
a todos os professores,  
parabenizando estou.

O professor sendo bom,  
é considerado um pai,  
faz tudo por sua classe,  
quando uma prova cai,  
difícil de entender,  
ele pra favorecer,  
prorroga pra outro dia,  
e manda a turma estudar,  
pra ninguém se aperriar,  
e ir de mente sadia.

O primeiro professor,  
deste país, brasileiro,  
foi, José de Anchieta,  
nosso mestre pioneiro,  
pra ensinar, teve dote,  
mesmo, sendo sacerdote,  
ensinava com prazer.  
O português, o latim,  
um catequista sem fim,  
professor, até morrer.

Hoje o Brasil, está cheio,  
de bons lecionadores,  
temos boas professoras,  
como temos professores.  
O nosso ensino, subiu,  
cresceu, se evoluiu,  
vai bem, a educação,

em todos níveis terrestres,  
trabalhos dos grandes mestres,  
com os órgãos, da nação.

Brasília, tem um ministro,  
da educação, da gente,  
cada estado um secretário,  
controlando o ambiente,  
nas prefeituras também,  
em cada uma contém,  
um secretário atuando.  
Com recursos, nos setores,  
pagando aos professores,  
que vivem nos ensinando.

Coisa triste é política,  
dentro da educação.  
Pouco vale, ser cursado,  
o que vale, é pistolão,  
quem tem curso, está parado,  
quem não tem é empregado,  
basta político querer,  
é isto, o que mais estraga,  
quem não sabe, ocupa a vaga,  
é professor sem saber.

Os professores cursados,  
que tem suas formaturas,  
sendo da oposição,  
encontram barreiras duras,  
se não se acomodar,  
com quem vive a governar,  
tudo que pede é negado.  
Formatura não garante,

qualquer poder, atuante,  
manobra, com um formado.

Para o professor primário,  
preparei essa mensagem.  
Finalmente para todos,  
faço a minha homenagem,

desde a universidade,  
colégio e faculdade,  
ensino superior,  
de onde vem os doutores,  
parabéns aos professores,  
no dia do professor.

---

### **Dia dos finados.**

Na data dois de novembro,  
dia dos fiéis, defuntos,  
em recordar eu me lembro,  
que são demais os conjuntos,  
de parentes, visitando,  
as sepulturas rezando,  
ornamentando os jazigos,  
como uma obrigação,  
um dia de devoção,  
para os seus entes amigos.

Sempre em cada cemitério,  
três missas são celebradas,  
num ato tristonho e sério,  
com muitas velas queimadas  
e outras se acendendo,  
como quem estão dizendo,  
aqui, há entes queridos,  
destes, que estão chorando,  
com sentimento mostrando,  
semblantes entristecidos.

A mãe reza para o filho,  
que ali está sepultado,  
a filha no mesmo trilho,  
para seu pai estimado,  
reza e acende velas,  
as fotografias belas,  
para os túmulos são levadas,  
cópias, fiéis positivas,  
lembranças de quando vivas,  
nas fotos entronizadas.

Grinaldas, ramos e flores,  
feitas artificiais,  
capelas de várias cores,  
já com flores naturais,  
posta em cima das covas,  
como um exemplo de provas,  
de saudade e sentimentos.  
Para os que estão sepultados,  
todo dia de finados,  
se vê, estes movimentos.

De todos dias do ano  
é o mais movimentado,  
feriado em todo plano,  
sem outro encontro marcado,  
a não ser no campo santo.  
Não há ato, noutro canto,  
até as missas do dia,  
sempre são nos cemitérios,  
sufrágios e atos sérios,  
sem nada de alegria.

Cada cova plantadinha,  
verdinha como uma horta,  
catacumba, bem alvinha,  
de receber gente morta.  
São limpas, para este dia,  
não é nada de alegria,  
e sim um dever cristão,  
onde ninguém perde hora,  
passa o dia triste e ora,  
pelos que, ali estão.

---

### **O Dia dos bandeirantes.**

O dia dos bandeirantes,  
é quatorze de novembro,  
são heroísmos brilhantes,  
que no presente relembro.  
Um bandeirante enfrentar,  
as matas e dominar,  
tribos, serpentes e feras,

Cada cova, nome e cruz  
e rodeada de flores,  
em cada vela uma luz,  
de prova, aos pecadores,  
mostrando que todos vão,  
para este mesmo chão,  
de sepultar corpo humano.  
Se seu irmão, foi primeiro,  
você vai por derradeiro,  
neste, ou em qualquer ano.

Começa de madrugada,  
e vai às onze da noite,  
vela acesa e apagada,  
quando o vento dá açoite,  
rezando terço e rosário,  
o povo passa diário,  
por almas dos sepultados,  
Cada um dá assistência,  
com amor e indulgência,  
todo dia de finados.

com pequena expedição,  
talvez fosse uma ilusão,  
ou as loucuras das eras.

Era pensando em riqueza,  
enfrentar tal aventura,  
que triunfar na empresa.

Era caso pra loucura,  
penetrar de selva a dentro,  
sabendo que lá no centro,  
topava tribos selvagens,  
cheias de índios guerreiros,  
e, estes aventureiros,  
levariam desvantagens.

Os maiores bandeirantes,  
foram da terra paulista,  
que saíram triunfantes,  
naquela dura conquista,  
escravizando selvagens,  
a fim de tirar vantagens,  
como Raposo Tavares,  
que na luta triunfou,  
muitas terras, desbravou,  
aldeou muitos lugares.

Enfrentar chuvas e frios,  
febre, bexiga, sezão,  
geada a beira dos rios,  
terreno, sem condições,  
dum bandeirante passar.  
Rios largos, como um mar,  
Como o Prata e o Madeira,  
e o grande Rio Amazonas,  
conheceu aquelas Zonas,  
na viagem derradeira.

Manoel Preto também,  
outro bandeirante forte,  
morreu já perto de cem,  
fez da bandeira um esporte.

Como fez um Fernão Dias,  
nas matas grandes e frias,  
subindo serras e fraldas,  
para descobrir tesouro,  
atrás de prata e de ouro,  
diamante e esmeraldas,

Nunca existiu outra gente,  
forte como o bandeirante,  
além de tudo valente,  
com bravura de gigante.  
Levar a vida no mato,  
da forma de Borba Gato,  
e Bartolomeu Bueno,  
do jeito de Anhaguera,  
que nunca temeu a fera,  
nem índio no seu terreno.

Ainda merece estudo,  
pesquisado e cuidadoso,  
quem foi Antônio Bicudo  
e o Matias Cardoso,  
bandeirantes preparados,  
garimpeiros vinculados,  
às grandes minas de ouro.  
Antônio Prado e Garcia,  
sertanista de valia,  
nas minas, ganhou tesouro.

Para ter um ideal,  
os bandeirantes saíam,  
depois se acabava o sal,  
insofocáveis comiam,  
um ano, dois, até mais,

a busca dos minerais,  
trabalhos estravagantes.  
Na raça e na aventura,

nunca houve, outra bravura,  
igual a dos bandeirantes.

---

### **Dia da República.**

Nosso dia da república,  
festejado com respeito,  
todo quinze de novembro,  
ganha do povo, o conceito,  
quando é comemorado,  
com o exército formado.  
Honra da democracia,  
garantindo cada ano,  
o poder republicano,  
tomado da monarquia.

No final da monarquia,  
houve desentendimentos,  
ministros com militares,  
havendo alguns movimentos,  
ministros velhos do rei,  
por questão política ou lei,  
mexeram com militares.  
Falta de conselho e planos,  
com isto, os republicanos,  
ficaram mais populares.

Visconde de Ouro Preto,  
João, Alfredo, e outros mais,  
buliram com Deodoro,  
um dos grandes marechais,  
foi mesmo, que assanhar,

o cão para cutucar,  
com vara curta, de perto.  
O marechal ofendido,  
disse ministro bandido,  
a sua conta, eu acerto.

Quando chegou aos ouvidos,  
dos que pregavam república,  
este desentendimento,  
comentado em praça pública.  
Assim os republicanos,  
se armaram de mil planos,  
ao redor do marechal,  
dando a popularidade,  
pra ser, a autoridade,  
chefe, daquele ideal.

Os grandes republicanos,  
chamados conspiradores,  
foram Benjamin Constante,  
Rui Barbosa, um dos valores,  
Botelho de Magalhães.  
Quintino, era um dos fãs,  
junto de, Silva Jardim,  
Campo Sales, e Prudente,  
queriam, ver, mais na frente,  
a monarquia, ter fim.

Floriano agiu demais,  
fortificando a corrente,  
na casa de Deodoro,  
viviavam diariamente,  
ele, com os conjurados,  
com boatos inventados,  
fuxico crítica e enredo,  
mostravam ao marechal,  
notícia paga, em jornal,  
todos os dias bem cedo.

Diziam que o exército,  
la ficar reduzido,  
atendendo a Ouro Preto,  
que tinha feito o pedido,  
ao poder imperial,  
na guarda nacional,  
uma parte ia ficar,  
duas para outras zonas,  
e era no Amazonas,  
pra Ouro Preto mandar.

Deodoro ia ser preso,  
ao lado de Benjamim,  
e depois prendiam mais,  
que o plano, era dar fim,  
a propaganda imoral,  
contra a imperial,  
feita pelos conjurados,  
chamada republicana,  
antes do fim da semana,  
seriam trancafiados.

Este boato político,  
fez Deodoro engrossar,  
com um movimento armado,  
partiu para derrubar,  
o poder do ministério,  
o ato foi duro e sério,  
Ouro Preto foi detido,  
saíram em praça pública,  
dizendo, viva a república,  
e o exército querido.

Demitiram os ministros,  
do poder imperial,  
para um golpe militar,  
era este o ideal,  
tendo a frente Floriano,  
de Deodoro, era mano.  
Forte, disposto e honrado,  
sem precisar de brigar,  
soube tudo organizar,  
sem ter sangue derramado.

Na tarde do dia quinze,  
de novembro foi montado,  
o regime federal,  
por muita gente esperado,  
Em dezoito e oitenta e nove, “1889”  
que até hoje se promove,  
a república que adoro,  
e naquele mesmo dia,  
coube a primeira chefia,  
ao marechal Deodoro.

E os primeiros despachos,  
que Deodoro, assinou,  
a saída de Dom Pedro,  
do Brasil, se registrou,  
por gosto, ou constrangimento,  
assinou o banimento,  
da família, imperial.  
O rei quando recebeu,  
ao continente, europeu,  
partiu, com seu pessoal.

Chegando em Portugal,  
dona Teresa Cristina,  
com a dor da deposição,  
teve morte repentina.  
Com a morte da imperatriz,

Dom Pedro foi a Paris,  
para procurar exílio,  
chorando como criança,  
o presidente da França,  
lhe deu apoio e auxílio.

O Brasil continuou,  
no governo provisório,  
do marechal Deodoro,  
forte, disposto e notório.  
Houve a constituição,  
e ele na eleição,  
o presidente primeiro,  
aplaudido em praça pública,  
viva o dia da república,  
no meu país brasileiro.

---

### **Bandeira Nacional.**

Bandeira Brasil-império,  
foi chamado antigamente,  
depois num ato mais sério,  
mudou oficialmente,  
por ordem do marechal,  
bandeira nacional,  
da república brasileira.  
Deodoro quem mudou,  
um nome que segurou,  
até hoje nossa bandeira.

E foi idealizada,  
por nosso Teixeira Mendes,  
e por Décio desenhada,  
disse a ele, tu entendes,  
foi quem idealizou  
e desenhando eu estou,  
para ficar conhecida,  
bandeira republicana,  
sem nada, de lusitana,  
em nossa pátria querida.

A parte verde mostrando,  
as matas como se diz,  
o amarelo indicando,  
o ouro do meu país,  
as riquezas minerais,  
aquele losango traz,  
perto da esfera azul,  
a cor do céu mostra bem,  
e constelações também,  
como o cruzeiro, do Sul.

Na faixa branca se vê,  
ordem e progresso escrito,  
para se compreender  
que o trabalho é bonito.  
Além das constelações,  
estrelas nas posições,  
do círculo azul, tão legal,  
cada estrela, é um estado,  
e a outra, do outro lado,  
o Distrito Federal.

O auriverde pendão,  
tremula para mostrar,  
sírio e escorpião,  
somente para imitar,  
o céu do Rio de Janeiro,  
o escudo de um guerreiro,  
também se vê no seu pano.  
Símbolo de nação guerreira,  
não há pátria, sem bandeira,  
de civil ou soberano.

Na casa do presidente,  
a bandeira é hasteada,  
deve ser diariamente,  
em honra da pátria amada,  
se usa nos ministérios,  
no senado com critérios,  
na câmara dos deputados,  
no supremo tribunal,  
é um dever federal,  
dos velhos antepassados.

Deve estar nos tribunais,  
chamados, superiores,  
palácios estaduais,  
honrando os governadores,  
onde houver expediente,  
uma bandeira presente,  
em todas repartições,  
até mesmo em prefeituras,  
tremulando nas alturas,  
com seus bonitos pendões.

A bandeira é a grandeza,  
da pátria nacional,  
seu mastro mostra a beleza,  
da sua terra natal,  
no pano, a mata e o ouro,  
país de grande tesouro,  
é a terra brasileira,  
que inveja, ao mundo inteiro,  
viva o país brasileiro,  
com sua linda bandeira.

---

## Natal.

O Natal significa,  
o nascimento de Cristo,  
data pura, santa e rica,  
para quem entende disto,  
começa do advento,  
preparação, ornamento,  
até a data marcada,  
vinte e quatro, é o embalo,  
para a missa do galo,  
zero hora celebrada.

Cada igreja uma lapinha,  
mostrando a humanidade,  
uma linda criancinha,  
formando a santa trindade,  
José, Maria e Jesus.  
Hoje a lapinha tem luz,  
porém lá, era um foguinho,  
que São José, conservava,  
e assim iluminava,  
Maria e o seu filhinho.

Para falar a verdade,  
lá era uma estrebaria.  
O Natal da cristandade,  
que se celebra, hoje em dia,  
não tem sentido, o papel,  
que vejo um papai noel,  
mostrando afago e riqueza.  
Grande diferença tem,

do presépio de Belém,  
ambiente de pobreza.

Era um menino deitado,  
em uns paninhos no chão,  
e São José conformado,  
fazendo a arrumação,  
de Maria e o menino,  
santo rebento, divino,  
naquela gruta nascido.  
Nada de conforto havia,  
e dos natais de hoje em dia,  
não tem nada parecido.

Apenas de madrugada,  
alguns pastores chegaram,  
foram tomando chegada,  
e de perto observaram,  
que aquela pobrezinha,  
deu a luz a criancinha,  
ali naquele lugar,  
cercada de animais,  
admirados, demais,  
foram na rua avisar.

Correram até Belém,  
avisaram na cidade,  
a notícia correu bem,  
como uma novidade,  
algum mistério existia,

que naquele mesmo dia,  
depois do acontecido,  
Herodes foi sabedor,  
que nascera, o salvador,  
o Messias prometido.

Não vou seguir na História,  
porque o tema é Natal,  
data que vive em memória,  
neste globo universal.  
Só não é comemorada,  
da forma que foi passada,  
porque vejo diferente,  
fugindo a santa doutrina,  
hoje a festa natalina,  
é um comércio pra frente.

Todo comércio em geral,  
faz as suas promoções,

durante o mês de Natal,  
a fim de ganhar milhões.  
A igreja é esquecida,  
a missa pouco assistida,  
na noite do nascimento,  
na vigília falta gente,  
é pouco, o povo presente,  
para o santo sacramento.

Natal é pra se mudar,  
esta vida do pecado.  
A Deus se encomendar,  
pedir pra ser perdoado,  
fazer sua confissão,  
contrito, de coração,  
todo dezembro, anual,  
pense em Cristo e mude o Dom,  
faça o que Deus acha bom,  
seja feliz no Natal.

## ***Poesias violas e repentis: Coletânea de sextilhas***

Coletânea de sextilhas<sup>56</sup> colhidas puramente de improviso, que foram cantadas ao som da viola, pelo poeta e cantador Antônio Américo de Medeiros, em mais de quatro décadas que ele cantou de profissão ao som da viola.

O cantador Manoel Fabrício, nome de guerra Asa Branca, natural de “Fagundes - PB. Cantando com Antônio Américo em 1946, deixou a deixa:

Quem canta as aves comigo,  
aumenta o conhecimento

Antônio Américo, respondeu de improviso:

A garça todo momento  
é completa de beleza,  
alva limpa, e vaidosa,  
exibindo a boniteza,  
pescando a beira dos lagos,  
com seu porte de princesa<sup>57</sup>

O cantador Francisco Fabrício de Oliveira, nome de guerra Chico Pedra, natural de Jardim de Piranhas-RN, radicado em Mossoró, cantando com Antônio Américo, em 1948, deixou a deixa:

---

<sup>56</sup> Nessa terceira parte do livro *Poesias violas e repentis*, Antônio Américo apresenta e comenta uma coletânea de sextilhas que foram por ele recolhidas, conforme apresentado anteriormente.

<sup>57</sup> O texto do manuscrito apresenta pouca alteração, apenas não cita a data, que, segundo consta no livro, foi o ano de 1946. A introdução de apresentação da resposta à deixa encontra-se modificada: “Américo se inspirou e respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número sessenta e oito, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Até Lampião temeu,  
A morte de foice armada.

Antônio Américo deu a resposta com este gracejo:

A morte é tão descarada,  
que mata uma donzela,  
alva, decente e risonha,  
nobre, educada e bela,  
e deixa uma negra falsa,  
arengueira, que só cadela.<sup>58</sup>

O cantador Severino Capote, nome de guerra Capotinho, natural de Campina Grande–PB, cantando com Antônio Américo em 1952, no município de São João do Sabugi, deixou a deixa:

Até um urubu rei,  
hoje a tarde eu vi aqui.

Antônio Américo deu a resposta:

Urubu é um gari,  
a limpeza é sua mira,  
só come se achar morto,  
nem ofende, e nem conspira,  
fecha o luto quando é novo,  
morre de velho e não tira.<sup>59</sup>

---

58 O texto do manuscrito apresenta pouca alteração, ele não cita a data, que, segundo consta no livro, foi o ano de 1948, e esclarece que o canto dos poetas era “assunto de morte”. A introdução de apresentação da resposta à deixa encontra-se mais resumida: “Antonio Américo respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número sessenta, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

59 No documento manuscrito, o poeta informa que o cantador Severino Capote tinha como nome de guerra “Capotinho” não na apresentação da sextilha, conforme consta no

O cantador Inocêncio Gato, natural de Pau dos Ferros–RN, cantando com Antônio Américo, deixou a deixa:

O sertão do meu passado,  
está muito diferente.

Antônio Américo, respondeu de improviso:

O sertão antigamente,  
tinha peba e verdadeiro,  
hoje está tudo acabado,  
até o tejo é vasqueiro,  
camaleão, peça a Deus,  
seu couro não dar dinheiro.<sup>60</sup>

O cantador Sérgio Alexandre, natural de Pau dos Ferros–RN, cantando com Antônio Américo em Icozinho–CE, deixou a deixa:

Jeová o pai dos pais,  
e autor da criação.

Antônio Américo, deu-lhe a resposta assim:

Jeová formou Adão,  
de um barrinho amassado,  
de uma costela dele,

---

texto do livro, mas na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro: “Américo respondeu para Capotinho, que era seu nome de guerra, e disse”. No início do quarto verso, a palavra “não” substitui o “nem” que inicia o verso no texto publicado. Esta sextilha corresponde à de número sessenta e seis, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

60 Esta sextilha corresponde à primeira apresentada no Manuscrito disponível no acervo digital da cordelteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Intitulado na ficha técnica inicial *O sertão do meu passado, está muito diferente*, o arquivo apresenta como conteúdo do documento um total de setenta estrofes de “sextilhas de cantoria”.

fez Eva, o seu anjo amado,  
dessa união dele, e dela,  
houve, o primeiro pecado.<sup>61</sup>

O cantador Manoel Calixto, natural de Augusto Severo–RN, radicado em Mossoró–RN, cantando com Antônio Américo na Rádio Tapuio de Mossoró, em 1957, deixou a deixa:

Para quem entende bem,  
poeta sonha acordado.

Antônio Américo respondeu bonito:

O repentista inspirado,  
sonha com a poesia,  
na vida de um pobrezinho,  
doente, na enfermaria,  
por mãe conhecendo a noite,  
por pai, conhecendo o dia.<sup>62</sup>

Manoel Calixto, de outra vez cantando com Antônio Américo, também na Rádio Tapuio de Mossoró, deixou a deixa:

O cantador que não cria,  
vive do mundo isolado.

---

61 Diferente do manuscrito, aqui, o poeta acrescenta como informação a localização de realização da cantoria: Icozinho – CE, e altera o texto de introdução da resposta, que, no documento, apresenta a seguinte redação: “Antonio Américo respondeu de improviso.” Cabe esclarecer que esta sextilha corresponde à de número dois, no referido manuscrito.

62 Aqui, o poeta acrescenta que a sextilha foi improvisada enquanto cantava com o colega na Rádio Tapuio de Mossoró – RN, em 1957, e também altera o texto de introdução da resposta, que, no documento, apresenta a seguinte redação: “Antonio Américo respondeu de improviso.” Acrescentemos que esta sextilha corresponde à de número três, no manuscrito.

Antônio Américo respondeu:

Eu vejo em verso criado,  
o globo terrestre inteiro,  
a partir do velho mundo,  
ao meu país brasileiro,  
sempre a justiça da terra,  
toda vida, foi dinheiro.<sup>63</sup>

O cantador Juvenal Evangelista e cordelista também é natural de Picuí–PB, cantando com Antônio Américo, em 1955, em São Bento, deixou a deixa:

Você tem que respeitar-me,  
porque sou um campeão.

Antônio Américo, respondeu no duro:

Dos filhos da profissão,  
deu Dimas, um personagem,  
Pinto velho, nosso mestre,  
e Josué, na coragem,  
Canção, para escrever bem  
e você na pabolagem.<sup>64</sup>

---

63 No texto do manuscrito, o poeta informa que a sextilha foi improvisada enquanto cantava com o colega também na Rádio Tapuio de Mossoró, em 1958, e também altera o texto de introdução da resposta, que, no documento, apresenta a seguinte redação: “Antonio Américo se inspirou e respondeu:”. Acrescentemos, ainda, que esta sextilha corresponde à de número quatro, no manuscrito.

64 O texto do manuscrito apresenta como alteração a informação de que o poeta Juvenal Evangelista era radicado no Pará e, na introdução de apresentação da resposta à deixa, também ocorre uma pequena alteração: “Américo respondeu bonito”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e cinco, no referido manuscrito.

O mesmo, Juvenal Evangelista dos Santos, cantando com Antônio Américo em 1955, deixou a deixa na cantoria. Tinha vários violeiros assistindo. Veja a deixa de Juvenal:

Saudade tem tanta coisa,  
Que ninguém canta a metade.

Antônio Américo respondeu:

Esta palavra saudade,  
só existe em Português,  
criada por Dom Duarte,  
eu sei do ano e do mês,  
tudo isto, são lições,  
que vão servir pra vocês.<sup>65</sup>

Juvenal Evangelista dos Santos, cantando com Antônio Américo, em 1956, deixou a deixa:

O vaqueiro é um herói,  
quando morre é esquecido.

Veja a resposta de Antônio Américo:

O vaqueiro destemido,  
não vê, o que vai fazendo,  
quem marca o canto é o boi,  
também não vai escolhendo,

---

<sup>65</sup> O texto do manuscrito apresenta como alteração a informação de que o encontro entre os poetas aconteceu diante de uma turma de redeiros, na cidade de São Bento. Na introdução de apresentação da resposta à deixa, também ocorre uma pequena alteração: “Américo manifestou-se e respondeu na vista de outros cantadores repentistas que estavam na cantoria, veja bem”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e seis, no referido manuscrito.

onde ninguém passa a pé,  
um vaqueiro, passa correndo.<sup>66</sup>

O cantador Pedro Rouxinol, natural de Itaporanga–PB, cantando com Antônio Américo, na cidade de Uirauna–PB, deixou a deixa:

Meu nome de cantador,  
sempre cresce e não definha.

Antonio Américo se inspirou e respondeu:

Dos choros de Pixinguinha,  
para o ébrio de Vicente,  
vou colocar, minha ideia,  
a palavra e o repente,  
diante dos bons artistas,  
eu também estou presente.

O cantador Justo Alves de Amorim, natural de Serra Talhada – PE, radicado em Mossoró, cantando com Antônio Américo, no Vale do Jaguaribe, Ceará, em 1956, deixou a deixa:

O vale do Jaguaribe  
se parece o Pantanal.

Antônio Américo, respondeu bonito, veja:

É belo o carnaubal,  
da terra jaguaribana,

---

<sup>66</sup> O texto do manuscrito apresenta como alteração a informação de que o encontro entre os poetas aconteceu no programa *Violas e repentes*, da Rádio Espinharas de Patos, e que o assunto era “de vaqueiro”. Na introdução de apresentação da resposta à deixa, também ocorre uma pequena alteração: “Américo deu a resposta bonita”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e sete, no referido manuscrito.

com os lindos cataventos,  
sete dias da semana,  
aguando os laranjais,  
capim-elefante e cana.<sup>67</sup>

Justo Alves de Amorim, cantando com Antônio Américo na Rádio Tapuio de Mossoró, deixou a deixa:

A sabedoria humana,  
tem muita coisa guardada.

Antônio Américo, respondeu. Veja a resposta:

Morre uma abelha afogada,  
quando boiando aparece,  
se tira e cobre de cinza,  
igual a força de prece,  
bate as asas e sai voando,  
quem nunca viu desconhece.<sup>68</sup>

O grande cantador que foi Ercílio Pinheiro, natural de Alexandria-RN, radicado em Taboleiro-CE. Era o maior cantador do Rio Grande do Norte, até quando faleceu em 1958. Cantando com Antônio Américo em 1957 deixou a deixa:

Diz a lenda que o macaco,  
já foi gente no passado.

---

<sup>67</sup> O texto do manuscrito não faz referência à data, 1956, e nem ao fato de que o cantador Justo Amorim era radicado em Mossoró. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo respondeu na hora”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e três, no referido manuscrito.

<sup>68</sup> Aqui, o texto do manuscrito apresenta mudança apenas em uma palavra do quarto verso: “força” (no manuscrito) e “forca” (no livro, um provável erro de digitação), e na introdução de apresentação da resposta à deixa: “Veja a resposta de Américo na hora”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e quatro, no referido manuscrito.

Antônio Américo respondeu:

O homem pra ser formado,  
passa anos no estudo,  
o macaco em cativeiro,  
em um ano aprende tudo,  
não fala, mas pôr aceno,  
conversa em forma de mudo.<sup>69</sup>

O cantador Antônio Mota, natural de Catolé do Rocha-PB, radicado em São Bento-PB, cantando com Antônio Américo num povoado de nome Santo Antônio, na casa de um professor, chamado Antônio, deixou a deixa:

Aqui tem tudo de bom,  
no nosso festim campônio.

Antônio Américo, respondeu bonito:

Aqui tem mais de um Antônio,  
cada qual, com seu valor,  
Santo Antônio padroeiro,  
desta terra e defensor,  
dois Antônio cantadores,  
um Antônio professor.<sup>70</sup>

---

<sup>69</sup> O texto do manuscrito não faz referência à data do encontro entre os poetas, 1957. Apresenta ainda algumas alterações na redação, entretanto não há acréscimos às informações repassadas. O terceiro e o quarto versos da sextilha apresentam alterações no texto: “um macaco em cativeiro / em um mês aprende tudo”. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo respondeu a Ercílio”. Esta sextilha corresponde à de número cinquenta e um, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

<sup>70</sup> O texto do manuscrito, aqui, acrescenta apenas que o encontro dos poetas foi em uma “festa de renovação de Santo Antonio” e que “o dono da casa era um professor que também se chamava Antonio, aí Mota deixou a deixa”. A introdução de apresentação da respos-

O grande cantador Josué Alves da Cruz, natural de Serraria–PB, radicado em Campina Grande–PB, cantando com Antônio Américo, em 1956 em São João do Sabugi–RN, Josué sentindo o peso da idade, reclamou, deixando a deixa, assim:

Cantador termina pobre,  
chorando o seu desegano.

Antônio Américo, que conhecia a História dos cantadores, respondeu:

O Josué de Romano,  
repentista e seu xará,  
foi cantar no Amazonas,  
no Acre e no Paraná,  
chegou comprou terra e gado,  
com o que ganhou pôr lá.<sup>71</sup>

Com esta sextilha de Antônio Américo, o famoso Josué da Cruz deu-lhe esta resposta. Veja o verso de Josué:

Você diz que o meu xará,  
com cantiga enriqueceu,  
fazenda de gado dele,  
cantador não conheceu,

---

ta à deixa também apresenta uma pequena alteração: “Américo respondeu na hora”. Esta sextilha corresponde à de número quarenta e dois, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

71 O texto do manuscrito não faz referência à localidade do encontro entre os poetas, São João do Sabugi – RN, e acrescenta que o poeta “já velho e cansado sem quase nada de saldo da profissão deixou a deixa”. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo respondeu para Josué falando em outro Josué, veja”. Esta sextilha corresponde à de número cinquenta e três, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

sei que da tuberculose,  
muito cedo faleceu.<sup>72</sup>

Este verso prova quem foi Josué da Cruz.

O cantador Júlio Veríssimo, nome de guerra, Patativa, era natural de Patos–PB. Foi fundador do programa Retalho do Sertão, da Rádio Borborema de Campina Grande. Em 1958 cantando com Antônio Américo, na Rádio Rural de Natal, deixou a deixa:

Quer ver o que é sofrer,  
Receba uma ingratidão.

Antônio Américo, respondeu para Patativa:

A maior contradição,  
é amar, sem ser amado,  
é querer, quem não lhe quer,  
é prezar, sem ser prezado,  
o fim de quem ama assim,  
é morrer abandonado.<sup>73</sup>

---

72 A apresentação da resposta à sextilha anterior, de número cinquenta e três no manuscrito, apresenta alterações na redação: “Josué Alves da Cruz que foi um cantador renomado e um dos maiores do seu tempo deu a resposta sobre o outro Josué de Romano veja...”. Após a sextilha, Américo acrescenta o seguinte comentário: “resposta de quem sabia. Josué da Cruz foi um dos grandes. Eu digo porque cantei com ele, assina Antonio Américo.” Esta sextilha corresponde à de número cinquenta e quatro, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

73 O texto do manuscrito informa que o cantador Júlio Veríssimo “foi radicado em Campina Grande quando cantava na Rádio Borborema”, que “foi para Natal cantar com Chico Traíra, na Rádio Rural” e, em um dos “programas da Rural”, surgiu a deixa dessa sextilha. O texto não cita o ano do programa que, segundo consta no livro, foi 1958. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo dentro do assunto disse”. Esta sextilha corresponde à de número cinquenta e cinco, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

O cantador Estrelinha, natural de Queimadas–PB, radicado em Campina Grande, cantando com Antônio Américo, em 1959 em Serra Redonda–PB, deixou a deixa:

Vamos decantar o mundo,  
do passado ao futuro.

Antônio Américo respondeu bonito:

Deus fez o mundo seguro,  
já vi, que trabalho caro,  
água, terra e firmamento,  
noite escura e dia claro,  
e nenhuma dessas peças,  
nunca precisou reparo.<sup>74</sup>

O cantador Jorge Viana, nome de guerra José Batista, natural de Patos–PB, fundador do programa, Violas e Repentes, de parceria com Antônio Américo. Em 1960, em um dos programas da Rádio Espinharas, deixou a deixa para Antônio, assim:

O cantador que não sonha,  
nunca descobre roteiros.

Antônio Américo respondeu:

Antônio Américo Medeiros,  
tudo quanto vê, anota,  
a ticaca, branca e preta,  
vive da mata pra grota,

---

74 O texto do manuscrito não faz referência à data, 1959, e nem à localidade do encontro entre os poetas, Serra Redonda – PB. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se apresenta um pouco diferente: “Américo se inspirou e respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número vinte e nove, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

leva sol, chuva e sereno  
e a sua cor não desbota.<sup>75</sup>

O cantador José Alves Sobrinho, natural de Picuí–PB, radicado em Campina Grande. Considerado por muitos que foi um dos maiores cantadores do seu tempo, cantando com Antônio Américo em Recife, em 1958, deixou a deixa:

Quem batalha com José,  
está com um leão de frente.

Antônio Américo, deu a resposta assim:

Nada vale ser valente,  
qualquer um ser se liquida,  
o leão é rei das selvas,  
fera valente e temida,  
basta uma cobra o morder,  
pra ele tombar sem vida.<sup>76</sup>

O famoso José Alves Sobrinho, cantando com Antônio Américo em João Pessoa, deixou a deixa:

---

75 O texto do manuscrito não apresenta alteração quando comparado ao texto do livro. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo respondeu bonito”. Esta sextilha corresponde à de número cinquenta, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

76 O texto do manuscrito acrescenta algumas informações ao texto do livro. Vejamos: o poeta afirma categoricamente que José Alves Sobrinho “foi um dos maiores cantadores de todos os tempos até 1959 quando deixou de cantar por motivo de ter desafiado a voz.” No referido texto, não consta a data do encontro entre os poetas, 1958. Aqui, consta apenas que o fato de que a deixa surgiu enquanto cantavam “uma vez em Recife”. A introdução de apresentação da resposta à deixa, também apresenta uma pequena alteração: “Américo se inspirou e respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número quarenta e três, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Se você é sertanejo,  
dê uma demonstração.

Antonio Américo, que criou-se no sertão, respondeu:

Quando alguém fala em sertão,  
me chega saudade um mês,  
das noites de farinhadas,  
um dia, dois, até seis,  
da brincadeira de anel,  
e do casamento francês.<sup>77</sup>

Em 1962, José Alves Sobrinho, já havia deixado de cantar de profissão, porém como tinha grande amizade com Antônio Américo, ainda veio fazer três cantorias, que Américo arranjou. Uma em Malta, outra em Pombal e a última em Condado. Na Última em Condado, deixou a deixa:

Não sei como me separe,  
de viola e cantoria.

Antônio Américo respondeu:

Quem cultiva a poesia,  
tendo consciência adora,  
porque é a luz da vida,  
que pra mim trouxe melhora,  
é meu lar de distração,  
minha roça e minha flora.<sup>78</sup>

<sup>77</sup> O texto do manuscrito esclarece que essa sextilha foi elaborada em outro encontro, ou seja “de outra vez cantando”, dessa vez em João Pessoa. A introdução de apresentação da resposta à deixa, também apresenta uma pequena alteração: “Américo que era filho do sertão respondeu para o grande cantador”. Esta sextilha corresponde à de número quarenta e quatro, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

<sup>78</sup> “O cantador José Alves Sobrinho, na última viagem que fez no sertão como cantador, veio tirar 4 cantorias com Antonio Américo uma em Patos, outra em Pombal, outra em

José Alves Sobrinho, que era aquele cantador talentoso e sentimental, respondeu para Antônio Américo, que tinha deixado a deixa, na rima de flora. Veja a resposta de José Alves:

Já contemplei uma aurora,  
que você não contemplou,  
pequenos dias felizes,  
o seu criado passou,  
tudo quanto eu merecia,  
com pouco tempo chegou.<sup>79</sup>

Com esta sextilha de José Alves Sobrinho, Antônio Américo parou a viola. Tinha um senhor de nome Raimundo Cordeiro, gravando a cantoria, ai Antônio Américo copiou da fita estas duas sextilhas. Cantoria organizada por Zuquinha da Farmácia, em Condado -PB, em 1962.

O cantador José Mota Pinheiro, natural de Boa Viagem—CE, radicado em Fortaleza, cantando um desafio com Antônio Américo em Fortaleza em 1959, deixou a deixa:

Cantador do Rio Grande,  
é cavalo da minha sela.

Veja a resposta de Antônio Américo:

Malta e a última em Condado – PB sentindo o fracasso da voz deixou a deixa”. É com esse texto que a sextilha de número quarenta e cinco, da sequência estabelecida no manuscrito, é apresentada pelo poeta Antônio Américo. Observemos que o número de cantorias está diferente do que é apresentado no texto do livro, possivelmente, um daqueles fenômenos que sempre encontramos no registro dos acontecimentos voltados para a cultura popular, fortemente ligada à oralidade e à memória daqueles que abraçam a tarefa de colocá-la em palavras escritas. A introdução de apresentação da resposta à deixa também apresenta uma pequena alteração: “Américo respondeu ao grande José Alves Sobrinho assim”.

<sup>79</sup> Aqui há poucas alterações no texto quando comparado ao manuscrito. Esta sextilha corresponde à de número quarenta e seis, no referido manuscrito.

Você hoje se dismantela,  
quando vier me selar,  
eu tomo a sela e lhe selo  
e depois que terminar,  
você vai ficar de quatro,  
para eu poder me montar.<sup>80</sup>

O cantador Apolônio Belo, natural de Viçosa–AL, cantando em Recife com Antônio Américo, em 1959, deixou a deixa:

Vamos cantar o sertão,  
com tudo quanto ele cria.

Antônio Américo, que era do sertão, respondeu:

O tétutéu é um vigia,  
ativamente cismado,  
que qualquer hora da noite,  
onde está é acordado,  
e numa árvore também,  
ninguém nunca viu trepado.<sup>81</sup>

O cantador Manoel Ferreirinha, natural de Queimadas–PB, cantando com Antônio Américo, no ano de 1955, na irrigação do Açude de Condado–PB, deixou a deixa:

---

80 O texto do manuscrito informa que a deixa surgiu “cantando um desafio de sextilha”, mas não cita a data que, segundo consta no livro, foi o ano de 1959. A introdução de apresentação da resposta à deixa se encontra diferente: “Américo deu a volta por cima e respondeu arrazando”. Esta sextilha corresponde à de número cinquenta e oito, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

81 O texto do manuscrito apresenta as seguintes alterações: não cita a data que, segundo consta no livro, foi o ano de 1959, e o quarto verso foi modificado para “só se encontra ele acordado”. A introdução de apresentação da resposta à deixa também foi modificada: “Américo lembrou o sertão e respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número sessenta e um, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Até os pássaros daqui,  
são fãs desta região.

Antônio Américo respondeu com esta grande sextilha. Coisa de quem sabe:

O Pica-pau do sertão,  
de beliscar vive rico,  
furando madeira dura,  
como aroeira e angico,  
morre de velho e nunca,  
precisa calçar seu bico.<sup>82</sup>

O cantador Severino Pinto, conhecido em todo Brasil, pôr Pinto do Monteiro, era natural de Monteiro–PB, um dos mais afamados cantador de todos os tempos. Cantando com Antônio Américo e José Batista na cidade de Patos, em 1960, deixou esta deixa para Antônio Américo, no assunto da viagem de Pinto ao Amazonas:

Já passei anos no Norte,  
conheci diversas zonas.

Veja a resposta de Antônio Américo:

É rico o Amazonas,  
de borracha, e de cacau,  
lá tem, Uirapuru,  
aqui tem o bacurau,  
gritando todas as tardes,  
no galho seco de um pau.

---

82 O texto do manuscrito não apresenta alteração quando comparado ao texto do livro. Apenas a introdução de apresentação da resposta à deixa se apresenta mais resumida: “Américo respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número sessenta e cinco, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

O cantador que foi Manoel Chudú Sobrinho, natural de Pilar–PB, radicado em Carpina–PE. Cantando com Antônio Américo, em João Pessoa, no ano de 1959, deixou a deixa:

Quando o homem se termina,  
deixa tudo em abandono.

Antônio Américo, respondeu ao grande Manoel Chudú:

Nossa vida é como um trono,  
pelo tempo limitada,  
quando ninguém não espera,  
a morte dá a foiçada,  
morre o homem a alma sobe,  
fica a matéria gelada.

O querido cantador que foi Manoel Chudú, cantando com Antônio Américo, na Rádio Espinharas, no Programa Violas e Repentes deixou a deixa.

Se sabe a vida dos santos,  
diga agora em cantoria.

Vamos ver o que Antônio Américo disse:

Jesus filho de Maria,  
Maria, filha de Ana,  
Ana, filha de Ananias,  
o avô da soberana,  
e bisavô de Jesus,  
salvador da raça humana.<sup>83</sup>

---

83 No documento manuscrito, o poeta afirma considerar o cantador Manoel Chudú “um gênio”. Acrescenta ainda que seu companheiro era natural de Pilar–PB e que, diferente do que está posto no livro, o encontro aconteceu na cidade de João Pessoa. Na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro, o texto também aparece com outra

O cantador Canhôtinho, natural de Taperoá–PB, radicado em Campina Grande, cantando com Antônio Américo em 1958 deixou a deixa:

O Beija-flor para mim,  
tem um mistério de amor.

Antônio Américo, respondeu para Canhôtinho, assim:

Sabemos que o beija-flor,  
é muito capacitoso,  
voa contra a gravidade,  
e colhe um mel saboroso,  
como que seja, um dos donos,  
do jardim, do poderoso.<sup>84</sup>

Em 1960, Canhôtinho cantava com Antônio Américo, no bar da Cruz, em João Pessoa, quando chegou na cantoria o grande repentista Lourival Batista. Canhôtinho no seu verso de saudação a Lourival deixou a deixa:

Lourival além de amigo,  
é meu grande repentista.

Antônio Américo, respondeu para Canhôtinho e Lourival:

Quando Lourival Batista,  
com trinta e seis de idade,  
cantava o mundo dos versos,

---

redação: “Américo fez bonito dizendo assim na resposta”. Esta sextilha corresponde à de número dezessete, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

84 No manuscrito, o acréscimo feito pelo poeta informa apenas que o encontro com o cantador aconteceu em João Pessoa. A introdução de apresentação da resposta à deixa também foi alterada: “Américo se inspirou com o beija-flor e respondeu na hora”. Esta sextilha corresponde à de número dezoito, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

com aquela facilidade,  
em todo canto que ia,  
cantar, era novidade.<sup>85</sup>

O nobre cantador João da Silveira, natural de Guarabira–PB, cantando com Antônio Américo na Rádio Tabajara de João Pessoa, em 1960, deixou a deixa, no assunto do mês de Maio:

É Maio o mês de Maria,  
que inspira aos trovadores.

Antônio Américo, respondeu para Silveira assim:

É Maio o mês das flores,  
em meu querido sertão,  
a campina se parece,  
o jardim da criação,  
as abelhas tem ciúme,  
das flores que cai no chão.<sup>86</sup>

O cantador José Soares do Nascimento, natural de Caruaru–PE, cantando com Antônio Américo, em Limoeiro–PE, deixou a deixa:

Se eu mexer no que li,  
você cai logo em fracasso.

---

85 O texto do manuscrito informa apenas que o encontro com o cantador aconteceu em João Pessoa não especificando o local, como acontece no livro. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra resumida: “Antonio Américo respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número dezanove, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

86 O texto do manuscrito não faz referência à data, 1960, e nem ao assunto, como acontece no livro. O primeiro verso da deixa sofre uma pequena modificação: “Maio é o mês de Maria”, e a introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco mais resumida: “Américo respondeu inspirado”. Esta sextilha corresponde à de número vinte, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Antônio Américo que ainda era cantador novo, respondeu ao velho mestre que foi José Soares de Caruaru:

Cada repente que faço,  
tem traço de um episódio,  
daqueles dias passados,  
de Valdivino e Custódio,  
época que o tempo da ira,  
passou pôr cima do ódio.<sup>87</sup>

*Esta sextilha  
foi copiada  
da fita de um gravador  
nesta cantoria de  
Américo e José  
Soares do Nascimento*

O cantador Alcides Tenório, natural de Afogados de Ingazeira -PE, cantando com Antônio Américo em Recife, em 1959, deixou a deixa:

Cantador do Rio Grande,  
não pode ser folclorista.

Antônio Américo deu-lhe a resposta se referindo ao grande cantador do Rio Grande do Norte que foi Ercílio Pinheiro. Veja o que disse Antônio Américo:

Apenas sou repentista,  
do solo riograndense,

---

87 O texto do manuscrito apresenta como alteração o fato de que o poeta considera José Soares do Nascimento um “grande e nobre cantador”, e a introdução de apresentação da resposta à deixa, que também apresenta alteração: “Américo ainda era um cantador novo, porém não se intimidou com o velho mestre e respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número quarenta, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

lá da terra, de Ercílio,  
que só o nome inda vence,  
cantador do Pajeú,  
sergipano e cearense.<sup>88</sup>

O cantador Clodomiro Paes, natural de São José do Egito–PE, cantando com Antônio Américo na Rádio Arapuã, de João Pessoa, por motivo de Américo ser filho da cidade de São João do Sabugi–RN, Clodomiro deixou a deixa:

Minha terra é São José,  
e a sua é São João.

Antônio Américo se inspirou com o sertão e respondeu:

Sertão meu velho sertão,  
que fui nascido e criado,  
tomando banho em açude,  
e correndo atrás de gado,  
comendo queijo e coalhada,  
melancia e milho assado.<sup>89</sup>

O cantador Vicente Grangeiro, natural de Mata Grande–AL, radicado em Fortaleza, cantando em 1958 em João Pessoa, no bairro da Torre,

---

88 O texto do manuscrito não faz referência à data, 1959, e nem ao fato de que o encontro entre os cantadores aconteceu em Recife. O documento acrescenta ainda que o poeta Alcides Tenório estava “sempre querendo” desafiar o seu companheiro de cantoria Antônio Américo. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo deu a resposta se referindo a Ercílio Pinheiro, o maior cantador do Rio Grande do Norte no seu tempo, respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número quarenta e um, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

89 O texto do manuscrito apresenta pouca alteração quando comparado ao texto do livro. Na introdução de apresentação da resposta à deixa também estão expressas pouca alterações: “Américo lembrou o sertão e respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número cinquenta e nove, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

com Antônio Américo, quando chegou um senhor conhecido por Alcântara. No elogio Grangeiro deixou a deixa:

Para pagar a nós dois,  
Alcântara, já vem chegando.

Antônio Américo, improvisou o que viu no momento:

Alcântara está nos pagando,  
por não gostar de massada,  
peço que não tire trôco,  
que troco, não vale nada,  
cantador é como padre,  
vive de soma doada.<sup>90</sup>

O cantador Francisco Evaristo é natural de Uiraúna–PB, radicado em João Pessoa, em 1960, deixou a deixa para Antônio Américo Praia de Tambaú. Veja:

A praia atrai o turista,  
e o povo interiorano.

Antônio Américo respondeu bonito:

Quem chega no oceano,  
e fica de Atalaia,  
olhando o gigante verde,  
com seu roupão de cambraia,

---

90 O texto do manuscrito não faz referência à data, 1958, e apresenta pequenas modificações na redação do texto, mas sem alteração nas informações. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco mais resumida: “Américo completou o elogio”. Esta sextilha corresponde à de número vinte e seis, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

e a água, batendo a chapa,  
do sol, na beira da praia.<sup>91</sup>

O cantador Sebastião José do Nascimento, natural de Pilar–PB, radicado em João Pessoa, cantando com Antônio Américo na Rádio Arapuã de João Pessoa, em 1960, deixou a deixa:

Se conhece a nossa vida,  
vamos cantar em repente.

Antônio Américo deu esta resposta:

A vida da nossa gente,  
conheço, desde a partida,  
todo dia, nasce e morre,  
já é coisa conhecida,  
a dinamite da morte,  
quebrando as pedras da vida.<sup>92</sup>

O cantador Antônio Moreno, natural de Taperoá–PB, cantando com Antônio Américo na Fazenda Ipueira dos Torres, Município de Malta, deixou a deixa. Esta cantoria foi em 1961.

É Junho o mês de balões,  
dos fogos e das rouqueiras.

---

91 Aqui, o texto do manuscrito também não faz referência à data, 1960, e, assim como na sextilha anterior, apresenta pequenas modificações na redação do texto, mas sem alteração nas informações. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco mais resumida: “Américo respondeu bonito”. Esta sextilha corresponde à de número vinte e sete, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

92 O texto do manuscrito não faz referência à data, 1960, e acrescenta que o poeta, além de cantador, era também cordelista. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo respondeu na hora”. Esta sextilha corresponde à de número vinte e oito, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Antônio Américo, deu a bonita resposta:

É Junho o mês das fogueiras,  
de São Pedro e São João,  
São João, precursor de Cristo,  
do deserto ao Jordão,  
São Pedro é o pescador,  
que se chamava Simão.<sup>93</sup>

O cantador Agostinho Lopes dos Santos, cantando com Antônio Américo, em Recife, em 1961, deixou a deixa:

Viola tem cinco letras,  
e cada qual me controla

Veja a resposta, de Antônio Américo:

Cinco letras tem viola,  
o V é de vibração,  
o I indica instrumento,  
Ó, origem do baião,  
o L louros, triunfos,  
o A, autorização.<sup>94</sup>

---

93 Aqui, não estão presentes os dados sobre o local do encontro entre os poetas, Fazenda Ipueira dos Torres, município de Malta, e a data, 1961, apresentados no texto do livro. A introdução de apresentação da resposta à deixa foi alterada para: “Antonio Américo se inspirou das fogueiras e disse cantando”. Esta sextilha corresponde à de número sessenta e três, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

94 No documento manuscrito, o poeta informa que seu companheiro era natural de São José do Egito–PE, radicado em Caruaru, e que, diferente do que está posto no livro, o encontro aconteceu na cidade de João Pessoa. Na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro, o texto também aparece com outra redação: “Américo respondeu valendo”. O último verso da deixa também foi alterado, a palavra “consola”, no manuscrito, é substituída, no livro, por “controla”. Esta sextilha corresponde à de número treze, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

O cantador Agostinho Lopes dos Santos, era natural de São José do Egito–PE, radicado em Caruaru–PE. Cantando em João Pessoa, deixou a deixa:

O cantador é um pássaro,  
que todos os dias canta.

Antônio Américo respondeu, inspirado:

Quem me dera a vida santa,  
que possui a araponga,  
além de cantar bonito,  
tem mais uma vida longa,  
come e vive na floresta,  
sem precisar pagar conga.<sup>95</sup>

O cantador e cordelista Severino Borges da Silva, natural de Timbaúba–PE, cantando com Antônio Américo em Itambé–PE, deixou a deixa:

Cinco garrafas de vinho,  
seis litros de aguardente.

Antônio Américo respondeu cantando de um a seis:

Um poeta inteligente,  
dois, anúncios de jornais,  
três, locutores falando,  
quatro, intelectuais,

---

<sup>95</sup> No documento, o poeta apenas informa que o encontro com o cantador Agostinho Lopes aconteceu na cidade de Recife, diferente do que está posto no texto aqui transcrito. Se considerarmos os dois documentos, é possível que, na preparação do material para a publicação do livro, os textos que antecedem as sextilhas treze e catorze, do manuscrito, tenham sido trocados ou revistos pelo poeta Antônio Américo. A introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro também aparece com outra redação: “Américo respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número catorze, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

cinco, quadras de lirismo,  
seis, versos sentimentais.<sup>96</sup>

Esta sextilha foi copiada da fita de um gravador, que gravava a cantoria.

O cantador Expedito Sobrinho, natural do Ceará, radicado em Cajazeiras, cantando com Antônio Américo, deixou a deixa:

Quem não confia em Jesus,  
é fraco que só Tomé.

Antônio Américo respondeu:

Coisa difícil é a fé,  
pra quem sabe analisar,  
Jesus andou sobre as águas,  
sem o seu pé afundar,  
eu nunca andei, e nem ando,  
porque minha fé não dar.<sup>97</sup>

O cantador Severino Alves, nome de guerra, Severino Severo, natural de Santa Terezinha–PB, radicado em Patos–PB, cantando com Antônio Américo, na cidade de Coremas–PB, em 1963, deixou a deixa:

Américo tirou cadeia,  
no estado do Ceará.

---

<sup>96</sup> O texto do manuscrito apenas acrescenta, na introdução de apresentação da resposta à deixa, que a sextilha foi recolhida de um gravador que gravava a cantoria. Esta sextilha corresponde à de número vinte e quatro, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

<sup>97</sup> Aqui, o texto do manuscrito informa que o encontro entre os poetas aconteceu na cidade de Caruaru. O primeiro verso da deixa sofre alterações: “Quem não tem fé em Jesus”. Na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro, o poeta acrescenta: “Américo respondeu inspirado”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e um, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Antônio Américo deu a resposta no duro:

Ao povo eu digo já,  
qual a sua profissão,  
vive de vender maconha,  
a tarado e a ladrão,  
aprendeu quando fez parte,  
duma gangue em Maranhão.<sup>98</sup>

O cantador Manoel Dionísio Filho, natural de Santa Terezinha -PB, nome de guerra Canelinha, radicado em Parelhas-RN e depois que parou de cantar foi morar em Minas Gerais. Cantando com Antônio Américo, em 1966, em Parelhas, deixou a deixa:

Amor palavra inspirada,  
na canção do trovador.

Antônio Américo respondeu de improviso:

Quatro letras tem amor,  
o A, indica amizade,  
o M, moral ardente,  
o Ó, oprime vaidade,  
o R, ramos da vida,  
da árvore da humanidade.<sup>99</sup>

---

98 No documento manuscrito, o poeta informa apenas que o cantador Severino Alves era natural de Patos- PB e que o encontro dos poetas aconteceu em Coremas, em um “desafio em sextilhas”, sem referência à data, como ocorre no livro. Na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro, o texto também aparece com outra redação: “Américo respondeu no duro”. Esta sextilha corresponde à de número vinte e cinco e à de número sessenta e nove (elas aparecem repetidas no documento e com uma pequena alteração no texto de introdução da resposta na estrofe sessenta e nove: “Américo respondeu no duro, veja o repente”), na sequência estabelecida no referido manuscrito.

99 Aqui, os acréscimos estão na referência ao local de nascimento do cantador, uma vez que, no manuscrito, consta que ele era “natural de Patos e radicado em Minas Gerais”.

O cantador José Barbosa, natural de Santa Luzia-PB, radicado em Recife. Cantando em Santa Luzia, quando elogiava um marchante de boi, de nome João Henrique, deixou a deixa para Antônio Américo, assim:

Confiando em João Henrique,  
bem cedo eu comprei fiado.

Antônio Américo respondeu:

João Henrique, matou gado,  
vendeu carne, osso e couro,  
mocotó, filé, miúdo,  
com isto, arranjou o ouro,  
não faz questão, repartir,  
com nós dois o seu tesouro.<sup>100</sup>

O cantador João Severo de Lima, natural de Patos-PB, cantando com Antônio Américo, em uma festa dedicada aos ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, deixou a deixa para Antônio Américo assim:

Em uma homenagem justa,  
para os ex-combatentes.

Veja a resposta de Antônio Américo. Coisa para quem sabe mesmo:

---

Observemos que os dados sofrem uma mudança significativa nas informações acerca do cantador, quando comparados os textos. Também são acrescentados dados sobre o local do encontro entre os poetas, Parelhas, e a data, 1966. A introdução de apresentação da resposta à deixa também foi alterada: “Antonio Américo se inspirou e rompeu”. Esta sextilha corresponde à de número oito, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

100No documento manuscrito, o poeta informa que o cantador José Barbosa era natural de Santa Luzia do Sabugi- PB e acrescenta que seu companheiro tinha como nome de guerra “Perua Prêta”. Na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro, o texto também aparece com outra redação: “Américo completou o elogio assim”. Esta sextilha corresponde à de número vinte e um, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Estes que estão presentes,  
são pessoas conhecidas,  
heróis da Segunda guerra,  
com outras nações unidas,  
derrotaram a Alemanha,  
arriscando as suas vidas.<sup>101</sup>

O cantador João Severo de Lima, cantando com Antônio Américo na noite folclórica da Festa Universitária de Patos, no Patos Tênis Clube, em 1969, deixou a deixa:

Cantar é um dom divino,  
que todo mundo não tem.

Antônio Américo disse o que é cantar bem:

Cantador pra cantar bem,  
três coisas, tem que fazer,  
primeiro tocar viola,  
segundo gostar de ler,  
terceiro, cantar com estilo,  
pra o povo, compreender.<sup>102</sup>

O cantador João Severo de Lima, cantando com Antônio Américo no programa *Violas e Repentes da Rádio Espinharas de Patos*, em 1970, deixou a deixa:

---

101 O texto do manuscrito acrescenta apenas que a festa em que aconteceu o encontro dos poetas foi em Patos. A introdução de apresentação da resposta à deixa também apresenta uma pequena alteração: “Américo inspirou-se e respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número quarenta e sete, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

102 O texto do manuscrito não faz referência à data, 1969, e nem ao local de realização da cantoria, “Patos Tênis Clube”. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e três, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

A natureza é tão bela,  
que nela, só há beleza.

Antônio Américo respondeu:

A palavra natureza,  
de oito letras composta,  
por ser bonita e poética,  
sempre o repentista gosta,  
cantador, não falar nela,  
eu faço até uma aposta.<sup>103</sup>

O cantador e cordelista Manoel Basílio de Lima, natural de Patos, radicado em Belo Jardim-PE, cantando com Antônio Américo em Cajazeirinhas-PB, deixou a deixa:

Aqui tem moça roendo,  
que só rato em batateira.

Antônio Américo respondeu:

A moça com roedeira,  
chora, teima e se intriga,  
fica desorientada,  
come pouco e perde amiga,  
pilhereia e fica fina,  
e por qualquer coisa briga.<sup>104</sup>

---

103 O texto do manuscrito não apresenta alteração quando comparado ao texto do livro. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo respondeu na hora”. Esta sextilha corresponde à de número quarenta e nove, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

104 O texto do manuscrito informa que a deixa dessa sextilha surgiu em uma cantoria pé de parede, mas não cita o local que, segundo consta no livro, foi a cidade de Cajazeirinhas-PB. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente:

O cantador Santino Luiz, natural de Santa Luzia–PB, cantando com Antônio Américo, deixou a deixa:

Toda questão de amor,  
tem uma finalidade.

Antônio Américo respondeu:

Por causa de amizade,  
o crente desobedece,  
o pai, despreza seus filhos,  
a esposa desconhece,  
rapaz, erra sem querer,  
moça pensada, endoidece.<sup>105</sup>

O cantador Raimundo Arruda Batista, nome de guerra, Arrudinha Batista, natural de Teixeira–PB, cantando com Antônio Américo, deixou a deixa:

Na caminhada do tempo,  
quem não tem cuidado vira.

Antônio Américo respondeu:

Nosso tempo dá e tira,  
por tudo que já compôs,  
basta vê, quem foi Garrincha,

---

“Américo respondeu bonito”. Esta sextilha corresponde à de número cinquenta e seis, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

105 O texto do manuscrito apresenta pouca alteração quando comparado ao texto do livro. Apenas esclarece que o cantador Santino Luiz era radicado em Campina Grande e que o canto dos poetas era “assunto de amor”. A introdução de apresentação da resposta à deixa se encontra mais resumida: “Américo respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número cinquenta e sete, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

até em sessenta e dois,  
o tempo fez dele um gênio,  
para liquidar depois.<sup>106</sup>

O cantador Felon Dantas, natural de São Mamede–PB, cantando com Antônio Américo, deixou a deixa:

A natureza é tão grande,  
que a quem não sabe, ensina.

Antônio Américo respondeu:

A natureza é divina,  
desde o tempo de Deus pai,  
que nos animais felídeos,  
uma coisa que não cai,  
a gata sai de três cores,  
porém o gato, não sai.<sup>107</sup>

O cantador Felon Dantas, cantando com Antônio Américo, no programa *Violas e Repentes* da Rádio Espinharas de Patos–PB, deixou a deixa:

O cantador inspirado,  
descobre tudo cantando.

---

106 O texto do manuscrito não apresenta alteração quando comparado ao texto do livro. A introdução de apresentação da resposta à deixa se encontra um pouco diferente: “Américo respondeu com uma das maiores sextilhas que ele fez de improviso em toda sua vida”. Esta sextilha corresponde à de número cinquenta e dois, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

107 No manuscrito, o poeta informa apenas que o encontro com o cantador Felon Dantas aconteceu no programa, *Violas e repentes* da Rádio espinharas de Patos. A introdução de apresentação da resposta à deixa também foi alterada: “Américo respondeu bonito”. Esta sextilha corresponde à de número dezesseis, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Antônio Américo respondeu:

Como quem está sonhando,  
vejo com meu ideal,  
um potó, tão pequenino,  
com o mijo, fazer mal,  
levar um homem, tão grande,  
a cama do hospital.<sup>108</sup>

O cantador Sebastião Basílio de Lima, natural de Patos–PB, radicado em Campina Grande, cantando com Antônio Américo, em Patos, deixou a deixa:

São os prazeres banais,  
do tempo da mocidade.

Antônio Américo respondeu:

Os boêmios da cidade,  
defloram as inocentes,  
só Jesus conhece as dores,  
destes pais impacientes,  
sabendo que as filhas foram,  
vítimas de negras serpentes.<sup>109</sup>

---

108 No manuscrito, o poeta informa apenas que seu companheiro era natural de São Mamede – PB e radicado em São Paulo. Na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro, o texto aparece com outra redação: “Américo respondeu inspirado”. Esta sextilha corresponde à de número quinze, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

109 O texto do manuscrito apresenta como alteração apenas a informação sobre o assunto dos versos: “Falando de boemia”. Na introdução de apresentação da resposta à deixa, também ocorre uma pequena alteração: “Américo respondeu no lado do sentimento da vida banal, disse”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e nove, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

O cantador Geraldo Amâncio Pereira, natural de Cedro–CE, cantando com Antônio Américo, deixou a deixa, criticando a toada:

Esta toada é do tempo,  
de Romano do Teixeira.

Antônio Américo, lhe deu esta grande resposta:

A toada é de primeira,  
se Romano gostou dela,  
Pirauá, Zé Duda e Pinto,  
todos três cantaram nela,  
só você vem me dizer,  
que a toada, não é bela.<sup>110</sup>

O cantador Pedro Bandeira, natural de São José de Piranhas -PB, radicado em Juazeiro do Norte–CE, cantando com Antônio Américo, em 1968, na Rádio Progresso de Juazeiro, deixou a deixa:

Quem canta sertão comigo,  
tem que ir, abrindo estrada.

Antônio Américo respondeu bonito:

Sertão terra acidentada,  
onde tem mandacarú,  
jandaíra e tataira,  
mosquito, enxui, enxú,  
jati, tubiba e rajada,

---

110 O texto do manuscrito acrescenta que o poeta Geraldo Amâncio era “um respeitado cantador” e que era radicado em Fortaleza. Na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro, o poeta acrescenta: “Américo se sentindo criticado respondeu dando a resposta”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e dois, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

sanharão e capuxú.<sup>111</sup>

O cantador Sebastião Dias, natural de Ouro Branco–RN, radicado em Tabira–PE, cantando com Antônio Américo, na casa de um senhor conhecido por Pedro Chico, deixou a deixa:

Nós vamos fazer a festa,  
melhor de todo sertão

Veja a resposta de Antônio Américo:

Eu vim com Sebastião,  
cantar para Pedro Chico,  
que Pedro, quer dizer pedra,  
e Chico, quer dizer tico,  
eu troco o T, pelo R,  
para deixar, Pedro rico.<sup>112</sup>

O cantador Manoel Francisco Neto, natural de Livramento–PB, radicado em Patos, onde fez parceria com Antônio Américo, no programa *Violas e Repentes da Rádio Espinharas de Patos* de 1964 até 1970. Cantando com Antônio Américo deixou a deixa:

A natureza também,  
castiga a humanidade.

---

111 Aqui, o texto do manuscrito também não faz referência à data, 1968, e, assim como em algumas sextilhas anteriores, apresenta pequenas modificações na redação do texto, mas sem alteração nas informações. A introdução de apresentação da resposta à deixa também apresenta diferença: “Veja a grande resposta do Américo”. Esta sextilha corresponde à de número trinta, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

112 O texto do manuscrito não apresenta alteração quando comparado ao texto do livro. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo deu a resposta assim”. Esta sextilha corresponde à de número sessenta e dois, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Antônio Américo respondeu:

Da força da tempestade,  
perigosos furacões,  
revolta dos oceanos,  
terremotos e vulcões,  
se encontra a natureza,  
sepultando as multidões.<sup>113</sup>

Manoel Francisco, cantando com Antônio Américo, em 1970, em Juazeirinho–PB, deixou a deixa:

Quando há seca no sertão,  
deixa a pobreza arrasada.

Antônio Américo deu a resposta assim:

Nasci na seca malvada,  
do triste ano de trinta,  
trinta e um e trinta e dois,  
foram secos, não desminta,  
trinta e três, escasso e fraco,  
no livro das secas pinta.<sup>114</sup>

---

113 Diferente do manuscrito, aqui o poeta esclarece que o cantador Manoel Francisco Neto, radicado em Patos, foi seu parceiro no programa *Violas e repentes*, da Rádio Espinharas de Patos, de 1964 até 1970, e altera o texto de introdução da resposta, que, no documento, apresenta a seguinte redação: “Américo completou o castigo. Veja”. Esclarecemos, ainda, que esta sextilha corresponde à de número nove, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

114 Aqui, os acréscimos estão na referência à data, 1970, uma vez que, no manuscrito, o poeta apenas informa que estava cantando com “cantador Manoel Francisco”; na referência ao local, Juazeirinho – PB, e na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro: “Antonio Américo sentiu na pele e respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número onze, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

O cantador Manoel Francisco Neto, cantando com Antônio Américo em Santa Luzia do Sabugi–PB, quando chegaram dois pradistas na cantoria, Quintino e Nego Aprígio. Antônio Américo que conhecia a História dos prados, entrou no assunto, aí Manoel Francisco, deixou a deixa:

Parece que meu colega,  
já foi piolho de prado.

Antônio Américo, que conhecia tudo, disse:

O Saia Velha afamado,  
de Junco do Seridó,  
foi correr com Avião,  
apanhou de fazer dó.  
Dessa vez perdeu a fama,  
que tinha no mocotó.<sup>115</sup>

Manoel Francisco, cantando com Antônio Américo, deixou a deixa:

Sextilha vale dinheiro,  
se for de um bom cantador.

Antônio Américo respondeu:

---

115 Aqui há poucos acréscimos ao documento manuscrito, apenas uma mudança no texto, que também informa que, diante da chegada de dois pradistas na cantoria, o poeta “Américo começou a falar nas grandes corridas, nos bons cavalos, nos pradistas”. A introdução de apresentação da resposta à deixa também foi alterada: “Américo falou em outra grande corrida do passado e respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número dez e se repete no texto com o número sessenta e sete, na sequência estabelecida no referido manuscrito. No texto que se repete, nos comentários do poeta, ele esclarece que o cantador Manoel Francisco Neto era natural de Livramento – PB, radicado em Patos e que, supostamente, após os versos cantados, os “pradistas pagaram bem e aplaudiram”; também informa que a referida corrida “tinha acontecido em 1937, a mais de trinta anos atrás”.

Cada verso, é uma flor,  
cada flor, é um estado,  
cada estado, um terreno,  
cada terreno, um tratado,  
cada tratado, um artigo,  
cada artigo, um atestado.<sup>116</sup>

O cantador Severino Feitosa, natural de Santa Terezinha–PE, que fez parceria no programa *Violas e Repentes* da Rádio Espinharas de Patos, com Antônio Américo, por vários anos, um dia deixou a deixa:

Fale sobre Joana Darc  
se já leu e tem lembrança.

Antônio Américo, contou a História assim:

Joana Darc, foi da França,  
a defensora enviada,  
depois pela mesma França,  
foi vendida e condenada,  
e nas mão dos inimigos,  
terminou, sendo queimada.<sup>117</sup>

---

116 No documento manuscrito, o poeta informa que seu companheiro era natural de Livramento – PB, radicado em Patos, e que o encontro aconteceu no programa *Violas e repentes*, da Rádio Espinharas de Patos e, na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro, Antônio Américo informa que “respondeu de improviso” e acrescenta que a sextilha foi “copiada do gravador da rádio”. Esta sextilha corresponde à de número doze, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

117 Diferente do manuscrito, aqui o poeta esclarece que Severino Feitosa foi seu parceiro no programa *Violas e repentes*, da Rádio Espinharas de Patos, por vários anos, e altera o texto de introdução da resposta, que, no documento, apresenta a seguinte redação: “Américo respondeu na hora”. Esclarecemos ainda que esta sextilha corresponde à de número cinco, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Severino Feitosa, cantando com Antônio Américo em 1972, no programa *Violas e Repentes*, da Rádio Espinharas de Patos, deixou a deixa:

Quem nunca andou no sertão,  
não conhece a natureza.

Antônio Américo, respondeu bonito:

Tudo que é de beleza,  
a gente vê no sertão,  
uma oiticica rasteira,  
imitando um casarão,  
o vento empurrando o ramo,  
e o ramo, varrendo o chão.<sup>118</sup>

O cantador Severino Feitosa, cantando com Antônio Américo, na casa de José do Peixe, na Vila Cavalcanti, em Patos–PB. Quando chegou o cantador Felon Dantas, na cantoria, Feitosa deixou a deixa:

Chegou outro repentista,  
jardineiro destas plantas.

Antônio Américo que conhecia Felon, respondeu:

Chegou Felon Dantas,  
um repentista de raça,  
porém pra carregar moça,  
é ele, e carro de praça,

---

118 Aqui há poucos acréscimos ao documento manuscrito, apenas a referência à data, 1972, e o nome do programa, *Violas e repentes*. A introdução de apresentação da resposta à deixa também foi alterada: “Antonio Américo respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número seis, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

o carro, cobra dinheiro,  
ele, carrega de graça.<sup>119</sup>

O cantador Severino Feitosa, cantando com Antônio Américo, no dia 21 de abril de 1973, no programa *Violas e Repentes* da Rádio Espinharas de Patos, deixou a deixa:

A ideia de Tiradentes,  
depois foi vitoriosa.

Antônio Américo, que não perdia tempo, disse:

No Largo da Lampadosa,  
tendo Jesus por juiz,  
enforcaram Tiradentes,  
que se julgava feliz,  
morrer pela liberdade,  
que precisava o país.<sup>120</sup>

O cantador Biu Donato, cantando com Antônio Américo, no programa *Violas e Repentes* da Rádio Espinharas de Patos, deixou a deixa na semana da morte do presidente Tancredo Neves. Veja a deixa de Biu:

---

119 No texto do manuscrito, encontraremos as seguintes alterações na apresentação dessa sextilha: a informação de que o cantador Severino Feitosa era natural de Santa Terezinha – PE e que o encontro entre os poetas aconteceu em uma “cantoria de pé de parede”, em Patos. Após o texto da sextilha, o poeta ainda informa que Severino Feitosa havia se mudado para Campina Grande e que era radicado na Rainha da Borborema. Na introdução de apresentação da resposta à deixa, também ocorre uma pequena alteração: “Américo completou com esta sextilha”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e oito, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

120 Aqui, os acréscimos estão na referência à data, uma vez que, no manuscrito, o poeta apenas informa que o encontro se deu “no dia do feriado de Tiradentes”, e na introdução de apresentação da resposta à deixa: “Antonio Américo respondeu dentro da História”. Esta sextilha corresponde à de número sete, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Com a morte de Tancredo,  
nosso Brasil, enlutou-se.

Antônio Américo, inspirou-se e respondeu:

Getúlio suicidou-se,  
ninguém, não sabe as razões,  
Castelo Branco morreu,  
de acidente, há versões,  
duro, é dizer que Tancredo,  
morreu das operações.<sup>121</sup>

Biu Donato natural de Queimadas–PB, cantando com Antônio Américo, na Rádio Espinharas, deixou a deixa:

Recordar só tem vantagem,  
se for coisa de valia.

Antônio Américo, respondeu:

Lembro do primeiro dia,  
que a cantar comecei,  
e o primeiro dinheiro,  
que na viola, ganhei,  
foi bom, que só a poupança,  
no tempo, de Zé Sarney.<sup>122</sup>

---

121 Aqui, o texto do manuscrito apresenta as seguintes informações: que o cantador Biu Donato era natural de Queimadas–PB e que o encontro entre os poetas aconteceu “na semana da morte do presidente Tancredo Neves, no programa *Violas e repentis* da Rádio Espinharas de Patos”. Na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro, o poeta acrescenta: “Américo mexeu com 3 presidentes para dar a resposta bonita”. Esta sextilha corresponde a de número vinte e dois, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

122 No documento manuscrito, o poeta afirma que, diferente do que está posto no livro, o encontro aconteceu na Rádio Itatiunga, na cidade de Patos–PB. Na introdução de apre-

**Um livro de Poesia  
A bem de todos leitores,  
Professor dos estudantes,  
Diretor dos professores.**

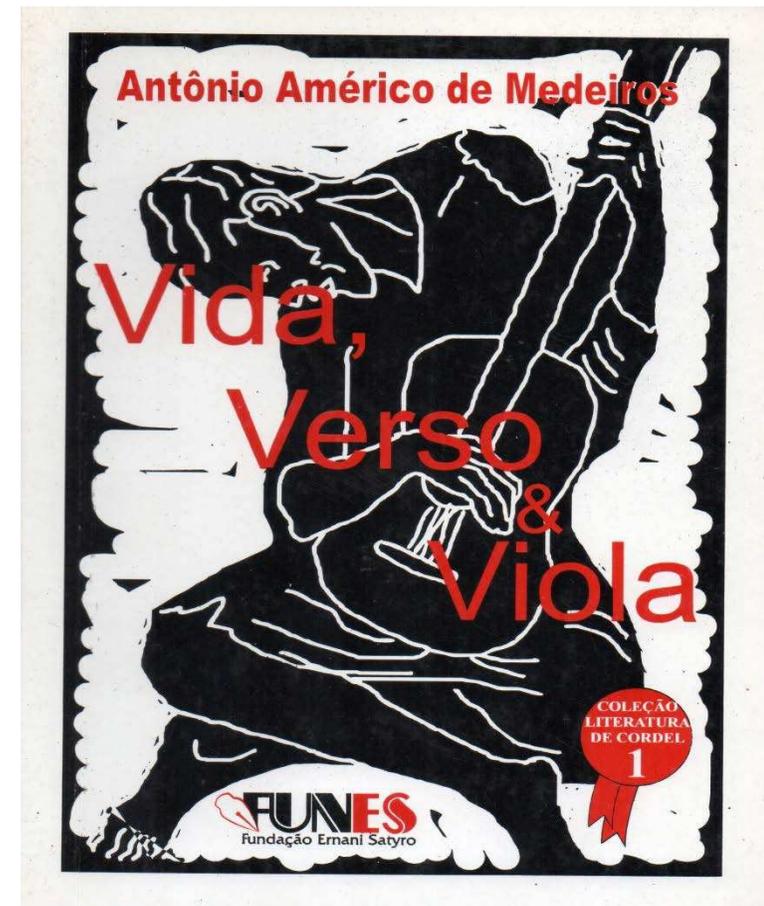
---

sentação da resposta à deixa de seu parceiro, o texto também aparece com outra redação: “Américo respondeu bonito”. Esta sextilha corresponde à de número vinte e três, na sequência estabelecida no referido manuscrito. Os versos dessa sextilha são totalmente alterados, quando comparados os textos, livro e manuscrito, exceção feita aos dois últimos versos, observemos:

Ainda recordo o dia.  
Feliz que eu me casei,  
aquela lua de mel,  
que tantas noite gozei,  
foi bom que só a poupança,  
no tempo de Zé Sarney.

Da folha avulsa ao livro: *Vida, verso e viola*

Figura – Capa do livro *Vida, verso e viola*



Fonte: Acervo da autora

O livro *Vida, versos e viola: andanças poéticas*, de Antônio Américo, faz parte da “Coleção literatura de cordel”, editada pela Fundação Ernani

Sátyro, em 2009. Foi o seu segundo livro publicado. Diferente do anterior, *Poesias, violas e repentis*, este traz como produção poética de Antônio Américo apenas algumas sextilhas e um apêndice com a reprodução do folheto *História completa da Cruz da Menina* (Este folheto será apresentado em outro capítulo, junto aos demais folhetos escritos pelo poeta.). O livro é composto, principalmente, por dois textos de apresentação sobre Antonio Américo, o primeiro escrito pelo poeta popular Olivera de Panelas, “Virtuoso menestrel”, e o segundo, escrito pelo historiador patoense José Romildo de Sousa, “O cordel e Antônio Américo”, e três capítulos que são dedicados a aspectos históricos sobre a participação de cantadores em “Programas de rádio”, sobre os “Congressos de violeiros” e sobre “Achados poéticos” registrados e comentados pelo poeta Antônio Américo. O livro traz ainda um “Registro fotográfico” sobre a trajetória do poeta participando de seu programa de rádio, na Rádio Espinharas de Patos, de congresso de violeiros em Campina Grande, na qualidade de jurado, de exposições e venda de cordel e de apresentações com outros violeiros em cantorias da região, bem como uma parte dedicada ao registro das principais “Publicações de Antônio Américo”, na qual consta a imagem das capas dos seguintes textos de autoria ou editados pelo poeta: *A primeira peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira*; *A segunda peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira*; *A vida de Lampião: intriga, luta e cangaço*; *A vida do cangaceiro de nome Antonio Silvino*; *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró*; *Lampião: a sua história contada toda em cordel*; *A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte*; *A fada do bosque negro e a princesa Safira*; *História da guerra do Juazeiro do Padre Cícero Romão, em 1914*; *Os mestres da literatura de cordel*; *Patos do Major Miguel*; *Poesias, violas e repentis*. O segundo apêndice do livro traz apenas textos informativos referentes à Fundação Ernani Sátyro e à “Resolução que criou a Coleção Literatura de Cordel”.

## Capítulo I – Programas de Rádio<sup>123</sup>

A primeira dupla de cantadores que cantou em rádio foi Josué da Cruz e Agostinho Lopes, em 1934, na Rádio Clube de Pernambuco, arranjaram um programa no embalo das Festas de São João, com o título: “Um São João de Repentes no Clube do Pernambuco”, passando este São João o programa durou pouco, terminou logo. Porém abriu o caminho para outros programas em rádio.

José Alves Sobrinho fundou outro programa na Rádio Cariri de Campina grande, com o poeta João Siqueira de Amorim, depois José Alves Sobrinho, fundou um novo programa na Rádio Caturité de Campina Grande, neste programa que durou um ano, de 1949 até 1950. Levados por José Alves cantaram com José sobrinho, muitos cantadores sendo ele o chefe. Lourival Bandeira, Pedro Amorim, Estrelinha, Serrador, Canhotinho, Josué da Cruz, João Silveira, Severino Pinto e muitos outros violeiros.

Depois José Alves Sobrinho cria outro programa de violeiros junto a Agostinho Lopes dos Santos, que este durou de 1950 até 1956, tendo Agostinho se afastado do programa da Rádio Clube, José Alves Sobrinho continuou com Otacílio Batista, depois Otacílio sai para fundar um programa com Ercílio Pinheiro na Rádio Tapuí de Mossoró. Dimas Batista fica com José Alves Sobrinho no Clube de Pernambuco, este programa era de 11:30h até as 12:00h. Terminou em 1956 como o maior programa de violeiros da época com José Alves Sobrinho e Dimas Batista.

---

123 Esse capítulo, conforme dito anteriormente, faz um breve apanhado histórico acerca da participação de cantadores em programas de rádio da região e, posteriormente, acerca do surgimento dos primeiros programas dedicados exclusivamente aos violeiros e à poesia destes, não somente no Nordeste, mas também em cidades como Rio de Janeiro, Rádio Tupi, e Brasília, na Rádio Nacional.

A partir daí nasceram programas de violeiros por quase todas as cidades que tinham rádios. Na Tabajara com os irmãos Batista, Dimas e Otacílio; Caruaru com Aristo José dos Santos e José Vicente; a Rádio Borborema de Campina Grande com Patativa e a poetisa Otilia Soares, logo depois Otilia deixou e Patativa continuou com José Gonçalves; na Rádio Caturité, com os irmãos Soares, Enésio e Manoel Soares; em Patos, na Rádio Espinharas com José Batista e Antonio Américo, que foi dono do programa *Violas e Repentes* por 28 anos, de 1960 até 1988, no comando de Antonio Américo; na Rádio Difusora de Cajazeiras, Gerson Carlos e José Vicente; na Rádio Rural de Caicó, Chico Motta e Cícero do Nascimento; Currais Novos, José Antonio e José Medeiros; na Rádio Rural de Natal, Manoel Morais e Raimundo Mourão; na Rádio Difusora de Mossoró com Eliseu Ventania e João Liberalino; na Rural de Mossoró, Justo Amorim e Manoel Calisto; na Rádio Tapuio, Ercílio Pinheiro e Chico Pedra; na Rádio de Limoeiro do Norte, Ceará, Antonio Nunes de França e Juvenal Evangelista; em Fortaleza na Verdes Mares, Domingos da Fonseca e João Siqueira de Amorim; na Assunção de Fortaleza, João Adriano e Raimundo Adriano; na Iracema, Vicente Granjeiro e João Firmino; na Rádio Educadora do Crato, Pedro Bandeira e João Alexandre; na Progresso de Juazeiro-CE, Pedro Bandeira e Geraldo Amâncio Pereira.

Assim nasceram os primeiros programas de violeiros em rádio, e não foi só no Nordeste. Na Rádio Tupi do Rio, um radialista conhecido por Almirante criou um grande programa de violeiros “Onde está o poeta”, com competições e prêmios para o vencedor, cantava a dupla, o prêmio grande ficava para o vencedor e um prêmio de consolação para o que perdia.

Isto fez muitos cantadores do Nordeste irem para o Rio atrás deste programa, tem deles que ficaram morando lá, como: Francisco Carolina, Natanael de Lima, Palmeirinha e tantos outros. Fora os que iam, passavam meses e voltavam, como: Lourival Bandeira, Amaro Bernardino, Estrelinha, Agostinho Lopes, José Menezes, Manoel Fer-

reirinha, Manoel Messias, Fogo Serrado, Voador das Alagoas, Alexandre Pereira, Azulão e outros.

Foi um grande avanço para os cantadores na década de 50 para a de 1960, que desbravaram o Rio e ficou bom para cantoria. Lourival Bandeira e José Pequeno fundaram um Programa de violeiros na Rádio Nacional de Brasília-DF e finalmente se encheu de programas de violas em quase todas as rádios do Brasil.

## Capítulo II – Congressos de violeiros<sup>124</sup>

Também começam os Congressos de Violeiros, com os violeiros da época, Rogaciano Leite fez um em Recife, no Teatro Santa Izabel, foi casa cheia; em Fortaleza, Domingos Fonseca e João Siqueira de Amorim, fizeram um Congresso de Violeiros, este com comissão julgadora. O 1º Lugar no Congresso de Fortaleza ficou com Otacílio Batista e o Cego Aderaldo, julgamento do 1º ao décimo lugar.

---

124 Como acréscimo às informações apresentadas pelo poeta Antônio Américo neste capítulo sobre o início dos Congressos de violeiros no Brasil, destacamos que, em depoimento à pesquisadora Edilene Matos, para a *Revue Plural Pluriel*, em 2012, o poeta José Alves Sobrinho afirma que:

Antes do rádio chamar o cantador para o rádio, já tinha congresso de cantadores. O primeiro congresso de cantadores foi realizado no Teatro José de Alencar, pela iniciativa do poeta Rogaciano Leite, ex-cantador, em 1946. Foram titulares do primeiro lugar o cego Aderaldo, que não poderia deixar de ser, já que era cearense, e Otacílio Batista. O segundo lugar coube a Domingo Martins Fonseca e Dimas Batista. O terceiro lugar coube a Benjamin Mangabeira, outro cego cearense cantador, e Vicente Grangeiro.

O segundo congresso de cantadores foi realizado na Paraíba, na cidade de Itaperoá, por iniciativa do escritor,

Em 1959, os irmãos “Batistas”, foram ao Rio de Janeiro fazendo uma excursão, lá Dimas arranhou um patrocínio para fazer um congresso completo no Rio de Janeiro, três noites, duas eliminatórias, seis duplas. Na 1ª noite, classificava três e voava 3, 6 duplas. Na 2ª noite, classificava três e voava três, as seis classificadas. Na última noite, julgados do 10 ao 60 lugar, um congresso luxuoso, passagens de avião, ida e volta, hotel cinco estrelas, sem abuso para o preço do cache que

---

padre Manoel Otaviano, professor Pedro Bezerra e o ex-cantador, poeta popular, Antonino de Sousa Coelho, artisticamente conhecido Antonino Guerreiro, isso em setembro de 1948.

Mas entre o congresso de 46, em Fortaleza, e o congresso de 48, em Itaperoá, houve um movimento, não congresso, mas um movimento de apresentação dos cantadores no Teatro Santa Isabel, no Recife, por Ariano Suassuna, no qual tomaram parte os três irmãos Batista: Lourival, Otacílio e Dimas. Isso foi em 46, já depois do congresso de Fortaleza. Ariano teve a ideia de mostrar ao povo pernambucano o cantador no teatro. E foi feliz, agradeceu. Bem, esse não foi congresso, não houve competição. Foi a apresentação de três irmãos cantadores com mais a participação de Agostinho Lopes e Manoel Nogueira, mas não houve caráter de competição.

Depois veio o congresso de 49 realizado no Recife pelo Rogaciano Leite, o mesmo que havia organizado o de Fortaleza, em 46. Realizou o congresso de cantadores no Teatro Santa Isabel, no Recife, em 49. Não posso precisar o mês agora, porque passou. Desses cantadores tomaram parte os irmãos Batista, Lourival, Otacílio e Dimas, cego Aderaldo, Domingos Fonseca, Agostinho Lopes dos Santos, Manoel Nogueira Lopes e João de Natália, Francisco de Sousa conhecido vulgarmente como João de Natália. Cantador e cabo da polícia de Pernambuco. Depois desse congresso houve uma divergência de Rogaciano como os irmãos Batista por questões de pagamento e separaram-se os cantadores.

Ainda sobre esse assunto, destacamos que o Jornal *A tarde*, de 01 de julho de 1955, p. 02, noticia a realização, por Rodolfo Coelho Cavalcante, do Primeiro Congresso Nacional dos Poetas Violeiros e de Cordel.

era de C\$ 300,00 cruzeiros para cada violeiro, 24 cantadores, cada um ganhou trezentos cruzeiros. Embora que quando Dimas estava convidando os cantadores, 4 violeiros acharam o cache baixo e não quiseram ir: Pinto de Monteiro, João Silveira, Manoel Chudu e Lourival Bandeira.

Pinto de Monteiro disse até uma piada que saiu no jornal *A União da PB*. “Dimas pensa que eu sou menino besta, que nunca viajou de avião e nunca se hospedou de hotel 5 estrelas. Eu já viajei de avião e me hospedei em hotel 5 estrelas”. Assim mesmo Dimas levou grandes nomes como: José Alves Sobrinho, Vicente Grangeiro, José Porfírio, José Pequeno, Apolônio Belo, Jô Patriota, José Gonçalves, Cícero Bernardo, Arrumadinho Batista, Palmeirinha e tantas Outras.

As 6 duplas classificadas da última noite:

1º lugar, Dimas Batista e Otacílio Batista;

2º lugar, José Gonçalves e Cícero Bernardo;

3º lugar, Apolônio Belo e Jô Patriota;

4º lugar, João Severo de Patos e Vicente Grangeiro;

5º lugar, José Porfírio e Alberto Porfírio do Ceará;

6º lugar, Palmeirinha da Paraíba e José Pequeno.

Passagens de avião, ida e volta, hotel cinco estrelas o cache apenas 600,00 cruzeiros, que Pinto e outros acharam pouco foi todo congresso patrocinado pelo *O Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro.

### Capítulo III – Achados poéticos<sup>125</sup>

Os irmãos Batista: Lourival e Dimas, realizando uma cantoria em Serra Negra do Norte-RN, quando entrou no salão da cantoria o Dr. Edmundo, advogado, ofereceram uma cadeira, ele não quis, mandaram Lourival chamar ele pelo nome, quando Lourival disse duas linhas da sextilha, ele disse “não gosto disto”, foi se retirando, aí Lourival fez este gracejo nas quatro linhas que faltavam para findar o elogio. Veja o verso que terminou com muitas palmas da plateia, aplaudindo o Lourival.

Eu agora vou chamar,  
Nobre Dr. Edmundo,  
Mas foi o ente mais feio,  
Que tive de ver no mundo,  
O fundo parece a cara,  
E a cara parece o fundo.

Com o aplauso do povo o Dr. Edmundo deu três passos para o lado dos cantadores como quem queria atacar Lourival, a palma ainda roncava com o verso que Louro fez com Dr. Edmundo. A esta altura, Dimas fazia a sua sextilha se desculpando dizendo que Louro tinha dito apenas um gracejo de brincadeira. Lourival respondeu com esta sextilha cara a cara.

---

125 Neste capítulo, o poeta Antônio Américo apresenta e comenta quarenta e duas sextilhas elaboradas por outros cantadores repentistas, juntamente com alguns dados biográficos e poéticos, e oito sextilhas de sua autoria, um total de cinquenta. Aqui, algumas sextilhas se repetem, quando consideradas aquelas publicadas em seu primeiro livro. Em algumas delas, são citadas as deixas que deram origem aos versos que se seguem e, entre as sextilhas comentadas entusiasticamente pelo poeta, bem dentro do estilo presente no livro *Poesias, violas e repentistas*, ele cita apenas uma décima heptassilábica, com rimas em ABBAACCDDC.

Eu não disse brincadeira  
Elogiei na cantiga  
Com Lourival é assim  
Eu só ligo quem me liga  
Se for pra cantar, se canta  
Se for pra brigar, se briga.

Com o aplauso do povo doutor Edmundo disse “o homem canta mesmo”, mandou deixar dez mil reis na bandeja e ficou sendo amigo de Lourival. Esta cantoria foi em 1938, em Serra Negra do Norte.

Em 1969, eu fui ouvido em uma entrevista em João Pessoa por Orlando Tejo, quando declamei esse dois versos de Lourival, disse que não considerava Lourival um cantador como os demais, eu considero o Louro como o Pajeú, uma máquina de fabricar repente.

Otacílio Batista, cantando com José Alves Sobrinho na Rádio Clube de Pernambuco, em Recife, em 1953, Mourão Trocado. Veja o verso do mourão.

Otacílio:

Dou fé pelo auxílio  
Troco o auxílio na fé.

Zé Alves:

Dou José em Otacílio  
Ou Otacílio em José.

Otacílio:

Eu só não faço esta troca  
Porque levo uma taboca  
Que já sei você quem é.

O cantador José Aires de Mendonça, natural de Serra Branca-PB, muito improvisador e consciente, a voz feia e fraca, cantando com Otacílio Batista que tinha voz bonita.

Otacílio:

O seu verso sai bonito  
A voz não ajuda em nada.

José Aires:

Está certo camarada  
Jesus não me concedeu  
Uma voz forte e bonita  
Porém conhece que deu  
Minha voz longe da sua  
Com o seu verso é do meu.

O cantador Lourival Bandeira Lima, natural de Viçosa-AL, nome de guerra, Lourival Bandeira, chegou aqui na região dos cantadores, Pernambuco, Paraíba e Ceara na década de 1940. Cantou com quase todos os cantadores daquela época, quando chegou em São José de Piranhas, nos confins da Paraíba, se encontrou com Manuel Galdino Bandeira, o mais afamado cantador da região, marcaram uma viagem e fizeram ganhando muito dinheiro, na primeira cantoria em São José de Piranhas nas duas primeiras sextilhas. Houve esta troca de versos de dois gigantes.

Manoel Galdino:

Senhor Lourival Bandeira  
Sustente as armas na mão  
Como é que um homem sem armas  
Vem enfrentar um leão  
Eu sou a fera indomável  
Que se criou no sertão.

Lourival Bandeira:

Você pode ser Leão  
E dominar seu degredo  
Eu sou o bicho das feras  
Dando um grito num rochedo  
Os elefantes se assombram  
E os Leões correm com medo.

Versos de Pinto do Monteiro e Lourival Batista, cantando em João Pessoa na década de 1930, quando chegou na cantoria o ministro José Américo de Almeida, junto ao filho, José Américo Filho, colocaram duas cadeiras para o pai e filho, neste assunto o verso de Pinto e Lourival sabia que José Américo dois anos atrás tinha sido vítima do desastre da queda de um avião e tinha ficado bom, com este assunto terminou seu verso.

Pinto:

Uma paga do ministro  
Pra Louro e pra Pinto sai  
Zé Américo vai caindo  
O filho segura o pai  
Pode cair da cadeira  
Mas da política não cai.

Lourival:

De toda forma se cai  
Esta figura altaneira  
Que queda pra Zé Américo  
De toda forma é maneira  
Não morreu de um avião  
Quanto mais de uma cadeira.

Pinto do Monteiro quando extraiu os dentes para chapa, Lourival Batista criticou, veja:

Pinto agora esta banguelo  
A voz fraca e diferente.

Você só me fala em dente  
Isto não me adianta  
Pra cantar precisa é peito  
Bonita voz e garganta  
Que o sabiá não tem dente  
E é quem mais bonito canta.

O general Cordeiro de Faria, depois que se reformou veio morar em Fortaleza, aí foi nomeado a secretário de segurança do Ceará, no seu aniversário convidou dois cantadores para comemorar este feliz dia com cantoria em sua residência. O famoso Cego Aderaldo e Lourival Bandeira fizeram este verso, pedindo a cana, veja que coragem:

Nobre general Cordeiro  
De uma forte chefatura  
Para Lourival Bandeira  
Peça uma cachaça pura  
Que onde tem cantador  
Não existe lei segura.

Aí veio a cachaça para o poeta.

Em uma cantoria de 4 violeiros, os 3 irmãos Batistas: Lourival, Dimas e Otacílio, o outro Ercílio Pinheiro, Norte Riograndense. Houve uma troca de versos de Lourival com Ercílio Pinheiro. Veja Lourival:

Você Otacílio e Dimas  
De cantadores são três

Quando vem cantar comigo  
Passam escrevendo um mês  
Por isso eu não tenho medo  
Da cantiga de vocês.

A resposta de Ercílio para Lourival.

Você só tem rapidez  
Tirando disto mais nada  
Falta estilo e cultura  
E uma voz educada  
O nome de Lourival  
Foi feito só de zoadá.

O repentista Otacílio Batista cantava em programa de Rádio na cidade de Mossoró, na Rádio Tapuio, em 1955, com o grande cantador Ercílio, cantador Norte Riograndense, quando Otacílio deixou esta deixa para Ercílio.

Eu sou improvisador, você quer ser sem poder

Ercílio Respondeu:

Otacílio só quer ser  
Um grande improvisador  
Tirando o eco pra fora  
Nada tem de cantador  
Se ronco for documento  
Jumento tinha valor.

O cantador e poeta José Alves Sobrinho, nasceu no dia 25-06-1921, em Picuí-PB, além de bom cantador foi quem cantou melhor e mais bonito nos programas de violeiros das Rádios, e foi pioneiro dos primeiros programas da Rádio Nordeste, em 1949. Viajando com José Aires de Mendonça em uma cantoria na cidade de Currais Novos,

no município tinha nesta época, a maior e mais rica mina de xelita do Rio Grande do Norte, pertencente ao Dr. Tomás Salustino, que Chegou na cantoria, no elogio dos cantadores, José Aires deixou a deixa para Zé Alves Sobrinho.

Cantar pra o homem mais rico do torrão Potiguarino

Zé Alves respondeu, veja:

Doutor Tomás Salustino  
Homem rico, bom e nobre  
Pra pagar o Zé Sobrinho  
Eu peço que desdobre  
A fama é de um homem rico  
A paga de um homem pobre.

O Dr. Deixou 5 cruzeiros.

No aniversário de um pai e um filho, Canhotinho deixou a deixa para José Alves.

Dando início a cantoria dois aniversariantes

José Alves Sobrinho respondeu:

São dois nataliciantes  
De idades diferentes  
O pai entre os homens velhos  
O filho entre os inocentes  
O pai pintando os cabelos  
E o filho mudando os dentes.

José Alves Sobrinho, aos 40 anos desafinou a voz que era conhecida pela voz mais bonita entre todos os cantadores, aí ficou mais feia, ele

ficou desgostoso ate que deixou de cantar<sup>126</sup>, ainda cantando com a voz desmantelada com Expedito Sobrinho, que deixou a deixa para Zé Sobrinho.

A sua voz já caiu mais de setenta por cento

Veja com que Zé Alves se comparou no seu verso.

Eu estou como um jumento  
Que ando de beijo mole  
A boca não tem um dente  
A barriga como um fole  
Destes que solta o capim  
Da mesma forma que engole.

Nesta mesma época em 1962, José Alves cantava na cidade de Condado-PB, cantoria organizada por Zuquinha da Farmácia, cantoria comigo que deixei a deixa, dizendo que a coisa estava boa, veja:

A profissão para mim está boa até agora

Veja o que disse Zé Alves, como se sentia culpado de alguma coisa.

Já contemplei uma aurora<sup>127</sup>  
Que você não contemplou

126 Sobre esse fato, o próprio José Sobrinho, em depoimento á pesquisadora Edilene Matos, na *Revue Plural Pluriel*, comenta: “Eu tive um retrocesso nas cordas vocais, não sei por qual origem. Eu fiquei com a voz feia; não enrouqueci, mas perdi a melodia. Isso já foi mais ou menos em 60, 62. [...] Mas, para não me divorciar daquilo que mais amei, que eu mais queria fazer, que era cantar, eu comecei a pesquisar.”

127 Essa sextilha também faz parte do livro *Poesias violas e repentis*. Nela o poeta apresenta uma deixa diferente daquela apresentada anteriormente, “rima de flora”, embora a cantoria citada seja a mesma realizada na cidade de Condado – PB, em 1962.

Pequenos dias felizes  
O seu criado passou  
Porém o que merecia  
Com pouco tempo chegou.

Josué Alves da Cruz, era natural de Serraria-PB, até o final de 1950, morava em Campina Grande, mantendo um reinado por quase 40 anos, depois falo mais do famoso Josué da Cruz.

Sebastião José do Nascimento era natural de Pilar-PB, quando começou na década de 1930, era conhecido por Sebastião Cesário, depois veio morar em João Pessoa, aí segurou o nome de Sebastião José, teve a sorte de arranjar um emprego público. Foi Funcionário Público até quando se aposentou, porém nunca deixou de cantar, cantava nos finais de semana, dias de folgas, feriados e férias, aproveitava tudo. Em uma cantoria em Natal, em 1945, com Josué que cortou o verso de Sebastião, veja o que disse Josué:

A rima de mais com faz  
Tem erro pra quem conhece  
Que a palavra demais  
Se escreve com I e S  
E faz tem um Z no fim  
Aonde o erro aparece.

Veja Sebastião:

Comigo você não cresce  
Criando erro inventado  
Que S com aparece  
Na escrita está errado  
É o mesmo de mais com faz  
Deixe de ser descarado.

Sebastião José deu uma resposta que Pinto do Monteiro dava uma desta, Josué começou a cantar em 1925 aos 21 de idade dotado de coisas boas, para o cantador completo cantava muito, cantava bem, era simpático. Fazia da voz o que queria, ganhava dinheiro mais que todo mundo, tanto fazia esta com um cantador bom como com um fraco, ou sozinho, onde afinava a viola para cantar se enchia de gente e o povão é quem queria pagar caro, porque era a Josué da Cruz, era boémio jogava baralho nas feiras bebia e pagava para todo o mundo, era fã das “boates”. Valente, só tinha esta filosofia errada, dizia—eu gasto tudo que ganho porque confio em mim que vou e torno a ganhar -assim nunca fez uma independência, morreu pobre.

Enquanto Estrelinha, que era contemporâneo dele, morando em Campina Grande, também era o cantador rico daquela época, talvez não tenha ganhado 30 por cento de dinheiro que Josué ganhou, tinha uma conta gorda no Banco do Brasil, vivia de emprestar dinheiro a juro e brincava com dinheiro, porque sabia administrar o dinheiro o cantador Estrelinha, coisa que o famoso Josué da Cruz nunca soube.

Aderaldo Ferreira de Araújo, cantador de renome, nome de guerra, Cego Aderaldo do Crato ou do Quixadá, por ter nascido no Crato e morando muitos anos em Quixadá, nasceu em 1882 e faleceu em Recife em 1967, aos 85 anos era diferente dos outros cantadores porque seu instrumento para cantar era uma rabeca, enquanto os cantadores usavam uma viola, afinava igual com a viola do colega, ritmava o baião e cantava bem, tinha a voz boa, falava bem, um bom vocabulário, aprendia tudo de ouvido, mandava um professor ler, ele escutava e aprendia.

Cantou com os maiores cantadores do seu tempo, João Siqueira de Amorim, Benjamim Mangabeira “cego também”, José Porfírio, José Salgado, José Mergulhão de Sousa, Lourival Bandeira, Manoel Leopoldino de Mendonça Serrador, José Pretinho do Crato, Inocên-

cio Gato, Manoel Calixto, Domingos da Fonseca, Rogaciano Leite, Souzinha, Neco Martins, José Felix da Cunha, Fausto Correia Lima e muitos outros.

Tinha tanto talento e nome que no primeiro Festival de Violeiros de Fortaleza, tirou o 1º lugar duplado com Otacílio Batista, não teve quem chegasse perto, o Cego Aderaldo, foi quem garantiu o primeiro, Otacílio Batista dizia a todo mundo, “Aderaldo foi quem ganhou”. Os cantadores sabidos e os feras, todos perderam para o Cego Aderaldo e Otacílio Batista neste Festival de Violeiros de Fortaleza em 1948, em um julgamento correto. Aderaldo tinha tanto nome que Ademar de Barros, quando era governador de São Paulo, mandou chamar o cego Aderaldo para cantar para ele em São Paulo.

Ademar de Barros pagou bem a Aderaldo e deu mais um cinema ambulante puxado a bateria para Aderaldo ganhar dinheiro mais fácil. Em 1955, eu e Juvenal Evangelista, assistimos a uma noite de cinema e cantoria, depois do cinema com a caravana do Cego Aderaldo, que dizia que éramos filhos dele, três rapazes viajando todos a cavalo.

Agora vamos ler as duas estrofes do trava-língua<sup>128</sup> da Paca, que Aderaldo embatucou o parceiro José Pretinho do Tucum, que saiu vaiado do salão e o povo gritando “apanhou José Pretinho”, desta cantoria foi que surgiu a famosa peleja do Cego Aderaldo com José Pretinho do Tucum em 1923. Vamos ler o trava-língua da Paca:

Aderaldo:

Amigo José Pretinho  
Eu não sei o que será

---

128 O trava-língua é uma modalidade que pode ser apresentada, na poesia popular, em sextilhas, como é o caso, ou em decassílabos. Pautado em versos e ritmos truncados, é considerado pelos cantadores como prática bastante difícil na poesia de improviso.

De você depois da luta  
Que vencido já está  
Que a paca o cara compra  
Paca cara pagará.

Zé Pretinho:

Agora cego me ouça  
Cantarei a Paca já  
Tema assim é um borrego  
No bico de um carcará  
Quem a paca, cara compra  
Paca cara, pagará.

Quando Zé Pretinho do Tucum disse esta palavra feia de cagará, foi aberto na vaia, todo mundo gritava “Zé Pretinho apanhou de Aderaldo”. Uma vez chegou a cantar para Virgulino Ferreira, o Lampião no Estado do Ceará.

O cantador José Virgulino de Sousa, natural de Bezerros PE, nasceu no dia 20-11-1908, faleceu em Juazeiro do Norte-CE, em 08-07-1939, aos 31 anos, era conhecido por “Mergulhão de Sousa” cantador renomado e respeitado por todos os colegas do seu tempo, só cantou 14 anos, de 1923 até 1937, quando adoeceu do vírus da tuberculose, doença que na década de trinta não havia cura por não ter chegado ainda os antibióticos no Brasil, que cura o vírus da tuberculose desde 1945. Quando os americanos no final da segunda guerra mundial vieram comemorar a vitória dos aliados final da guerra da Alemanha. Aí trouxeram o primeiro antibiótico para curar os soldados acometidos da tuberculose, isto aconteceu em Natal-RN. Sabe qual era este primeiro antibiótico que curou dezenas de Soldados brasileiros? Penicilina, com novas associações dos antibióticos, hoje em dia não morre mais ninguém de tuberculose como Mergulhão de Sousa morreu.

Durante os 14 anos que fez profissão da cantoria, cantou com os maiores cantadores daquela época, se não saía com a vitória, também não perdia para ninguém, foi a história que ficou. Veja bem, cantou com José Soares do Nascimento de Caruaru, Pinto de Monteiro, Antonio Marinho, nas zonas do Brejo da Paraíba, cantou com João Melquíades Ferreira, José Bernardino, Luiz Gomes de Albuquerque, Josué da Cruz, em Patos com Cesário José Pontes, no Alto Sertão da Paraíba com Manoel Galdino Bandeira, no Ceará, cantou com Benjamim Mangabeira, José Pretinho do Crato, João Siqueira de Amorim, Cego Aderaldo, José Felix, Inocência Gato, e tantos outros.

Em 1937, adoeceu da tuberculose, deixou de cantar. Dois nobres cantadores de Campina Grande, Josué da Cruz e Ascendino Alves bolaram uma cantoria filantrópica em benefício do colega Mergulhão de Sousa, em 1939. Faltando poucos meses para a sua morte todo rendimento desta cantoria foi para Mergulhão, um amigo de Mergulhão que tinha um automóvel novo levou Mergulhão do Juazeiro para Campina Grande para assistira cantoria pessoalmente, ele além de muito doente, bem magrinho meia noite, cantoria boa, muito dinheiro, Mergulhão disse a Josué “eu quero como despedida um baião com Ascendino e outro com você”.

Cantando com Ascendino que deixou a deixa:

Faz pena um poeta bom se acabar na mocidade

Mergulhão respondeu:

Trinta e um anos de idade  
Tenho eu são poucas eras  
Pelo meu estado físico  
Bem vejo que consideras  
Que eu não chegue a completar  
32 primaveras.

José da Cruz deixou esta deixa:

Quem lhe ouviu no passado fica triste ouvindo agora

Mergulhão respondeu:

Quem viu Mergulhão outrora  
Vendo hoje não conhece  
Cada repente que faço  
É uma dor que aparece  
Cada palavra que digo  
É uma lágrima que desce.

O cantor João Viana, natural de Esperança-PB, seu nome de Guerra era João Benedito de Esperança, foi um mestre na cantoria e quem cantou mais bonito até 1930 em toda Paraíba. Rei da voz assim dizia quem o conheceu, depois de velhinho, não podia mais fazer as cantorias, sem força, cansado, a voz fraca, porém no dia de feira de Esperança, ele sozinho afinava a Viola e começava a cantar bem devagarinho aí um senhor que gostava de cantoria ia passando, parou e perguntou a outro, “quem é este velhinho?” Quando João Benedito deixou esta deixa:

Por não termais com quem cante me obrigo a cantar sozinho.

Aí o Nego velho raspou a Viola e respondeu:

Cidadão este velhinho  
Se chama João Benedito  
Já fui gordo como uma bola  
Estou magro como um palito  
Cantando assim como feio  
Fui quem cantei mais bonito.

O cantador Josué da Cruz, na década de 40, com seus quarenta anos, cantando com o velho Manoel Raimundo de Barros, já quase com 80 anos, cansado e faltando o talento de quando tinha a idade de Josué, 40 anos. Josué da Cruz deixou a deixa:

Onde eu canto é casa cheia em qualquer localidade

Manoel Raimundo respondeu:

Eu também na mocidade  
Tive amigo e tive afago  
Já cantei em salão cheio  
Hoje canto em salão vago  
Igual a garça viúva  
Pousando de lago em lago.

O famoso cantador Zé Duda do Zumbi, que no seu tempo não perdia para ninguém, porem ouviu esta resposta do também famoso Pinto de Monteiro, sabia ler menos que Zé Duda, mas com esta repostas, Pinto está provando que não perdia para ninguém cantando, podia até empatar, como prova agora. Zé Duda cantou a sextilha:

Quando vagar a noticia  
Que José Duda morreu  
Pernambuco há de dizer  
A semente se perdeu  
A Paraíba não bota  
Outro Duda como eu.

Severino Pinto de Monteiro, fenômeno entre todos os cantadores de todos os tempos, respondeu para o mestre Zé Duda, como o chamavam. Veja Pinto:

Este pensamento seu  
Trouxe engano desta vez  
Porque tem a mesma força  
Aquele Deus que a Fez  
O Deus que fez um Zé Duda  
Pode fazer dois ou três.

O cantador Josué Alves da Cruz, natural de Serraria-PB, como cantador famoso no seu tempo, residia em Campina Grande-PB em 1954 aos 50 anos de idade, provando que já sentia problema com a pinga, fez esta sextilha cantando com canhotinho, veja o que disse, culpando a bebida ainda a meia idade:

Já fui Josué da Cruz  
Mas minha cruz já pendeu  
Aquele lembrança viva  
De mim desapareceu  
O resto do meu juízo  
A aguardente comeu.

O famoso cantador José Galdino da Silva Duda, conhecido no seu tempo por “Zé Duda do Zumbi”, natural de Cabaceiras-PB, logo cedo mudou-se para o Zumbi em Recife, onde criou-se, estudou e começou a cantar, aos 63 anos, em 1929, cantando com Severino Milanês, fez esta sextilha, em 1929, veja:

Fui Zé Duda do Zumbi  
Hoje resta o bi somente  
Zé Duda e Zum Terminaram  
Com voz toada e repente  
Quem liquidou isto tudo  
Foi a maldita aguardente.

O cantador Heleno Pinto, natural de Monteiro-PB, o mais afamado repentista que já se ouviu falar.

Pinto cantando com o irmão Heleno Pinto deixou a deixa para Heleno criticando por Heleno não gostar de viajar, só cantava ali perto de Monteiro, veja a deixa de Pinto:

Não conhece nem Campina terra de caturité

Heleno que só tinha 30 anos de idade deu a resposta.

Eu sei que Campina é  
Da Paraíba a estrela  
Eu já passei 30 anos  
Sem precisar conhecê-la  
Ainda me atrevo a passar  
Mais outros 30 sem vê-la.

De outra vez, Pinto cantando um desafio com Heleno, deixou a deixa em sextilha:

Você tem chifre comprido que só boi do Piauí

Heleno respondeu:

Me chama chifrudo aqui  
Porém chifrudo eu não sou  
Chifrudo é o meu irmão  
Que ainda ontem levou  
Uma carta pra mulher  
Que o macho dela mandou.

Silvino Pirauá de Lima, cantador e poeta popular, pioneiro dos primeiros folhetos publicados da literatura de cordel em 1898 e logo no

mesmo ano, seguido por Leandro Gomes de Barros na publicação dos folhetos de cordel, começou tudo em Recife-PE, descendente de família branca, já Romano do Teixeira, era natural de Mãe d'Água, distrito de Teixeira-PB, descendente da família Caluête, raça mestiça, quer dizer misturado, branco com negro, na época o linguajar do povo chamava um homem mestiço de cabra, e pajem, era criado que servia aos patrões. Silvino Pirauá, logo novo foi trabalhar para Romano, no serviço da lavoura, porém o que ele queria era aprender tocar viola e cantar, foi o que aconteceu, aprendeu com o velho mestre tocar viola e cantar bem, daí para frente, foi o parceiro de Romano até 1891.

Quando Romano faleceu, era a dupla mais famosa da época, Romano e Pirauá depois da morte de Romano, Josué, filho de Romano, já cantava, ai duplou com Pirauá, cantando muito bem, quase como o pai.

Vamos ler uma troca de versos, duas sextilhas de Josué com Pirauá, em Taperoá, em 1896.

Josué:

Com Josué de Romano  
O Pirauá não se sai  
Se eu disser a verdade  
Ele de vergonha cai  
Que até há poucos anos  
Era pajem do meu pai.

Pirauá:

De trabalhar a seu pai  
Isto aí eu admito  
Era o rei dos cantadores  
Cantava muito e bonito

Porém era um cabra velho  
Filho de cabra é cabrito.

O poeta e cantador João Severo de Lima, natural de Patos-PB, cantando em São José do Egito-PE, com Joaquim Vitorino, pai de Diniz Vitorino, João Severo tinha comprado um uniforme de Tropical Azul escuro, aí Joaquim Vitorino para elogiar João Severo deixou essa deixa:

Agora encontrei Severo metido no Tropical

João Severo respondeu com este gracejo:

Eu fiz um grande mal  
Quando comprei este bruto  
Que quando chego na feira  
De vez enquanto um matuto  
Pergunta João Severo  
De quem é que está de luto

João Severo cantava em Patos, em uma cantoria campal em frente ao bar com o repentista Francisco Evaristo, quando chegou um vaqueiro montado em um cavalo bonito, aí Francisco Evaristo perguntou quem era. Veja a deixa de Evaristo:

Diga quem é este moço, deste cavalo bonito

João Severo que conhecia Expedito Maracajá que também pertencia a família Parente, respondeu tudo para Evaristo e quem não sabia em uma só sextilha. Veja:

Este ali é Expedito  
Parente Maracajá  
Fazendeiro no Barreto  
Perto de Maracujá

Pra lá de Santa Tereza  
E de Catingueira pra cá.

João Severo cantava comigo, boi velho admirando as coisas da natureza e do dia em 1972, eu deixei a deixa:

Admiro dum ovo branco tirar um pinto pretinho

João Severo respondeu desta maneira:

Eu admiro um velhinho  
Agora se aposentar  
Comprar corredor de boi  
Meia noite levantar  
O pensamento pra Deus  
E com a mocidade sonhar.

Manoel Dionísio Filho, o famoso “Canelinha” em 1942, chegou a época do sorteio da classe de 1922 para ir para o exército, não ia classe toda, era só os sorteados, neste tempo só se falava na segunda Guerra Mundial: a Guerra da Alemanha, a força Nazista para acabar o mundo ou escravizar uma banda do mundo. Ficar tudo debaixo do poder da Alemanha, quem fosse para o exército já sabia que ia para guerra, como de fato foram muitos brasileiros, que morreram por lá e outros voltaram, que são os ex-combatentes.

Canelinha neste assunto fez a seguinte glosa de renome Internacional. Veja a Glosa:

Não me leve para a guerra<sup>129</sup>  
Não me faça esta surpresa

<sup>129</sup> Essa é a única estrofe apresentada no livro que não é uma sextilha. É uma estrofe de dez versos heptassílabos, elaborada pelo poeta Canelinha, considerado um “gênio” por Antônio Américo.

Que eu não tenho natureza  
De vê meu sangue na terra  
Me leve pra aquela serra  
Pra viver com os macacos  
Lá por dentro dos buracos  
Embora eu morra de fome  
Depois escreva meu nome  
No livro dos homens fracos

Eu cantei e viajei com Canelinha, disse ainda para o poeta Jomaci Dantas que Canelinha foi gênio e campeão em 3 especialidades: cantar, glosar e tocar viola.

O cantador, poeta e glosador, Manoel Dionísio Filho, nome de Guerra “Canelinha”, natural de Santa Terezinha-PB, quando nasceu em 1922, Santa Terezinha era Distrito de Patos, em 1940 ele cantando no município de Santa Terezinha quando chegou um vaqueiro, ele começou a elogiar, aí caiu uma caranguejeira na sala, ele registrou, uma mulher pegou uma alpargata para matar a caranguejeira. Canelinha defendeu. Veja o verso:

Vou louvar este vaqueiro  
De gibão perneira e luva missa  
Caiu uma caranguejeira  
Veio em “traje” de viúva  
Dona não mate a bichinha  
Que ela adivinha chuva.

De outra vez Canelinha cantava com Bem-te-vi Neto, que também era filho de Santa Gertrudes, distrito de Patos, terra do cantador Manoel Galdino Bandeira. O assunto de Bem-te-vi e Canelinha era moleza, pouca sorte e viola flechada. Bem-te-vi deixou a deixa. Veja:

Até hoje não tenho sorte, tenho vida flechada

Canelinha respondeu:

Até pra uma caçada  
Eu tenho flecha também  
Se caço, caça não acho  
Se espero pássaro não vem  
E quando vem, só se senta  
No pau mais alto que tem.

O cantador Cesário José Pontes, natural de Patos-PB, era cego, cegou aos 7 anos, nasceu em 1875, começou a cantarem 1895 e faleceu em 1947, cantando em Recife, em 1907, no mercado São José, quando os guardas civis, receberam ordens para prender os cegos que cantavam ao redor do mercado São José, dessa vez o cego Cesário foi preso, aí um advogado foi na cadeia e justificou que Cesário não era cego pedinte que pedia esmola, era um cantador famoso, considerado artista e disse a Cesário “pode ir cantar amanhã, que ninguém lhe prende mais. Com 2 dias depois, Cesário estava cantando quando o guia disse: “pare um pouquinho que vai passando um cortejo”, aí Cesário disse, “pergunte quem foi que morreu”, aí disseram: “um guarda civil”, aí Cesário vingou-se da prisão que havia sofrido há dois dias, soltou este verso:

Morreu um guarda civil  
Passou o povo com ele  
Com certeza seus parentes  
Vão chorando a morte dele  
Se for dos que prende cego  
Eu estou livre daquele.

O cego Cesário para quem não sabe, era cunhado de Pedro Caetano, o homem mais rico de Patos, até a década de 1940, ninguém tinha mais dinheiro que seu Pedro Caetano o pai de Dona Elvina Caetano. O Cego Cesário cantava com o jovem Canelinha em 1941, quando Canelinha deixou essa deixa:

Eu cantava com Cesário, a gente canta até missa

Cesário respondeu bonito:

Canelinha uma missa  
Cantava por mim e tu  
É uma casa de farinha  
Feito de tijolo cru  
Que o forno é o altar  
E a hóstia é beiju

Agostinho Lopes, cantando com Cesário em Patos, em 1944, elogiando um mestre de cavalo que ensinava cavalo esquipar, deixou a deixa para Cesário assim:

Temos dinheiro na certa do mestre Joaquim Biléu

Cesário respondeu bonito:

Eu admiro Biléu  
Como ensina sem saber  
Ele ensinando um cavalo  
Esquipar tem o que ver  
E ele nunca esquipou  
Vai morrer sem aprender

O Cego Aderaldo, em 1928, estava hospedado na casa de um fazendeiro amigo no Estado do Ceará, 10 horas do dia quando viram a casa

estava cercada por cangaceiros. Era Lampião que disse, “quero falar com o dono da casa, que saiu e disse estou as suas ordens”. Capitão Lampião vendo uma rede armada no alpendre, perguntou quem está deitado nesta rede tão folgada, o fazendeiro disse, é o cego Aderaldo, cantador, Lampião disse, quero conhecê-lo e ouvi-lo cantar, falou com competência com Aderaldo que se expressou igual, afinou a rabeca e cantou para o capitão Virgulino Ferreira, tinha um decoreba presente que decorou a primeira sextilha que Aderaldo cantou para o capitão Virgulino. Veja o que disse Aderaldo:

É esta a primeira vez  
Que canto pra Lampião  
A maior autoridade  
Que cruza todo sertão  
Fazendo medo a tenente  
Alferes e Capitão

Lampião gostou tanto que gratificou o Cego Aderaldo com uma nota de cem mil réis e um punhal de luxo cabo de chifre, prata e ouro, folha de 10 polegadas, esta marca de punhal só comprava no Brasil do século XIX ao começo do século XX, os barões e os coronéis, isto em 1928. Aderaldo foi gratificado por Lampião.

O cego Aderaldo em 1940, cantando com o cantador, poeta e doutor, Rogaciano Leite, em Fortaleza, deixou a deixa num desafio em sextilha. Veja a deixa de Rogaciano:

Aderaldo diz que chifre nem atrasa e nem arrasa.

Aderaldo que era um gênio, respondeu assim:

Você ontem em sua casa  
Quando bateu no portão  
Um negro pulou do quarto

Saiu na porta do oitão  
Passou-lhe um chifre tão grande  
Que a ponta arrastou no chão.

Esta pesquisa foi feita em 1948 quando Aderaldo ainda era vivo.

O cantador Severino Mendonça da Silva, nome de guerra Bem-te-vi, natural de Patos-PB, radicado em Baturité-CE, cantando comigo em 1957 em Macau-RN. Deixou essa deixa:

Cantando a vida de Hitler nunca temi repentista.

Eu respondi:

Hitler um monstro Nazista  
Firmado no plano seu  
Queria ganhar o mundo  
Lutou muito mas perdeu  
Além de perder a guerra  
No fim desapareceu.

O cantador Lourival Batista, cantando comigo na cidade de Taperoá-PB, em 1970, deixou a deixa:

Meu nome de repentista em todo tempo é lembrado

Eu respondi:

O seu nome é respeitado  
Por tudo que já compôs  
Porém com Antonio Américo  
O julgamento é depois  
Pra você ficar sabendo  
Que não existe um sem dois.

O cantador Manoel Dionísio Pereira, nome de guerra Canelinha, natural de Santa Terezinha-PB cantando comigo em 1966, em Carnaúba dos Dantas-RN. O famoso Canelinha, deixou a deixa:

Quem canta com Canelinha, tem que baixar o rojão

Eu respondi:

Entrou comigo em questão  
A certeza é que não ganha  
Com Américo a luta é dura  
Tem que perder na campanha  
Ou canto muito ou deserta  
Ou perde o nome ou apanha.

O famoso cantador Chagas Moisés, cantando comigo em 1955, na cidade de Sousa-PB, deixou a deixa:

No verso do meu colega, tudo que eu procuro tem

Eu respondi dando o valor que o valoroso Chagas Moisés merecia:

O seu verso é como o trem  
Que serve a toda ribeira  
Trem de carga e passageiro  
Passando a semana inteira  
Os pobres vão de segunda  
Quem pode vai de primeira.

O cantador Francisco Evaristo, natural de Uiraúna-PB, cantando comigo na praia de Tambaú-PB, em 1960, deixou a deixa:

Quem não canta a natureza, não desenvolve a cultura

Eu respondi:

O segredo da natureza  
É trabalhoso entender  
Eu vou perguntar agora  
A quem souber responder  
Por que pássaro bebe água  
Sem ter por onde verter

O cantador Raimundo Arruda Batista, nome de guerra “Arrudinha Batista”, cantando comigo em 1968, em Teixeira, deixou a deixa bonito:

Na caminhada do tempo, quem não tem cuidado vira

Eu respondi:

Nosso tempo dar e tira<sup>130</sup>  
Por tudo que já compôs  
Basta vê quem foi Garrincha  
Até em sessenta e dois  
O tempo fez dele um gênio  
Para liquidar depois.

Geraldo Amâncio Pereira, fazendo uma cantoria em 1968 comigo, promovida pelo o fazendeiro Tota Bezerra, na casa de um tio de Geraldo Amâncio, no município de Cedro-CE. Uma certa hora, eu iniciei um baião em uma toada antiga, ai Geraldo criticou, veja a deixa:

Esta toada é do tempo de Romano do Teixeira

---

<sup>130</sup> Essa sextilha também faz parte do livro *Poesias violas e repentis*. Ela corresponde a sextilha de número 53 na ordem apresentada no livro.

Eu dei uma resposta bonita, veja:

A toada é de primeira<sup>131</sup>  
Se Romano gostou dela  
Pirauá, Zé Duda e Pinto  
Todos três cantaram nela  
Só você vem me dizer  
Que a toada não é bela.

Juvenal Evangelista cantando comigo em 1955, na cidade de São Bento dos Redeiros, em uma cantoria muito boa, em gente e dinheiro e muitos violeiros também assistindo um assunto de saudade, Juvenal deixou a deixa:

Saudade tem tanta coisa, que ninguém canta a metade

Veja o que respondi:

Esta palavra saudade<sup>132</sup>  
Só existe em português  
Criada por Dom Duarte  
Eu sei do ano e do mês  
Tudo isto são lições  
Que vão servir pra vocês.

---

<sup>131</sup> Essa sextilha faz parte do livro *Poesias violas e repentis*. Ela corresponde à sextilha de número 57, na ordem apresentada no livro.

<sup>132</sup> Essa sextilha também faz parte do livro *Poesias violas e repentis*. Ela corresponde à sextilha de número 09, na ordem apresentada no livro.

## Antônio Américo: o poeta de cordel

O “cordel – literatura” ou a “poesia pura / Dos poetas do sertão”<sup>133</sup> é uma forma peculiar de escrita literária que, no Brasil, especialmente na região Nordeste, surge no final do século XIX, cria raízes e se perpetua até os dias atuais. Aqui, homens simples, legítimos representantes do povo, elaboram suas composições de modo que “A vida nordestina parece ser o palco e a fonte dos folhetos”<sup>134</sup> que contam as suas histórias.

De acordo com Abreu (2006, p. 118), “Os poetas populares nordestinos escrevem como se estivessem contando uma história em voz alta.”. Isto porque essa literatura popular, mesmo escrita em versos, mantém fortes vínculos com a oralidade. A presença da rima, da métrica, da oração, do ritmo estabelecido para o poema são alguns dos recursos utilizados pelo poeta que, além de refletirem as marcas dessa oralidade, também facilitam para leitor / ouvinte da narrativa em versos a memorização da história contada. Para o poeta Manuel de Almeida Filho<sup>135</sup>, “o bom folheto é o de qualquer classe quando bem rimado, bem metrificado, bem orado.”

Na escrita do folheto, o poeta, que conhece o seu público, sabe que a forma é fundamental para que uma boa história seja elaborada,

---

133 CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país*. 1984.

134 (ABREU, 2006, p. 119).

135 Entrevista concedida a ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. *Folhetos (A Literatura de Cordel no Nordeste Brasileiro)*, Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979, citada por Abreu (1997a).

para que esta seja entendida pelo leitor ao ponto de guardá-la em sua memória, fator que evidencia a preocupação de quem escreve com o aspecto mnemônico comum a essa composição poética.

Assim como nas demais composições do gênero cordel, as narrativas também seguem estruturas temáticas e formais semiestruturadas, sem que isso se torne algo que impeça ou dificulte o ato criativo do poeta. A habilidade do poeta está em criar sempre algo “novo”, mesmo seguindo uma espécie de modelo já determinado pela tradição. O “novo” não está na ruptura das “fórmulas”, mas na forma utilizada pelo poeta para manuseá-las a seu favor na elaboração de suas histórias, que devem sempre encantar e informar o público com enredos “desembaraçados”.

É como seguidor dessa tradição que o poeta Antônio Américo de Me-deiros compõe seus folhetos de conteúdo histórico, *Patos do Major Miguel*; histórico – religioso, *A história completa da Cruz da Menina* e *História da Guerra de Juazeiro do Padre Cícero Romão Batista em 1914*; escrevendo também um marco, *O marco do Sabugi*; um folheto de abordagem metalinguística que versa sobre *Os mestres da literatura de cordel*; uma peleja, *Segunda peleja do poeta e repentista Antônio Américo com o poeta José Costa Leite*; dois romances de cordel, *A Fada do Bosque Negro* e *a Princesa Safira* e *A Moça que mais sofreu na Paraíba do Norte*; e, assim como muitos cordelistas, cantou o cangaço e os grandes cangaceiros do sertão nordestino em folhetos como *A Vida do Cangaceiro de Nome Antônio Silvino*; *A Vida de Lampião: Intriga, Luta e Cangaço*; *O Fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró* e *Lampião e sua História contada toda em Cordel*.

Figura – Capa do folheto



Fonte: Acervo da autora

Folheto composto de 24 estrofes de dez versos setissilábicos, com esquema rímico ABCBDDEFFE, que conta a história da cidade de Patos, na Paraíba, desde a sua fundação, final do século XVIII, até final do século XX, destacando os principais personagens que fizeram e

fazem parte da história política, da religião e até mesmo das “figuras folclóricas” dessa cidade sertaneja que, graças ao nome de um seus primeiros grandes chefes políticos, o Major Miguel (Miguel Sátyro), ficou conhecida também como “Patos do Major Miguel”.

Assim como as capas das peijas que o poeta editou, *A primeira peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira*: Quando Patos ainda era uma pequena Vila e a *Segunda peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira*, esse texto foi reproduzido em uma pequena brochura, que também trazia em sua capa de abertura uma xilogravura de J Borges, este que inicia suas atividades na década de 60 e se torna um dos mais conhecidos xilógrafos do país.

A estrutura poética escolhida pelo poeta para escrever esse folheto coincide com outros poemas escritos pelo autor dedicados ao canto de datas comemorativas, a personagens políticas como Tancredo Neves, à figura da mãe, como na canção “Mensagem à mamãe”. A repetição da décima com essa estrutura pode representar apenas uma escolha comum, uma vez que esta é bastante utilizada pelos poetas de bancada desde a sua criação, ou pode revelar ao leitor uma preferência do autor por essa forma de canto. Cabe lembrar que poetas como Leandro Gomes de Barros também escolheram a décima para compor poemas dedicados ao canto sobre grandes feitos de grandes personagens, como em *A batalha de Oliveiros com Ferrabraz*, apesar de ser a sextilha a estrofe mais usada para a composição de poemas mais extensos.

#### **Cordel Patos do Major Miguel**

Patos de Major Miguel,  
deve a sua fundação,  
aos bravos sertanistas,  
que desbravaram o sertão,  
chegando a terra vizinha,

a fazenda da Farinha,  
primeiramente fundada.  
A outra, foi Pedra Branca,  
e a terceira, mais franca,  
por Patos, foi batizada.

Pedra Branca, “Itatiunga”,  
Farinha e Fazenda Patos,  
foram as três, primitivas,  
com os seus dados exatos.  
A Patos foi escolhida,  
para nela, ser nascida,  
a bela povoação.  
A Pedra Branca, sem guerras,  
sessenta mil réis, de terras,  
fez a mesma doação.

Foi em mil e setecentos,  
e setenta e dois o ano,  
dono da Fazenda Patos,  
tudo certo, sem engano,  
era o nobre capitão,  
Paulo Mendes, bom cristão.  
Pedra Branca, pertencia,  
a João Gomes de Melo,  
um do outro, paralelo,  
a povoação, nascia.

Sessenta mil réis de terras,  
cada um documentou,  
doando ao patrimônio,  
que ao todo ficou,  
com cento e vinte mil réis,  
registrado nos papéis,

onde todo mundo lia,  
rezava desta maneira,  
a terra é da padroeira,  
Nossa Senhora da Guia.

Onde hoje é a igreja,  
chamada da Conceição,  
foi a primeira capela,  
marcando a povoação,  
já depois de construída,  
foi chamada de Ermida,  
pôr todos da freguesia.  
Em oitenta e oito, criada, “1788”  
a paróquia registrada,  
Nossa Senhora da Guia.

Paulo Mendes Figueiredo,  
e João Gomes de Melo,  
com parentes e herdeiros,  
como quem faz um castelo.  
As famílias reunidas,  
muitas casas construídas,  
fizeram na arrancada,  
da igreja, pra lagoa,  
dos Patos, a terra boa,  
cada rua projetada.

Já haviam seis famílias,  
ocupando a região,  
começando da Farinha,  
até a povoação.  
Era a família Oliveira,  
a Antunes, na Ribeira,  
a Melo, e a Figueiredo,  
a Barreto, e a Farias,

e de outras freguesias,  
chegou gente, logo cedo.

Os índios da região,  
já viviam afastados,  
os Pegas e Panatis,  
coitadinhos espancados,  
nas lutas há poucos anos,  
com os brancos veteranos,  
perderam suas ribeiras.  
Por causa destes problemas,  
ficaram com os Coremas,  
fora de suas fronteiras.

E assim continuou,  
a luta do pessoal,  
ficando a povoação,  
pra freguesia Pombal.  
Mais tarde se libertou,  
e como vila ficou,  
em dezoito e trinta e três, “1833”  
e assim Patos crescia,  
Nossa Senhora da Guia,  
ao seu povo, dava vez.

Em dezoito e oitenta e nove, “1889”  
quando a república montou,  
o regime federal,  
Major Miguel, começou,  
a ser o chefe de Patos,  
político de nobres atos,  
foi coronel de virtude.  
Ninguém de Patos desminta,  
deixou a política em trinta, “1930”  
por lhe faltar a saúde.

Em novecentos e três, “1903”  
Patos passou a cidade,  
Major Miguel, sendo dela,  
a maior autoridade,  
chegou a ser deputado,  
na assembleia inspirado,  
com projetos e pedidos.  
Prefeitos e delegados,  
ou faziam seus mandados,  
ou seriam demitidos.

Deixou a política em trinta, “1930”  
os filhos continuaram,  
Doutor Clóvis e Ernani,  
muitas eleições ganharam.  
Depois Clóvis, se afastou,  
Doutor Ernani ficou,  
sendo eleito e reeleito,  
Deputado Federal,  
seu colégio eleitoral,  
nunca lhe negou um pleito.

Um filho de Doutor Clóvis,  
neto de Major Miguel,  
é o Doutor Múcio Sátiro,  
seguiu o mesmo papel,  
como forte liderança,  
honrando a família avança,  
na política patoense,  
várias vezes deputado,  
sendo eleito folgado,  
com os votos que lhe pertence.

Sobre os que fizeram Patos,  
vamos falar nos prefeitos,  
porque todos trabalharam,  
e são dignos de respeitos,  
Constantino Dantas Góis,  
foi esta a primeira voz,  
chamada municipal,  
e o segundo comando,  
deram para Sizenando,  
prefeito de ideal.

Sebastião Ferreira Nóbrega,  
foi o terceiro prefeito,  
José Peregrino Filho,  
foi o quarto com respeito,  
que governou quinze anos,  
o quinto cheio de planos,  
foi Firmino Aires Leite,  
o sexto eu digo também,  
Manoel Torres, lembro bem, “Manoel Torres Canuto”  
quem não sabia aproveite.

O outro numa mudança,  
foi o Aldegício Olinto,  
depois dele Clóvis Sátiro,  
capacitoso e distinto,  
e para o povo entender,  
vou agora esclarecer,  
a toda sociedade.  
Por pesquisar cinco meses,  
foi prefeito quatro vezes,  
Doutor Clóvis da cidade,

O professor Pedro Torres,  
Governou nossa cidade,  
E Manoel Severiano,  
Bivar grande autoridade,  
Manoel Quinídio Sobral,  
Foi um prefeito legal,  
Oscar Torres pela lei,  
Passou pra Milton Vieira,  
Um prefeito de primeira,  
Foi Darcilio Wanderley.

Ai foi Dr. Nabor,  
Bivar Olinto de novo,  
Doutor Otávio também,  
foi prefeito deste povo.  
Para ficar em memória,  
como um marco na História,  
que lembra, do pobre ao nobre,  
houve, um prefeito brilhante,  
que foi, José Cavalcante,  
fez a politica do pobre.

Passou pra Doutor Olavo,  
amigo do pessoal,  
depois de Olavo, foi,  
nosso saudoso, Aderbal,  
depois Edmilson Motta,  
Rivaldo com boa nota,  
criando novos roteiros,  
lutou com força e mister,  
elegeu sua mulher,  
Geralda Freire Medeiros.

Doutora Geralda era,  
Deputada estadual,  
quando ganhou pra prefeita,  
dominava o pessoal,  
na outra campanha forte,  
chamada de vida ou morte,  
Doutor Ivânio ganhou,  
de Dinaldo, desta vez,  
depois , em noventa e seis, “1996”  
Doutor Dinaldo tomou.

Deputado no passado,  
Um Leôncio Wanderley,  
E coronel Miguel Sátiro,  
Pedro Firmino eu lembrei,  
Ernani e Padre Vieira,  
Rui Gouveia e Zéu Palmeira,  
O Doutor José Gaioso  
Múcio e padre Levi,  
Maurício Leite aqui,  
Trabalhou e foi bondoso,

Doutor Francisco Soares,  
e o Doutor José Tota,  
O Doutor Napoleão  
e o nosso Edivaldo Motta,  
começou estadual,  
passou para federal,  
na câmara, foi forte voz,  
como, o povo esperava,  
da forma, como atuava,  
Otacilio de Queiroz.

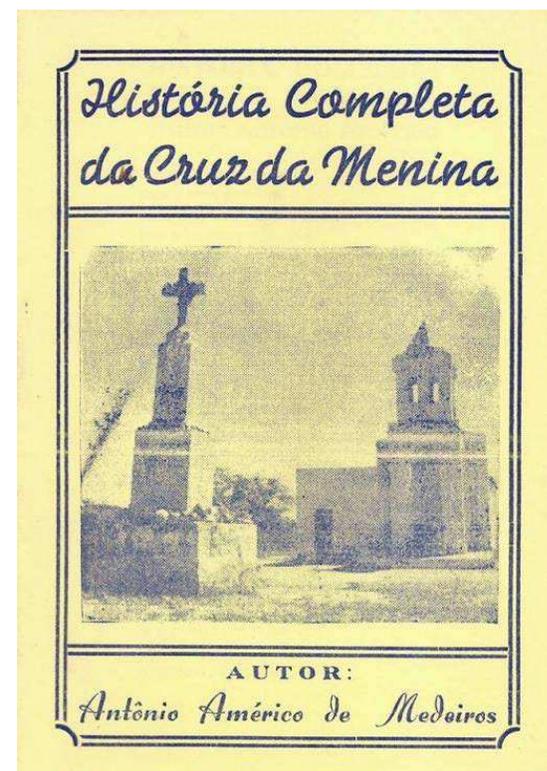
Foi deputada dinâmica,  
a grande Francisca Motta,  
e também vice-prefeita,  
tirou dez em cada nota.  
Carlos Candeia, lembrei,  
Gilvan Freire, é bom na lei,  
Ivânio, político humano,  
Dona Elvina, tão bondosa,  
Seu Severino Lustosa,  
E o Doutor Basílio Serrano.

Lembro Zezinho Pintor,  
e o nosso padre Assis,  
o professor Oliveira,  
Miguel Motta, foi feliz.  
Durval e Doutor Messias,  
José Gomes, nos seus dias,  
fez o que hoje continua,  
para as tradições históricas,  
duas figuras folclóricas,  
Manduri e Tranca-Rua.

A Genival da Coroa,  
e seu Ardman Cavalcante,  
a cidade também deve,  
um bom trabalho importante,  
do nosso Dom Expedito,  
a Dom Gerardo acredito,  
no santo ensino, fiel,  
da fé, um grande problema,  
aqui termino o poema,  
Patos de Major Miguel.

FIM.

Figura – Capa do folheto



Fonte: Acervo da autora

O Cordel *História completa da Cruz da Menina* é composto por 235 estrofes, em sextilhas de sete sílabas e esquema rímico ABCBDB e duas setilhas – acróstico – também heptassílabas, com esquema rímico ABCBDD. No que se refere ao número de páginas, 48, pode ser classificado como um romance. Quanto à classificação temática, recorreremos, aqui, àquela estabelecida por Manuel Diégues Júnior, em seu livro *Ciclos temáticos na literatura de cordel*. Dessa forma, a narrativa poética faz parte do grupo de romances de temática tradicional, vinculada à vertente de conteúdo histórico / religioso / místico, uma vez que o folheto conta a história de como nasceu o fenômeno religioso

que envolve “A cruz da Menina”, uma romaria que acontece na cidade de Patos e que atrai fiéis de todos os lugares do país.

A menina / santa, “filha de retirantes e conhecida apenas por Francisca”, segundo o pesquisador Damião Lucena, em seu livro *Patos de todos os tempos*: a capital do sertão da Paraíba, chega à cidade, na companhia de seus pais adotivos, nos anos vinte, do século passado. Francisca teria sido dada ao casal “em uma das maiores secas da história, como única forma encontrada por seus pais para livrá-la da fome que assolava as famílias nômades” (LUCENA, 2015, p. 565). Ainda de acordo com o referido autor, a menina era uma espécie de criada, responsável pelas tarefas domésticas, vivendo como prisioneira do casal e sofrendo maus-tratos constantes, que culminam no assassinato da menina por Domila, esposa de Absalão. O corpo é ocultado em um sítio próximo e descoberto por um morador da região já em avançado estágio de decomposição. Reconhecido pela população como sendo da menina Francisca, o corpo é enterrado, e o casal, após três julgamentos, é inocentado do crime, causando revolta na população local. Foi erguida uma cruz no local onde o corpo foi encontrado e tiveram início as orações e os milagres da Menina Francisca. Em 1929, foi erguida, em sua homenagem, uma capela, que até hoje recebe os romeiros. É esse o conteúdo histórico que serve como tema aos versos do folheto escrito pelo poeta Antônio Américo.

O título do folheto, “História completa da Cruz da Menina”, já chama a atenção do leitor para a “veracidade” da história contada pelo poeta, afinal, trata-se da história “completa”. Esse recurso, fruto da tradição narrativa do cordel, busca repassar para o leitor credibilidade e a ideia de que aquela versão da história contém todos os fatos que fazem parte da história e não apenas algumas passagens. Ratificando essa ideia, o poeta, ao final do poema, na estrofe 234, ainda afirma: “Da santa Cruz da Menina/ eis a história rimada / feita com todos os dados/ não está faltando nada”. Seguindo a ideia de completude dos fatos narrados, ainda podemos citar a ilustração da capa do folhe-

to, com uma fotografia da Cruz e da Capela também como recurso utilizado pelo poeta.

Já nas primeiras estrofes, o poeta apresenta o tema da narrativa: a romaria da Cruz da Menina. Esta é fruto da fé e do misticismo que envolve as promessas e as curas milagrosas que deram origem “à Santa Cruz da Menina”.

Somente na página cinco do folheto, na estrofe 23, é que o poeta começa a contar a história da chegada de Francisca à cidade de Patos, no ano de “vinte e três”, em companhia de Domila e Absalão. A menina é apresentada ao leitor como afilhada do casal e vítima constante de maus-tratos infringidos pela madrinha e testemunhados pela vizinhança. Responsável pelas tarefas domésticas, Francisca, em um descuido, esquece uma das janelas da casa aberta, e o fato desencadeia a fúria de Domila, que mata a criança com uma trave. Ajudada pelo marido, joga fora o corpo e finge uma fuga para Francisca. Dois dias depois, o corpo da menina é encontrado, “em grande putrefação”, em um “serrotinho / coberto de urubus”, “entre duas pedras”. Trazido para a cidade, reconhecido pela população como sendo da menina Francisca, o corpo é enterrado, e tem início o processo contra o casal pelo assassinato. Após três julgamentos, que duraram anos, o casal é inocentado e vai embora da cidade, temendo a revolta da população. Logo após a mudança do casal, “fizeram uma cruz bem feita / com inspiração divina / puseram em frente ao serrote / que foi achada a menina”, batizada “por Cruz da Menina / e até hoje é chamada.”. Fruto de uma “graça alcançada”, em 1929, foi erguida uma capela onde a menina foi encontrada e “ali pela fé do povo / tornou-se canonizada / ficou por Santa Francisca / por todo mundo chamada.”.

Os fatos narrados poeticamente apresentam grande proximidade com a narrativa histórica, como é possível observar. Entretanto, aspectos como a linguagem e a postura assumida pelo poeta narrador podem ser identificados como instrumentos utilizados para a con-

quista do leitor. As referências aos espaços e aos acontecimentos, assim como às personagens que fizeram parte dessa história, como testemunhas vivas dos fatos narrados, são detalhes que aproximam ainda mais poeta e leitores.

Como parte do povo, o poeta tem o dever de relatar fielmente os fatos e os sentimentos deste. A indignação da população local, assim como o desejo de justiça através da punição legal para o casal, justiça dos homens, é apresentada nos versos da narrativa, entretanto ela não chega. Enquanto isso, como parte dessa situação antagônica, apresenta-se na narrativa um aspecto que Xidieh (1993, p.84) vai chamar de “moral rústica”. Como parte da “expectativa coletiva” quanto à justiça, no caso do folheto, Absalão recebe como castigo / punição da Providência para o seu delito o fato de ser vítima de um acidente com seu automóvel ao voltar de uma festa na cidade de Malta. O carro vira no exato local onde ele tinha deixado o motorista esperando por ele quando foi jogar fora o corpo da menina, e ele acaba quebrando um dos braços. A ausência de punição para o casal, com o passar do tempo, aumentava ainda mais o sentimento de injustiça no coração de “cada pessoa”. É quando, em um casarão onde não morava ninguém, próximo à Cruz da Menina, quem passava por perto ouvia os gritos de uma criança apanhando, fato que “assombrou muita gente” e culminou na reabertura do processo. Ainda nesse momento do texto, em que o poeta sugere que até mesmo os mortos gritaram por justiça, ele ainda afirma que os fatos ocorridos na casa mal-assombrada “não é lenda é coisa exata.”

O folheto se encerra com um acróstico, no qual, assim como fez o mestre Leandro, o poeta altera o número de versos da estrofe para assinar o poema. Neste, mais uma vez, o poeta ratifica ser “A história verdadeira”, que ele não se cansava de contar. Ela é “toda certa e pesquisada”. Aqui, o poeta também reafirma o seu compromisso e a sua felicidade em informar o povo sobre um “fato verídico e santo”, afinal “O poeta é pra lutar.”

### Cordel História completa da Cruz da Menina

Perto a cidade de Patos  
existe uma romaria  
chamada Cruz da Menina  
que vem gente todo dia  
conhecer, pagar promessa  
de fora e da freguesia.

É a maior romaria  
do sertão Paraibano  
entre curas e milagres  
dão mais de mil todo ano  
gente até de outra crença  
sem ser católico romano.

Até um americano  
lá dos Estados Unidos  
desenganado dos médicos  
com os dois pés encolhidos  
paralítico para sempre  
dito por médicos sabidos.

Todo dia ele pedia  
a Jesus pra melhorar  
em uma noite sonhou  
que existia um lugar  
chamado Cruz da Menina  
o canto de lhe curar.

No sonho uma voz dizia .  
é na terra brasileira  
onde existe uma capela

faça um voto a padroeira  
pedindo a Santa Francisca  
sua cura verdadeira.

Tenha fé faça promessa  
pra se restabelecer  
depois de bom você manda  
uma imitação fazer  
dos dois pés quando doente  
você vivia a sofrer.

Procure na Paraíba  
a cidade chamada Patos  
pertinho a Cruz da Menina  
com milagres e retratos  
chegue lá deixe os dois pés  
com fé em todos os atos.

Naquilo o americano  
foi do sono despertando  
viu passar uma menina  
saiu na porta voando  
e disse até o Brasil  
lá eu fico te esperando.

O americano disse  
sempre sonho é ilusão  
este foi realidade  
vi a Santa na visão  
fez o voto e a promessa  
contrito de coração

Disse se Santa Francisca  
fizer eu andar direito  
mando fazer os dois pés  
vou ao Brasil satisfeito  
deixar na Cruz da Menina  
com toda ordem e respeito.

Em cem dias ficou bom  
com cinco meses chegou  
ali na Cruz da Menina  
sua promessa pagou  
deixou os dois pés que trouxe  
e toda história contou.

Dona Odilia a zeladora  
conserva os dois pés guardados  
lá no quarto dos milagres  
com mais de mil encostados  
milagres que pelo povo  
das promessas são deixados.

De promessas paga assim  
Dona Odilia mostra a gente  
perna, pé, cabeça e braço  
de aleijo e acidente  
quem fica bom traz a fôrma  
de quando era doente.

De pedra, gesso e madeira  
tem todas imitações  
dos doentes quando estavam  
naquelas situações  
e muitas curas daquelas  
foram por revelações.

Muitas pessoas sonharam  
com a menina ensinando  
que fizesse uma promessa  
depois fôsse procurando  
onde era a Cruz da Menina  
para pagar visitando.

No ano de vinte e quatro  
a primeira revelação  
começou com um senhor  
doente do coração  
em sonho viu a menina  
e a cruz no alto sertão.

Ele morava no brejo  
mas tinha se receitado  
na capital João pessoa  
onde foi desenganado  
voltou pra morrer em casa  
com a família de lado.

Sonhou com uma menina  
que morreu martirizada  
perto a cidade de Patos  
foi num serrote encontrada  
em frente ao serrote a cruz  
olhando para a estrada.

A cruz estava novinha  
erguida a poucos dias  
nossa gente visitava  
nas manhãs e tardes frias  
levando fitas e flores  
sem nada de romarias.

A vinte e seis de janeiro  
quando esse homem chegou  
no ano de vinte e quatro  
e a promessa pagou  
a fé da Cruz da menina  
de repente se espalhou.

De vinte e quatro até hoje  
todo dia chega gente  
ali pra pagar promessa  
sempre tem diariamente  
romeiros e visitantes  
naquele santo ambiente.

Agora mudo um pouquinho  
para entrar na rotina  
da parte mais principal  
que a quem não sabe ensina  
dizendo o que deu origem  
à Santa Cruz da Menina.

Chegou pra morar em Patos  
em vinte e três um casal  
Domila e Absalão  
naturais da Capital  
ele bom eletricitista  
tinha curso especial.

Por ser bom eletricitista  
tomou conta da usina  
que dava luz a cidade  
nessa época pequenina  
e em companhia deles  
trouxeram uma menina.

Afilhada de Domila  
era esta garotinha  
quando Domila casou-se  
pois a menina não tinha  
na casa desse casal  
chegou bem pequenininha.

Chamava ela de madrinha  
Absalão de padrinho  
porém nem dele e nem dela  
nunca recebeu carinho  
só recebia maltratos  
constava ao povo vizinho.

Domila era carrasca  
para essa pobre criança  
dava nela e maltratava  
constava a vizinhança  
e dizia de matá-la  
eu inda tenho esperança.

Dava de pau e corda  
uma vez jogou no chão  
se sentou em cima dela  
foi tocar num violão  
ficou um lado do rosto  
preto da cor de carvão.

Dessa vez seu Arquimedes  
quis ir dar parte ao juiz  
dos castigos corporais  
que sofria a infeliz  
não foi porque a família  
não deixou mas ele quis.

Absalão apoiava  
o que Domila fazia  
com a pobre da Francisca  
castigando todo dia  
ele também ajudava  
quem morava perto ouvia.

toda tardinha ele ia  
para a usina virar  
o motor que dava a luz  
e ficava a trabalhar  
até as onze da noite  
na hora de desligar.

E sempre a boca da noite  
Domila ia também  
deixava Francisca em casa  
sem companhia de alguém  
lhe dizia vá dormir  
meia noite a gente vem.

Trancava a porta por fora  
levava a chave na mão  
ia lá para a usina  
onde estava Absalão  
só voltava meia noite  
depois da obrigação.

Na noite dez de outubro  
do ano de vinte e três  
Domila trancou a porta  
a recomendação fez  
mandou Francisca dormir  
foi à usina outra vez.

Quando Domila saiu  
Francisca foi trabalhar  
fazer as lutas da casa  
para se agasalhar  
quando alguém na janela  
começou a lhe chamar.

Era uma coleguinha  
e mais outras que chegaram  
Francisca abriu a janela  
elas por fora ficaram  
mais ou menos dez minutos  
com ela ali conversaram.

Quando as meninas saíram  
Francisca logo encostou  
a janela pra fechar  
quando bateu que serrou  
com certeza do ferrolho  
se esqueceu não passou.

Findou de fazer as lutas  
pra rede se dirigiu  
sozinha pegou no sono  
o vento a janela abriu  
seu último sono com vida  
umas três horas dormiu.

Às onze horas da noite  
Absalão desligou  
o motor que dava luz  
a cidade se enlutou  
na escuridão da noite  
quando a luz se apagou.

Absalão e Domila  
pra casa se dirigiram  
já perto de zero hora  
chegaram e a porta abriram  
assim que acenderam a luz  
a janela aberta viram.

Domila disse é capaz  
da casa estar roubada  
olharam quarto por quarto  
não tinha faltado nada  
Domila disse eu agora  
vou acordar a safada.

Deu um pontapé na rede  
a pobrezinha acordou  
deu de mão quebrando a cara  
e quando deu perguntou  
aquela janela aberta  
para que você deixou.

Francisca disse madrinha  
me perdoe que eu errei  
abri porque as meninas  
me chamaram e conversei  
elas por fora e eu por dentro  
quando encostei não fechei.

Com certeza eu encostei  
mas não passei o ferrolho  
Domila de novamente  
deu-lhe um tabefe num olho  
e disse menina imunda  
hoje eu tiro o seu piolho.

Correu tirou uma trave  
doutra janela que tinha  
como uma fera assanhada  
partiu para a criancinha  
Francisca disse chorando  
não faça isso madrinha.

Absalão nessa hora  
tinha para o muro entrado  
porém dum lado e do outro  
tinha vizinho acordado  
com a zoada que Domila  
tinha ali iniciado.

De lá ouviram as pancadas  
já era ela matando  
quando Absalão entrou  
foi olhando e perguntando  
você matou a menina  
foi tudo silenciando.

Domila falou baixinho  
já com a voz abafada  
notando que nos vizinhos  
já tinha gente acordada  
de fato que tinha mesmo  
mas não ouviram mais nada.

Apagaram a lamparina  
tudo ali silenciou  
os vizinhos na escuta  
até que o sono chegou  
todo mundo adormeceu  
o Absalão notou.

Aí disse pra Domila  
temos que agir agora  
enrolar esta menina  
num pano sem ter demora  
fazer da mesma um pacote  
depressa tirar pra fora.

Em uma coberta grande  
enrolaram direitinho  
amarraram de cordão  
tudo isto ligeirinho  
depois do pacote pronto  
foram pensar um pouquinho.

Data onze de outubro  
às duas da madrugada  
do ano de vinte e três  
foi esta cena passada  
os dois olhando o pacote  
da criança assassinada.

Tanto ele como ela  
naquele momento incerto  
nada temiam do crime  
vendo o cadáver de perto  
pensavam em ocultar  
para não ser descoberto.

Pensando em plano e cilada  
Absalão resolveu  
ir chamar José Vicente  
que era um amigo seu  
e trabalhava num carro  
foi o que aconteceu.

Zé Vicente trabalhava  
num carro de motorista  
mas, por Hindú na cidade  
se conhecia o artista  
o carro era dum senhor  
chamado Joaquim Batista.

Absalão chegou lá  
chamou Hindú bem baixinho  
quando Hindú acordou  
ele disse direitinho  
Hindú é Absalão  
não tenha medo amiguinho.

Hindú vim lhe acordar  
para ir comigo agora  
uma viagem depressa  
Hindú perguntou é fora  
ele disse é bem pertinho  
pode gastar meia hora.

Entraram no automóvel  
Absalão disse amigo  
vamos passar por ali  
que Domila vai comigo  
não precisa ir lá em casa  
chegar no ponto eu lhe digo.

Antes da rua da Pedra  
mandou o carro parar  
disse vou buscar Domila  
e uns troços pra levar  
aguarde aí três minutos  
para a gente viajar.

Foi em casa e apanhou  
o pacote de momento  
Domila saiu com ele  
sem nada de movimento  
inda hoje a rua da Pedra  
tem sinal de sentimento.

Naquela hora calada  
toda cidade dormia  
Absalão preso ao braço  
o pacote conduzia  
a busca do automóvel  
em passo lento seguia.

Chegaram no automóvel  
Domila entrou primeiro  
Absalão com o pacote  
se sentou por derradeiro  
pra onde era a viagem  
deu a Hindú o roteiro.

A cidade no escuro  
muito silêncio reinava  
o carro silencioso  
pouca zoadá deixava  
na linha Santa Gertrudes  
deixando a rua rumava.

Absalão sustentava  
o pacote assim de lado  
Hindú como motorista  
se conservava calado  
e a consciência dizendo  
este caso é complicado.

Quando deixaram a cidade  
era três da madrugada  
mais ou menos três quilômetros  
andaram pela estrada  
Absalão disse Hindú  
pode dar uma parada.

Hindú procurou a mão  
pisou no freio e parou  
Absalão com o pacote  
ligeiramente saltou  
Domila saltou com ele  
Hindú no carro ficou.

Absalão disse Hindú  
eu vou com Domila ali  
faça manobra no carro  
e pode esperar aqui  
para a gente voltar logo  
assim que chegar dali.

Para o lado direito  
da estrada procuraram  
depois no mato fechado  
um serrotinho encontraram  
ali entre duas pedras  
o corpo dela deixaram.

Ali entre duas pedras  
deixaram morta a criança  
voltaram para a estrada  
naquela forte esperança  
de nunca ser descoberto  
nem aparecer vingança.

Dentro de poucos minutos chegaram de novamente no carro sem o pacote Hindú sentiu de repente que havia uma tragédia naquele casal de gente.

Absalão disse vamos a cidade depressinha Hindú olhou para os dois viu que o pacote não vinha notou que algum segredo naquele pacote tinha.

Com certeza Absalão na hora que foi pagar pediu a conveniência para Hindú não contar esta viagem a ninguém queria tudo ocultar.

Hindú assim que deitou-se Joaquim Batista o chamou pediu a chave do carro dizendo no sítio eu vou de deis para sete horas de volta aqui eu estou.

Na linha Santa Gertrudes foi para um sítio também resolver lá um negócio que no carro dava bem pra ir depressa e voltar tudo na história tem.

Bem cedinho Absalão assim que a porta abriu foi dizendo mais Domila nossa menina fugiu agora de madrugada sem a gente vê saiu.

Deixou a porta cerrada com um pano encostadinha com certeza ela saiu perto da madrugada vou ser se alcanço ela agora de manhãzinha.

Ali criaram o boato de Francisca ter fugido Absalão à procura saiu todo aborrecido e Domila ficou contando ao povo conhecido.

Absalão foi na mesma estrada aonde passou com ela de madrugada mais dum boato criou dizendo que uns romeiros perto da rua encontrou.

Romeiros do Padre Cícero que vinham de Juazeiro Absalão perguntando eles deram bom roteiro tinham passado por ela sozinha andando ligeiro.

Lá no Riacho do Frango disse que tinha encontrado uma mulher na estrada que também tinha informado que pela dita menina a pouco tinha passado.

Deu os sinais da menina direito sem faltar nada já perto do Trapiá ela ia na estrada só com a roupa do corpo andando muito apressada.

Na notícia da mulher Absalão se apressou assim que subiu o alto Joaquim Batista encontrou vindo de volta no carro vendo Absalão parou.

Perguntou pra onde vai tão vexado na estrada ele disse foi Francisca que fugiu de madrugada me diga se encontrou aquela desapontada.

Joaquim Batista lhe disse eu não encontrei ninguém Absalão disse a ele na minha frente ela vem você não passou por ela ela já vai mais além.

Absalão se firmava nos dois planos traiçoeiros primeiramente dizia ter encontrado os romeiros e segundo uma mulher ia nesses dois roteiros.

Disse pra Joaquim Batista diga se pode voltar comigo à procura dela até a gente encontrar o carro anda ligeiro não dá trabalho alcançar.

Joaquim lhe disse pois não fez a manobra e voltaram olhando um lado e o outro da estrada e procuraram dali pra Santa Gertrudes, nem um roteiro encontraram.

Fazendo a viagem no carro Absalão encontrou pessoas pela estrada e a todas perguntou só houve as duas notícias que ele mesmo inventou.

Andou pra lá e pra cá de oito horas chegaram falou nas duas notícias que a ele informaram que tinha pegado o carro andou muito e não acharam.

Ai se fez de zangado  
como um artista sagaz  
dizendo já andei muito  
não dou mais um passo atrás  
e se ela aparecer  
eu também não quero mais.

Domila disse também  
dela ninguém não precisa  
que se ela aparecer  
chega com a cara lisa  
é sujeito Absalão  
matá-la de uma pisa.

Perguntaram a Absalão  
porque foi a fuga dela  
foi porque ela esta noite  
deixou aberta a janela  
e Domila disse que hoje  
dava uma pisa nela.

Data onze de outubro  
às nove horas do dia  
do ano de vinte e três  
o Absalão dizia  
porque Francisca fugiu  
pela madrugada fria.

Assim ficou o boato  
da menina ter fugido  
nas horas da madrugada  
e não ter aparecido  
arrumadinho bem feito  
por Domila e seu marido.

E assim tiraram o dia  
no assunto da menina  
à noite o Absalão  
foi trabalhar na usina  
como era acostumado  
na sua velha rotina.

Domila ficou em casa  
tomou banho e se aprontou  
pegou no seu violão  
tocou um pouco e cantou  
depois saiu pra usina  
bem alegre onde passou.

Foi chamar Absalão  
pra ir com ela ao cinema  
ele deixou um rapaz  
resolvendo seu problema  
da usina e foi com ela  
olhar do filme o sistema.

Depois do filme voltaram  
à usina novamente  
às onze e tantas da noite  
retomaram ao ambiente  
da casa onde mataram  
a pobre da inocente.

Com certeza nesta noite  
alguma coisa eles viram  
na casa que deu-se o crime  
muito remorso sentiram  
porque foi a última noite  
que nesta casa dormiram.

De manhã Absalão  
assim que se levantou  
saiu direto ao hotel  
um quarto grande arranhou  
e antes do meio dia  
para a pensão se mudou.

Disse para seus vizinhos  
não quero mais moradia  
porque Francisca fugiu  
deixou nossa companhia  
no Hotel de Biu Chapéu  
arranjei hospedaria.

É somente eu e Domila  
vamos morar na pensão  
não quero mais empregada  
para evitar questão  
Francisca era de menor  
e fez esta confusão.

Aqui deixo Absalão  
com tudo que aconteceu  
no Hotel de Biu Chapéu  
na mudança que se deu  
para falar na menina  
como foi que apareceu.

Na manhã do dia treze  
junto ao sítio Trapiá  
morava Inácio Lasário  
do outro lado de lá  
e viu porção de urubus  
baixando todos pra cá.

Inácio Lasário disse  
foi alguma criação  
que morreu no Trapiá  
ali por aquele chão  
vou olhar se foi das nossas  
que é minha obrigação.

Tomou café e saiu  
no rumo aonde baixavam  
os urubus que voando  
roncando as asas passavam  
naquele chamado deles  
mais urubus se juntavam.

Quando foi chegando perto  
avistou um serrotinho  
coberto de urubus  
em cima e encostadinho  
Inácio se arrepiou  
tremeu pra chegar sozinho.

Espantando os urubus  
chegou ao ambiente  
entre duas pedras viu  
um formato diferente  
mesmo estragado mostrava  
que era corpo de gente.

O corpo estava estragado  
não se via mais feição  
os urubus estragando  
em grande putrefação  
Inácio notou que era  
restos mortais dum cristão.

Com o choque que sentiu  
apenas só fez olhar  
voltou para casa urgente  
a família foi chamar  
trouxe um genro e dois filhos  
depressa àquele lugar.

Trouxe o genro Laurindo  
e sua filha Maria  
Também o filho João  
todos três na companhia  
de seu Inácio Lasário  
naquele tristonho dia.

Assim que chegaram lá  
Maria reconheceu  
disse foi uma menina  
que entre as pedras morreu  
meu Deus que caso tão triste  
foi este que aconteceu.

Maria era experiente  
pegou olhar com cuidado  
disse a menina foi morta  
olhe o crânio fraturado  
e deste lado direito  
o antebraço quebrado.

Inácio Lasário disse  
irei agora à cidade  
deixo vocês vigiando  
e eu vou com brevidade  
dizer ao Major Miguel  
e dar parte à autoridade.

Vicente Jansen de Castro  
de Patos o delegado  
porém naquela manhã  
ele tinha viajado  
tendo Antonio Fragôso  
o seu lugar ocupado.

Quando Inácio Lasário  
chegou na delegacia  
procurou o delegado  
um soldado lhe dizia  
é hoje Antonio Fragôso  
o delegado do dia.

Inácio Lasário disse  
que precisava falar  
com o delegado urgente  
o soldado foi chamar  
não demorou dez minutos  
com seu Antonio chegar.

Seu Antonio perguntou  
Inácio o que é que há  
ele disse eu vim correndo  
desde o sítio Trapiá  
dar parte de um cadáver  
que a pouco achei lá.

Contou a história toda  
que viu a urubuzada  
foi direito ao local  
conheceu pela chegada  
que era uma criança  
estando muito estragada.

Disse que a filha Maria  
olhando bem de pertinho  
notou ser uma menina  
porque era um vestidinho  
que ali testemunhava  
ser feminino o corpinho.

Antonio Fragôso disse  
agora vá avisar  
ali a Major Miguel  
que eu vou me preparar  
pra ir fazer a perícia  
e o corpinho buscar.

Fale pra Major Miguel  
que Vicente não está  
e eu vou com os soldados  
fazer a perícia lá  
se ele der por bem feito  
venha que iremos já.

Major Miguel disse vão  
agir tudo direitinho  
diga a Antonio Fragôso  
que examine um pouquinho  
se acha rastro de gente  
da estrada ao serrotinho.

Leve também uma estopa  
para o cadáver trazer  
deixar na delegacia  
para todo mundo ver  
o povo vendo é melhor  
de alguém reconhecer.

Com a ordem do Major  
Fragôso com os soldados  
e seu Inácio Lasário  
partiram todos vexados  
além de outros senhores  
que foram acompanhados.

Como ensinou o Major  
chegaram lá rastejaram  
rastros de duas pessoas  
ligeiramente encontraram  
da estrada ao serrote  
direitinho observaram.

O corpo por todo canto  
estava muito estragado  
em grande putrefação  
apanharam com cuidado  
trouxeram para a cidade  
em uma estopa enrolado.

Ficou na Cadeia Pública  
exposto pra toda gente  
olhar pra reconhecer  
quem era aquela inocente  
em menos de meia hora  
se encheu o ambiente.

Do pessoal que estava  
surgiu uma opinião  
esta menina é Francisca  
da casa de Absalão  
o boato cresceu logo  
no meio da multidão.

Um dizia outro dizia  
que ela tinha fugido  
a dois dias mais ou menos  
tinha desaparecido  
e que era ela mesma  
já estava esclarecido.

Uma mulher que morava  
de Domila bem pertinho  
disse o pé direito dela  
era aleijado um pouquinho  
e outra mais que conheço  
ser dela este vestidinho.

Na parte aonde Francisca  
tinha o pé aleijado  
foi encontrado o defeito  
aí ficou comprovado  
ser de Francisca o cadáver  
afirmou o delegado.

Chamaram Absalão  
ele chegou e olhou  
pelo pé e o vestido  
muito frio confirmou  
dizendo poucas palavras  
depressa se retirou.

Domila não pisou cá  
com isto alguém já dizia  
esta menina foi morta  
pelos tais da moradia  
com isto de boca em boca  
a cidade se enchia.

Já existia conversa  
dos vizinhos que falavam  
da surra da meia noite  
de suas casas notavam  
a zoadada de Domila  
depois quando se calavam.

Teve alguém da cidade  
que tinha visto a saída  
de Absalão e Domila  
quando fizeram partida  
com o pacote no carro  
na tal viagem escondida.

Este grande comentário  
já havia na cidade  
porém quem viu tinha medo  
dizer a autoridade  
sem poder provar direito  
que fosse realidade.

Às duas horas da tarde  
Fragôso foi perguntar  
ao grande Major Miguel  
se podia sepultar  
o Major respondeu pode  
mandar a cova cavar.

A esposa do Major  
a dona Capitulina  
disse a Antonio Fragôso  
o enterro da menina  
é todo por minha conta  
você é quem determina.

Antonio Fragôso disse  
pois assim vamos comprar  
cinco metros de murim  
para o cadáver enrolar  
colocar em um caixão  
para depois sepultar.

A dona Capitulina  
mandou comparar o murim  
arranjou porção de flores  
de fora e de seu jardim  
cobriram o caixão de flores  
fizeram o enterro assim.

Foram mais de mil pessoas  
ao cemitério local  
e dona Capitulina  
pagou pra tocar sinal  
duas horas sem parar  
comovendo o pessoal.

Às três e quinze da tarde  
foi feito o sepultamento  
quando o pessoal voltava  
com sinal de sentimento  
Vicente Jansen de Castro  
chegou naquele momento.

Quando o delegado entrou  
pelas ruas da cidade  
olhava as calçadas cheias  
via gente em quantidade  
ficou pensando consigo  
existe uma novidade.

Vinha num cavalo bom  
aonde ia passando  
via o povo na calçada  
parado pra ele olhando  
como pedindo justiça  
o delegado notando.

Tirou direto à cadeia  
chegou lá se apeou  
saiu Antonio Fragôso  
a sua mão apertou  
o que há de novidade  
Vicente lhe perguntou.

Antonio Fragôso disse  
Vicente eu hoje peguei  
um caso tão melindroso  
que inda não almocei  
sem você estar aqui  
grande trabalho enfrentei.

Contou a história toda  
da forma que foi passada  
de manhã até agora  
foi uma luta pesada  
com a ordem do Major  
a pouco foi sepultada.

Lhe entregou a perícia  
com a história colhida  
e o trabalho que fez  
depois de reconhecida  
Francisca que há dois dias  
era desaparecida.

O exame cadavérico não pode ser atuado que o corpo dela estava completamente estragado pelo pé e o vestido ficou tudo comprovado.

Até o mesmo Absalão chegou aqui e olhou e disse que era ela porém nada adiantou a cara é de quem tem culpa muito mudado voltou.

Domila não pisou cá era a conversa que havia eles dois são os culpados um dizia outro dizia que tinha sido eles dois o delegado sentia.

Vicente Jansen de Castro na mesma tarde atuou pra começar o inquérito o seu escrivão chamou senhor José Calazans que com ele trabalhou.

No outro dia seguinte mandou a intimação chamando o dito casal Domila e Absalão depois as seis testemunhas pra dar continuação.

Absalão contou só que ela tinha fugido com medo de apanhar na madrugada saído ele teve dois roteiros porém foi tudo perdido.

Domila também contou a sua história incerta de Francisca ter deixado à noite a janela aberta e prometeu que cedinho lhe dava a pisa na certa.

O delegado intimou para os depoimentos seis vizinhos de Domila que tinham conhecimentos que Francisca era vítima de grandes espancamentos.

Os nomes das testemunhas senhor Pacífico a primeira segunda Noé Trajano seu Gumerindo a terceira a quarta seu Arquimedes quinta Maria Oliveira.

João Sisenando de Sousa também deu depoimento foi a sexta testemunha que tinha conhecimento vizinho que conhecia de Francisca o sofrimento.

Finalmente todas seis diretamente acusaram da noite do dia onze coisas que observaram zoadas, grito e pancada das suas casas notaram.

Uma testemunha disse que deu pra compreender quando Absalão disse agora o que vou fazer você matou a menina o jeito é se esconder.

Até aí os vizinhos alguma coisa entenderam aí silenciou tudo diversos adormeceram Domila e Absalão no cochicho se manteram.

Mas ainda teve quem visse ele o carro ir buscar saindo com o pacote chegar no mesmo e entrar Domila indo com ele sem nem um dos dois falar.

A história parecida a testemunha contava mas quem tinha visto mesmo ninguém ali afirmava sem testemunha de vista nada direito aprovava.

A cidade já sabia que Hindú tinha levado Domila e Absalão com um pacote enrolado e meia hora depois sem nada tinha chegado.

Conversa que alguém disse sem ter ninguém pra provar fulano viu parecido outro pôde observar sem ter quem tivesse visto tudo certo pra contar.

Hindú era de menor não pôde ser intimado que só tinha quinze anos mas o patrão foi chamado o dono do automóvel quem mais foi interrogado.

Em grande interrogatório Joaquim Batista caiu disse que de madrugada o seu carro não saiu se Hindú fez a viagem nem ele soube e nem viu.

Contou que de manhãzinha vindo da propriedade encontrou Absalão que contou-lhe a novidade fez a corrida com ele depois voltaram à cidade.

A oitava testemunha  
foi seu Inácio Lasário  
achou a menina morta  
contou tudo ao comissário  
do começo até o fim  
sem dizer nada ao contrário.

Doutor José Genuíno  
o atual promotor  
precisou se afastar  
chegou o outro doutor  
promotor Cícero Mateus  
também de muito valor.

Porém novas testemunhas  
começaram aparecer  
com novos depoimentos  
procurando defender  
contrariando as primeiras  
deu para o povo entender.

Assim ficou o casal  
diante a lei processado  
sem testemunha de vista  
nem um dos dois foi trancado  
ou por lei ou proteção  
o processo engavetado.

Gente para ser ouvida  
foi até o fim do mês  
o número das testemunhas  
atingiu a trinta e três  
a favor dos criminosos  
melhorou tudo de vez.

Continuou o casal  
com a mesma liberdade  
o processo engavetado  
porém na realidade  
eles se envergonhavam  
diante a sociedade.

As primeiras testemunhas  
diretamente acusaram  
porque eram verdadeiras  
tudo direito contaram  
as outras não sei porque  
um pouco contrariaram.

Mais de oitenta por cento  
da cidade revoltada  
dizendo aquela mulher  
era pra estar trancada  
e Absalão também  
sem ter mais direito a nada.

Depois de tudo bem feito  
pelo nobre delegado  
com juiz e promotor  
foi o casal processado  
Fenelon Ferreira Nóbrega  
grande juiz inspirado.

Ele pra se distrair  
para Malta viajou  
foi assistir uma festa  
à noite quando voltou  
em frente à Cruz da menina  
o automóvel virou.

Virou no mesmo local  
que ele tinha saltado  
levando Francisca morta  
dentro do mato ocultado  
e da virada ficou  
com um dos braços quebrado.

A pensão de Biu Chapéu  
sempre era visitada  
gente naquele ambiente  
toda hora era chegada  
para conhecer a mulher  
criminosa e processada.

Muito triste Absalão  
com a virada ficou  
lá na casa de saúde  
quando o braço encanou  
estava traumatizado  
que todo mundo notou.

Resolveu Absalão  
se mudar para Campina  
porque pra morar em Patos  
tinha perdido a rotina  
desde a noite feia e triste  
que deram fim à menina.

Disse pra Major Miguel  
aqui eu não vou ficar  
vou embora pra Campina  
preciso me retirar  
o major disse pois não  
faça como desejar.

Absalão e Domila  
em Campina se deram bem  
lá apareceu família  
e bons trabalhos também  
porém quem deve uma conta  
mais tarde o cobrador vem.

Absalão da virada  
ficou muito envergonhado  
porque aonde passava  
depois do braço quebrado  
sempre ouvia alguém dizer  
começou ser castigado.

Depois que eles saíram  
para morar em Campina  
fizeram uma cruz bem feita  
com inspiração divina  
puseram em frente ao serrote  
que foi achada a menina.

Domila quando saía  
pelas ruas da cidade  
se sentia envergonhada  
diante da sociedade  
o povo olhando pra ela  
crescendo mais a maldade.

Levantaram um pilarzinho  
em cima a cruz colocada  
e desde aquela hora  
que ela foi batizada  
ali por Cruz da menina  
é até hoje chamada.

Com flores, grinalda e terço  
começaram a enfeitar  
visita todos os dias  
gente contrita a orar  
revelações e promessas  
como já passei a falar.

Ia gente todo dia  
chegava lá e rezava  
outro fazia promessa  
também chegava e pagava  
com as curas e milagres  
a fé do povo aumentava.

No ano de vinte e nove  
por uma graça alcançada  
o senhor José Justino  
fez a capela sagrada  
em cima do serrotinho  
que ela foi encontrada.

Em vinte e oito foi seco  
faltou água em seu lugar  
na Fazenda da Escura  
fez a prece pra chegar  
encontrou uma cacimba  
que foi água pra sobrar.

Assim seu José Justino  
com o seu santo ideal  
dando abrigo as duas pedras  
naquele santo local  
fez a capela tão linda  
que tem nome universal.

Quando estava aprontando  
o canto pra construção  
por trás de uma das pedras  
viu um molhado no chão  
limpou era um olho d'água  
causou admiração.

Durante a construção  
a água era sobrando  
todo mundo que chegava  
ficava admirando  
aquela água tão limpa  
cristalizada minando.

Quando seu José Justino  
a capela terminou  
vinte e cinco de abril  
dia que inaugurou  
com uma missa solene  
grande multidão juntou.

Ali diversas pessoas  
a água utilizaram  
bebendo e banhando o rosto  
e como milagre usaram  
outros enchendo garrafas  
pra suas casas levaram.

A vinte e cinco de abril  
de vinte e nove o ano  
inaugurada a capela  
neste dia sem engano  
com trabalhos do vigário  
Manoel Otaviano.

Feita a capela no canto  
que ali foi encontrada  
ali pela fé do povo  
tornou-se canonizada  
ficou por Santa Francisca  
por todo mundo chamada.

E assim continuaram  
os seus milagres crescendo  
gente de todas as partes  
do Nordeste aparecendo  
pagando suas promessas  
e o povo de Patos vendo.

Com isto cada pessoa  
sentia no coração  
ser uma grande injustiça  
Domila e Absalão  
morando em Campina Grande  
sem nunca haver punição.

Pertinho à Cruz da menina  
junto à beira da estrada  
existia um casarão  
tornou-se a casa assombrada  
por pessoas que às vezes  
dela tomavam chegada.

De portas escancaradas  
não morava mais ninguém  
gente que chegava perto  
e ouvia muito bem  
uma criança apanhando  
e gritando alto também.

Madrinha não faça isto  
que a senhora me mata  
também ouvia as pancadas  
da mão da mulher ingrata  
isso assombrou muita gente  
não é lenda é coisa exata.

A Massilon Caetano  
nessa época o promotor  
pertencia o casarão  
aquele nobre doutor  
que era o dono da terra  
ali naquele setor.

Com aqueles comentários  
da casa-mal-assombrada  
e a cidade de Patos  
cada vez mais revoltada  
de quem matou a menina  
nunca ter sofrido nada.

Quando foi em trinta e dois  
o momento foi chegado  
o processo a muitos anos  
tinha sido engavetado  
e por doutor Massilon  
da gaveta retirado.

Junto a Antonio Gabinio  
grande juiz da cidade  
os dois olhando o processo  
viam a necessidade  
agiram tudo direito  
com responsabilidade.

Bem preparada a denúncia  
levaram para Campina  
a dezoito de novembro  
pela lei que determina  
denunciando os culpados  
que tinham morto a menina.

Data dezoito do onze  
em trinta e dois teve a vez  
a denúncia para os dois  
e presos em trinta e três  
também no mês de novembro  
na data do dia seis.

A cadeia de Campina  
não tinha para o casal  
um quarto suficiente  
nem tendo outro local  
no mesmo dia desceram  
presos para a Capital.

No dia seis de novembro  
entrou preso em João Pessoa  
o senhor Absalão  
junto com sua patroa  
para moralizar Patos  
foi isto uma coisa boa.

Sei que pra dona Domila  
ao lado de Absalão  
foi uma época ruim  
ficando os dois na prisão  
culpados do grande crime  
que fizeram no sertão.

No dia quinze de junho  
de trinta e quatro o ano  
vieram responder juri  
no sertão paraibano  
de serem absolvidos  
cada qual fazia plano.

Marcado o juri pra Patos  
um dia antes chegaram  
foram à Cruz da Menina  
a capela visitaram  
Domila e Absalão  
ajoelhados rezaram.

Rezaram contritamente  
se mostrando arrependidos  
como pedindo perdão  
todos dois entristecidos  
orando a Santa Francisca  
pra serem absolvidos.

Neste juri trabalharam  
o juiz Luiz Beltrão  
doutor Alfredo Lustosa  
promotor de acusação  
o doutor José Tavares  
a favor de Absalão.

O doutor José Tavares  
como grande advogado  
em defesa dos dois réus  
trabalhou com bem cuidado  
o casal não saiu livre  
isto já era esperado.

Com direito a outro juri  
ficaram os dois animados  
quando marcaram o segundo  
foi com dois advogados  
desta vez saíram livres  
porém foram apelados.

O doutor José Tavares  
trouxe outro companheiro  
foi o doutor Plinio Lemos  
ganhando muito dinheiro  
pensando de libertar  
o casal prisioneiro.

Juiz do segundo juri  
posso também informar  
foi o doutor Manoel Maia  
faz Patos se recordar  
promotor Antonio Dantas  
quem mais sabia acusar.

Vinte e quatro de outubro  
de trinta e quatro o ano  
foi este juri pesado  
no sertão paraibano  
com os dois advogados  
cada qual mais veterano.

Voltaram pra João Pessoa  
com nove meses pra frente  
no ano de trinta e cinco  
voltaram de novamente  
no dia cinco de junho  
o juri que deu mais gente.

Com os dois advogados  
que garantiam soltar  
Domila e Absalão  
que precisavam voltar  
livres a Campina Grande  
retomando ao doce lar.

O doutor José Tavares  
de trabalhos conhecidos  
e Plinio Lemos também  
todos dois bem aplaudidos  
na hora que os dois réus  
saíram absolvidos.

O juiz do último juri  
Edgar Homem Siqueira  
promotor Antonio Dantas  
nesta luta derradeira  
que livrou-se Absalão  
junto com sua caseira.

Foi isto a cinco de junho  
de trinta e cinco em verdade  
Domila e Absalão  
se achando em liberdade  
voltaram a Campina Grande  
na maior felicidade.

O nome de Absalão  
por sua mão assinado  
sobrenome Emerenciano  
foi em Patos processado  
fora esta culpa não tinha  
outra para ser acusado.

Dona Domila Araújo  
também Emerenciano  
esposa de Absalão  
para não haver engano  
voltaram livres de Patos  
em trinta e cinco bom ano.

Se não fosse dona Domila  
do grande crime acusada  
Francisca hoje não era  
pela fé canonizada  
e nem a Cruz da Menina  
era assim tão visitada.

Nunca parou de chegar  
gente ali diariamente  
promessa de todo jeito  
de quem estava doente  
recorre a Santa Francisca  
fica bom ligeiramente.

O quartinho dos milagres  
é todo cheio de curas  
mostrando grandes doenças  
de diversas criaturas  
dos aleijões que sofriam  
vão deixar lá as molduras.

Da santa Cruz da Menina  
eis a história rimada  
feita com todos os dados  
não está faltando nada  
e se houver cobertura  
depois pode ser filmada.

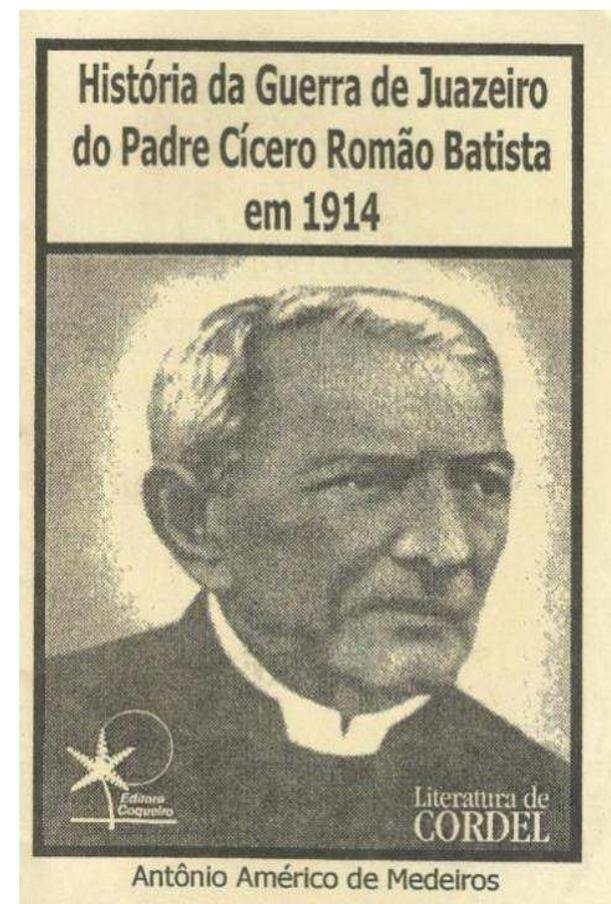
Escrevi este trabalho  
não foi pensando em dinheiro  
foi pra quem não conhecia  
da grande história e roteiro  
e aumentar mais um marco  
no Folclore Brasileiro.

**A** história verdadeira  
**N**ão me canso de contar  
**T**oda certa e pesquisada  
**O** melhor pude arranjar  
**N**esta pesquisa que fiz  
**I**sto me fez tão feliz  
**O** poeta é pra lutar.

**A** Cruz da Menina agora  
**M**e inspirou este tanto  
**E**u nunca pensei fazer  
**R**ica história leio e canto  
**I**nspiração nordestina  
**C**ontei da Cruz da Menina  
**O** fato verídico e santo.

**FIM**

**Figura – Capa do folheto**



Fonte: Acervo da autora

O folheto é composto de trinta e duas estrofes de seis versos. As sextilhas são heptassílabas, com um esquema rímico ABCBDB. Observe-se, inicialmente, que, no interior do folheto, consta um título diferente daquele que é citado na capa. Assim como o cordel apresentado anteriormente, também traz como ilustração uma fotografia. A imagem do personagem principal da história contada em versos pelo poeta, por si só, já chama a atenção do leitor para o assunto do folheto.

O tema também está vinculado à vertente de conteúdo histórico / religioso / místico, uma vez que o folheto conta sobre uma revolta histórica que tem como motivação a oposição política do Padre Cícero à “política das salvaçãoes”, instaurada no governo de Hermes da Fonseca, que permitia a intervenção federal na política dos governos estaduais. Padre Cícero Romão foi o grande líder dessa revolta. Perseguido politicamente pelo Coronel Marcos Franco Rabelo, interventor do Governo Federal no Estado, foi destituído dos cargos que ocupava, Prefeito de Juazeiro do Norte e Vice-Governador do Estado do Ceará, e teve sua prisão ordenada. Em sua defesa, apresenta-se um batalhão formado por jagunços e romeiros, liderados por Floro Bartolomeu. Franco Rabelo ordena uma expedição que tinha como objetivo a prisão de Padre Cícero, mas, quando os soldados chegaram, esbarraram em uma verdadeira muralha, que cercava a cidade. A estratégia de defesa foi chamada de “Círculo da Mãe de Deus” e foi construída em apenas sete dias. As tropas do governo foram impedidas de realizar sua missão e, mesmo após vários reforços e combates, a vitória permaneceu com os “soldados” de Juazeiro do Norte. Após a revolta, o interventor foi destituído, e o presidente Hermes da Fonseca convocou novas eleições para o governo do Ceará. Foi eleito Benjamim Liberato Barroso para o cargo de Governador, e Padre Cícero volta ao posto de Vice-Governador do Estado.

Mesmo excomungado pela Igreja Católica, no final da década de 20, Padre Cícero se tornou uma das maiores lideranças políticas e religiosas da região, ao ponto de ser elevado pelo povo à condição de santo e realizador de milagres. Em sua homenagem, na cidade de Juazeiro, foi erguido um monumento que recebe uma das maiores romarias do país ainda hoje.

Assim como o folheto que versa sobre a Cruz da Menina, nesse cordel, o poeta também tem como ponto de partida para os seus versos o conteúdo histórico. Observe-se ainda que, no folheto em questão, é narrado apenas um dos muitos episódios que fizeram parte da his-

tória e do processo de “santificação” de Padre Cícero do Juazeiro. Sua vida, seus milagres e sua popularidade motivaram a produção de inúmeros folhetos sobre a figura do padre, uma vez que, de acordo com Diégues Júnior (2012, p. 183),

Se autores eruditos, jornalistas, historiadores, sociólogos têm procurado interpretar a vida do Padre Cícero e sua posição no momento histórico do Nordeste é sem dúvida nos folhetos que iremos encontrar o melhor documentário para expressar a maneira de ver do povo a respeito do padrinho Cícero.

[...]

Na realidade, as descrições dos folhetos, as narrativas de milagres, fatos em torno da vida do padre constituem a expressão popular sobre a figura do vigário de Juazeiro. Não resta dúvida que hoje em dia os folhetos representam como que o próprio retrato do Padre Cícero: sua movimentação, suas posições políticas, sua situação religiosa, sua maneira de pensar. Neles se encontra o que o povo crê a respeito do padre, como o caracteriza, numa manifestação expressiva do sentimento que se torna popular. Pois popular é o poeta; e no meio do povo, é que ele vive.

Dessa forma, é possível observar, no folheto de Antônio Américo, como ocorre a construção de uma personagem que alimenta o imaginário do povo e fortalece ainda mais a sua fé. Padre Cícero é cantado pelo poeta como um homem que, mesmo com a prisão decretada, estava preocupado com o seu povo, quando este chama o Doutor Floro para solicitar a “defesa da cidade”, para que seu povo “não morresse”; é ele quem batiza a trincheira onde ficavam os romeiros de “mãe das dores” e que reconhece um milagre de Nossa Senhora em uma de suas batalhas; é ele quem orienta “O seu povo não roubar /

Não beber durante a guerra / E a mulher respeitar / Para no grande perigo / Nossa Senhora ajudar.

Assim como no folheto sobre a Cruz da Menina, o poeta se volta para a fé e para o sentimento de religiosidade do sertanejo como matéria que move o leitor na direção da história, pois, mesmo partindo da matéria histórica, o poeta sabe que o que leva o leitor a comprar o seu folheto é a motivação religiosa, é a curiosidade acerca dos fatos que envolvem a história e a vida daquelas figuras consideradas santas, quer pelo muito que sofreram, quer pela forma como “cuidaram” de seu povo.

Sobre o esse sentimento de religiosidade do povo nordestino, Leonardo Mota, em seu livro *Violeiros do Norte* (2002, p 143), vai afirmar que, enquanto “Reflexo do pensar e do sentimentos coletivos, à poesia popular não poderiam escapar os temas ou ideais de religiosidade, tão arraigados na alma de nossa gente.”

Assim sendo, cabe-nos registrar a atenção dispensada pelo poeta em sua produção a esses dois “personagens” da religiosidade nordestina. Em Patos, a menina Francisca e, no Juazeiro, e por que não dizer, em todo Nordeste, o célebre “Padim Pade Ciço” são representações “vivas” da fé desse povo que insiste / “teima” em acreditar que alguém olha por ele.

---

### **História da Guerra de Juazeiro em 1914, de Juazeiro à Fortaleza.**

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS

De treze para quatorze “1914”	Juazeiro desmembrou-se
O Padre Cícero Romão	De Crato pelo direito
Enfrentou Franco Rabelo	O Padre Cícero Romão
Forma de revolução	Foi nomeado a Prefeito
No fim terminou em guerra	E o partido contrário
Como conta a tradição	Não deu isto pôr bem feito.

Padre Cícero era do lado  
Que fazia oposição  
Ao governo do estado  
Onde nasceu a questão  
Coronel Franco Rabelo  
Ficou igual um leão.

Preparou um batalhão  
Em Fortaleza e mandou  
Assim que chegou em Crato  
O comandante falou  
Vim pra tomar Juazeiro  
Que o governo ordenou.

Governo naquele tempo  
Chamavam de presidente  
Franco Rabelo queria  
Ser poderoso e valente  
Disse prenda o Padre Cícero  
E meta o pau naquela gente.

Padre Cícero quando soube  
O que ia acontecer  
Chamou Doutor Floro e disse  
Chame o povão pra fazer  
A defesa da cidade  
Pra meu povo não morrer.

É pra cavar um valado  
Cercando toda cidade  
Uma valeta bem feita  
Com a maior brevidade  
Com seis metros de largura  
E dois de profundidade.

Homem, mulher e menino  
Todos de ferro cavando  
Dia e noite sem parar  
E o serviço aumentando  
Findaram nos sete dias  
E o Padre Cícero rezando.

O batalhão rabelista  
Em Crato se preparava  
A espera de um canhão  
Que o Rabelo mandava  
Nesta demora os romeiros  
A valeta terminava.

Aí Padre Cícero disse  
Sobre as terras do valado  
Vão fazendo barricadas  
Com o povo entrincheirado  
Que o batalhão já vem perto  
E é pra ser derrotado.

Assim que nosso romeiros  
O valadão ocuparam  
Os soldados de Rabelo  
Tambor de guerra tocaram  
De uma parte e da outra  
As descargas começaram.

Romeiros entrincheirados  
Em posição verdadeira  
Derrubaram os inimigos  
Que vinham na dianteira  
Como vitória tomaram  
Do comandante a bandeira.

Padre Cícero quando soube  
Da vitória conquistada  
Disse recebam a benção  
Pôr mãe das dores mandada  
Que foi quem nos defendeu  
Nesta hora angustiada.

Pôr trincheira mãe das dores  
Padre Cícero batizou  
E para cada romeiro  
Este recado mandou  
Todos pôr um, um pôr todos  
E cada qual aceitou.

Chamou Doutor Floro e disse  
Divida o povo fiel  
Leve um comando ao Crato  
Chegue lá tome o quartel  
Com todos os armamentos  
Pra eles vai ser cruel.

Eles lá já vêm saindo  
Para tomar Juazeiro  
Como ficou pouca gente  
Vocês daqui vão ligeiro  
Todos pôr dentro do mato  
Tudo é fácil pra romeiro.

As quatro da madrugada  
O Crato estava cercado  
Os soldados se renderam  
E Doutor Floro animado  
Armamento e munição  
O que tinha foi tomado.

Nesta hora os rabelistas  
Atacavam Juazeiro  
E os romeiros voltavam  
Pôr dentro do marmeleiro  
Chegaram de retaguarda  
E atacaram ligeiro.

Nas fronteiras dos macacos  
Brigaram uma porção  
E outros soldados armando  
Um reforçado canhão  
Para acabar Juazeiro  
E o Padre Cícero Romão.

O canhão era apontado  
Pra dentro de Juazeiro  
Na hora que detonaram  
A peça rodou ligeiro  
Deu o tiro para trás  
Livrando o povo romeiro. "Milagre"

Do comando dos soldados  
Morreram muitos na hora  
Atingidos do canhão  
Padre Cícero disse agora  
Quem defendeu nós do monstro  
Aqui foi Nossa Senhora.

Aí Coronel Alípio  
Outro reforço pediu  
A busca de Juazeiro  
Novo batalhão partiu  
Mas travessar os valados  
Soldado não conseguiu.

Padre Cícero orientava  
O seu povo não roubar  
Não beber durante a guerra  
E a mulher respeitar  
Para no grande perigo  
Nossa Senhora ajudar.

Os soldados recuaram  
Foi a luta aliviada  
Porém chegou a notícia  
Baixa Dantas foi tomada  
Pôr nova tropa que vem  
Pelo Rabelo mandada.

Partiu para Baixa Dantas  
Trezentos bacamarteiros  
Ao todos mais de quinhentos  
Com beatos e romeiros  
Todos de chapéus de couro  
Em trajés de cangaceiros.

Os beatos valorosos.  
Era o beato Vicente  
Mané-Chiquinha, e Zé Tertó  
Jota Borba, o mais valente  
Pedro Silvino e Zé Pedro  
Foram na linha de frente.

Já no terceiro combate  
Retomaram Baixa Dantas  
Os soldados se assombraram  
Com as valentias tantas  
Do povo do Padre Cícero  
Parecia forças Santas.

Padre Cícero recebeu  
Um recado que dizia  
Do Capitão Zé da Penha  
Vou a sua moradia  
Lhe arrancar a cabeça  
Já pode esperar o dia.

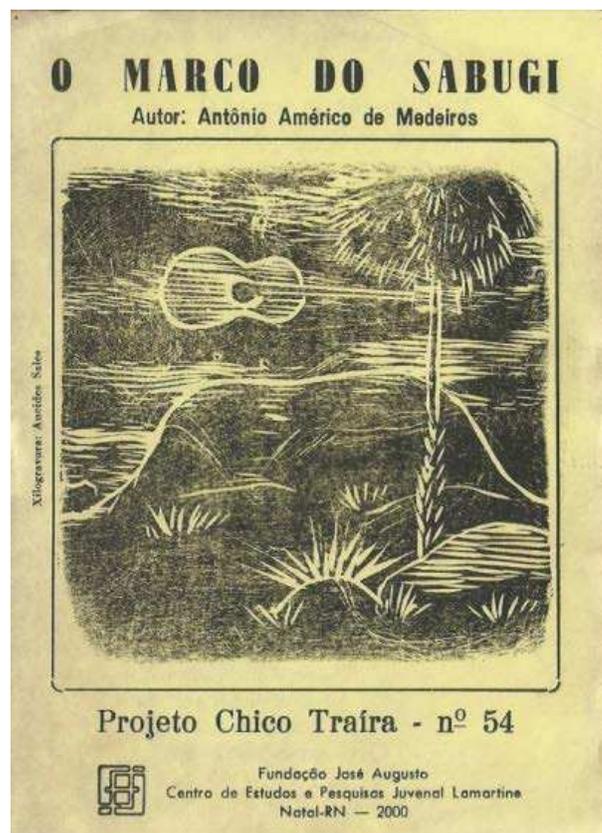
O Padre lhe respondeu  
Já que você não é bom  
Vai morrer esta semana  
Para baixar o seu tom  
Foi morto pelos romeiros  
No lugar Miguel Galmon.

Morreu o J. da Penha  
O resto reconheceu  
Que o Padre estava ganho  
Foi o que aconteceu  
Franco Rabelo deposto  
Novo governo nasceu.

O Coronel Setembrino  
Entrou como interventor  
E Liberato Barroso  
Depois pra governador  
Padre Cícero foi o vice  
Com merecido valor.

Doutor Floro também foi  
Deputado Estadual  
Presidente da Assembléia  
Em um acordo legal  
Na festa do fim da guerra  
Teve apoio federal.

Figura – Capa do folheto



Fonte: Acervo da autora

O marco, como parte da literatura de cordel, é herança das cantorias, pois nasce no embate do desafio entre cantadores. Segundo Santos (2010, p.35), “O marco é um tipo de forma poética utilizada na literatura de cordel para ressaltar os dons artísticos do poeta que o constrói. Estrutura utilizada na oralidade por cantadores nordestinos e firmada na escrita desde o começo do século XX, escrever um marco passou a significar uma marca de consagração para o poeta que o produz.” *O Marco do Sabugi*, escrito pelo poeta Antônio Américo, é composto por trinta e duas estrofes de sete versos, setilhas, com

versos de sete sílabas e esquema rímico ABCBDDDB. Enquanto herança das cantorias, podemos relacioná-lo, segundo a classificação de Diégues Júnior, como pertencente ao terceiro grupo, dedicado às cantorias e pejejas. A capa é ilustrada com uma xilogravura de Amécides Bezerra Sales, xilogravurista e escritor potiguar que, em seu desenho, ratifica a ideia da composição poética quando coloca em destaque a imagem de uma viola sobre serras que sugerem a Serra do Mulungu, local escolhido pelo poeta para deixar o seu Marco.

No poema, a primeira fortaleza foi construída em torno da história de vida do poeta. Ele conta como fez sua “carreira” até se tornar “um poeta completo / Verdadeiro menestrel”. Foi repentista, cordelista e também escritor. Observemos como o autor exalta a sua trajetória poética como forma de não ser superado e, somente após esclarecer como fez “nome de trovador”, resolveu fazer o seu Marco para defender seu “setor” e escolhe o seu lugar de origem, São João do Sabugi, a terra de sua saudade, para deixar, “Como uma autoridade”, o seu Marco, em cima da “Serra do Mulungu”. A seguir, ao descrever as maravilhas de seu Marco, o poeta relata que cercou sua cidade com uma muralha que era “orgulho do sertão”, construída por seis portões em aço blindado, e a propaganda de sua poesia, “Com versos de cada banda / nas mais lindas posições.”

Ao descrever cada portão colocado nos limites da cidade e a composição poética estampada nele como defesa de seu Marco, o poeta, ao mesmo tempo em que conta sobre sua habilidade poética, expressa nos diversos gêneros cultivados por ele nas composições estampadas, também relata sobre a reação de temor de outros poetas diante de cada um dos portões e de seus versos como forma de deixar claro para o leitor a impossibilidade de superação de sua habilidade por ‘Qualquer cantor orgulhoso.’. Finaliza o poema parabenizando outros poetas “Que tiveram o mesmo plano” e escreveram, assim como ele, outros grandes Marcos. Entre eles, estão nomes como Leandro Gomes de Barros e José Camêlo. De acordo com Santos (2010, p.35),”

A organização poética do marco exige de seu produtor uma referência a um outro marco escrito anteriormente, esta atitude submete os textos a uma ligação atemporal. Esse fio historiográfico que liga os marcos tece uma tradição que se reproduz a cada novo texto.” No encerramento, o poeta, inserindo-se na tradição e “ Com versos por toda banda”, assina o Marco de sua composição.

### O Marco do Sabugi

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS

Nas terras do Sabugi	Com quem mais fiz cantoria
Eu fui nascido e criado	Foi com o tio Honorato
Com quinze anos de idade	Cantava com Chico Honório
Jesus me fez inspirado	Nobre poeta pacato
Comprei uma violinha	E com Neco Gavião
Comecei naquela linha	Fiz mais de uma diversão
Cantar verso improvisado	E nunca quebrei um trato.
De São João do Sabugi	Até que apareceu
Ouro Branco e Ipueira	Nosso Chico Gavião
Eu comecei a cantar	Com ele eu já comecei
Ali naquela ribeira	A cantar de profissão
Com poetas dali	Deixei de ser amador
Nascidos no Sabugi	Passei a ser cantador
Assim fiz minha carreira.	Das fazendas do sertão
Com poetas amadores	Daí pra frente eu duplava
Dei um passo e fui a frente	Com qualquer um repentista
Cantava em fim de semana	No ano cinqüenta e cinco “1955”
Com Adauto de Vicente	Juvenal Evangelista
Roldão e Inácio Bola	Comigo se encontrou
Pedro Nicó na viola	Ai a gente duplou
Era o mais competente.	Foi grande a nossa conquista

Três anos e vários meses  
Com Juvenal eu cantei  
No ano cinqüenta e oito “1958 “  
Eu dele, me separei  
Fiz Natal e João Pessoa  
Recife, capital boa  
Felizes dias passei

Em Recife eu cantei muito  
Com José Alves Sobrinho  
Um mestre dos cantadores  
Quando dedilhava o pinho  
Cantador se assombrava  
Porque ninguém não pagava  
O seu verso direitinho.

Depois eu voltei à Patos  
Todo coberto de planos  
Fundei na Rádio Espinharas  
Um programa sem enganos  
Cantado por violeiros  
Com diversos companheiros  
Cantei, vinte e oito anos.

Pra ser poeta completo  
Verdadeiro menestrel  
No ano sessenta e sete “1967”  
Fiz o primeiro cordel  
Além de ser repentista  
Passei a ser cordelista  
Para cumprir meu papel.

Publiquei muitos cordéis  
Fiz nome de trovador

Ai publiquei um livro  
Pra também ser escritor  
O Marco do Sabugi  
Resolvi e fiz ali  
Pra defender meu setor

São João do Sabugi  
Terra da minha saudade  
E a Serra do Mulungu  
Ao nascente da cidade  
Em cima da serra está  
Um marco que deixei lá  
Como uma autoridade.

Cerquei todo município  
Com um grande paredão  
Para ficar garantida  
A cidade de São João  
Com a muralha que fiz  
A maior deste país  
Um orgulho do sertão.

Com uma muralha alta  
Cerquei por todos os lados  
Nem a China Comunista  
Naqueles anos passados  
Fez tão bonita muralha  
De alvenaria sem falha  
E os paredões desenhados.

Pra garantir a cidade  
Foi deixados, seis portões  
Todos em aço blindado  
Vindo de outras nações

Com a minha propaganda  
Com versos de cada banda  
Nas mais lindas posições

Do lado de Caicó  
Um portão bem reforçado  
Escrito em letras de ouro  
Um martelo agalopado  
Basta um cantador olhar  
Treme sem se sustentar  
E corre pra outro estado.

Tem uma sextilha escrita  
A um lado do portão  
Sobre a vida de Poti  
E Felipe Camarão  
Qualquer poeta que ler  
Começa logo a tremer  
Sai pra outra região.

Do lado de Serra Negra  
Tem um portão de primeira  
Com uma linda sextilha  
Em verso de Gemedeira  
Seja qualquer cantador  
Quando ler, sente um pavor  
E sai logo de carreira.

Do lado de São José  
Na fazenda Melancias  
Eu escrevi um quadrão  
Em altas filosofias  
Poeta, indo ao portão  
Se ler aquele oitavão  
Passa correndo três dias.

No portão da Ipueira  
Chama atenção quem chegar  
Com quatro, versos que tem  
Em Galope Beira Mar  
Cantador observando  
Vai logo se desviando  
Cria medo de entrar

Avistando a Ipueira  
A direita do portão  
De todos os meus cordéis  
Existe, uma exposição  
Se chegar um cordelista  
Olha e corre até a pista  
Sai em outra direção.

Quem vem do lado de Várzea  
No portão como um arquivo  
Tem cinco versos, num tema  
Um trabalho positivo  
Só Severino Ferreira  
Fazia desta maneira  
No tempo que era vivo.

Do lado esquerdo escrevi  
Uma queda de Mourão  
Ali estão as três linhas  
Para chamar atenção  
Qualquer cantor orgulhoso  
Quando ler, fica nervoso  
Volta e não vai a São João.

Do lado de Ouro Branco  
No portão do Quixeré  
Tem um poema que fiz

Na vida de Maomé  
Que até José Sobrinho  
Se for lá, erra o caminho  
Vai parar em Catolé.

A direita do portão  
Tem um verso de rotina  
Num Oitavão Rebatido  
Em oitava nordestina  
Este, já fez violeiro  
Olhar e correr ligeiro  
Ir esbarrar em Campina.

Do outro lado um poema  
Da tragédia dos mamonas  
Este já tem assombrado  
Poetas, de várias zonas  
Juvenal Evangelista  
Olhou e tremeu a vista  
Foi parar no Amazonas

Findei o último portão  
Foi o sexto, sem engano  
Parabéns, aos poetas  
Que tiveram o mesmo plano  
José Adão, escreveu  
Onde muita gente leu  
O Marco Paraibano.

Leandro é autor do marco  
De nome “O Meio do Mundo”  
E o Marco da Lagoa  
Outro trabalho profundo  
Escreveu Joaquim sem fim

A anos, antes de mim  
Que foi poeta fecundo.

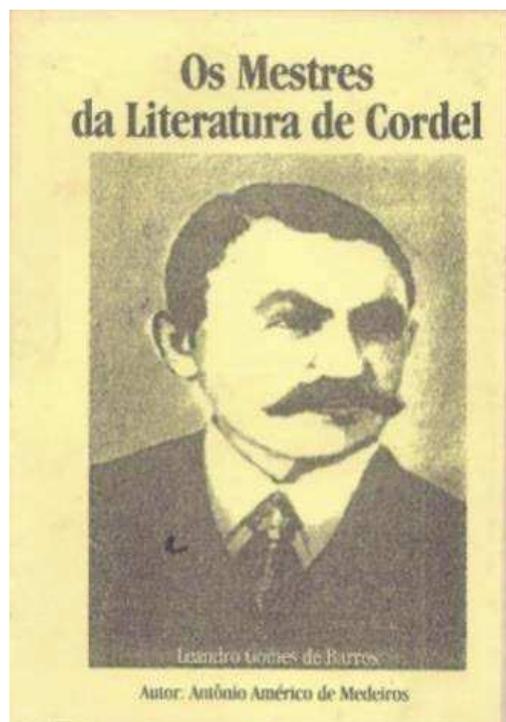
Neco Martins escreveu  
O Marco do Ceará  
E João Ferreira de Lima  
Como na história está  
Do Marco Pernambucano  
É autor, sem engano  
Ficou registrado lá.

O Marco do Scridó  
Manoel Tomaz levantou  
E o grande, Ascindino Alves  
O do Cariri deixou  
Este marco é respeitado  
muito bem documentado  
Ascindino registrou

O Forte de Guarabira  
José Camelo escreveu  
E O Marco da Paraíba  
Para quem conhece e leu  
Este é de Manoel Camilo  
Poeta de grande estilo  
Foi um grande amigo meu.

Agora encerro meu Marco  
Vou me assinar aqui  
Com versos por toda banda  
Aqui, acolá, ali  
Mostrando lindos letreiros  
Antônio Américo Medeiros  
E O Marco do Sabugi.

**Figura – Capa do folheto**



Fonte: Acervo da autora

Escrito em sessenta e cinco estrofes, sextilhas de sete sílabas e esquema rímico ABCBDB, e duas setilhas – acróstico – também heptassílabas, com esquema rímico ABCBDD, o poema apresenta uma abordagem metalinguística, uma vez que o cordel conta, numa espécie de síntese poética, a sua própria história, através da referência aos acontecimentos e aos grandes nomes que fizeram e fazem parte da história desse gênero da literatura popular. No que se refere à sua classificação temática, acreditamos ser possível afirmar que o folheto faz parte grupo destinado aos fatos circunstanciais ou acontecidos, na distribuição estabelecida por Diégues Júnior. Assim como em outros cordéis, este também traz como ilustração uma fotografia.

A fotografia do poeta Leandro Gomes de Barros, não somente representa o reconhecimento deste como o grande representante do cordel nordestino, como também confere caráter de importância e verdade ao conteúdo do folheto.

Como já dito, o poema narra sobre a história do cordel desde o seu início, com Silvino Pirauá e Leandro Gomes de Barros; as primeiras impressões e vendas dos folhetos; a evolução de Leandro como poeta que sobreviveu de sua arte, um dos poucos casos registrados na história do cordel nordestino; o surgimento de novos poetas, como José Duda, o autor daquele que, segundo Antônio Américo, é “o melhor cordel / que o mundo já pôde ler / “(Os Martírios de Genoveva)”; a morte de Leandro; a compra da produção de Leandro por Ataíde e o sucesso de seu empreendimento na época de ouro do cordel, pois era o tempo em que este “Ensinava o povo a ler”; a aquisição de toda a propriedade de Ataíde por José Bernardo; as dificuldades enfrentadas pelos cordelistas desde o final da década de sessenta e a luta destes para manter viva a tradição. No final do folheto, o poeta destaca ainda a persistência de editoras como a Luzeiro e a Coqueiro, que ainda permanecem com suas atividades, vendendo cordéis para o Nordeste e para o “o mundo inteiro”. Como em outros folhetos de sua autoria, o poeta altera a estrutura das estrofes finais do poema para setilhas, com a finalidade de inserir um acróstico. Neste, mais uma vez, o autor deixa claro o seu compromisso social com o leitor através da história e da informação precisa, como forma de deixar o povo “ciente” dos fatos, usando como instrumento a sua poesia. Na penúltima página, o poeta ratifica esse compromisso quando redige uma nota na qual afirma que há trinta e dois anos escreve, publica e vende “Folhetos de Literatura de Cordel, não porque ganhe bem, e sim por amor a esta cultura que ensinou o povo a ler até metade deste século.” Além da foto de Leandro, esse folheto traz, ainda, nas páginas finais, as fotos dos poetas José Bernardo da Silva e José Pacheco da Rocha e, na contracapa, a foto de João Martins de Ataíde.

Esse folheto também foi impresso pela Editora Queima – Bucha. Na edição, foi mantida a foto de Leandro na capa, mas as demais fotos das páginas finais da edição da Coqueiro são substituídas, a primeira, pela imagem da capa do folheto *O segundo debate de João Athayde com José Pacheco*, onde aparecem duas fotos dos referidos poetas, e a segunda traz uma foto de João Melchíades Ferreira da Silva. Na contracapa dessa edição, são apresentados dados biográficos do poeta Antônio Américo e informações comerciais sobre a Editora Queima – Bucha.

### Os mestres da Literatura de Cordel

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS

Nosso cordel começou  
com Silvino Pirauá  
e Leandro Gomes de Barros.  
Como na História está  
de Vitória pro Recife  
começou tudo por lá.

Fim do século dezenove  
Em noventa e oito o ano, “1898”  
faz mais de um centenário  
que este paraibano  
foi seguido por Leandro  
e tocaram pra frente o plano.

Pirauá filho de Patos  
e Leandro de Pombal,  
Todos dois paraibanos  
deixaram a terra natal.  
Foram para o Pernambuco  
pararam na capital.

Leandro já tinha em mãos  
mais de vinte originais,  
publicou cinco dos bons  
e anunciou nos jornais.  
Fez sucesso que chegou  
as camadas sociais.

Porque Recife já tinha  
algumas tipografias.  
Lá Pirauá enfrentou,  
com vontade e energias,  
publicou quatro folhetos  
e vendeu em poucos dias

Pirauá não cresceu muito  
porque era cantador  
fez dupla com José Duda,  
repentista de valor  
deixando como um esporte  
a vida de trovador.

Leandro que não cantava  
diariamente escrevia  
publicando os seus folhetos  
foi crescendo dia a dia.  
Criou o revendedor  
que de feira em feira vendia.

Aqueles revendedores,  
vendendo de feira em feira,  
os folhetos de Leandro  
cobriram toda ribeira,  
do litoral ao sertão,  
foi de fronteira a fronteira.

E com dois anos já tinha  
a sua tipografia  
fazendo por conta própria  
folhetos como queria.  
Deu emprego a muita gente  
vendendo na freguesia.

Primeiro ele residiu  
em Vitória de Santo Antão,  
se chegando a capital  
morou em Jaboatão  
e depois para o Recife  
em boa situação.

Com tipografia própria  
mais de cem revendedores  
revendendo seus folhetos,  
por diferente setores,  
em novecentos e quatro “1904”  
cresceu demais seus valores

Surgiram novos poetas  
a quem Leandro ajudou  
na sua tipografia  
bons folhetos publicou.  
Publicando os de Zé Duda,  
o vate que mais brilhou.

O famoso José Duda  
sentiu na alma um prazer,  
autor do melhor cordel  
que o mundo já pôde ler.  
(Os Martírios de Genoveva).  
Quem quiser leia pra ver.

Zé Duda não era próprio  
Um poeta de bancada  
Era cantador famoso  
De repente e de toada.  
“Os Martírios de Genoveva”  
foi e é uma ficada.

Luiz da Costa Pinheiro  
E Pacífico Cordeiro Manso  
Estes também começaram  
Logo no primeiro avanço  
E João Mendes de Oliveira  
Eu recordo e não me canso.

Joaquim Francisco Santana  
E Manoel do Paraíso  
Antônio Correia Bastos  
Era bom no improviso  
Também testou o cordel  
Disse: “Eu faço o que preciso”.

Escrevia Zé Adão  
E o bamba Antônio da Cruz  
Romano Elias da Paz  
Outro poeta de luz  
E Antônio Batista Guedes  
Entrou com fé em Jesus.

João Ataíde criou  
Seus agentes de valores  
Cada cidade uma agência  
Agentes revendedores.  
Prá vender cordel em grosso  
Para os simples vendedores.

José Ferreira de Lima  
E João Melquíades Ferreira  
Manoel Fernandes Lopes  
Seguia a mesma carreira.  
Laurindo Maciel Gomes  
e Manoel Galdino Bandeira.

De vinte e um a cinqüenta “1950”  
João Ataíde reinou  
Foram vinte e nove anos  
Que ele se aproveitou  
Pegou a época de ouro  
Que o cordel travessou.

No dia quatro de Março  
de dezoito faleceu, “1918”  
Leandro Gomes de Barros  
Lá em Recife morreu.  
O Brasil ficou tristonho  
Pelo génio que perdeu.

O cordel naquele tempo  
Ensinava o povo a ler  
Uma revista, um jornal  
Era difícil se ver  
O povo lendo os cordéis  
Era o livro de aprender.

Ataíde bom poeta  
Cordelista e editor  
Da produção de Leandro  
Ele foi o comprador.  
Pagou seiscentos mil réis,  
Na época, um alto valor.

Em cinqüenta, Ataíde  
Talvez estando cansado  
e tendo com que passar,  
Já se achando enfadado  
Vendeu tudo a Zé Bernardo  
Por um dinheiro avultado.

João Martins de Ataíde  
Comprou a tipografia  
Com todos originais  
que a viúva possuía.  
E organizou a gráfica  
da forma que pretendia.

José Bernardo morava  
em Juazeiro do Norte  
Dos agentes de João  
Na época era o mais forte  
Comprou tudo a Ataíde  
Fez um negócio de sorte.

Comprou a gráfica completa  
Com todos originais  
De Leandro e João Martins  
E outros poetas mais  
Que Ataíde comprava  
Os direitos autorais.

José Camelo de Melo  
Campeão dos campeões  
Na história de cordel  
Galgou grandes posições  
Seu nome de Cordelista  
Entrou para as tradições.

José Bernardo cresceu  
Até em sessenta e seis “1966”  
Pelo desenvolvimento  
O cordel por sua vez  
Começou a decair  
Por tudo que o tempo fez.

Basta dizer, é autor  
do Pavão Misterioso  
E de Pedrinho e Julinha  
Outro cordel valoroso  
Coco Verde e Melancia  
Um clássico vitorioso.

Começava a inflação  
e o direito trabalhista  
Contra a pequena empresa  
Como era a Cordelista  
Crescia a televisão  
Rádio, jornal e revista.

José Pacheco da Rocha  
Fez um nome quase eterno  
Basta se ler “A Chegada  
De Lampião no Inferno”  
E o cordel de Rosa Munda  
Um clássico mais que moderno.

Na mesma época caía  
Manoel Camilo em Campina  
João José em Recife  
Vendeu a sua oficina  
Era a Luzeiro do Norte  
Grande gráfica nordestina.

Joaquim Batista de Sena  
Em Fortaleza crescia  
Porém com a inflação  
Ele vendo que caía  
Vendeu a Manoel Caboclo  
Tudo quanto possuía.

A gráfica que tinha o nome  
A Estrela da Poesia  
Era a de Manoel Camilo  
Publicava e escrevia  
De Guarabira a Campina  
Era dele a freguesia.

Vendeu seus originais  
e muitos que editava  
Manoel em Juazeiro  
pensou que se organizava  
e a venda de cordel  
em cada ano baixava.

Até o fim de setenta “1970”  
O cordel era uma mina  
Com agência em todo canto  
De Natal a Teresina  
Em cada cidade grande  
Uma gráfica cordelina.

Expedito Sebastião  
em Juazeiro do Norte  
Zé Alves de Guarabira  
Foi um cordelista forte  
Dono de tipografia  
Na época que dava sorte.

Francisco Firmino Paula  
Foi um trovador de linha  
Egídio Lima e Donzília  
E Toinho da Mulatinha  
Augusto Laurindo Alves  
Canhotinho e Estrelinha.

José Soares da Silva  
“Dila” de Caruaru  
E da camada mais nova  
Diniz e Manoel Chudu  
Em São José do Egito  
Cancão e Zezé Lulu.

Severino Milanez  
de Vitória de Santo Antão  
E José Francisco Borges  
Vem mantendo a tradição  
Tem uma tipografia “1999”  
Em Bezerros seu torrão.

João Damasceno Nobre  
e Guaipuan Vieira  
Pedro Jacó de Medeiros  
Mestre Azulão é primeira  
Expedito F. da Silva  
também Gonçalo Ferreira.

O Severino Gonçalves  
Foi trovador altaneiro  
Manoel Cândido da Silva  
E Orlando Folheteiro  
Gongon trabalha em Brasília  
Em Patos Dedé Redeiro.

O José de Souza Campos  
Jota Barros é bonzão  
Foi bom Severino Carlos  
Manoel Basilio e Tião  
Lembro Agostinho Lopes  
e o Antônio Aragão.

Tinha Antônio Pauferro  
e o José Mariano  
Era Pedro Rouxinol  
poeta paraibano  
Nosso Antônio Teodoro  
É trovador veterano.

Manoel Dionísio Filho  
O famoso Canelinha  
E Odilon Nunes de Sá  
o de Santa Teresinha  
E João Severo de Lima  
Pertenceu a mesma linha.

Tadeu de Serpa Martins  
e Enoque José Maria  
Pedro Armando dos Santos  
É mestre na poesia  
Teodoro Ferraz Câmara  
Era bom quando escrevia.

Poeta Ascindino Alves  
e o Daniel Ribeiro  
Vem Minervino Francisco  
Também Delarme Monteiro  
O João de Cristo Rei  
Zé Luiz e Zé Cordeiro.

Manoel Apolinário  
Artur Alves de Oliveira  
O grande José Soares  
Cotinha foi de primeira  
E Sebastião José  
foi bom de toda maneira.

Pinto Velho do Monteiro  
um poeta poderoso  
Manoel Pereira Sobrinho  
No cordel foi valoroso  
E Manoel de Almeida Filho  
Terminou muito famoso.

Francisco Sales de Arêda  
Costa Leite de Condado  
Nosso Rodolfo Coelho  
Foi trovador respeitado  
Francisco de Souza Campos  
Era poeta inspirado.

Antônio Eugênio da Silva  
Apolônio Alves dos Santos  
Caetano Cosme também  
Trabalhou por muitos cantos  
Severino Borges da Silva  
deixou cordéis de encantos.

Foi Belarmino de França  
Bom poeta e repentista  
Cuíca de Santo Amaro  
No cordel era um artista  
Josué Alves da Cruz  
Cantador e cordelista.

Moisés Matias de Moura  
e Severino Cesário  
Zé Faustino Vila Nova  
De alto vocabulário  
José Francisco Soares  
Repórter extraordinário.

Alfredo Pessoa Lima  
Poeta e advogado  
Autor de livro e cordel  
Foi escritor afamado  
Luiz Rodrigues de Lira  
Ficou imortalizado.

Ismael Freire de Paula  
José Pedro Pontual  
Cipriano Barauna  
Foi poeta especial  
e Antônio Caetano  
no folheto era legal.

Joaquim Luiz Sobrinho  
e João Ferreira de Lima  
Era bom. José Gustavo  
Zé Saldanha a gente estima  
Luiz Gomes de Albuquerque  
Que não perdia uma rima.

Nosso Firmino Teixeira  
e o grande Chagas Batista  
Manoel de Assis Campina  
Trovador e repentista  
Manoel Tomaz de Assis  
Folheteiro e folclorista.

Manoel Luiz dos Santos  
é um poeta de dita  
Dentro da astronomia  
Tem uma força infinita  
Escreve um grande almanaque  
E nossa gente acredita.

Tem José Alves Sobrinho  
E nosso Cícero Vieira  
Estes são da velha guarda  
Quando o cordel foi primeira  
e Paulo Nunes Batista  
Vem sustentando a bandeira.

Ainda estão atuando “1999”  
Juvenal Evangelista  
Antônio Américo Medeiros

e Otacílio Batista  
Pedro Bandeira de Caldas  
Cantador e Cordelista.

Cícero Pedro de Assis  
e Machado Nordestino  
Manoel Monteiro em Campina  
Em Aracaju João Firmino  
Luiz Gonzaga de Lima  
e Vicente Vitorino.

Tem a Casa da Criança  
Na cidade de Olinda  
Também trabalha em cordel  
E faz uma obra linda  
Comandada por Bacaro  
Que a nossa classe brinda.

Ainda estão na ativa  
A Editora Luzeiro “1999”  
Faz o cordel em São Paulo  
Vende para o mundo inteiro  
e no nordeste em Recife  
a Editora Coqueiro.

Cordel quer dizer cordão  
Ou um barbante esticado  
Onde se expõe folhetos  
A venda em qualquer estado  
Em pregadores de roupa  
O livrinho pendurado.

A História de Cordel  
Narrada de antigamente  
Trazendo tudo direito  
O povo fica ciente  
Nosso cordel brasileiro  
Ideal do romanceiro  
Outra prova no presente.

A cultura nordestina  
Manda que toda nação  
Entenda o que é cordel  
Recordando a tradição  
Isto é para provar  
Como foi nosso lugar  
O tempo muda a feição.

### Figura – Capa do folheto



Fonte: Acervo da autora

Essa segunda peleja, supõe-se que foi precedida por uma outra que tem como título *Peleja de Costa Leite com Antônio Américo*, publicada pela Tupynanquim Editora, e que apresenta como autor o poeta José Costa Leite. A referida peleja, assim como o folheto da segunda, que tem como autor o poeta Antônio Américo, não apresenta data de publicação, fato que justifica a suposição anteriormente expressa. O texto de José Costa Leite é composto por cinquenta e oito estrofes, distribuídas nas seguintes estruturas poéticas: sextilhas, décimas com mote de dois pés e quadrão, em setissílabos, e um galope à beira-mar (Cf. Anexos). No final da peleja, fica registrado o empate entre os poetas, que tinham dado ao dono da casa a “prova” de serem bons violeiros. As duas pelejas trazem na capa, como ilustração, xilografias do poeta José Costa Leite. As suas primeiras xilografuras datam do final da década de quarenta e ilustravam as capas dos folhetos de sua autoria, uma vez que, além de ser um dos mais conceituados xilógrafos do Brasil, também foi um grande cordelista.

A peleja de autoria do poeta Antônio Américo, publicada pela Editora Coqueiro, é composta por cinquenta e seis estrofes, distribuídas em sextilhas de sete sílabas, que apresentam esquema rímico ABCBDB e que, após o início do desafio entre os poetas, apresentam o uso da deixa, e em décimas (martelo agalopado, decassílabo, com esquema rímico ABBAACDDC, e um galope na beira do mar, com versos hendecassílabos, que também seguem o esquema rímico ABBAACDDC). Nas sextilhas iniciais da peleja, acontece a descrição de como se deu o encontro entre os poetas e o início do desafio. Sobre esse aspecto da peleja, Marinho e Pinheiro (2012, p. 26) afirmam que “Quando escrita, a descrição da luta é antecedida por uma pequena introdução em que são apresentados os cantadores, o lugar da disputa, o público e os antecedentes”. Ao final do embate, os poetas “empataram novamente” e, desta vez, o encontro é presenciado por outros grandes poetas, que afirmam ter sido o resultado da disputa poética “um empate decente.” Destaquemos, ainda no texto, a referência, mesmo que indireta, a uma peleja anterior que também tinha terminado

em empate, ratificando a ideia de que o folheto de José Costa Leite antecede o de Antônio Américo de Almeida.

Quanto à classificação temática do folheto, recorreremos, mais uma vez, à ideia defendida por Diégues Júnior (2012, p. 211), quando coloca a peleja, juntamente com a cantoria, no grupo três, “por sua especialidade, nos folhetos de cordel.” Segundo o autor, “Nos folhetos de cordel, as pelejas representam uma de suas partes mais expressivas: traduzem o gênio criador do poeta, a imaginação revelada pelos contendores na disputa.”

### **Segunda Peleja do Poeta e Repentista Antônio Américo com o Poeta José Costa Leite**

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS

João Severo e Américo	Hoje em cima da bitola
Um dia estavam cantando	Nossa segunda peleja
Na cidade de Ingá	Desta vez se desenrola
Quando viram, foi entrando	
O poeta Zé Costa Leite	Trago mais um gravador
A todos dois abraçando	Pra a cantoria gravar
	Da fita vai ao papel
Já se achava presente	Sem nada se alterar
O José Alves Sobrinho	Só não quero ver empate
Um ex cantador dos bons	Quero perder ou ganhar
Que não saiu do caminho	
Onde tinha cantoria	O povo entusiasmou-se
la ouvir de pertinho	Disse o rojão vai ser quente
	Zé Sobrinho e João Severo
Costa Leite disse Severo	Os dois ficaram de frente
– Eu quero a sua viola	O poeta Antonio Américo
Para cantar com Américo	Trouxe o primeiro repente

**A.A.** – Colega Zé Costa Leite  
Você não quer empatar  
Na sextilha eu lhe dou corda  
No martelo é pra torar  
No fim eu vou liquidá-lo  
Num galope beira mar

**C.L.** – Você vai se apertar  
Com as primeiras sextilhas  
No martelo se acabam  
Todas suas maravilhas  
No galope beira mar  
Eu vou tomar suas milhas

**A.A.** – Tu vais é perder as trilhas  
No repente de seis linhas  
E no martelo de dez  
Garanto que tu definhas  
No galope beira mar  
Esquece as partes marinhas

**C.L.** – Lindas sextilhas são minhas  
Cantando as coisas das matas  
Meu martelo agalopado  
Tem peso das cataratas  
Em beira mar canto rios  
E as quedas das cascatas

**A.A.** – Em sextilhas tu retratas  
Fracassos nas cantorias  
Em martelo eu tenho todas  
Idéias e teorias  
Em galope beira mar  
Segredos das maresias

**C.L.** – Sextilha em sabedorias  
José Costa tem demais  
Em martelo eu sou igual  
Batalha de Ferrabrás  
Em galope beira mar  
Descrevo portos e cais

**A.A.** – Em sextilha eu sou jornais  
Nas colunas estrangeiras  
Em martelo eu sou as feras  
Por dentro das ribanceiras  
Em beira mar a marinha  
Na defesa das Fronteiras

**C.L.** – Na sextilha eu sou bandeiras  
Dos maiores ditadores  
Em martelo eu não respeito  
A nenhum dos cantadores  
Em galope beira mar  
Ganhei troféus de valores

**A.A.** – Nas sextilhas com primores  
Já venci cantores sábios  
Em martelo eu sou Zé Duda  
Descrevendo os alfarrábios  
Em beira mar eu garanto  
Tudo que passa em meus lábios

**C.L.** – Em sextilhas trago ressábios  
Pra vates ignorantes  
E em martelo eu tenho  
Vencido grandes gigantes  
Em galope beira mar  
Eu sou um dos navegantes

**A.A.** – Em sextilhas triunfantes  
Eu venço vates boêmios  
Em martelo agalopado  
Sou dono de Trinta Grêmios  
Em galope beira mar  
Já ganhei quarenta prêmios

**C.L.** – Sextilhas sem abstêmios.  
Tenho de todos tamanhos  
Em martelo agalopado  
Eu surro até de rebanhos  
Em galope beira mar  
Mato afogado nos banhos

**A.A.** – Em sextilhas pego estranhos  
Nem que seja das quimeras  
Em martelo agalopado  
Eu sei devorar as feras  
Em galope beira mar  
Canto o mar nas primaveras

**C.L.** – Em sextilhas canto as eras  
Por dentro dos monométricos  
Em martelo agalopado  
Garanto os trabalhos métricos  
Em galope beira mar  
Canto os mares geométricos

**A.A.** – Meus repentes são elétricos  
Nas tardes primaveris  
Em martelo agalopado  
Onde eu canto sou feliz  
Em galope beira mar  
Canto as ilhas do país

**C.L.** – Em repente eu sempre fiz  
Assombro em todas as horas  
Em martelo agalopado  
Sei o segredo das floras  
Em galope beira mar  
Canto as marés nas auroras

Levantou-se Doutor Rui  
Grande e forte advogado  
Deu um cheque de duzentos  
E disse entusiasmado  
Desejo ouvir de vocês  
Um martelo agalopado

**A.A.** – Em martelo eu acocho no arranco  
Ainda sendo um Alexandre Herculano  
Na cultura um Ramon Feliciano  
Ou imitar a Camilo Castelo Branco  
Ou um Sá de Menezes que foi franco  
Escritor, científico, inteligente  
Como foram Camões e Gil Vicente  
Ter a mesma cultura, a mesma escola  
Só não faz é pegar uma viola  
Pra cantar um martelo em minha frente

**C.L.** – Pode vir repentista professor  
Que cante verso em mais de um idioma  
Descrevendo a história de Sodona  
E a política atual do Equador  
Ser até bom poeta e escritor  
Ter consciência pra falar português  
Traduzir o inglês e o francês  
E conhecer todo sistema solar  
Só não pode em martelo é arranjar  
Com que pague o meu verso uma só vez

**A.A.** – Dos romanos ainda estou lembrado  
Um Júlio, um Augusto e um Tibério  
Calígula foi grande no Império  
E Cláudio também foi estimado  
Nero fez o nome de malvado  
Galba e Otão achei escrito  
Vitório, Vespasiano e Tito  
Domiciano e Flávio sem acinte  
Dos romanos até o século vinte  
O que canto em martelo sai bonito

**C.L.** – Eu recordo quem foi Numa Pompílio  
Quando Rômulo morreu no furacão  
Também lembro a grandeza de Catão  
E o governo do grande Tulo-Ostílio  
Na época de Horácio e de Virgílio  
Anco-Márzio falava ao pessoal  
Roma ainda era quase um arraial  
Se conhece o guerreiro pelas malhas  
Em martelo também ganhei medalhas  
Com diplomas internacional

**A.A.** – Carlos Magno confiava em Roldão  
Nogueira de Borgonha e em Urgel  
Guadeboia, Valdevino e Hoel  
No Duque de Renier e Galalão  
Ricarte um bom guerreiro cristão  
O Duque de Nemé foi bom também  
Tietri e Bosim valores tem  
Como Oliveiras, Jofre e Lamberto  
E no martelo também eu estou certo  
Que canto sem respeitar ninguém

**C.L.** – Maomé, o profeta de Alá  
Constantino cresceu no seu império  
Carlos Magno venceu a Desidério  
Teodósio também reinou por lá  
Papa Urbano na história está  
Na lembrança de quem é bom cristão  
Faz lembrar Godofredo de Bulhão  
Ao lado de Pedro, o Ermita  
E em martelo um poeta não tem dita  
De cortar esta minha inspiração.

**A.A.** – Na república um Marechal Deodoro  
Floriano Peixoto e um Prudente  
Campos Sales também foi presidente  
Rodrigues Alves um nome que adoro  
Afonso Pena um vulto que decoro  
No seu mandato findou Nilo Peçanha  
Marechal Hermes, um grande na campanha  
E maior se tornou Venceslau Braz  
Em martelo também ganhei cartaz  
Que poeta peleja e nunca ganha

**C.L.** – Delfim Moreira também foi presidente  
Epitácio Pessoa e Artur Bernardes  
Washington Luiz topou covardes  
Júlio Prestes confiou na corrente  
Augusto Tasso e no fim desse ambiente  
Chegou Getúlio cresceu cento por cento  
José Linhares e Dutra eu apresento  
Café Filho, Carlos Luz e Nereu Ramos  
Até hoje no Brasil nunca encontramos  
Um poeta que tenha meu talento

**A.A.** – Sempre, sempre eu visito o Criador  
Pra este ano passei o Natal lá  
Fui até o trono de Jeová  
Levando comigo um cantador  
Onde eu fiz cantiga superior  
Dessa viagem eu quisera ter o bis  
Namorei Santa Rita e fui feliz  
Fiz cantoria em casa de São Mateus  
Tive a honra cantar para o meu Deus  
Na cantoria que fiz pra São Luiz

**C.L.** – A chamada de Santa Madalena  
Fui cantar no aniversário dela  
Das cantigas que fiz foi a mais bela  
Se cantar para os santos vale a pena  
Primeiramente rezou-se uma novena  
E depois eu cantei parodiando  
Quando eu fui a cantoria encerrando  
A pedido de Santa Rita e São Homero  
Cantei samba-canção, valsa e bolero  
E Santa Helena num banjo acompanhando

**A.A.** – Quando foi em janeiro deste ano  
Fui passar um dia em casa de Juno  
E de lá vim por casa de Netuno  
Conheci todo fim do oceano  
Recebi um convite de Urano  
Pra saber se no jogo eu era forte  
Com Urano eu medi-me no esporte  
Terminei campeão daquela aldeia  
Lá joguei futebol com a lua cheia  
E meti bem no meio do pólo norte

**C.L.** – Já botei um motor no telescópio  
Este ano passado eu fui a lua  
E levei pra São Jorge uma perua  
Comprada na granja de Procópio  
Tinha eu conduzido um microscópio  
Examinei o país que a lua mora  
No cavalo de São Jorge andei por fora  
Passei dias na casa de Urano  
Quando foi em janeiro deste ano  
Me montei num satélite e vim embora

**A.A.** – Outro dia eu estava endinheirado  
Resolvi ir ao céu pra farrear  
Tomar pinga, dançar, jogar milhar  
Tomei Brahma no bar de São Conrado  
Lá topei Santo Inácio embriagado  
Com Pitu e conhaque de alcatrão  
Fiz charada pra o Velho Simião  
Lá no céu eu fiquei sendo paredro  
Joguei “pife” de testa com São Pedro  
Pacarã com São Paulo e São João

**C.L.** – Outro dia eu peguei uma mutuca  
Que posou pra sugar meu sangue humano  
De cada asa eu fiz um grande abano  
E das pernas seis tacos pra sinuca  
De uma banda da cabeça uma arapuça  
Que levei-a as terras do Egito  
Lá peguei um leão novo e bonito  
Retomando as terras brasileiras  
Vou agora fazer todas as feiras  
E depois percorrer o infinito

O fazendeiro Manoel  
Da fazenda da Cutia  
Disse o martelo foi bom  
Está boa a cantoria  
Quero ouvir um beira mar  
Fazendo uma pescaria

**A.A.** – Sendo em pescaria cantador não bota  
Peixe fora d'água igualmente a mim  
Peixota e gereba, jula e manatim  
Manatim e jula, gereba e Peixota  
Marimbaú, parmito, juva e marmota  
A tarapitinga também sei pegar  
Tem piracanjuba ruim de se matar  
Piracambucu pego sem orgulho  
Carapau, tambíú, bonito e sambulho  
São peixes que pego na beira do mar

**C.L.** – Peguei tanto peixe que eu mesmo admiro  
Só agora trago tralhoto e tuvira  
Timbiro, coelho, bicudo e piquira  
Piquira e bicudo, coelho e timbiro  
Tambaquim, fidalgo, piquirão, piquiro  
Sernabicuara custei a pegar  
Peixe roda e cioba eu pude arranjar  
Juvira e badejo jejú e cambuba  
Vermelho e pira, robalo e manjuba  
São peixes que pego na beira do mar

**A.A.** – Quando eu vou pescar é grande o zumzum  
Matando savelha, lobo e miroró  
Atum, pirajica, pirantera e bodó  
Bodó, pirantera, pirajica e atum  
Parumbeba e corvo, matei mais de um  
Pirapeba e pícaro mato se pular

Pirucaia, curvão, vou apresentar  
Pesco pirambóia, lenha e pititinga  
Pirauaca e folha e a piquitinga  
São peixes que pego na beira do mar

**C.L.** – Acaracuima e piracui  
Acarachibante, boro e guaricema  
Jeraqui, mixorne, faneca e salema  
Salema e faneca, mixorne e Jeraqui  
Piraniampú, sargo, apirari  
Piraboca e caranha, tudo eu sei pegar  
Mangangá, piraroba, gosto de pescar  
Piracirica, cherna e jaberetê  
Caranho vermelho acaraberecê  
São peixes que pego na beira do mar

**A.A.** – Passei esta noite depois da maré  
Ainda peguei vinte peixes de escolha  
Mandinbé, dentão, mariquita, solha  
Solha e mariquita, dentão e mandinbé  
Lavadinha, macaco, frito e amoré  
Mororé, carago, borboleta a falar  
Tajabucu, peixe elim, pego sem parar  
Tambati, tainhoca, gato aribebéu  
Pirajupeva e prego, piraba e pitéu  
São peixes que pego na beira do mar

**C.L.** – Pato roucha, biluca, tuca e camuru  
Salmonegro, ipocampo e piramutá  
Dandú e caico, lula e cambotá  
Cambotá e lula, caico e dandú  
Peixe aranha e pampo, lixo e gurucú  
Paracupeba e mugim tenho que pegar  
Lavadinha e cambôto, peguei vou tratar  
Peroá, balista, sioba e taguna

Agulha e bicuda, simbo e sapuruna  
São peixes que pego na beira do mar

**A.A.** – Apresento peixe que peguei num dia  
Que você não pega em uma semana  
Piragia, pescada, pargo e piabana  
Piabana e pargo, pescada e piragia  
Jutubarana peguei com muita alegria  
Torpedinho e jaguaque forcei pra pegar  
Jurupiranga e truta dão bom paladar  
Boca-lisa e bagre, dragão, tandujú  
Guarambá, tainha e João-gurucú  
São peixes que pego na beira do mar

**C.L.** – Peguei um coió, um mandim, azulão  
Piraputanga, pinama e pirambucú  
Litão, papa-boba, prego e pirambú  
Pirambú e prego, papa-boba e litão  
Papudinho, pampano, pirá, misilão  
Piracajara, salves achei fácil matar  
Caraguatatuba, gostei de pescar  
Peixe-morcego, Donato, cana e tambicu  
Roncador, bicançuda e tajabucu  
São peixes que pego na beira do mar

**A.A.** – Alvacora, tromba, jundiá, viola  
Carapeba e polvo e piabuçú  
Tem mola, navalha, jula e baicú  
Baicú e jula, navalha e mola  
Tambatim, carauna, toninha e bola  
Boca-mole e branco aprendi pescar  
Jacundá, Juliana gosto de pegar  
Lenha, pirajoba e Piracanjuba  
Piraguaxiara, pena e pirajuba  
São peixes que pego na beira do mar

**C.L.** – Você afracando eu aqui fico só  
Pescando gereba, cavaco e dourado  
Mocó, papa-terra, roliço e soldado  
Soldado e roliço, papa-terra e mocó  
Marimba, sombreiro, rato, ariacó  
Abacora e pescada eu nasci pra pegar  
Dentura e tainha peixe sapo a contar  
Vou pegando mero, bolão, peixe-galo  
Agulhão de vela, cavala e cavalo  
São peixes que pego na beira do mar

**A.A.** – Tem o peixe prata qualidade bela  
Acarandola, acará, toró, roncador  
Canela e cuíca, anjo e ralhador  
Ralhador e anjo, caica e canela  
Peixe-pau, martelo, escaro e moela  
Peixe-cabra e congo, peguei vou tratar  
Peixe-cobra e cachorro não deixa ficar  
Salmonete e lalau e guarda-falua  
Mantopaque, piolho, roda e peixe-lua  
São peixes que pego na beira do mar

**C.L.** – Arraia de bico e arraia pintada  
Arraia pintada e arraia de bico  
Tem pirabandeira, biloba e canico  
Xareu, espadarte, cigarra e rosada  
Cavalo-marinho da água salgada  
Baleia dá grande pego sem arpar  
Nossa pescaria temos que mudar  
Cantando por letra do nosso alfabeto  
Do A ao Z vê quem é correto  
Nesta pescaria da beira do mar

**A.A.** – Só na letra A, eu pego asevia  
Aramaque e aranque e abacatina

Acaria, abadejo, atum, Argentina  
Argentina e atum, abadejo, acaria  
Abativa, abrotiva, aguama e amia  
Albacora, ajaroba, almodite, albafar  
Alepidote e ajol são no A, vou falar  
Adonte, apué, acipe, alfonsim  
Achogual, achiro, azel, afoquim  
São no A, mas eu pego na beira do mar

**C.L.** – Na letra B, eu conheço peixe uma porção  
Barbo, badejo, bagre e barriguinha  
Biquirão e boga, buama e boquinha  
Boquinha e buama, boga e biquirão  
Bicuda, bordado, belo e bodião  
Boope e brema, também sei pegar  
Biluca e besugo, você vai contar  
Bejopira e bica, baleia e barbôto  
Bacalhau, baicú, bêbedo e boto  
São no B, mas eu pego na beira do mar

**A.A.** – Só na letra C, pego caldeirão  
Cachorra, cachucho, cepola e centrina  
Capatão, carapeba, cabós e corvina  
Corvina e cabós, carapeba e capatão  
Cacharrote, carneiro, cabra e cabrão  
Carapó-elétrico, curva e calamar  
Camboatá, cabricunha, preciso pegar  
Cascarra, caneja, cavala e cabrinha  
Caramuru e carpa, camurim, cordinha  
São no C, mas eu pego na beira do mar

**C.L.** – Donato, dourado, dauna e delfim  
Delfim e dauna, dourado e Donato  
Duum e dragão, devira e damato  
Damato e devira, dragão e duim

Dondom e dourado, Dudu, damaquim  
Damita e dariba, dar pra se pescar  
Damajum, domé, eu irei pegar  
Douradinha, descaro, duca e dagalão  
Duiba, dapuna, deró e dentão  
O D peguei tudo na beira do mar

**A.A.** – Enrolado Elemi, Espiguête e Esvão  
Esvão, Espiguête, Elemi, Enrolado  
Enrolão, esquimó, ermito, entoado  
Entoado e ermito, esquimó, enrolão  
Estampa e espeto, estojo, esporão  
Elodú, elamaco, eu encaro pegar  
Encolha e estampo, estouro, ensimar  
Espetado, ematú, entalho, entretido  
Elatina, elegante, entalo; esquecido  
São no E, mas eu pego na beira do mar

**C.L.** – No F tem folha, fantasma e ferreiro  
Fabó e faísca, fanico e faisão  
Foiceiro, fomento, fidalgo e fitão  
Fitão e fidalgo, fomento e foiceiro  
Frenteiro, fradaço, foli, flexeiro  
Fucinhudo e Freira e frango do mar  
Framingueta e fota, forço pra pegar  
Fidalgute e frito, forçoso e feitor  
Ferroso, feixado, frade e peixe-flor  
São no F e peguei-os na beira do mar

Aí João Severo disse:  
– Empataram novamente  
Zé Sobrinho também disse  
Foi um empate decente  
Todos dois cantaram bons  
Cada qual mais consciente.

Figura – Capa do folheto



Fonte: Acervo da autora

Estruturalmente, o folheto é composto de duzentas e trinta e seis estrofes de seis versos heptassílabos e esquema rímico ABCBDB e duas setilhas – acróstico – também heptassílabas, com esquema rímico ABCBDDB. De acordo com o número de páginas, quarenta e oito, pode ser considerado um romance e, tematicamente, de acordo com a classificação de Diégues Júnior (2012), este pertence ao grupo dos temas tradicionais do qual fazem parte os “contos maravilhosos”.

A capa traz uma fotografia, ao que parece, de artistas de cinema. Essa prática, de acordo com Maranhão (1981, p. 61), era muito co-

mum, uma vez que, fruto da influência que o cinema teve na poesia popular, devido aos temas de amor, “os poetas se serviam, largamente, de fotos dos seus grandes astros; na clássica pose de mocinho e da mocinha, abraçados, rostinhos colados, rindo para o leitor”, como recurso ilustrativo nas capas de seus folhetos.

O título já remete o leitor ao que conhecemos popularmente como conto de fadas ou, como o próprio poeta já esclarece no primeiro verso da narrativa, a “uma história bonita”. Uma história de fada e de princesa. Mas a Fada habita um Bosque Negro...

O enredo da narrativa parte da morte de um “rei querido” da Turquia, que deixa o trono como herança para o seu filho Abadão. O poeta, ao apresentar esse personagem, aproxima-o por laços de sangue ao “Almirante Balão”, pai de Ferrabraz, que, por sua vez, pertence à tradição narrativa das histórias de Carlos Magno e os doze pares de França e também faz parte de narrativas de Leandro Gomes de Barros, como *A batalha de Oliveiros com Ferrabraz*. Aqui o autor já anuncia para o leitor traços da personalidade desse personagem, que recebe do pai o pedido para que zelasse pelo seu povo, pedido este que será totalmente ignorado pelo novo rei, que, para aumentar seu tesouro, praticamente escraviza o povo.

Mesmo dono de um império, este rei ainda não tinha um herdeiro, pois a rainha não podia ser mãe. Desesperado, o rei é aconselhado a procurar um “feiticeiro” que ajudaria o rei e a rainha a conceberem uma criança. A seguir, o poeta apresenta ao leitor “Caracol / o maior catimbozeiro / que houve naquele tempo / em todo solo estrangeiro”. Observemos como o poeta adapta a linguagem ao leitor (feiticeiro / catimbozeiro), um recurso que Ayala (1997, p. 162) vai chamar de “aclimatação”. A autora afirma ainda que a aclimatação pela linguagem é uma das principais estratégias realizadas pela literatura popular nas histórias tradicionais, pois “As expressões utilizadas tanto pelo

narrador, quanto pelos personagens, são brasileiras e nordestinas.” A caracterização de Caracol obedece a um dos requisitos mostrados por Abreu (2004, p. 206) para que seja composta uma “história desembaçada”, a identificação clara dos personagens como maus e como bons em grupos separados. Assassino da própria mãe, aos doze anos, em sua fuga, Caracol faz um pacto de sangue com Satanás, que o conduz a um bosque “perto do mar negro”, onde passa a morar em um castelo e com “força pra fazer mau a toda humanidade”. Após receber esses presentes de Satanás, o catimbozeiro firmou o seu tempo de vida em quarenta anos para pagar a sua parte do trato e entregar-lhe a alma. Entra em cena na narrativa o elemento mágico que vai mover os principais episódios da história.

Ao se aproximar dos quarenta anos, Caracol decide que precisa de uma companheira, procuraria a “mulher mais depravada” para fazer dela uma “fada”, que seria uma feiticeira respeitada e dona do bosque. Utilizando-se de um espelho mágico, encontra Dina, que também havia assassinado boa parte da família e estava presa por seus crimes. Caracol, transformado em uma andorinha, liberta Dina e a leva para o eu castelo onde promete fazer dela uma fada e profetiza que ela ficaria gestante de um filho dele, que seria, mais tarde, o rei da Turquia. Observemos aqui a presença do maravilhoso, a mudança / metamorfose dos seres como parte de um encantamento, comum aos folhetos que contam sobre fadas e bruxas, reis e princesas.

Com a profecia de Caracol, afigura-se o caminho que conduzirá o restante da história. O rei, através das informações de um índio de “cem anos”, vai procurar “a fada do bosque negro”, que lhe promete um filha e, como pagamento, exige que, aos dezessete anos, a princesa se case com seu filho Pompeu, conforme tinha lhe dito Caracol, antes de morrer. Nasce a menina, e o rei, inconformado com a exigência da fada, manda chamar novamente o índio, na tentativa de descobrir um meio de não cumprir a exigência da fada.

Raquel, “a fada cristã”, “filha do cristianismo”, é a representação, na narrativa, do sentimento de religiosidade comum na poesia popular. É através das palavras dessa fada que se observa, na narrativa, a ideia de *sina*. Segundo Xidieh (1993, p. 89), “na acepção cabocla”, “*sina* é o pagamento pelo filho dos erros e fraquezas dos pais”; é o dedo de Deus caindo sobre alguém para pô-lo à prova. Dessa forma, o rei estava sendo castigado por não cumprir o que prometeu ao pai quando este estava para morrer e, por isso, Jesus o tinha abandonado, e Satanás lhe dado a mão. Arrepentido, Abadão segue os conselhos da fada adotando como padrinho o mais pobre cristão dos filhos da Turquia, Cirino, para ser o futuro noivo de sua filha e aquele que derrotará Pompeu e a sua mãe, a síntese de toda maldade na narrativa, e, casando-se com Safira, foi coroado “rei de todo povo amado”. O final da narrativa corresponde ao comentário de Abreu (2004, p. 216) quando afirma que “As histórias veiculadas nos folhetos de cordel têm, em geral, caráter exemplar: apresentam um mundo organizado em que pessoas boas e más medem forças, para chegar a um desfecho em que, invariavelmente, prevalece a justiça: recompensam-se os esforços dos que agem corretamente; condenam-se os malfeitores ao sofrimento, à morte, ao abandono, à miséria.”. O acróstico final, além de ratificar essa ideia, acrescenta ainda um alerta para aqueles que têm nas mãos o poder, pois, com ele, vem também a aprendizagem e o cuidado para não cometer “o erro, o crime, o pecado”.

O folheto apresenta ao leitor uma síntese dos elementos encontrados comumente nas histórias contadas no sertão, o pacto de sangue com Satanás, a ideia de castigo divino, de seres mágicos vinculados às coisas sombrias, assim como aqueles vinculados ao bem, num entrecruzamento entre magia e religiosidade, a ideia de recompensa pelas boas ações e assim por diante.

## A Fada do Bosque Negro e a Princesa Safira

AUTOR: ANTONIO AMÉRICO DE MEDEIROS

Mais uma história bonita  
que quem a ler admira  
de bruxa, rei e princesa  
já começo dando a mira  
da Fada do Bosque Negro  
e da Princesa Safira.

Quando reinou na Turquia  
um rei chamado Abadão  
que era tio legítimo  
do Almirante Balão  
o sangue real mais fraco  
que deu naquela nação.

Seu pai era um rei querido  
porém quando adoeceu  
conhecendo que morria  
passou para o filho seu  
coroa, poder e trono  
e bons conselhos lhe deu.

Querido filho Abadão  
te peço para zelar  
este povo que é nosso  
e a nenhum maltratar  
governei quarenta anos  
sem a ninguém desgostar.

Abadão disse papai  
fique despreocupado  
que a Turquia é feliz

agora no meu reinado  
vou consertando a vagar  
tudo que tiver errado.

Com quatro dias depois  
o velho rei faleceu  
e a rainha já velha  
com o choque entristeceu  
com trauma do sentimento  
com quinze dias morreu.

Abadão novo monarca  
fez os dois sepultamentos  
reuniu seu ministério  
pra novos planejamentos  
contra o povo criou  
diversos regulamentos.

Mandou subir os impostos  
todo comércio arrasou  
e rebaixou o salário  
com lei forçada obrigou  
o povo lhe trabalhar  
toda Turquia chorou.

Não era uma escravidão  
porque o povo ganhava  
um salário tão pequeno  
que pouca coisa sobrava  
e trabalhar todo dia  
a nova lei obrigava.

Cresceu a agricultura  
na luta do dia a dia  
com quatro anos estava  
rica e potente a Turquia  
e seu povo todo pobre  
somente o rei possuía.

Os ricos comerciantes  
pagaram tudo de imposto  
ficaram todos sem nada  
era tremendo o desgosto  
e todo mundo forçado  
a trabalhar contra-gosto.

O comércio da Turquia  
de dia a dia aumentava  
sendo todo do País  
o rei vendia e comprava  
com um pequeno salário  
aos seus servos pagava.

Com isto Abadão dizia  
papai era amalucado  
fazia o gosto do povo  
todo mundo era folgado  
País pobre e povo rico  
trabalhou a vida errado.

Quando papai faleceu  
nosso tesouro era um tico  
mas, eu que sei governar  
satisfeito agora fico  
porque eu quero é assim  
povo pobre e País rico.

Meu reino é de monarquia  
não preciso de ninguém  
sou o dono do império  
só faço o que me convém  
não sou papai que queria  
vê o povo passar bem.

Já fazia nove anos  
que Abadão tinha casado  
com a princesa Corina  
a rainha do reinado  
filha de um rei da Síria  
por nome de Dão Conrado.

Nesse tempo toda Ásia  
adotava a Dinastia  
cada rei tinha um herdeiro  
sempre um filho aparecia  
o pai lhe dava a coroa  
nunca o império caía.

Abadão disse a Corina  
sua querida rainha  
hoje a Turquia está rica  
a maior de toda linha  
e você tem que ser mãe  
breve duma criancinha.

Nove anos sem ser mãe  
nós não sabemos porque  
todos dois temos saúde  
a medicina há de vê  
o que está existindo  
ou em mim ou em você.

Assim, criou um decreto  
para os médicos se juntarem  
examinar ele e ela  
depois de examinarem  
o que existir em ambos  
com verdade adiantarem.

Examinaram Abadão  
o rei estava normal  
e na rainha Corina  
não encontraram um só mal  
ser sadia e não ser mãe  
a confusão foi geral.

Fizeram todos exames  
em um trabalho importante  
um médico velho parteiro  
para o rei falou constante  
não há remédio que faça  
a rainha sair gestante.

O rei quis mandar matá-lo  
mas, o médico não gelou  
e disse pode matar-me  
porém consciente estou  
não vou mentir ao rei  
no que mais me confiou.

O rei para não matá-lo  
lhe disse desapareça  
o médico disse monarca  
eu quero é que reconheça  
que lhe falei a verdade  
nem que me custe a cabeça.

Se aparecer um médico  
que faça dona Corina  
ser mãe de uma criança  
por meio de medicina  
darei a minha cabeça  
com gosto pra guilhotina.

Com isto o rei conheceu  
do Dr. a competência  
pra não dar demonstração  
gritou pra toda assistência  
medicina é uma pôrra  
Dr. não tem consciência.

O rei deu uns quatro gritos  
que tremeu o ambiente  
mandou retirar os médicos  
e reuniu de repente  
alí o seu ministério  
para um conselho urgente.

E disse que faço agora  
nesta onda de agonia  
tem que nascer um herdeiro  
do reinado da Turquia  
nem que gaste meu tesouro  
eu não importa a quantia.

Planejaram o dia todo  
seus melhores conselheiros  
a noite um deles lembrou  
diante seus companheiros  
pode até haver um jeito  
por meio dos feiticeiros.

Quando ele disse isto  
todo conselho aprovou  
o rei pulou de contente  
a rainha lhe beijou  
muito mais apaixonada  
que no dia que casou.

Deixo aqui rei Abadão  
procurando feiticeiro  
pra falar em Caracol  
o maior catimbozeiro  
que houve naquele tempo  
em todo solo estrangeiro.

Caracol nasceu na África  
filho duma meritriz  
com doze anos de idade  
aquele monstro infeliz  
assassinou sua mãe  
dentro de uma matriz.

Ela foi se confessar  
pedir das culpas perdão  
Caracol naquela hora  
foi tentado pelo cão  
chegou e matou a mãe  
na hora da confissão.

Ela estava ajoelhada  
ele chegou por detraz  
mesmo nos pés do vigário  
tentado por satanás  
matou a mãe de facão  
com uma força voraz.

Quando ele começou  
matar a mãe de facão  
correu o povo que tinha  
naquela ocasião  
de gente ficou o padre  
e o pobre do sacristão.

O padre ainda lhe disse  
suspenda a arma seu moço  
ele disse eu sou do cão  
corto mato e quebro osso  
desceu o facão no padre  
que lhe cortou o pescoço.

O sacristão desarmado  
a Caracol enfrentou  
lhe jogando uma cadeira  
mas, ele se desviou  
meteu o facão no velho  
com quatro golpes matou.

Sangrou a mãe na goela  
bebeu o sangue e sorriu  
sangrou os outros depressa  
tirou o sangue e engoliu  
nisto avistou a polícia  
por outra porta saiu.

A polícia inda avistou  
quando ele ia correndo  
ainda deram alguns tiros  
de muito longe perdendo  
porque ele entrou na mata  
e foi desaparecendo

Quando ele entrou na mata  
a polícia penetrou  
na cidade um batalhão  
de pressa se preparou  
para trazer vivo ou morto  
um capitão ordenou.

Levaram um rastejador  
para mais fácil o pegar  
de pressa uma grande chuva  
baixou naquele lugar  
foi cinco horas de chuva  
sem um minuto cessar.

Aí foi escurecendo  
os soldados sem sentidos  
de dez em dez separados  
estavam todos perdidos  
as águas nas cachoeiras  
zoavam dando gemidos.

Mais tarde chegou de novo  
outra chuva mais pesada  
pegou de nove da noite  
as quatro da madrugada  
foi esta a maior enchente  
lá na África registrada.

De cento e vinte soldados  
somente trinta escaparam  
nas águas com frio e fome  
noventa se acabaram  
por caso de Caracol  
nesta onda se findaram.

Aqui deixo a mortandade  
de tudo que se passou  
de mãe, padre e sacristão  
polícia que se acabou  
saber como Caracol  
da grande enchente escapou.

As duas horas da tarde  
Caracol ia cansado  
quando a chuva começou  
bem no pé de um talhado  
em uma furna que tinha  
ele alí ficou deitado.

Assim choveu quatro horas  
até quando escureceu  
ficava perto dum rio  
mais tarde a água cresceu  
Caracol pelo enfado  
lá na furna adormeceu.

A água vinha aumentando  
quando na furna chegou  
foi quando a segunda chuva  
nove horas começou  
ele acordou se afogando  
somente água encontrou.

Saiu batendo nas águas  
começou a se afogar  
gritou pelo satanás  
amigo vem me salvar  
lhe dou sangue, alma e vou vivo  
lá no inferno morar.

Sentiu um bicho caspento  
lhe pegando em cada braço  
cada unha como um gancho  
lhe jogou no espinhaço  
debaixo da chuva grossa  
deu um vô-o para o espaço.

Com duas horas de vô-o  
o bicho baixou no chão  
lhe disse o trouxe da África  
sou seu amigo e irmão  
você já está na Ásia  
debaixo de proteção.

São onze horas da noite  
não posso mais demorar  
que sou o príncipe das trevas  
tenho que me retirar  
amanhã de sete horas  
venho contigo falar.

Não tenha medo de nada  
pode dormir descansado  
que quem se vale de mim  
não fica desamparado  
amanhã de sete horas  
tudo será acertado.

Caracol disse consigo  
o cão tem muita valia  
se não fosse ele eu tinha  
morrido na água fria  
amanhã não via mais  
o raiar do novo dia.

Deitou-se na relva fria  
de repente adormeceu  
acordou de cinco e meia  
quando o dia amanheceu  
e sete horas em ponto  
satanás apareceu.

Chegou trajado de príncipe  
lhe abraçou deu a mão  
e disse vamos fazer  
nossa documentação  
o filho que mata a mãe  
tem a minha proteção.

E ontem quando você  
ia morrer afogado  
me prometeu sangue e alma  
lhe atendi apressado  
porém negócio comigo  
só faço documentado.

Já trouxe uma seringa  
para o seu sangue tirar  
e você no meu caderno  
com ele, se assinar  
pra quando morrer um dia  
ter certinho o seu lugar.

Você quando me chamou  
disse que ia até vivo  
porém vivo eu não aceito  
porque não é lucrativo  
viva pra fazer miséria  
que sou até seu cativo.

Mandou estirar o braço  
com a seringa tirou  
sangue e numa caneta  
com cuidado colocou  
e no caderno do príncipe  
Caracol se assinou.

Aí o príncipe lhe disse  
peça agora o que quiser  
catimbó pra dominar  
no mundo qualquer mulher  
matar, roubar e ser máu  
é isto que o reino quer.

Você só tem doze anos  
porém pode me pedir  
o que desejar na vida  
que eu hei de conseguir  
só pelo lado do máu  
você terá que agir.

Você matou sua mãe  
o padre e o sacristão  
e mais noventa soldados  
com isto agradeceu o cão  
continue fazendo assim  
que será um nosso irmão.

Isto aqui é um bosque  
onde não anda ninguém  
fica perto do mar negro  
pra você dar muito bem  
pra pintar suas misérias  
fazer o que bem convém.

Caracol disse satã  
quero ser um feiticeiro  
fazer aqui um sobrado  
com uma mágica ligeiro  
e eu me tornar no mundo  
o maior catimbozeiro.

Quando findou a palavra  
o castelo estava feito  
muito bonito e moderno  
Caracol bem satisfeito  
nem todo rei nesse tempo  
tinha um daquele jeito.

Aí satanás lhe disse  
lhe dou força pra fazer  
máu a toda humanidade  
faça o povo se perder  
e diga com quantos anos  
você deseja morrer.

Caracol pensou um pouco  
e disse basta quarenta  
porque o homem fracassa  
quando vai para cinquenta  
e para fazer o máu  
só quem é novo aguenta.

Então satanás lhe disse  
venha agora se assinar  
pra no dia que você  
os quarenta completar  
morre aqui e seu espírito  
vai no inferno morar.

Este deserto é um bosque  
muito triste e isolado  
no continente asiático  
ele aqui é colocado  
ficará por Bosque Negro  
de hoje em diante chamado.

Assim ficou Caracol  
fazendo o mau todo dia  
criava azas e voava  
através da bruxaria  
se “invultava” e virava  
em tudo quanto queria.

Neste bosque solitário  
é onde as almas perdidas  
se reúnem toda noite  
chorando entristecidas  
as culpas dos grandes roubos  
dos vícios e homicidas.

Se transformava num príncipe  
entrava em qualquer reinado  
e carregava princesa  
pra seu castelo dourado  
ia entregar com dez dias  
e nunca era pegado.

Aqui neste bosque negro  
os espíritos vagabundos  
baixam aqui toda noite  
velhos fantasmas imundos  
gemido e ranger de dentes  
não cessam nem dois segundos

Assim passou toda vida  
só praticando miséria  
fez tudo quanto era mau  
nesta vida da matéria  
separou muitos casais  
de família boa e séria.

Milhões de almas perdidas  
de mulheres depravadas  
baixam aqui neste bosque  
onde são incendiadas  
pela culpa dos pecados  
até altas madrugada.

Quando ia completar  
trinta e nove de idade  
pensou assim falta um ano  
pra minha finalidade  
e o bosque negro precisa  
quem der continuidade.

Você já está com tudo  
para viver e gozar  
eu irei atrás de outros  
não posso mais demorar  
quando morrer pode ir  
que é certo o seu lugar.

Agora vou procurar  
a mulher mais depravada  
para ser a minha amante  
e fazer dela uma fada  
pra ser a dona do bosque  
feiticeira respeitada.

Irei fazer uma mágica  
sem perder um só instante  
pra ver quem é a mulher  
mais perversa e mais errante  
se não tiver morto a mãe  
não pode ser minha amante.

A velha gritava Dina  
acuda aqui que seu pai  
já está muito doente  
vamos ver se a gente vai  
para o Pronto-Socorro  
nisso o outro filho cai.

No espelho da magia  
viu logo uma meretriz  
a mais perversa do mundo  
vivía presa em Paris  
por ter morto a própria mãe  
na presença do Juiz.

O pobre homem tremendo  
e um filho vomitando  
outro caído no chão  
a mãe por ela chamando  
Dina dentro do banheiro  
achando graça e cantando.

Já havia morto o pai  
e dois irmãos que ela tinha  
quando um dia envenenou  
uma carne de galinha  
a mãe escapou porque  
só comeu uma coisinha.

Aí a mãe conheceu  
que ela havia envenenado  
o comer pra matar todos  
e tinha se disfarçado  
nesta história do banho  
e o banheiro trancado.

Pondo a comida na mesa  
começou se empalhar  
assim que provou na carne  
viu logo o velho tombar  
e um dos filhos tremendo  
começou a vomitar.

Tinha um ferrôlo por fora  
aí a velha trancou  
pediu um carro de praça  
e os doentes levou  
antes do Pronto-Socorro  
o veneno lhe pegou.

A velha chamou por ela  
que estava no banheiro  
se demorando no banho  
pra jantar por derradeiro  
esperando a morte deles  
que começaram primeiro.

A mulher menos doente  
disse fui envenenada  
com toda minha família  
por uma filha malvada  
mas, esta eu deixei em casa  
em um banheiro trancada.

Quando Dina conheceu  
que a mãe tinha saído  
de casa com os doentes  
vestiu depressa o vestido  
quando foi abrir a porta  
aí foi tempo perdido.

Era um banheiro seguro  
a porta bem reforçada  
o ferrêlho antigo e largo  
ela deu tanta pesada  
que quase fratura a perna  
porém não conseguiu nada.

Quando ela conheceu  
que a porta não quebrava  
disse foi mãe que trancou-me  
que de mim desconfiava  
se ela escapar eu mato  
como a dias planejava.

Voltando ao Pronto-Socorro  
deixando Dina trancada  
morreu o pai e os filhos  
da comida envenenada  
só escapou a mulher  
porém muito resscada.

O médico telefonou  
dalí pra delegacia  
chegando os policiais  
a mulher em agonia  
porém não perdeu a fala  
contou tudo que havia.

Disse foi a minha filha  
que a nós envenenou  
matou o pai e os manos  
também não me acabou  
porque eu só fiz provar  
quando meu velho tombou.

Quando conheci que era  
a família envenenada  
ela estava no banheiro  
cantando e dando risada  
tranquei a porta por fora  
vão ver que está trancada.

A polícia foi urgente  
tirou ela do banheiro  
levou presa e foi trancada  
dia cinco de janeiro  
a audiência marcada  
para seis de fevereiro.

Levaram ela e a velha  
que já estava curada  
ela quando viu a mãe  
gritou amaldiçoada  
você ainda me paga  
porque me deixou trancada.

Ela fitou ao Juiz  
viu que ele estava armado  
lhe arrancou um punhal  
na cintura bem guardado  
meteu no peito da mãe  
que saiu do outro lado.

O Juiz gritou aos praças  
desarmem esta bandida  
lhe meteram uma cadeira  
ela caiu estendida  
por cima da pobre mãe  
que já estava sem vida.

O Juiz disse bandida  
você vai para a prisão  
irá pegar trinta anos  
escrito por minha mão  
depois de trinta mais quinze  
por lei da nossa nação.

Dina ficou na cadeia  
em uma cela trancada  
em quarenta e cinco anos  
ela foi sentenciada  
estava com dezesseis  
no começo da jornada.

Com quatro anos depois  
vinte anos completou  
justamente foi no dia  
que Caracol avistou  
ela no espelho mágico  
e da bandida gostou.

As onze horas da noite  
voou da Ásia ligeiro  
na cadeia de Paris  
chegou viu o carcereiro  
e seis soldados na guarda  
de dentro até o terreiro.

Ele vinha transformado  
numa pequena andorinha  
hipnotizou os sete  
que na sentinela tinha  
com as chaves do carcereiro  
fez tudo que lhe convinha.

Abrindo cela por cela  
não deixou uma trancada  
quando chegou na de Dina  
disse a ela linda fada  
vim aqui te libertar  
vamos pra minha morada.

Já estava transformado  
no mesmo monstro que era  
ela que nada temia  
com seu coração de fera  
pegou ele e deu um beijo  
e disse, ai quem me dera.

Quem me dera eu ir contigo  
nem que seja o satanás  
vivo aqui sentenciada  
porque matei os meus pais  
Caracol disse foi isto  
que lhe deu grande cartaz.

Você vai ser uma fada  
mais poderosa do mundo  
todos dois criaram asas  
com o seu poder profundo  
para o castelo do bosque  
voaram nesse segundo.

Depois que eles saíram  
os guardas se acordaram  
juntos com o carcereiro  
a cadeia vaga acharam  
dos cento e sessenta presos  
nem se quer um encontraram.

Caracol chegou com Dina  
no seu castelo bonito  
fez ciente tudo a ela  
como já estava escrito  
entraram em lua de mel  
pra ela um tempo bendito.

Caracol disse pra Dina  
eu saí pra te buscar  
fazer de ti uma fada  
pra ficar no meu lugar  
porque de hoje a um ano  
eu tenho que me acabar.

Você hoje fica gestante  
com nove “mês” e um dia  
serás mãe de um menino  
esta é minha profecia  
este menino mais tarde  
será o rei da Turquia.

Eu vou desaparecer  
que tenho data marcada  
fica você e meu filho  
você a famosa fada  
São Cipriano pra ti  
morreu sem saber de nada.

No decorrer deste ano  
eu irei lhe ensinar  
o que há de catimbó  
para você dominar  
o mundo com seu feitiço  
e fazer o que desejar.

Com nove “mês” e um dia  
o garotinho nasceu  
com sangue dum gato preto  
misturado com o seu  
Caracol lhe batizou  
com o nome de Pompeu.

Caracol disse pra Dina  
depois que eu me acabar  
tua fama corre o mundo  
vem um rei te procurar  
cuidado com o trabalho  
quando for executar.

Chega aqui rei Abadão  
vem pra rainha Corina  
ser a mãe de um menino  
rode a bola cristalina  
e quando a bola parar  
só lhe mostra uma menina.

Quando o rei olhar a bola  
acha o trabalho fiel  
vai nascer a princesinha  
aja tudo em seu papel  
depois casa com Pompeu  
caiu a sopa no mel.

No dia que Caracol  
os quarenta completou  
morreu desapareceu  
o satanás lhe levou  
e a fada do bosque negro  
com seu filhinho ficou.

Aqui vou deixar a fada  
com sua feitiçaria  
voltar a rei Abadão  
que estava na Turquia  
procurando feiticeiro  
em todo canto que havia.

Lhe apareceu um índio  
com cem anos de idade  
fez tudo quanto sabia  
e lhe falou a verdade  
a fada do bosque negro  
é quem tem capacidade.

Porém ela é muito rica  
não tem medo de ninguém  
só atende em seu castelo  
se mandar chamar não vem  
se rei meu senhor for lá  
vai se sair muito bem.

O rei lhe disse eu irei  
onde fica este lugar  
fica nos confins da Síria  
bem perto da beira-mar  
castelo do bosque negro  
querendo eu vou ensinar.

Rei Abadão preparou-se  
saiu numa carruagem  
e três lhe acompanhando  
com uma rica bagagem  
chegaram no bosque negro  
com quase um mês de viagem.

O rei pensava ser menos  
do que o índio dizia  
quando avistou o castelo  
com muita emoção tremia  
porque era mais bonito  
do que o seu da Turquia.

Chegando foi recebido  
por um criado que tinha  
lhe perguntou se estava  
a fada ou a rainha  
o criado disse está  
já preparando a festinha.

Ela olhou num espelho  
viu quando o senhor saiu  
benzeu o rei e os seus  
nada de mau lhe surgiu  
fez uma viagem boa  
como o senhor já viu.

A fada saudou a todos  
com a maior cortesia  
e disse seja bevindo  
querido rei da Turquia  
viva a rainha Corina  
que será mãe qualquer dia.

O rei emocionado  
começou a tremer mais  
e a rainha banhou-se  
em lágrimas sentimentais  
abraçou-se com a fada  
aí sim, choraram iguais.

Disse o rei querida fada  
eu pertença a Dinastia  
de pai ficar para filho  
nosso país da Turquia  
se a rainha for mãe  
lhe pago grande quantia.

Ela disse eu vou rodar  
o meu globo de cristal  
se for possível ele mostra  
o que for certo e legal  
para a rainha ser mãe  
crescendo o prazer real.

A fada rodou o globo  
linda bola cristalina  
disse aqui sai a verdade  
quando a rodada termina  
quando parou viram a cara  
de uma linda menina.

A rainha aproximou-se  
do globo para beijar  
a fada disse não pode  
é somente pra mostrar  
esta vai ser sua filha  
mas, quando o tempo chegar.

O rei disse para a fada  
seu trabalho é muito fino  
se for possível outra vez  
rode o globo cristalino  
e transforme esta criança  
para o sexo masculino

Lhe disse a fada não pode  
que isto já vem traçado  
a uns três anos atrás  
tudo pronto e planejado  
trabalho de Caracol  
não pode ser revogado.

Caracol me disse antes  
de morrer que acontecia  
o que hoje estou fazendo  
para o rei da Turquia  
e meios para um menino  
de forma alguma existia.

Saiba que a Dinastia  
não é somente passar  
poder de pai para filho  
é na família ficar  
quem casar com vossa filha  
mantém o mesmo lugar.

Houve uma salva de palmas  
quando a fada terminou  
viva a rainha do bosque  
dona Corina gritou  
que a nossa Dinastia  
assegurada ficou.

A fada disse em meu quarto  
vou o casal hospedar  
e amanhã bem cedinho  
Corina pode jurar  
com nove “mês” e um dia  
nasce a herdeira do lar.

No outro dia cedinho  
o casal se levantou  
a rainha satisfeita  
com a fada se abraçou  
mais feliz do que na noite  
do dia que se casou.

O rei disse para a fada  
ó minha amiga fiel  
em seu castelo passei  
a segunda lua de mel  
faltando poucos minutos  
pra vir a taça de fel.

O rei perguntou a fada  
por tudo quanto devia  
podia pedir em ouro  
a valorosa quantia  
ela disse nada deve  
a mim o rei da Turquia.

Porque eu também preciso  
da ajuda de vocês  
vou apresentar meu filho  
que de anos já tem três  
pra casar com vossa filha  
vamos aguardar a vez.

Quando ele completar  
vinte anos de idade  
ela está com dezesseis  
pra nossa felicidade  
será ele o sucessor  
lá de vossa magestade.

Mandou a ama ir buscar  
o seu filhinho Pompeu  
o rei lhe disse está bem  
mas, o coração doeu  
a rainha não chorou  
mas, a alma entristeceu.

A fada do bosque negro  
falou pra rei Abadão  
tenha cuidado na vida  
não me faça traição  
porque eu querendo acabo  
num minuto uma nação.

Vão embora que já fiz  
todo gosto de vocês  
no dia que vossa filha  
completar os dezesseis  
aí eu levo Pompeu  
pra se casar desta vez.

Durante esta temporada  
nós de cá não vamos lá  
e da mesma qualidade  
os de lá não venham cá  
só irei no dia certo  
como planejado está.

O rei abraçou a fada  
e a rainha também  
se fingindo de alegres  
mas, ninguém sabia quem  
dos dois estava mais triste  
dentro deste vai e vem.

Com um mês de novamente  
o rei chegou na Turquia  
chorava todas as noites  
fazia planos e perdia  
da mesma forma a rainha  
muito pouquinho dormia.

Com nove “mês” e um dia  
como a fada marcou  
da dormida em sua cama  
a rainha descansou  
como ela havia dito  
a princesinha chorou.

Nasceu a linda menina  
alva, bonita e corada  
com o nome de Safira  
com um mês foi batizada  
o rei estudando um meio  
prá se defender da fada.

Mandou chamar outra vez  
o índio velho sabido  
lhe apresentou o caso  
o índio entristecido  
disse contra aquela fada  
quem for lutar é perdido.

Porém eu vou a floresta  
falar com a minha irmã  
ela disse que conhece  
Raquel a fada cristã  
e a fada do bosque negro  
o que faz é por satã.

A fada do bosque negro  
matou mãe, pai e irmãos  
viveu com um feiticeiro  
que ofendia aos cristãos  
ai de vossa princesinha  
se cair naquelas mãos.

Lhe disse o rei vá chamar  
sua irmã na carreira  
vê se conhece esta fada  
cristã boa e verdadeira  
pra Safira não casar  
com filho de feiticeira.

O índio foi a floresta  
aonde a índia vivia  
chegou lhe contou o caso  
ela neste mesmo dia  
chegou e saudou o rei  
com respeito e cortesia.

Deus te salve imperador  
chegou a vossa criada  
Abadão disse me diga  
se conhece alguma fada  
que faça a do bosque negro  
ficar de força quebrada.

A índia disse tem uma  
que é a fada Raquel  
e mora até muito perto  
no País de Israel  
da família Israelita  
daquele povo fiel.

É uma fada cristã  
filha do cristianismo  
trabalha com objetos  
do santo catolicismo  
e é a única que pode  
tirar o rei deste abismo.

Ela possui três espinhos  
da corôa de Jesus  
um cravo dos que cravaram  
Cristo com ele na cruz  
e uma estrela de ouro  
do cajado de Agabuz.

Tem um pouquinho da terra  
do pé da cruz retirada  
quando Jesus perdeu sangue  
deixando a terra ensopada  
e uma toalha branca  
com seu sangue nodoada.

Possui um manto azulado  
feito por Nossa Senhora  
tecendo no seu tear  
sem perder uma só hora  
tecido de puro linho  
como não há outro agora.

Tem uma pedra da trempe  
da manjedora sagrada  
onde São José fez janta  
de aveia e carne assada  
e ali jantou com Maria  
sua espôsa estimada.

Possui um trapo de pano  
que Jesus foi enrolado  
no berço da manjedora  
que São José com cuidado  
fez ali um mini-berço  
pra deitar seu filho amado.

Inda possui um formão  
da tenda de São José  
quando ele trabalhava  
de carpina em Nazaré  
e um tacho da mortalha  
de Maria Salomé.

Raquel é dona dum sêlo  
que São Pedro retirou  
da porta dum santuário  
que lá em Roma encontrou  
quando a chave da Igreja  
Jesus a ele entregou.

Tudo que faz é de graça  
nunca quis juntar riqueza  
quando alguém lhe gratifica  
ela com delicadeza  
agradece em nome de Deus  
dá de esmola a pobreza.

Com isto o imperador  
tremia emocionado  
dizendo viva Raquel  
e um Deus santificado  
que o poder de satã  
irá ser desbaratado.

Perguntou o rei a índia  
diga se a fada Raquel  
atende um chamado meu  
ou eu vou a Israel  
a índia disse ela atende  
que é humilde e fiel.

Prepare uma carruagem  
indo buscar ela vem  
eu já fui lá duas vezes  
se quiser eu vou também  
o rei lhe disse irão hoje  
com tudo quanto convém.

Preparou a carruagem  
da família imperial  
assinou um documento  
pôs o carimbo real  
partiram na mesma tarde  
em viagem especial.

O rei entregou a índia  
como representação  
um documento selado  
assinou com sua mão  
dizendo esta índia vai  
viagem do rei Abadão.

Em poucos dias chegaram  
onde morava Raquel  
a índia disse a que ia  
a fada por ser fiel  
preparou sua bagagem  
e partiram de Israel.

Em poucos dias de novo  
chegaram lá na Turquia  
o rei abraçou a fada  
contou tudo que havia  
Raquel lhe disse é castigo  
lembre o que seu pai dizia.

Quando estava pra morrer  
o reino lhe entregou  
e disse zele meu povo  
vossa alteza escravizou  
e subiu tanto os impostos  
que o comércio acabou.

Tomou tudo que o povo  
com suor tinha ganhado  
e obrigou inda mais  
lhe trabalhar alugado  
por um salário de fome  
pra lhe fazer potentado.

Depois que se viu por dono  
de tudo que o País tinha  
chamou seu pai de maluco  
hoje o rei e rainha  
vejam que situação  
se acha vossa filhinha.

Quando o seu pai lhe disse  
zele pelo povo meu  
o rei castigou a todos  
ao pai desobedeceu  
e a Nosso Senhor do céu  
diretamente ofendeu.

Jesus lhe abandonou  
satanás lhe deu a mão  
e hoje a fada do bosque  
tem grande satisfação  
para o seu filho Pompeu  
ser o rei desta nação.

Abadão disse chorando  
eu mesmo fui o culpado  
bem que papai me pediu  
zele meu povo estimado  
e eu desobedecei  
pra hoje está castigado.

Israelita de Deus  
em sua missão sagrada  
me diga se há um jeito  
por Maria Imaculada  
pra Safira não casar  
com o filho daquela fada.

A fada disse há um jeito  
se o monarca aceitar  
a criancinha mais pobre  
que na Turquia encontrar  
batiso em nome de Deus  
pra com Safira casar.

Batiso e volto no tempo  
do seu sagrado himineu  
que este vai decidir  
na espada com Pompeu  
e a fada do bosque negro  
perde se nunca perdeu.

O rei lhe disse Raquel  
eu entrego em suas mãos  
vê se encontra o menino  
mais pobre entre os cristãos  
todos filhos da Turquia  
agora são meus irmãos.

A fada disse eu já sei  
daqui eu pude avistar  
mora na favela baixa  
vamos depressa buscar  
a mãe dele a pouco tempo  
terminou de expirar.

É filho de uma cega  
e pai nunca conheceu  
agora a poucos minutos  
a ceguinha faleceu  
e ele caiu de fome  
porque nunca mais comeu.

Disse a fada vamos logo  
pra trazer a falecida  
o rei foi com ela e viu  
a criancinha caída  
ao lado da mamãe morta  
correndo risco de vida.

O rei chorou quando entrou  
no mucambo que foi vendo  
a cega morta no chão  
e a criança gemendo  
caída de fome e sede  
e as formigas mordendo.

O garotinho contava  
quatro anos de idade  
preto de formiga preta  
lhe mordendo em quantidade  
ia morrer neste dia  
sem encontrar caridade.

Já tinha ido um caixão  
a ceguinha colocaram  
o rei mandou sepultar  
e o menino levaram  
no hospital dos fidalgos  
chegando lá internaram.

Com quatro dias depois  
a fada lhe batisou  
com o nome de Cirino  
o rei lhe apadrinhou  
a rainha foi madrinha  
uma dama apresentou.

O menino já estava  
salvo do grande maltrato  
a fada disse eu agora  
só venho aqui no contrato  
da data do casamento  
que já tem seu dia trato.

Disse a fada seu padrinho  
agora vai lhe criar  
tudo de bom lhe ensina  
precisa aprender brigar  
porque uma luta grande  
você tem que enfrentar.

Daqui a dezesseis anos  
já tem o dia marcado  
a fada do bosque negro  
traz o filho preparado  
pra se casar com Safira  
chega e acha o seu noivado.

Abadão diz para ela  
tem um filho da Turquia  
pra se casar com Safira  
Pompeu perde a valia  
nesta hora eu apareço  
aí começa a porfia.

O que Abadão disser  
ela tem que aprovar  
porque palavra de rei  
não pode se revogar  
Abadão cria uma luta  
e os dois vão disputar.

Se combina com Safira  
qual a sua opinião  
ela diz eu casarei  
com quem ganhar a questão  
o que escapar com vida  
ganhará meu coração.

A fada do bosque negro  
quando me vê fica triste  
em saber que seu poder  
contra o meu não resiste  
porém se faz otimista  
vai a frente e não desiste.

O rei é quem marca a luta  
no ferro frio alvejado  
cada um com uma espada  
precisa muito cuidado  
o que ganhar, com Safira  
no outro dia é casado.

Raquel ensinou ao rei  
ali todo movimento  
dizendo eu venho no tempo  
com Jesus no pensamento  
e chego dois dias antes  
da festa do casamento.

Durante os dezesseis anos  
dê esmola todo dia  
e os direitos humanos  
para todos da Turquia  
faça um governo pacífico  
como o seu pai fazia.

A fada se despediu  
daquele povo fiel  
chorou rei, rainha e damas  
na saída de Raquel  
o rei mandou novamente  
deixar ela em Israel.

Até que chegou o dia  
do ditoso casamento  
a fada do bosque negro  
partiu do seu aposento  
e vamos ver na Turquia  
como foi o movimento.

Era trato o casamento  
para dois de fevereiro  
a fada do bosque negro  
chegou no dia primeiro  
Raquel já tinha chegado  
a trinta e um de janeiro.

A fada do bosque negro  
no seu carro luxuoso  
puxado por dois cavalos  
cada qual gordo e forçoso  
Pompeu trajado de príncipe  
o bicho era até jeitoso.

A bruxa chegou na côrte  
ninguém não lhe aplaudiu  
ficou na sala de espera  
com pouquinho o rei saiu  
falou com ela e Pompeu  
e neste assunto seguiu.

Senhora fada do bosque  
sou um rei sem covardia  
casamento com seu filho  
aqui não se anuncia  
Safira já está noiva  
com um filho da Turquia

A fada do bosque negro  
fitou o imperador  
ficou de todas as cores  
e disse rei traidor  
já se esqueceu de tudo  
que eu fiz com o senhor.?

O rei disse tenha calma  
a senhora está errada  
você me mostrou seu filho  
um dia em sua morada  
pra se casar com Safira  
mas, eu não lhe disse nada.

A bruxa disse monarca  
saiba e lembre que fui eu  
que fiz Safira nascer  
pra casar com o filho meu  
nisto a fada cristã  
no recinto apareceu.

A fada do bosque negro  
sentiu a força quebrada  
porque a fada cristã  
por Deus era abençoada  
e diante aquele poder  
ela não fazia nada.

Porém se fez otimista  
encarou o rei no sério  
e disse eu acabo o reino  
por meio de um mistério  
se Pompeu não se casar  
pra ser dono do império.

O rei disse não senhora  
ela está comprometida  
pra se casar com Cirino  
gente minha e conhecida  
agora eu chamo Safira  
e ela aí que decida.

Se ela não decidir  
com qual dos dois quer casar  
aí se cria uma luta  
quem na espada ganhar  
casará com minha filha  
para o reino governar.

Safira foi convidada  
pra dar sua opinião  
disse vão lutar os dois  
pra decidir a questão  
qualquer um que escapar  
ganhará meu coração.

Assim todos combinaram  
a luta ficou marcada  
pra quatro horas da tarde  
cada um com uma espada  
em um campo de esporte  
numa arena reservada.

A fada do bosque negro  
disse eu quero um reservado  
para concentrar meu filho  
e a tarde está preparado  
para ganhar logo a luta  
e em seguida o reinado.

Chegando no quarto fez  
um catimbó que deixou  
Pompeu pronto para a luta  
seu corpo todo ficou  
transformado em ferro puro  
ele muito se animou.

Você durante uma hora  
seu corpo não há quem corte  
que está virado em ferro  
porém precisa ter sorte  
pra vencer dentro do prazo  
o seu inimigo forte.

Se chegar as cinco horas  
você não tiver vencido  
seu corpo volta ao normal  
poderá ser atingido  
desta hora por diante  
se considere perdido.

A fada cristã também  
foi Cirino preparar  
o seu corpo em diamante  
ela passou transformar  
o material mais duro  
que ela pôde encontrar.

A fada do bosque negro  
tinha o filho transformado  
numa hora em ferro puro  
a cristã do outro lado  
duas horas pra Cirino  
fez o seu corpo mudado.

De quatro até as seis horas  
seu corpo era um diamante  
espada não lhe cortava  
por mais que fosse possante  
certo de vencer Pompeu  
de cinco horas por diante.

Era só para espadas  
aquela transformação  
mas, cada qual para o povo  
tinha a mesma feição  
era o mesmo guerreiro  
para toda multidão.

Assim tudo preparado  
quatro horas começaram  
mais de cinco mil pessoas  
na arena se acharam  
o camarote real  
os cinco alí ocuparam.

Abadão e a rainha  
Safira e as duas fadas  
sentados no camarote  
lindas cadeiras forradas  
Safira em frente ao gramado  
vendo o jogo das espadas.

A fada do bosque negro  
olhou no seu talismã  
viu numa pedra que tinha  
já se mordendo satã  
por ter perdido o que fez  
pra aquela fada cristã.

O cão queria ganhar  
rei, rainha e a princesa  
que a mais de vinte anos  
puxava pra sua mesa  
perder três almas já ganhas  
gritava o cão é moleza.

A fada ainda viu mais  
no seu espelho importante  
todo corpo de Cirino  
transformado em diamante  
duas horas sem ninguém  
poder mudar um instante.

Pompeu transformado em ferro  
espada não lhe cortava  
o Cirino em diamante  
seu corpo se conservava  
ninguém não sabe dos dois  
quem mais bonito brigava.

Até quando completou  
o prazo de uma hora  
Pompeu voltou ao normal  
Cirino sem ter demora  
desceu um golpe em Pompeu  
que tirou a cabeça fora.

A fada soltou um urro  
com a morte de Pompeu  
se vendo toda perdida  
com o desgosto morreu  
lá no bosque, o seu castelo  
também desapareceu.

O rei saltou no gramado  
com Cirino se abraçou  
Safira de emoção  
pegou o noivo e beijou  
com isto a fada cristã  
de alegria chorou.

No outro dia as dez horas  
houve o santo casamento  
o rei coroou Cirino  
com grande contentamento  
Jesus os abençoou  
naquele feliz momento.

**A**ssim Cirino foi rei  
**N**a paz de Deus se casou  
**T**odos ali dando vivas  
**O** sôgro alegre ficou  
**N**a mão do genro entregando  
Isto na paz se abraçando  
**O** poder lhe entregou.

**A** fada cristã dizia  
**M**eu filho tenha cuidado  
**Ê**s agora da Turquia  
**R**ei de todo povo amado  
Isto é para aprender  
**C**om cuidado não fazer  
**O** erro, o crime, o pecado.

(FIM)

– Patos, 23 – 02 – 1981.

Figura – Capas do folheto



Fonte: Acervo da autora

Quanto às versões desse folheto, cujas capas aqui estão apresentadas, na primeira delas não consta data de publicação e, estruturalmente, o folheto é composto de duzentas e trinta e sete estrofes de seis versos heptassílabos e esquema rímico ABCBDB e duas setilhas – acróstico – também heptassílabas, com esquema rímico ABCBDDDB. Este folheto é bem anterior ao segundo folheto publicado pela Editora Luzeiro, que data do ano de 2009 e que, estruturalmente, tem uma sextilha a menos, quando comparado ao texto da versão anterior, com um total de 236 sextilhas e 02 setilhas dedicadas ao acróstico, ambos seguindo o mesmo esquema rímico que a versão anterior. O folheto aqui transcrito é o texto editado pela Editora Luzeiro e apresenta pequenas alterações na redação de alguns versos, sem que isto signifique alteração do sentido ou da métrica apresentada por estes. A estrofe ausente está localizada, na edição anterior, entre as

de número 57 e 58, da página 09, do texto publicado pela Luzeiro, e tem a seguinte redação:

Nisto a barra clareava  
as onças ligeiramente  
voltaram e beberam água  
a vontade na vertente  
miraram para o angico  
e foram lá novamente.

A capa da primeira versão, assim como o folheto *A fada do bosque negro e a princesa safira*, traz uma fotografia de artistas de cinema da época, enquanto a capa da Editora Luzeiro exibe algumas das inovações que essa editora trouxe para a edição do cordel nordestino. Estas estão expressas nas cores e desenhos que ilustram as capas dos folhetos da referida editora. No contexto das modificações sofridas pelo folheto de cordel, na apresentação de suas capas, a proposta da Luzeiro se apresenta ampliando o diálogo já existente nas muitas linguagens presentes em uma capa de cordel. Esta assume ares de artifício estético, que passa a contribuir ainda mais para a leitura dos versos que “guarda” através das múltiplas inferências suscitadas pela capa do folheto no leitor. Ainda sobre a ilustração da capa do folheto *A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte*, o poeta e ilustrador Arievaldo Viana afirma, no *Blog Acorda Cordel* (2014): “Tive a honra de fazer a capa do único folheto que Américo publicou pela Editora LUZEIRO, sob a orientação do poeta Marco Haurélio.” Há aqui um equívoco do poeta, uma vez que a Luzeiro também publicou, da autoria de Antônio Américo, o folheto *Lampião e sua história contada toda em cordel*.

Também como parte das inovações apresentadas pela Luzeiro, no texto, o formato é fixado com 13,5 X 18.5 cm, e cada folheto passa a ter 32 páginas. Essa estrutura da “publicação permitia a alteração da forma tradicional, passando a contar com duas colunas por folha

de corpo e tipo menor” Benjamim (2004, p. 65), como ocorre com o texto do folheto de Antônio Américo de Medeiros.

Apresentando um número de quarenta e oito páginas, na primeira versão, pode ser considerado um romance. Tematicamente, de acordo com a classificação de Diégues Júnior (2012), este se aproxima do grupo dos fatos circunstanciais ou acontecidos, uma vez que a narrativa aborda também a temática da seca no Nordeste e as consequências desta na vida da maioria dos sertanejos.

A narrativa poética conta a história de Judite, a caçula de uma família de retirantes, expulsos de sua terra, o sertão paraibano, pela seca do ano de 1845, uma das maiores ocorridas no Nordeste, na qual muita gente morreu de fome e sede. Esse é o fato histórico escolhido pelo poeta como pano de fundo para os fatos contados através de seus versos. O poeta conta sobre a morte dos animais por falta de água e alimento e como era o único transporte na época entre o brejo e sertão para que chegasse o alimento e o sal. Muitas pessoas morriam de fome nas estradas a caminho do brejo, mesmo tendo recursos para comprar o escasso alimento. Esse é o cenário onde acontecem os fatos que determinam a “desditosa sina” de Judite. Entendemos aqui o significado de sina como a ideia de “uma vida de sofrimentos e de provações.” (XIDIEH, 1993, p.89).

O sofrimento de Judite tem início quando deixa a fazenda onde cresceu e sai com sua família, fugindo da seca pelas estradas do sertão, em busca de água e comida. Em um dos pousos para descanso e alimentação, enquanto dormiam, a família é devorada por onças, escapando apenas ela, por ter conseguido subir em um pé de angico. Sozinha, ferida e sem ninguém que a protegesse, a moça, depois de muito andar, vai parar na morada de Vicente Paulino, bandido “Ruim, malvado e valente”, que assombrava a região roubando e matando gente. Na chegada, conhece Rosalina, moça raptada por Vicente, que vive como prisioneira do bandido e que se torna sua

amiga. Ao encontrar Judite, Vicente a convida a ficar e depois tenta violentá-la. Judite foge e se recupera dos ferimentos da fuga abrigada em um pé de umbuzeiro, na serra, comendo apenas o que a natureza lhe oferecia. Ao findar o ano, com as primeiras chuvas do ano seguinte, decide deixar seu abrigo e, em sua andança, vai parar na casa de uma viúva, que vinha retornando a terra com seus três filhos, pois a chuva havia chegado. Ao ser questionada sobre a sua presença ali, Judite conta a sua história, e a viúva identifica Vicente como o assassino de seu marido. Os filhos decidem vingar a morte do pai e, guiados pela moça, que conhecia o local onde o bandido se escondia, matam Vicente e libertam Rosalina, que se casa com um dos filhos da viúva. Judite também se casa com um deles. Eis a recompensa de Judite por seu sofrimento, assim como castigo infringido a Vicente por seus crimes. Tem-se aqui a síntese de uma tradição narrativa que responde aos anseios do público em sua ideia de justiça, uma justiça que não é dos homens, mas do próprio existir humano e que, de alguma forma, o mundo se encarrega de executá-la.

O cenário da seca e os sofrimentos infringidos por esta aos habitantes do Nordeste; a descrição da região, assim como de vários de seus aspectos; a força da fé daqueles que têm na figura divina e nos santos o seu único socorro nas horas de aflição, síntese do sentimento de religiosidade do sertanejo, afinal, o próprio significado do nome Judite remete ao ato de louvação ao Senhor; a ideia de justiça, mesmo que, muitas vezes, executada com as próprias mãos; a ideia de honra; o instinto de sobrevivência do sertanejo e a ideia de fortaleza da mulher paraibana são alguns dos temas abordados pelo poeta nesse folheto em que, paralelamente à história de Judite, que tem um final feliz como assim exige o leitor, conta-se também sobre a miséria e a violência das secas no Nordeste, que não findaram ainda na história do povo sertanejo.

### A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS

No ano mil oitocentos E quarenta e cinco o ano, Houve uma seca das grandes No sertão paraibano Na qual morreu muita gente Sem pão, sem água e sem plano.	Só nos espinhos ficaram; Cardeiro e xiquexique, Todos que tinha queimaram.
Nesse tempo havia pouco Açude pelo sertão, Quando tinha era um barreiro De pequena proporção, Que em dezembro mostrava Toda lama do porão.	Essa seca atacou mais Paraíba e Ceará, Os sertões que mais sofreram, Como na história está: Muitas famílias morreram De fome e sede por lá.
De dezembro pra janeiro Quem tinha açude secava E nas cacimbas dos rios Depressa a água baixava; Não chovendo em fevereiro, A seca já assolava.	O transporte que havia Era só dos animais, De burro, cavalo e besta, Que traziam os cereais Do Brejo para o Sertão – E a seca não deixou mais.
No ano quarenta e quatro Tinha chovido pouquinho: Um inverno curto e fino Apenas fez um pastinho. Nas terras boas e baixas Quem plantou teve um lucrinho.	Começam morrer os lotes: Cavalo e besta primeiro E aqueles burros de carga Morreram por derradeiro, E até o próprio cavalo Da sela do fazendeiro.
Quando entrou quarenta e cinco, Todas as águas secaram, Pastagem não tinha mais,	No fim do mês de abril Não tinha mais animal: O gado morria o resto. Em todo sertão geral O povo matava bode, Comia a carne sem sal.

O sal era carregado  
Do Rio Grande do Norte  
De Mossoró e Assu,  
Mas naquela seca forte,  
Não tendo mais animal,  
Inventaram outro transporte.

Quem possuía escravos  
Juntava tudo em geral,  
Negro, negra, velho e velha,  
Partia esse pessoal  
No lugar dos animais  
Para o transporte do sal.

Alguns morriam de fome  
No caminho estropiado,  
Sem alcançar Mossoró,  
De fome e sede cansado.  
O pior era na volta  
Como um burro carregado.

Com um surrão na cabeça  
Cada negro transportava  
Quarenta quilos de sal  
Que o chefe lhe mandava,  
E a negra trinta quilos  
Na cabeça carregava.

Pelos caminhos desertos,  
Sem ter água pra beber,  
De cinqüenta a mais léguas,  
Ninguém calcula o sofrer —  
Quanto este povo sofreu  
Achava melhor morrer!

E na segunda viagem  
Muitos negros desertaram,  
Lá perto de Mossoró  
No carnaubal entraram,  
Se esconderam nas praias  
E ao sertão não voltaram.

Alguns que obedeceram  
Aquele triste jornada  
Voltaram com o seu chefe,  
Mas, no meio da estrada  
O povo tomava o sal —  
Chegaram quase sem nada.

Aonde tinha uma estrada,  
De retirante era cheia.  
O povo que do sertão  
Partia de sua aldeia,  
Procurando escapar fora,  
Que fome tem cara feia.

Quem era de Cajazeiras  
Para o brejo rumava,  
Outro para Pernambuco  
Já outra linha ocupava  
E muita gente as praias  
Do Ceará procurava.

Cajazeiras nesse tempo  
Ficou quase sem ninguém,  
Pois foi o canto pior  
Que a seca judiou bem.  
Quem não morreu foi embora  
Pra outras terras além.

Governava a Paraíba  
Naquele tempo um doutor,  
O Frederico Carneiro  
Campos, homem de valor,  
Mas não podia ajudar  
Ninguém no interior.

Do Cariri ao sertão  
Ninguém podia passar,  
Sem ter água e sem comer  
Pra o animal viajar.  
Assim o governador  
Nada podia mandar.

Apenas mandou dizer:  
— Quem puder venha pra cá  
Do brejo pra capital;  
Só não posso é levar lá.  
Da mesma forma fazia  
O governo do Ceará.

Pertinho de Cajazeiras  
Morava um fazendeiro.  
Na fazenda Boa Vista  
Não tinha muito dinheiro,  
Mas criava muito gado  
E negros do cativoiro.

Se chamava João Vicente  
E sua esposa Esmerina,  
Três filhos e uma filha,  
Que foi feliz em menina;  
Depois de moça cumpriu  
Sua desditosa sina.

Já os três filhos de João,  
Um se chamava Martim,  
O segundo Rafael,  
E o terceiro Efraim,  
E a caçula Judite,  
Linda como um querubim.

No meio da grande seca,  
Quando junho terminou,  
Secaram todas as fontes,  
Água perto não ficou  
E o resto da criação  
Com a sede se acabou.

Da fazenda Boa Vista  
Onde o seu João morava,  
Para o Rio do Peixe  
Seis léguas distanciava.  
O único canto que água  
De cacimba não faltava.

Somente naquele rio  
Tinha água de beber.  
Gente ali era demais,  
Porém não tinha comer  
E quem não se retirasse  
Tinha por certo morrer.

O seu João se preparou  
Com a família que tinha  
E doze negros cativos,  
Partiram de manhãzinha  
Para o Rio de Peixe  
Chegaram lá à tardinha.

Chegou no Rio do Peixe  
A grande sede mataram.  
Somente raiz de pau  
E batata brava acharam.  
Aquele povo comendo  
Com elas se alimentaram.

Dos baixios para as serras  
O pessoal procurava  
Algum bode pra matar.  
O dono era quem achava.  
Comia a carne sem sal,  
Que sal ninguém encontrava.

Batata de maniçoba,  
De pau-pedra e outras mais,  
Era o comer deste povo,  
Porque entre os vegetais  
Tinha batata e raiz,  
Fruto e rama, nem sinais!

Miolo de xiquexique  
O povo comia assado  
E couro velho de cama  
Onde tinha era torrado  
No caco pra fazer fuba,  
Fedendo chifre queimado.

Um surrão de couro cru  
Não ficou na freguesia  
Porque o povo torrava  
Fazia fuba e comia  
Com algum comer do mato —  
Outra coisa não havia!

Dinheiro o povo inda tinha  
Moedas de prata e ouro.  
Só não tinha o que comprar  
Lá naquele logradouro.  
Assim morria de fome  
Olhando para o tesouro.

O seu João Vicente mesmo  
Tinha nota, ouro e prata  
E, vendo se acabando  
Os refrigerios da mata,  
Pensou descer para o brejo  
No meio da seca ingrata.

Partiu com toda a família,  
Seguindo todos a pés  
Até alcançar Pombal,  
Sofrendo sedes cruéis  
Lá vendeu os doze escravos  
Por quatrocentos mil réis.

Procurou o que comprar  
Sal, farinha e rapadura,  
Porém não encontrou nada,  
Porque a época era dura;  
Aí comprou seis cabaças  
Pra viagem ser segura.

De Pombal rumou pra Patos,  
Uma pequenina vila.  
Com as águas das cabaças,  
A viagem foi tranquila.  
Só o xiquexique assado  
Comiam fazendo fila.

Passou um dia em Patos  
Procurando o que comprar,  
Queria sal e farinha,  
Porém não pôde encontrar.  
Se tinha, o povo escondia  
Para ninguém não tomar.

Assim encheu as cabaças,  
Rumou no mesmo ideal,  
Em São Mamede achou quem  
Vendesse um litro de sal.  
Adiante matou um bode,  
Deu comer ao pessoal.

Fazia mais de dois meses  
Quem em sal ninguém tocava;  
Isto foi como uma festa,  
A família se animava.  
Devido não comer sal,  
Tudo amarelo e inchava.

Chegando em Santa Luzia,  
A coisa já melhorou  
Que três moedas de ouro  
Dois litros de sal trocou  
Numa cuia de farinha,  
Mais três ele permutou.

Comprou uma cabra velha,  
Comeu pirão da farinha.  
No outro dia, partiu  
Com todos de manhãzinha;  
A tarde se arrancharam  
Perto à Serra da Redinha.

Lá no pé daquela serra  
Um olho d'água minava.  
Enquanto maior a seca,  
Mais sua água aumentava.  
Ponto certo pra tropeiro,  
Chegando ali se arranchava.

Seu João e sua família  
Chegando lá se arrancharam,  
Gostaram da água boa,  
Fizeram janta e jantaram.  
Da onça beber ali  
Eles nunca imaginaram.

À noite foram dormir,  
Nada de assombro viram.  
Da serra as onças famintas  
Saíram à noite e sentiram  
Que tinha gente na fonte  
E pra lá se dirigiram.

Chegaram três canguços  
Famintos e perigosos  
Agarraram três pessoas  
Com seus braços poderosos;  
Essas três mataram logo,  
Além da fome, raivosos.

Judite e dois que ficaram  
Saíram logo correndo.  
As onças pegaram dois,  
Porém Judite foi vendo  
Um pau e subiu no mesmo,  
Ficou em cima tremendo.

Era um pé de angico,  
Roliço como um coqueiro.  
Ela com medo subiu,  
Se não subisse ligeiro,  
A onça teria matado  
Do primeiro ao derradeiro.

Quando ela se subiu  
A onça subiu atrás,  
Foi até pertinho dela,  
Não podendo subir mais,  
Que quando estirava a mão  
Deslizava para traz.

Lá em cima do angico  
Judite ficou sentada,  
Aonde esgalhava os galhos,  
Tremendo ali agarrada.  
A onça chegava perto —  
Oh! Que hora aperreada!

Ali a onça ouvindo  
Das outras a quebradeira,  
Quebrando os ossos do povo  
Era a maior bagaceira,  
Ela, faminta também,  
Voltou lá de carreira.

Chegou lá agarrou um  
Dos que estava estirado.  
Faminta como ela estava  
Era grande o mastigado:  
Cinco mortos pra três onças,  
Era o maior revirado!

Judite de lá de cima  
Só ouvia a confusão:  
As onças comendo os corpos,  
Rugindo como leão,  
Rosnava uma com outra,  
Que chega tremia o chão.

Comeram até se fartar,  
Para o fim acalmaram,  
Beberam água na fonte  
E todas as três deitaram  
Encostadinhas as ossadas  
Dos cinco que devoraram.

Quando foi de madrugada  
As onças foram juntar  
As cinco ossadas do povo,  
Levaram para enterrar,  
Ciscando as folhas pra cima,  
Cobriram bem o lugar.

Judite em cima chorava,  
Se lastimava e tremia,  
À noite toda trepada,  
Que se descesse morria.  
Chorava os seus que perdeu,  
Cortava o choro, gemia.

A onça mirava o pau,  
Partia em toda carreira,  
Subia até perto dela,  
Escorregava ligeira,  
Com raiva arranhava o pau,  
Que descobria a madeira.

A outra se afastava,  
Pulava do mesmo jeito,  
Subia e escorregava  
Pra se vingar do desfeito,  
Danava as unhas no pau,  
De casca tirava o eito.

A onça de bucho cheio  
Não dava para alcançar  
O canto que a moça estava  
Para a mesma puxar.  
Só a primeira de noite  
Andou perto de chegar.

A moça se lastimava  
Dizia: — Valha-me Deus!  
Estas feras já comeram  
Meus pais e os manos meus,  
E breve eu serei rasgada  
Também pelos dentes seus!

E as onças raivosamente  
Olhavam ela e rosnavam;  
Devido os buchos cheios  
Subindo ao pau se cansavam,  
O sol pegou esquentar —  
Elas já se agoniavam.

A pobre moça dizia:  
— Valha-me Nossa Senhora!  
Fazei com que estas feras  
Para a serra vão embora,  
Pra ver se deste ambiente,  
Deus querendo, eu caia fora!

Com a quentura do sol  
As onças se retiraram,  
Saíram à busca da serra —  
Depois que se afastaram,  
Judite foi se descer,  
Porém as forças faltaram.

Quando foi para subir  
Com o medo se subiu;  
Quando procurou descer,  
Faltou as forças, caiu  
E nos picos do angico  
Seu corpo muito feriu.

Seio, bucho, perna e pé  
Ficaram todos feridos,  
Os picos eram agudos,  
Deram cortes desmedidos.  
E ela caiu sem fala,  
Depois pegou dar gemidos.

Quando recobrou a fala  
Já era onze do dia,  
Foi se levantar não pôde,  
Sentindo grande agonia,  
E se acaso ali ficasse,  
A onça vinha e comia.

Já morta de fome e sede,  
Vendo água bem pertinho,  
Da farinha que traziam  
Ainda tinha um pouquinho;  
Da carne da cabra velha  
Lhe restava um pedacinho.

Dizia ela: — Oh, meu Deus,  
Dê o céu à mamãezinha,  
A papai e meus irmãos!  
Jesus, que sina é a minha:  
Agora morrer de fome,  
Abandonada e sozinha!

Meu Deus, que seca tirana  
Neste sertão castigado!  
Eu sei que são nossas culpas  
Pela força do pecado.  
Perdoe aos meus que morreram  
E a mim, Jesus amado!

Perdoe as pisas que pai  
Dava nos pobres escravos  
E alguma vez que mamãe  
Aos negros fazia agravos,  
Que morreram devorados  
Por estes canguçus bravos!

Perdoe meus três irmãozinhos,  
Talvez com poucos pecados,  
Bons filhos obedientes,  
Dos escravos estimados,  
E esta noite também  
Foram todos devorados!

Eu aqui sentenciada,  
Sem poder me levantar,  
Queimada pelo sol quente —  
A sede vai me matar,  
Vendo a água tão pertinho  
E não poder ir tomar.

Fez esforço quatro vezes  
Até que se levantou,  
Chegou até as cabaças,  
Bebeu a água e matou  
A sede, que lhe matava —  
Porém, a fome ficou.

Tinha um isqueiro de pedra  
Num chifre com algodão  
Com um pedaço de lima,  
Dava fogo uma porção  
E do isqueiro passava  
Para um pau de pinhão.

Da troçada que seu pai  
Com a família trazia,  
As onças nada buliram  
Na hora da tirania.  
Tinha um resto de comer  
Comprado em Santa Luzia.

Restava um pouco de carne,  
Que ela assou e comeu  
Com um pouco de farinha  
Espertou o corpo seu,  
Mais um pouquinho d'água  
Quando terminou bebeu.

Foi na fonte e tomou banho,  
Que estava toda cortada.  
Quando desceu do angico,  
Ficou muito retalhada:  
Da cara a chegar nos pés  
Ficou ferida e pelada!

Pegou um facão que tinha  
Numa jurema e rapou,  
A casca e fez uma gorda  
E com ela se banhou,  
Curando os cortes que tinha,  
Um pouquinho melhorou.

E disse: — Graças a Deus,  
Matei a sede e a fome.  
O jeito é sair daqui,  
Senão a onça me come.  
Seguiu tristonha e sozinha,  
Sem ter por quem chame um nome.

Pegou a cabaça d'água,  
Resto de sal e farinha  
Com o dinheiro do pai  
E as jóias da mamãezinha.  
Toda banhada de lágrimas,  
Saiu chorando, sozinha.

Só em moedas de ouro  
Ainda achou cento e três,  
Mais de duzentas de prata  
Em patacão português  
E em mil-réis de papel  
Tinha um conto e dezesseis.

Pelas três horas da tarde  
Partiu com sua troçada,  
Um saco cheio de troços,  
A cabaça pendurada,  
Um facão e um punhal —  
Era uma carga pesada.

E o resto da troçada,  
Que não pôde carregar,  
Fez uma ruma no rancho,  
Deixou naquele lugar  
Para a primeira pessoa  
Que passasse ali levar.

Assim mesmo adoentada,  
Quando foi escurecendo,  
Tinha andado uma légua,  
Chorando e se maldizendo,  
Sem ter aonde dormir,  
Toda dóida e tremendo.

Aí pegou a pensar  
Nesta hora o que fazia;  
Tinha que parar ali,  
Subir em pau não podia,  
E se ficasse no chão,  
A onça vinha e comia!

Pedi conforto a Jesus,  
Olhando para a savana,  
Avistou assim de lado  
Uma copada umburana;  
Dirigiu-se para a mesma,  
Naquela onda tirana.

Chegou debaixo e olhou,  
Era como uma sombrinha  
Com galhos pra todo lado  
E no meio da árvore tinha  
Um canto que pra dormir,  
Não tendo outro, convinha.

Tinha uma trempe de galhos  
A umburana copada;  
Se desse pra chegar lá,  
Dava pra ficar sentada.  
O difícil era subir  
Por estar adoentada.

Lutou até se subiu  
Na umburana frondosa,  
Deitando o saco na trempe,  
Achou posição jeitosa.  
Quando deitou-se imitou  
Estar numa “preguiçosa.”

Os galhos fazendo encosto,  
Deu pra ficar derreada,  
Galho dum lado e do outro,  
Ficando bem apoiada,  
Rezou até meia noite,  
Foi dormir de madrugada.

Aqui eu deixo Judite,  
Sozinha, fraca e doente,  
Dormindo na umburana,  
Naquele triste ambiente,  
Para falar num bandido  
Ruim, malvado e valente.

Este bandido era filho  
Da Paraíba também,  
Nascido lá em Ingá...  
Seu pai, um homem de bem,  
Ele, ruim e perverso  
De não valer um vintém.

Seu pai era João Paulino  
Oliveira de Azevedo;  
Ele Vicente Paulino,  
Mas começou muito cedo  
Matar gente pra roubar —  
Fazia e não tinha medo.

Ele atacava os matutos  
Comboieiros do sertão  
Que iam comprar no Brejo  
Farinha, açúcar e feijão;  
Ele assaltava sozinho  
De bacamarte na mão.

Rendia o pobre e tomava  
Ali todo seu dinheiro.  
Não se rendendo de tiro  
Matava o pobre tropeiro.  
Assim, tirou muitas vidas  
No Nordeste brasileiro.

No governo Pedro Sá  
Ele se viu perseguido,  
Volantes e mais volantes —  
Fugiu do brejo o bandido,  
Quando alcançou o sertão,  
Ficou ali escondido.

Quando ele fugiu do Brejo,  
Passou em Juazeirinho,  
Antes de Santa Luzia,  
Foi procurar um cantinho;  
Na serra de São José  
Achou e fez um ranchinho.

A serra de São José  
Fica perto da Redinha  
Aonde Judite ia  
Sofrendo naquela linha,  
E ficou na umburana,  
Naquela noite, sozinha.

Ali na frente morava  
O tal bandido valente  
Escondido na tal serra  
Em um oculto ambiente,  
Bem no pé de um talhado  
Onde tinha uma vertente.

Fazia ali quatro anos  
Que ele havia chegado;  
Depois roubou um escravo,  
E fez o pobre, forçado,  
Fazer um rancho bem feito,  
Todo em arame farpado.

Primeiro e segundo andar  
Todo em madeira lavrada  
E do lado da subida  
Uma grandiosa escada.  
Dela matava onça preta  
Suçuarana e pintada.

O negro era carpinteiro  
E Vicente lhe obrigou  
Fazer o rancho seguro —  
No dia que terminou,  
Para não ser descoberto,  
Pegou o negro e matou.

— Roubei o negro e matei!  
E agora eu vou roubar  
É uma negra bonita  
Para comigo morar,  
Nova, sadia e gordinha...  
Saiu e foi procurar.

Fingiu-se de boiadeiro,  
Desceu para o Seridó,  
Na fazenda Santa Ana  
Do coronel Zé Jiló  
Viu a escrava mais linda,  
Que já pisou neste pó.

Chegou como quem podia  
Falando em comprar boiada  
Dizendo ser de Campina  
Filho de gente ilustrada.  
Queria comprar cem bois  
Para tanger na estrada.

Foi quando viu Rosalina,  
Uma moreninha bela,  
Mocinha de quinze anos,  
Lindo porte de donzela.  
As filhas do coronel  
Todas perdiam pra ela.

Vicente viu quando ela  
Passou junto da calçada  
Com um pote na cabeça,  
Porque vinha da aguada  
Ele disse: — É esta escrava  
Que por mim vai ser roubada.

Vicente tinha um cavalo  
Cardão, escuro, rodado;  
Disse para o coronel:  
—O seu gado está comprado...  
Irei buscar o dinheiro —  
Em Campina está guardado.

Vicente com cinco dias  
Fez uma carta e mandou  
Dizendo ao coronel:  
—Saí e papai comprou  
Uma grande propriedade  
E com meu dinheiro inteirou.

O coronel disse assim:  
—Veja que rapaz direito,  
O pai gastou o dinheiro —  
Ele, pra guardar respeito,  
Fez uma carta e mandou  
Para aumentar o conceito.

Quando passou quinze dias,  
Lá foi ele novamente  
Pra fazenda Santa Ana,  
Rondando no ambiente,  
Escondido até roubar  
A linda escrava inocente.

À noitinha Rosalina  
Para a casa da senzala  
Saiu para ir dormir.  
O bandido em alta escala  
Meteu-lhe um pano na boca,  
Que ela perdeu a fala.

A pobre moça tentou  
Gritar, porém não gritava.  
Além da boca tampada  
Com o medo desmaiava;  
Chegou sem dar cor de si  
Aonde o cavalo estava.

Quando ela melhorou  
Ele lhe disse: — Mocinha,  
Eu vim aqui lhe roubar  
Pra ser companheira minha.  
Saiba que sou o bandido  
Pior que tem nesta linha!

Moro dentro de uma serra,  
Tenho um rancho preparado  
Primeiro e segundo andar,  
Seguro e bem reforçado,  
Quando a onça vem, eu mato  
De cima dele trepado.

Vim aqui só lhe roubar  
Pra você morar comigo  
E eu gozar seus carinhos  
Lá dentro do meu abrigo.  
Ela lhe disse: — Senhor,  
Não me faça esse castigo!

Ele lhe disse: — Nem peça,  
Quero é gozar seu carinho.  
Selou depressa o cavalo  
E deu rédea no caminho;  
Quando foi de manhãzinha  
Saltaram no seu ranchinho.

Aí foram tomar banho  
E começaram a se amar.  
Ela não tendo outro jeito,  
O jeito foi aceitar,  
Mas amar sem ter amor  
É ruim de tolerar!

Tinha um banco de areia  
Bem encostado a vertente,  
Um olho d'água potável,  
Muito lindo o ambiente.  
O que tinha ela de triste,  
Tinha ele de contente.

E assim continuaram  
Sem ela mostrar carinho;  
Vicente gostava dela,  
Sentia o prazer sozinho.  
Ela por este motivo  
Não teve dele um filhinho.

Vicente quando roubou  
O negro pra trabalhar,  
Aquele que fez o rancho  
Com medo dele fugar,  
Usava uma corrente  
Pra de noite o amarrar.

E também com Rosalina  
A mesma coisa ele usava:  
Quando saía do rancho  
No primeiro andar deixava  
Água e comer junto dela  
E na corrente ficava.

Quando chegava soltava  
Ela para trabalhar,  
Fazer comer, lavar roupa...  
Depois de tudo aprontar,  
Vinha às tarefas de amor,  
E o jeito era aceitar.

No seu cavalo rodado  
Ele a noite viajava  
E nas fazendas mais fora  
De mão armada assaltava  
E na outra noite seguinte  
Com o furto ele chegava.

Só não atacava mais  
O almocreve que vinha  
Tangendo tropas de burros —  
Fazer isto não convinha  
Para não deixar a pista  
Que estava nesta linha.

Roubando só nas fazendas  
Vicente continuou;  
Assim fazia três anos  
Quando a seca chegou,  
Todo o povo para o Brejo  
Pra não morrer se mudou.

Vicente ficou na serra  
E muito bem se saía:  
Farinha e sal ele tinha,  
Comprava em Santa Luzia,  
Vinha à feira e voltava —  
Ninguém não o conhecia.

Que ele havia morrido,  
Muita gente até pensava.  
Que de Ingá para Campina,  
Lugar que ele atacava,  
Já fazia quatro anos  
Que ninguém o encontrava.

Farinha e sal ele tinha  
No seu barraco guardado,  
Rapadura e feijão gordo,  
Estava bem preparado,  
Dava pra comer dois anos  
Com Rosalina folgado.

Espingardas de soquete  
Ele tinha em quantidade,  
Bacamartes tinha cinco  
De primeira qualidade  
E munição para os mesmos  
Tinha comprado à vontade.

Quando a seca declarou-se,  
Ele de tudo comprou.  
A água do olho d'água  
Na grande seca aumentou  
E, sem sofrer com a crise,  
Somente ele ficou.

Comer para o seu cavalo  
Na vertente não faltava;  
Aonde a água descia,  
Capim de planta plantava  
E quando findava um corte,  
O outro bom já estava.

Assim Vicente vivia  
Naquele grande apogeu;  
Talvez a única pessoa  
Que na seca não sofreu.  
Vamos ver como Judite  
No seu rancho apareceu.

O leitor lembra que ela  
Na umburana ficou  
Dormindo em cima da mesma.  
De manhã quando acordou  
Rezou, desceu, bebeu água  
E a andar continuou.

Com a troçada que tinha,  
Já muito apetrechada,  
Quando andou meia légua,  
Fraca, doente e cansada,  
Parou vendo uma vereda  
Completamente trilhada.

Porque há dias não via  
Um rastro de animal:  
Só via muito era ossada,  
Casa sem gente e curral;  
A seca tinha arrasado  
Com o sertão em geral.

Ela prestou atenção  
Vendo a vereda trilhada,  
Que a casco de cavalo  
Era muito bem cortada.  
Ela disse: — Ali na serra  
Tem na certa uma morada.

De comer que lhe restava  
Era um pires de farinha  
E um restinho de sal,  
Que outra coisa não tinha...  
Além de tudo, doente,  
Abandonada e sozinha.

Ela comeu a farinha,  
Bebeu água e espertou  
Mais ou menos oito horas  
E disse: — Eu agora vou  
Ver se na serra tem gente,  
Como a vereda indicou.

Penetrou pela vereda,  
Prestando bem atenção,  
Viu galhos de pau cortados  
Há poucos dias no chão  
E vendo rastro de gente  
Cresceu-lhe a animação.

Andando pegou pensar:  
“Meu Deus! Será um bandido?  
Ou algum negro cativo  
Destes que anda fugido  
E mora aqui nesta serra,  
Igual um índio escondido.”

Voltar não podia mais  
Porque comer não levava  
E a água da cabaça  
À tarde se acabava.  
Ali estava por tudo —  
Tudo que desse aceitava.

Penetrou de serra adentro  
Em um grande sucavão;  
No pé dum liso talhado  
OuvIU fala de cristão.  
Começou tremer de medo  
Como se fosse sezão.

Pelas dez horas do dia  
Ela se aproximou  
Do barraco de Vicente,  
A Rosalina avistou  
Na frente lavando uns panos —  
Isto muito a animou.

Porque ela imaginava  
Que se desse uma parada  
Onde só morasse homem,  
Estaria desgraçada,  
Mas quando viu a mulher,  
Ficou bastante animada.

Rosalina quando viu  
Aquela moça de frente  
Chegar e lhe dar bom dia,  
Teve um susto de repente,  
Que há três anos não via  
Ninguém a não ser Vicente.

Judite lhe deu *bom dia*  
Num som de quem trata bem.  
Rosalina perguntou:  
— De onde a senhora vem?  
Disse ela: — Ando vagando  
Por esse sertão além.

Aí lhe contou a vida  
E tudo que se passou  
Que ali muito pertinho  
Seu povo se acabou,  
Perdeu os pais e três manos —  
Somente ela escapou.

E Rosalina também  
A ela foi positiva,  
Que estava até roubada  
Porque era uma cativa,  
Se considerava morta,  
Muito embora fosse viva.

— Sou mulher de um bandido  
Que à força me roubou;  
Porém, nunca gostei dele,  
Forçada me obrigou  
Eu viver com ele aqui —  
Muitas vezes me amarrou.

Cada dia que se passa  
Mais eu odeio esse ente.  
Nunca tive amor a ele.  
Pra mim é uma serpente  
Quando se encosta em mim,  
Eu passo o dia doente.

Mas, ainda tenho fé,  
Se ele não me matar,  
De arranjar outro homem  
De quem eu possa gostar.  
Se Deus me der proteção,  
Inda posso até casar.

O nome dele é Vicente  
Paulino de Aragão,  
É natural de Ingá,  
Fugiu pra este sertão.  
Com medo de ser pegado,  
Se mudou da região.

Antes da seca ele ia  
Toda semana roubar:  
Roubou muitos fazendeiros  
Por perto deste lugar.  
Neste rancho tem de tudo  
Que a gente precisar.

Tem ouro, dinheiro e prata  
O que comer tem também.  
Ele foi matar mocó,  
Porém meio-dia vem.  
Talvez traga quinze ou vinte,  
Que na serra é o que tem.

Judite disse pra ela:  
— O que mais admirei  
É você ser uma escrava,  
Porque eu nunca encontrei  
Outra mulher tão bonita  
Nos cantos que já passei.

Naquela conversa delas,  
Uma e outra a falar,  
Vicente vinha chegando,  
Ouvindo gente conversar,  
Preparou a espingarda  
Para quem fosse matar.

Viu aquela jovem magra,  
Triste, sentada no chão,  
Com semblante de doente,  
Só não teve compaixão,  
Porque bandido não tem  
Nem amor, nem coração.

Perguntou: — Quem é você  
E como chegou aqui?  
Judite lhe contou toda  
Sua história de per si  
E por proteção de Deus  
Inda estava viva ali.

Vicente lhe disse: — Aqui  
Tem ouro, prata e dinheiro,  
Muita carne de mocó,  
Tatu-bola e verdadeiro,  
Farinha, sal e rapadura,  
Que vai a outro janeiro.

Um resto de feijão gordo,  
Água boa e munição,  
Caça do mato a vontade  
Para nossa proteção.  
Houve seca para os outros,  
Porém pra Vicente não...

Só sofreu até aqui,  
Agora não sofre mais,  
Se trate para ficar boa,  
Que boa união se faz  
Eu, você e Rosalina —  
E vamos viver em paz.

Rosalina um bom almoço  
Nesse dia preparava,  
Tinha torrado um jacu  
Que a galinha imitava  
Aí Judite almoçou  
Que há meses não almoçava.

E com gorda de ameixa  
Se banhava todo dia,  
Fazia pó e usava  
Onde um fermento havia.  
Com quinze dias estava  
Completamente sadia.

Voltou à cor ao normal  
E começou a engordar;  
Recobrou a formosura,  
Vicente pegou a olhar,  
E disse a ela: — Hoje à noite  
Com você eu vou casar.

O padre é este telhado  
A igreja aquela areia.  
Lá casei com Rosalina  
E, antes que fique feia,  
Hoje eu caso com você —  
Aqui ninguém se aperreia.

Judite aí se prostrou  
Nos pés dele ajoelhada,  
Dizendo assim: — Seu Vicente,  
Por Maria Imaculada,  
Deixe eu ficar sendo moça,  
Que serei sua criada!

Rosalina é mais bonita  
Novinha, da mesma idade;  
Eu sou uma pobre moça  
Sofrendo a orfandade;  
Por Jesus Cristo do céu,  
Poupe a minha virgindade!

Ele disse: — Eu sou bandido,  
Não adianta zoada,  
Não tem santo, não tem Cristo,  
Nem Maria Imaculada  
Que faça você não ser  
Hoje minha namorada!

Judite lhe disse: — Não!  
O senhor está errado:  
Jesus querendo, faz tudo  
Em um minuto mudado;  
Judas também foi assim —  
Depois morreu enforcado!

Rosalina disse a ele:  
— Dispense esta pobrezinha,  
Que já considero irmã,  
Ou então amiga minha.  
Vicente disse: — Se cale!  
Vá roer lá na cozinha.

Judite disse: — Em meu saco  
Tem prata, ouro. Eu lhe dou  
E uma soma em papel  
Lhe oferecendo estou  
Para o senhor me deixar  
Pura e virgem como sou.

Vicente recebeu tudo,  
A prata, o dinheiro, o ouro,  
Guardou num baú que tinha  
Disse em tom de desdouro:  
— Às sete horas da noite  
Eu quero o outro tesouro.

Com isto a pobre Judite  
Ficou desorientada,  
Tentou descer pra correr  
Por Vicente foi pegada,  
Numa corrente de ferro,  
Por uma perna amarrada.

Deixou ela na corrente  
Naquele primeiro andar  
Aonde amarrava a outra,  
Quando ia viajar  
E disse: — Às sete da noite  
Vamos na fonte *brincar*.

Judite dizia: — Deus,  
Tenha compaixão de mim!  
Que mal cometi a Vós  
Para hoje estar assim?  
Presa por este bandido  
Numa sentença sem fim!

Às sete horas Vicente  
Subiu cheio de paixão  
Soltou a mocinha e disse:  
— Vamos descer, coração.  
Da porta Judite deu-lhe  
Com talento um empurrão.

Com trinta palmos de altura  
Ficava o primeiro andar.  
Vicente não esperava  
A moça lhe empurrar,  
Desajustou-se na queda,  
Caiu sem poder falar.

Judite ligeiramente  
Desceu correndo a escada.  
Vicente estava no chão,  
Inda sem dar fé de nada;  
Judite em toda carreira  
Entrou no mato assombrada.

Penetrou de serra adentro  
Na tremenda escuridão.  
Além da pedreira os matos  
E os espinhos no chão,  
Xiquexique e macambira,  
Facheiro que só o cão.

Unha de gato e urtiga,  
Daquela bem queimadeira.  
E a coroa de frade,  
Por ser mais espinhadeira  
Aleijou logo Judite  
Dessa primeira carreira.

Correu até que caiu  
Toda espinhada no chão,  
Cortada da macambira,  
Na pior situação,  
Que a coroa de frade  
Fura como um suvelão.

Aqui eu deixo Judite  
Caída e toda espinhada,  
Sem condição de dar mais  
Nem sequer uma passada,  
Para falar em Vicente  
Quando caiu da escada.

Do empurrão que Judite  
Deu no bandido malvado  
Lá de cima da escada,  
Que caiu desmantelado,  
Uns dez minutos sem fala  
Ficou no chão estirado.

Quando ele melhorou,  
Que recobrou o sentido,  
Procurou se levantar,  
Tinha um pé desmentido  
Pegou chamar por Judite,  
Mas esta tinha corrido.

Quem chegou foi Rosalina,  
Muito chorosa e sentida,  
Só não era por Vicente,  
Aquela fera homicida;  
Já chorava por Judite,  
A sua amiga querida.

Vicente dizia assim:  
— Oh, que moça condenada!  
Quando eu ia ganhar tudo,  
Me empurrou da escada;  
Saiu, correu, foi embora  
E eu perdi a caçada.

Ficou com um pé trilhado,  
Porém, depois melhorou.  
Ao lado de Rosalina,  
Ficando bom, se alegrou.  
Vamos voltar a Judite,  
Saber se ela escapou.

O leitor lembra que ela  
Correu até arriar,  
Cravejada de espinhos,  
Sem poder um pé mudar,  
Caiu de papo pra cima,  
Chorando pegou falar:

— A seca ingrata obrigou  
Papai deixar o sertão;  
Depois nas unhas das feras  
Perdi, pai, mãe e irmão!  
Aqui vou morrer sozinha  
Nesta triste solidão!

Andar eu não posso mais,  
Que estou toda cravada  
De espinhos pelos pés,  
Sem dar mais uma passada.  
Vou morrer de fome e sede  
Na terra quente queimada!

Quando o dia amanheceu,  
Lutou até se sentar,  
Tirando espinhos de unhas,  
Ainda pode contar  
Trezentos e três espinhos,  
Os que deram pra puxar.

Meia légua se achava  
Da cabana de Vicente.  
Ela bem devagarzinho  
Saiu andando doente  
Até que chegou num campo  
De umbuzeiros somente.

Numa chapada arenosa,  
Ao pé dum grande umbuzeiro,  
Às nove horas do dia  
Ela fez um paradeiro,  
Com as batatas de fora  
Se fazendo hospitaleiro.

A batata de umbu  
E boa pra se chupar,  
Serve de água e comer,  
Ela disse: — Eu vou ficar...  
Ao menos de fome e sede  
Vou custar mais me acabar.

Chupou batata à vontade,  
Matou a sede malvada.  
Tentou ir andar de novo,  
Não deu mais uma passada.  
Depois que os pés esfriaram,  
Foi andar, não andou nada.

Chegou-lhe uma grande febre  
Com quentura e comichões,  
Os pés com pontas de espinhos,  
As pernas com arranhões  
Cortadas da macambira —  
Eram tristes condições.

Passou o dia caída,  
À tarde se levantou.  
Um umbuzeiro copado  
Assim na frente avistou;  
Os galhos se entrançaram,  
Que um no outro emendou.

Lutou até se subir  
Chegou em cima e deitou-se  
Sobre os galhos ramalhudos;  
Lá muito bem apoiou-se.  
Não dormiu pelo maltrato,  
Porém, contudo, acalmou-se.

Quando amanheceu o dia  
Um pouquinho melhorou,  
Cortando cipó-imbé  
Uma cama preparou  
Na copa do umbuzeiro —  
Dormindo nela ficou.

Ela pensou: “Sem ter água,  
Eu não posso viajar.  
Aqui tem muito umbuzeiro,  
Batata não vai faltar;  
Só saio quando chover,  
Tiver água pra tomar.”

Quando o inverno chegar,  
Encher riacho e barreiro,  
Tem fruta de xiquexique,  
Aparece a de cardeiro.  
Outra que é muito boa  
É a fruta do facheiro.

Pois, aonde tinha espinhos  
Sobre os seus pés inflamaram,  
Com pus em cada local,  
Depois que apostemaram,  
Ela aí ia espremendo  
E todos fora saltaram.

Ali a pobre tirou  
O resto daquele ano  
Com batata de umbu,  
O seu pão cotidiano,  
Dois meses de sofrimentos,  
No mais triste desengano.

Terminou quarenta e cinco,  
Começou quarenta e seis;  
Caiu a primeira chuva,  
Véspera do dia de Reis;  
Todo riacho encheu d'água  
Todo rio teve vez.

Desta vez sofreu demais  
Levando chuva na cama,  
Passava a noite molhada,  
Da chuva e pingo de rama,  
Em cima, rama com água,  
Em baixo água com lama.

Até que viu os cardeiros  
E os facheiros também  
Todos cobertos de frutas,  
Disse: — Agora vai dar bem  
Para eu deixar a serra  
E ver se vou mais além.

Do seu vestido restava  
Só uma tanga rasgada.  
Depois que desceu a serra,  
Chegou a uma morada,  
Porém, faltando seus donos,  
Devido à seca malvada.

Eram três horas da tarde  
Quando se aproximou  
Da calçada do alpendre;  
Na hora que se sentou,  
Gado, animal e gente  
No fim do pátio avistou.

Era o povo da casa  
Que tinha se retirado  
Com a seca para o Brejo,  
Levando animal e gado.  
Vinha chegando porque  
O inverno tinha pegado.

A casa d'uma viúva,  
Chamada dona Zefinha.  
Vinha chegando do Brejo  
Com quatro filhos que tinha,  
Cinco burros carregados  
De feijão, fava e farinha.

Quando chegaram que viram  
Aquele moça sentada  
De pé no chão e tristonha,  
Magra, suja e descorada...  
Ali por dona Zefinha  
Ela foi interrogada.

Judite aí contou logo  
A ela todo ocorrido  
Quando falou em Vicente,  
Zefinha deu um gemido.  
Gritava alto chorando:  
— Foi quem matou meu marido!

Meu esposo trabalhava  
Nesta vida de tropeiro.  
Este bandido o matou  
Para roubar o dinheiro,  
E há anos que ninguém sabe  
Onde é seu paradeiro.

Os dois filhos de Zefinha —  
Um se chamava João  
E o outro, era Justino —  
Fizeram interrogação:  
— Mocinha, diga se sabe  
Onde mora esse ladrão?

— Mora dentro duma Serra  
Pra cá de Santa Luzia.  
Só não me deflorou lá,  
Porque Jesus é meu guia,  
Dono da mulher mais linda,  
Que eu já vi hoje em dia.

Carregou esta mocinha,  
Mora com ele forçada,  
Mas, ela não gosta dele,  
Vive muito aperreada;  
Tem o coração de santa,  
É minha amiga estimada.

Justino disse: — Mamãe,  
Vamos plantar o roçado.  
Se preparar quinze dias,  
Depois de bem planejado,  
Vamos matar o bandido,  
Aonde estiver guardado.

Judite disse: — Justino,  
Se quiser, eu vou mostrar  
A entrada do barraco.  
Se tem coragem em vingar;  
E Rosalina do monstro  
Também quero libertar.

A dona Zefinha disse:  
— Pois assim leve Maria,  
Porque Judite só pode  
Ir com uma companhia,  
Que assim fico rezando  
Ao lado de Luzia.

De dois bacamartes bons  
Justino e João se armaram,  
Partiram os quatro montados,  
De madrugada chegaram.  
Cinco horas da manhã  
O tal Vicente mataram.

Cinco horas da manhã  
Ele a escada desceu,  
Deram dois tiros de ponto,  
Não viu nem de que morreu.  
Rosalina com o choque  
Em cima empalideceu.

Ai Judite gritou:  
— Morreu a grande serpente!  
Rosalina conheceu,  
Deu um grito de contente,  
Desceu correndo a escada,  
Lhe abraçou loucamente.

João olhou pra Rosalina,  
Ficou sem poder falar:  
— Meu Deus, que mulher bonita!  
Já fez me apaixonar.  
Ela lá reconheceu,  
Correu para o abraçar.

E neste primeiro abraço,  
Terminaram se beijando  
E uma paixão ardente  
Em todos dois começando,  
E Judite com Justino  
Já vinha se enamorando.

Aí abriram o baú  
Que Vicente possuía:  
Em ouro, prata e dinheiro  
Tinha uma grande quantia  
E troços para três cargas  
Dentro do barraco havia.

João disse: — Eu vou agora  
Ao coronel Zé Jiló  
Para comprar Rosalina,  
Nem que me custe ouro em pó.  
Tudo só presta direito,  
Como dizia vovó.

Chegou lá; o coronel  
Disse: — Não custa um tostão.  
E filha de uma escrava,  
Mas o pai é meu irmão.  
Toda vida eu tive a ela  
Grande consideração.

Quando ela foi roubada  
Foi enorme o sentimento.  
Porém, como apareceu,  
É grande o contentamento.  
Se quiserem casar mesmo,  
Eu farei o casamento.

João respondeu: — Eu quero.  
Para isto estou lutando.  
Ela respondeu o mesmo  
Pra todo povo falando:  
— Eu nunca amei a ninguém,  
Só a ele estou amando.

Para a semana da frente  
Zé Jiló marcou o dia  
Pra fazer os casamentos,  
Mesmo em sua moradia  
Na Fazenda Santa Ana,  
Com festa e com alegria.

De lá voltaram ao Junco  
Onde chegaram à noitinha.  
Foi um prazer sem tamanho  
Que teve dona Zefinha

Quando soube da vingança  
Da forma que lhe convinha.

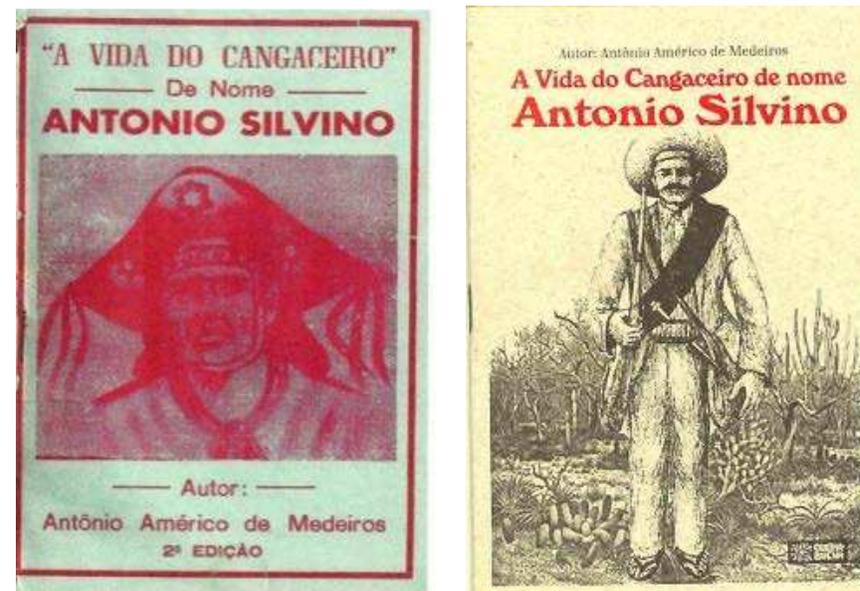
Gostou bem de Rosalina  
Quando soube dos noivados.  
De Judite já gostava,  
Chegando os dias contados  
Pra fazenda Santa Ana  
Foram todos convidados.

Zé Jiló mandou buscar  
Padre Luiz em Campina  
Casou Justino e Judite  
E o João com Rosalina.  
Dançaram ao som de rabeça,  
Por não haver concertina.

**A** festa foi muito grande  
**N**a fazenda Santa Ana;  
**T**odos comeram e beberam  
**O** vinho, aluá e cana.  
**N**inguém saiu sem beber,  
Isto cresceu o prazer —  
**O** coronel foi bacana.

**A** moça que mais sofreu,  
**M**esmo sofrendo, foi forte.  
**E**is a história completa,  
**R**imada com muita sorte.  
Isso em tempo atrasado:  
**C**om seca em qualquer **estado**  
**O** povo chegava à morte.

Figura – Capas do folheto



Fonte: acervo da autora

O folheto é composto por duzentas e trinta e seis sextilhas de esquema rímico ABCBDB e duas setilhas – acróstico – também heptassílabas, com esquema rímico ABCBDDDB. Assim como em outros cordéis, este também traz como ilustração uma fotografia. Um romance de 48 páginas, de abordagem biográfica, que conta a vida, as façanhas e a prisão do cangaceiro Antônio Silvino, vinculando-se, segundo a classificação de Diégues Júnior (2012), ao grupo dos fatos circunstanciais ou acontecidos. Esse folheto também foi impresso pela Editora Queima – Bucha. Na edição, houve alteração na apresentação da capa e no número de páginas, pois as estrofes são impressas em duas colunas, dessa forma, o folheto tem apenas 24 páginas. O texto foi mantido com pequenas alterações.

O cordel conta sobre a vida do conhecido cangaceiro Antônio Silvino, que nasceu Manoel Batista, filho de fazendeiro no Pernambuco, e

que, após vingar a morte de seu pai, cometendo as suas primeiras mortes e estabelecendo guerra com a família Ramos, entra para o cangaço sob a chefia de seu tio Silvino Aires. Após a prisão do tio, assume a chefia do bando e passa a se chamar Antônio Silvino. Em suas andanças pelo sertão, fez muitos inimigos, mas também fez amigos que lhe davam apoio quando necessário. Constantemente estava na mira da polícia e, por isso mesmo, muitos são os embates narrados ao longo do folheto que descrevem a valentia e a habilidade do cangaceiro em escapar com seu grupo do cerco de seus perseguidores. Em sua jornada pelos estados do Nordeste, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, deixou muitas mortes, mais de 100, não matado no Ceará, somente por respeito à terra do Padre Cícero. Também não entrava em Patos, por respeito ao seu “amigo fiel” e chefe da cidade “o grande major Miguel”. Era um homem desconfiado e de profunda religiosidade. Em uma passagem do poema, o cangaceiro desconfia da invencibilidade de um negro com quem lutava, ao lembrar que tinha dito, certa vez, que brigaria até com Satanás e, desconfiando de que o negro era o próprio, cai de joelhos no chão “se valendo de Jesus” e rezando o credo até o desaparecimento de seu oponente. Passagens como esta, assim como o respeito ao Padre Cícero, ilustram essa característica da personalidade do cangaceiro e o aproximam do povo.

Após as façanhas do cangaceiro, o poeta conta sobre as suas virtudes, pois, “Como cangaceiro tinha / virtude que admirava”. Ele será descrito como uma espécie de justiceiro e benfeitor dos pobres e tinha seu próprio código de moralidade. Fazia filhos de fazendeiros ricos se casarem com moças pobres a quem “deviam”, devolvia a posse de terras invadidas por grandes fazendeiros aos menos favorecidos, ajudava aqueles que de fato precisavam. Finalmente, foi preso em 1914 e condenado por seus crimes, mesmo tendo “o melhor advogado”, pois tinha posses para pagar. Quando “tirou a sentença”, foi libertado “Com alvará de licença”.

Outros poetas populares, como Francisco da Chagas Batista e Leandro Gomes e Barros, também cantaram em seus versos os feitos do cangaceiro Antônio Silvino, pois o cangaço foi um dos grandes temas da literatura de cordel nordestina. Não por acaso, o poeta Antônio Américo compõe grande parte de sua produção em folhetos de cordel dedicados a essa temática, pois, dos doze folhetos escritos, quatro têm como tema o cangaço, especificamente sobre a vida de Antônio Silvino e de Lampião.

---

### “A vida do cangaceiro” de nome Antonio Silvino

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS

Foi em mil e oitocentos  
de setenta e cinco o ano  
na data dois de novembro  
no sertão pernambucano  
nasceu Antonio Silvino  
cangaceiro veterano.

Trago o seu primeiro nome  
para não sair da pista  
foi batisado e criou-se  
ali por Manoel Batista  
nome de Antonio Silvino  
ganhou depois como artista.

Dona Balbina Moraes  
era mãe deste menino  
o seu pai Pedro Batista  
deste casal nordestino  
nasceu, criou-se e cresceu  
o grande Antonio Silvino.

O seu pai Pedro Batista  
era um senhor abastado  
vivia ali muito bem  
com dinheiro, terra e gado  
em quanto não matou gente  
viveu muito sossegado.

Natural do Pajeú  
das terras de Ingazeira  
junto a Serra da Colônia  
ali naquela ribeira  
nasceu um dos grandes nomes  
desta terra Brasileira.

Criou seu filho Manoel  
só não mandou educar  
por caso do grande atrazo  
que havia no lugar  
somente as primeiras letras  
mandava o pai ensinar.

Lendo um pouquinho e contando  
escrevendo uma cartinha  
era somente o estudo  
usado naquela linha  
das terras da Ingazeira  
e toda zona vizinha.

O Senhor Pedro Batista  
um professor contratou  
um ano na sua casa  
a sua gente ensinou  
no outro ano seguinte  
ao mesmo dispensou.

Escola naquela época  
quem queria procurava  
professor particular  
tantos meses contratava  
nesse tempo o poder público  
nem uma escola mandava.

Assim o Manoel Batista  
naquela escola aprendeu  
ler, escrever e contar  
presente que o pai lhe deu  
foi o estudo da época  
que pra ele apareceu.

Aprendeu a trabalhar  
e a campear também  
foi bom vaqueiro na época  
até aí vinha bem  
o seu pai fez umas mortes  
de onde a desgraça vem.

O senhor Pedro Batista  
fez as mortes na ribeira  
arranjou grandes intrigas  
com os Ramos de Ingazeira  
ficou desassossegado  
o resto da vida inteira.

No ano noventa e seis  
foi seu Pedro assassinado  
pela família dos Ramos  
com quem ele era intrigado  
tendo em frente José Ramos  
por ser sub-delegado.

Depois que Manoel Batista  
pôde se enganar  
que havia cobertura  
para os Ramos do lugar  
jurou que a morte do pai  
ele mesmo ia vingar.

Matou da primeira vez  
Manoel Ramos Cabeceira  
e João Rosa de Ares  
foi a vingança primeira  
depois matou Chico Braz  
delegado de Ingazeira.

Matando o Francisco Braz  
disse agora eu vou pegar  
todos da família Ramos  
para matar e queimar  
não vou deixar um dos Ramos  
com vida neste lugar.

Correram todos os Ramos  
foi uma onda apertada  
desta carreira que deram  
pararam em Imaculada  
pediram a Delmiro Dantas  
proteção improvisada.

Delmiro Dantas que era  
o maior no seu lugar  
deu cobertura aos Ramos  
também mandou avisar  
pra nunca Manoel Batista  
na sua terra pisar.

Manoel disse eu respeito  
sua ordem verdadeira  
porém se algum dos Ramos  
pisar na minha Ingazeira  
tanto venha como eu mato  
sozinho ou com cabroeira.

Ficaram se respeitando  
como na história está  
Delmiro nunca deixou  
os Ramos pisarem lá  
da mesma forma Manoel  
nunca penetrou pra cá.

Seu tio Silvino Aires  
já uns cabras chefiava  
devido muitas intrigas  
quase um grupo começava  
disse pra Manoel Batista  
que dele ali precisava.

Silvino Alves falou  
pra Manoel dizendo assim  
vamos começar um grupo  
pra castigar cabra ruim  
dá surra e intimidar  
sendo intrigado dar fim.

Foi isto em noventa e sete  
Manoel Batista aceitou  
sua vida de cangaço  
nesse dia começou  
tendo por chefe seu tio  
que o grupo iniciou.

O Silvino Aires disse  
vamos até a Teixeira  
dar uma surra em Dantinha  
agir de toda maneira  
para desmoralizá-lo  
ali naquela ribeira.

Porque ele já entrou  
na minha propriedade  
invadiu a minha casa  
sem haver necessidade  
quebrou-me todos os móveis  
pra fazer perversidade.

Ele ainda é delegado  
porém eu vou me vingar  
dar-lhe uma surra das grandes  
e ele tem que pagar  
meus móveis com alto juro  
para aprender a respeitar

No ano noventa e sete  
eles cercaram Teixeira  
no dia 13 de junho  
deram a descarga primeira  
o delegado Dantinha  
fugiu em toda carreira.

Não encontrando Dantinha  
Silvino Aires falou:  
Dantinha é frouxo demais  
correu logo e não brigou  
ele hoje ia pagar  
os móveis que me quebrou.

Silvino Aires chamou  
a sua rapaziada  
pra irem pegar os Ramos  
dentro de Imaculada  
Manoel Batista lhe disse  
não vamos esta parada.

Eu prometi a Delmiro  
sua terra respeitar  
não vou bancar covardia  
minha palavra quebrar  
tendo notícia dos Ramos  
noutro canto eu vou matar.

Silvino Aires lhe disse  
apoiado meu sobrinho  
sua palavra é de homem  
você vai num bom caminho  
voltaram ao Pajeú  
tudo alegre e direitinho.

Foram a Campina Grande  
sem aparecer novela  
de volta para o Ingá  
assassinaram Marcela  
um intrigado de Prisco  
valente em toda tabela.

Voltaram ao Pajeú  
lá a polícia pegou  
o velho Silvino Aires  
para a cadeia o levou  
e como chefe do grupo  
Manoel Batista ficou.

Manoel Batista disse:  
como chefe aqui combino  
para mudar o meu nome  
tomei um forte destino  
de hoje em diante meu nome  
vai ser Antonio Silvino.

E por Antonio Silvino  
ficou alí batisado  
onde passava dizia  
o meu nome foi mudado  
em homenagem ao meu tio  
que está encarcerado.

Voltando para o Ingá  
chegou lá incendiou  
o paço municipal  
e seu processo queimou  
que na morte de Marcela  
processado ele ficou.

Chegando em Canhotinho  
começou a negociar  
era marchante de boi  
depois passou a arranjar  
sentar praça na polícia  
e ficar no mesmo lugar.

A cabroeira escondida  
em uma propriedade  
na terra de um coiteiro  
no aceiro da cidade  
e ele comerciante  
e também autoridade.

O armamento guardado  
e os cabras trabalhando  
plantando uma grande roça  
tudo ali se disfarçando  
e Antonio como soldado  
comprando gado e matando.

O capitão Zé Augusto  
veio alí passear  
e viu Antonio Silvino  
sendo praça no lugar  
conservando o mesmo grupo  
pôde tudo observar.

Foi direto a Capital  
denunciou direitinho  
voltou com quarenta praças  
para cercar Canhotinho  
prender Antonio Silvino  
e desmanchar todo ninho.

Antes de José Augusto  
em canhotinho chegar  
já existia política  
então mandaram avisar  
o que ia acontecer  
ao chefe do lugar.

O chefe chamou Antonio  
e deu a opinião  
pra ele se retirar  
Antonio lhe disse não  
só vou depois de matar  
aquele vil capitão.

Preparou a cabroeira  
e esperou a chegada  
o povo se retirou  
a rua ficou trancada  
só com Antonio Silvino  
e sua rapaziada.

Antonio Silvino estava  
na entrada preparado  
pra matar o capitão  
assim que fôsse chegado  
porém o José Augusto  
chegou pelo outro lado.

Antonio tinha deixado  
oito capangas no centro  
quando viu foi a polícia  
atacar os cabras dentro  
ficou desorientado  
mas, disse consigo eu entro.

Tinha pensado em matar  
o capitão na chegada  
Zé Augusto experiente  
se livrou da emboscada  
assim Antonio Silvino  
começou a luta errada.

Com duas horas gritou  
capitão eu vou correr  
hoje comecei errado  
não vou lutar pra perder  
deixamos pra outra vez  
pra nela você morrer.

O capitão Zé Augusto  
jurou também lhe matar  
Antonio jurou também  
de um dia lhe sangrar  
assim ficou a intriga  
dele com o militar.

José Augusto dizia  
eu pego aquele bandido  
encontrou ele em Matinhas  
foi um fogo desmedido  
inda lhe prendeu um cabra  
e foi um praça ferido.

Antonio Silvino vendo  
que perdia na questão  
antes de mais prejuízo  
fugiu com seu batalhão  
e disse esse Zé Augusto  
só tendo parte com o cão.

Pertinho de Gravatá  
noutro dia foi cercado  
pelo senhor João Gonçalves  
sendo sub-delegado  
ali Antonio Silvino  
foi num braço baleado.

Já pela terceira vez  
José Augusto o cercou  
com trinta soldados bons  
dessa vez não o matou  
porque Antonio Silvino  
mais do que fera brigou.

Foi este fogo em Cabaças  
no dia nove de abril  
se viu Antonio Silvino  
apertado no fusil  
foi este um fogo dos grandes  
que já se viu no Brasil.

Porque o José Augusto  
queria lhe acabar  
Antonio também queria  
a todo custo o matar  
foi cinco horas de fogo  
sem um minuto cessar.

Antonio Silvino vendo  
a munição se acabando  
o capitão com a gota  
cada vez mais avançando  
disse consigo este peste  
vai terminar me matando.

Desta carreira que deu  
foi procurar um patrão  
para descansar um pouco  
e arranjar munição  
que estava aperriado  
com aquele capitão.

O Argemiro seu primo  
pôde arranjar um lugar  
na terra de um amigo  
para o grupo descansar  
passar um mês repousando  
e Antonio se reforçar.

Naquele esconderijo  
apareceu um doutor  
disse a Antonio Silvino  
meu amigo de valor  
lhe dou seis contos de réis  
pra ir buscar meu amor.

Meu amor é minha espôsa  
que o pai dela levou-a  
chegando lá proibiu  
voltar a minha patrôa  
o senhor indo e trazendo  
não se dar coisa mais boa.

Antonio Silvino disse  
se o doutor me pagar  
seis contos de réis eu vou  
a sua espôsa buscar  
quero somente saber  
aonde fica o lugar.

É em Santa Filonila  
o pai dela é usineiro  
da Usina Santos Dias  
é major arruaceiro  
o senhor trazendo ela  
chega e recebe o dinheiro.

Antonio Silvino foi  
a dita usina cercou  
nem o major nem a filha  
mexeu tudo e não achou  
e na casa do major  
muita gente ameaçou.

Uma mocinha imprudente  
começou a lhe maltratar  
Antonio foi dar um tiro  
para lhe amedrontar  
do pulo que a moça deu  
matou sem querer matar.

Antonio Silvino disse  
fiz a morte inconsciente  
para o canto que mirei  
pegou muito diferente  
ou foi ela que na hora  
deu grande pulo pra frente.

Lamentou dizendo assim  
oh! que viagem perdida  
nem mulher e nem dinheiro  
não levo nada de ida  
além de tudo esta moça  
de mole perdeu a vida.

Quando chegou contou tudo da forma que se passou nem o major nem a filha nem um dos dois encontrou fazendo investigações a pobre moça matou.

O major com a família estavam na capital tomando banho de praia com todo seu pessoal sabendo do que fiz lá vai tomar outro ideal.

Vai arranjar no Recife um batalhão e mandar eu vou para a Paraíba nesta hora viajar passar uns dias no brejo até a boca esfriar.

O doutor lhe deu um conto e Antonio viajou entrando na Paraíba lá em Fagundes chegou o capitão Zé Augusto mais uma vez o cercou.

Quando por José Augusto Antonio se viu cercado gritou para seus capangas cuidado muito cuidado que o satanás me cercou e vem muito reforçado.

A ira o medo a intriga que tinha com Zé Augusto Antonio entrou na luta pra matá-lo a todo custo era o único militar que a ele fazia susto.

Bala vai e bala vem era duro o ambiente Antonio virado em fera José Augusto em serpente inda hoje não há quem julgue qual seria o mais valente.

José Augusto pegou um cangaceiro e prendeu matou dois dos afamados contra ele aconteceu Antonio matou um praça baleou três e correu.

Correu porque conheceu que não podia matar o grande José Augusto alí naquele lugar foi esta a quarta carreira que levou do militar.

O capitão Angelim da força Pernambucana aliou-se a um Alferes da terra Paraibana chamado Paulino Pinto deu uma dupla bacana.

Com cento e vinte soldados fizeram os dois união Cercaram Antonio Silvino que se achava em Surrão dessa vez fizeram ruma de gente morta no chão.

Antonio tinha juntado cinquenta cangaceiros de encontrar Zé Augusto tinha planos verdadeiros foi cercado sem saber por cento e vinte guerreiros.

Na casa de José Gato Antonio estava arranchado mandou Zé matar um boi porém antes do guisado às oito horas do dia viu que estava cercado.

Cercaram todos os lados sem ter pra onde correr Antonio gritou negrada vamos botar pra valer temos que brigar seguro ninguém a morte temer.

Inda mandou perguntar se José Augusto vinha Angelim disse que não ele disse uma gracinha não sendo com Zé Augusto brigou até com a Marinha.

Durou mais de meio dia esse fogo do Surrão Antonio viu do seu povo seis cabras mortos no chão ele com a cabroeira ficando sem munição.

Nove cabras de Antonio brigavam intrincheirados numa pequena barreira sem munição os coitados a polícia prendeu todos foram ali algemados.

Antonio avisou ao resto o jeito é se debandar correr pra todos os lados vou minha turma espalhar fugir tudo debandado para a polícia endoidar.

Norte, Sul, Leste e Oeste de uma vez ocuparam trinta e cinco cangaceiros que desse fogo escaparam em ponto determinado com dois dias se juntaram

Fugindo assim debandados a polícia se vexou porque pra todos os lados do Surrão se espalhou o resto dos cangaceiros como Antonio ensinou.

Antonio correu sozinho  
quando na mata se viu  
parou um pouco e pensou  
um novo plano surgiu  
pertinho tinha um serrote  
chegando lá se subiu.

Avistou os nove cabras  
da polícia rodeado  
só lhe restava uma bala  
dentro do rifle afamado  
pra um dos dois comandantes  
ele fazer alvejado.

Procurou por todo canto  
outra bala e não achou  
a falta de um cartucho  
o Angelim escapou  
no Alferes Paulino Pinto  
deu o tiro e derrubou.

O tiro foi de tão longe  
que o Alferes caiu  
de onde chegou o tiro  
ninguém atinou nem viu  
e a polícia espantada  
ao redor se reuniu.

Ninguém pensou que o tiro  
viesses do tal serrote  
se Antonio tivesse bala  
tinha alvejado um magote  
o segundo era Angelim  
pra começar o pacote.

Paulino pinto caiu  
com uma perna quebrada  
o tiro pegou na côxa  
ficou toda facheada  
a bala vindo de longe  
provou quem vem mais pesada.

O sargento José Lopes  
vendo o Alferes no chão  
convidou a Angelim  
Paulino e sargento João  
para matarem os presos  
naquela ocasião.

Assim combinaram todos  
um soldado se atreveu  
a sangrar de um a um  
foi o que aconteceu  
somente Antonio Francisco  
sem mudar nada morreu.

Antonio lá do serrote  
lamentava a covardia  
em sangrarem nove presos  
a quem deram garantia  
ele era cangaceiro  
e tal coisa não fazia.

Dizia se eu tivesse  
munição tinha matado  
aquele soldado imundo  
não tinha nem começado  
sangrar o primeiro homem  
além de preso algemado.

Depois que juntou o grupo  
foi matar um em Ingá  
quando matou disse a turma  
vamos matar outro já  
que mora ali em Filgueiras  
é delegado de lá.

Francisco Antonio Cabral  
ele chegou e matou  
e a Marcos dos Pinhões  
nesse mês assassinou  
Severino em Arueiras  
ele pegou e sangrou.

O sargento Manoel Paz  
ele matou em Mogeiro  
e Sebastião Correira  
de Bala matou ligeiro  
passou para o Rio grande  
o temível cangaceiro.

Na Fazenda da Pedreira  
bem perto de Caicó  
o tenente Tolentino  
para honrar o Seridó  
lhe matou uns cangaceiros  
e fez ele correr só.

No começo ele matou  
dois sargentos do tentente  
o tentente Tolentino  
atacou com sua gente  
matou uns correu o resto  
não deu mais ninguém valente.

Antonio correu sozinho  
os cabras se espalharam  
perto de Santa Luzia  
dois cangaceiros pegaram  
naquela mesma cidade  
com poucos dias mataram.

Foi a Pilar novamente  
um seu amigo soltar  
que estava na cadeia  
ele soube e foi tirar  
soltando todos os presos  
que encontrou no lugar.

Andou pelo Ceará  
se escondeu demorou  
lá era bem recebido  
gente ali nunca matou  
a terra de Padre Cícero  
sempre ele respeitou.

Em Bonito de Santa Fé  
ele um dia foi cercado  
por meia dúzia de homens  
e um sub-delegado  
que deu-lhe um tiro no rifle  
que o deixou desarmado.

A bala pegou no rifle  
faltou pouquinho pra mão  
ele se viu desarmado  
correu na ocasião  
nunca mais foi a Bonito  
abusou daquele chão.

Em novecentos e cinco  
ele se viu apertado  
na feira de Trapiá  
quase pega o bonde errado  
com o Antonio Nicácio  
inspetor desassombrado.

Ele foi ao Trapiá  
deixou a turma pertinho  
ele disfarçadamente  
entrou na feira sozinho  
com uma roupa comum  
andando bem direitinho.

Só conduzia o punhal  
e um saco seco na mão  
e nas casas de negócios  
pegou comprar munição  
Antonio Nicácio soube  
foi matar o valentão.

Somente ele e um negro  
a grande luta enfrentaram  
sem usarem covardia  
o seu nome perguntaram  
quando ele disse quem era  
de uma vez atiraram.

Antonio caiu no chão  
rolando pra todo lado  
erraram todos os tiros  
tendo o último disparado  
se travaram nos punhais  
foi um trabalho pesado.

Até que Antonio Silvino  
acertou a punhalada  
Nicácio gritou: matou-me  
o negro tomou chegada  
por trás de Antonio Silvino  
deu-lhe uma grande pancada.

A pancada foi tão grande  
que Antonio saiu pendendo  
com a cabeça rachada  
quando foi aparecendo  
a turma dos cangaceiros  
o negro escapou correndo

Dalí Antonio Silvino  
foi procurar um lugar  
se esconder numa serra  
para a cabeça sarar  
temendo ao capitão  
Zé Goveia lhe pegar.

Um sobrinho do Goveia  
ele havia desfeitado  
Zé Goveia se valeu  
do governo do Estado  
vinha com um batalhão  
atrás dele bem armado.

Com uns vinte e quatro dias  
à Paraíba voltou  
perto de Campina Grande  
Manoel Rodrigues matou  
chegando lá nos Tutus  
José Goveia o cercou.

Mais ou menos hora e meia  
aquele fogo rendeu  
Antonio matou um praça  
baleou outro e correu  
o capitão Zé Goveia  
sem matá-lo entristeceu.

Em novecentos e seis  
ele entrou em questão  
com a Companhia Inglesa  
que estava em construção  
da linha ferroviária  
a bem de toda Nação.

Quando a Companhia Inglesa  
na terra dele entrou  
com a estrada de ferro,  
ele foi e empatou  
a companhia com medo  
o serviço abandonou.

Vindo o capitão Narciso  
do quatorze batalhão  
aliado ao vinte e sete  
na época dessa questão  
em Bocondó lhe cercaram  
brigaram que só o cão.

Ele pediu trinta contos  
para o serviço passar  
Chico Sá o empreiteiro  
começou lhe agradecer  
no fim deram quinze contos  
para a questão se acabar.

Era perto de Mogeiro  
aquela propriedade  
recebeu os quinze contos  
valor de mais da metade  
em novecentos e seis  
era dinheiro a vontade.

Recebeu os quinze contos  
a questão se acabou  
e a força Federal  
para o Recife voltou  
ele como cangaceiro  
a luta continuou.

Perto de Caruarú  
matou dois em Cachoeira  
darei os nomes das vítimas  
Pedro e Antonio Ferreira  
não matou o major Lucas  
porque correu da ribeira.

Também Zacarias Neves  
cercou esse cangaceiro  
nas terras do Cariri  
esse fogo foi ligeiro  
Antônio perdeu um cabra  
que foi Sebastião Bicheiro.

Matou um filho de Marcos  
que morava nos Pinhões  
em São José dos Cordeiros  
ele fez perseguições  
do velho Vicente magro  
lhe tomando uns patações

Inda matou um rapaz  
parente de seu Vicente  
em São José dos Cordeiros  
ele chegou mansamente  
começou pedindo calmo  
no fim terminou valente.

Ele estava em Malhadinha  
casa dum amigo seu  
o velho João Martins  
sem brigar quase correu  
quando a tropa de Maurício  
grande descarga lhe deu.

Com o Alfredo Chianca  
um fazendeiro valente  
ele brigou meia hora  
depois no mesmo ambiente  
fizeram paz e ficaram  
amigos ligeiramente.

Ele voltou a Fagundes  
para duas surras dar  
em um negro e uma negra  
deu nos dois até matar  
fez dois crimes no cacete  
sem precisar atirar.

Brigou com Joaquim Henrique  
perto de Pedra Lavrada  
ele emboscou o Alferes  
foi uma luta pesada  
não deu pra morrer ninguém  
saiu gente baleada.

E com três dias depois  
bem perto de Equador  
lá o Alferes Maurício  
lhe fez um grande pavor  
que ele escapou correndo  
por ser muito corredor.

Já sabia que Maurício  
uma bomba conduzia  
não sendo num lugar próprio  
para enfrentá-lo temia  
e com o medo que teve  
correu demais nesse dia

Maurício teve notícia  
dele pelo Carirí  
trouxe um rastejador  
pensando dentro de si  
mandou chamar Zé de Couto  
que sabia tudo ali.

Pegaram a pista bem cedo  
rastejaram dia inteiro  
somente a boca da noite  
Maurício fez paradeiro  
Antonio parou na frente  
com raiva e com desespero.

Pensou de andar a noite  
porém não aguentava  
já tinha corrido o dia  
e com muita fome estava  
passou a noite acordado  
pensando como escapava.

De madrugada ele veio  
e a tropa observou  
temeu atacar Maurício  
e com os seus viajou  
até a uma lagoa  
e lá se entrincheirou.

Tinha uma cerca de pedra  
fizeram trincheira boa  
ele disse ou vida ou morte  
agora nesta lagoa  
ou mato ele na chegada  
ou ele a bomba me vôa.

Ficaram todos ocultos  
alí naquele ambiente  
quando a tropa apareceu  
o rastejador na frente  
com Maurício e um soldado  
andando apressadamente

Antonio atirou de ponto  
matou o rastejador  
o soldado ainda disse  
atire a bomba o senhor  
nisto Maurício caiu  
com um tiro matador.

Com o assunto da bomba  
o Antonio se vexou  
a cabeça do Alferes  
no mesmo instante alvejou  
o tiro de decidir  
onde marcou acertou.

Maurício caiu por terra  
naquela hora morrendo  
sua tropa recuou  
sem o chefe esmorecendo  
Maurício inda se bolia  
porém mais nada dizendo.

Antonio com uma pedra  
sua cabeça esmagou  
com a raiva que estava  
a cabroeira ordenou  
furar de faca o cadáver  
de quem mais lhe assombrou.

Olhando a Maurício disse  
com você eu completei  
hoje cento e uma morte  
de vidas que já tirei  
ou lhe matava ou morria  
fiz tudo que planejei.

Foi ao fio do telegráfico  
no mesmo dia e cortou  
que tinha morto Maurício  
para Campina avisou  
e a busca do sertão  
ocultamente voltou.

Visitou Cazuza Sátiro  
corajoso capitão  
velho matador de onça  
Antonio apertou-lhe a mão  
e conheceu que Cazuza  
sabia forte oração.

Visitou nessa viagem  
a Cândido da Laranjeira  
seu Juca filho de Cândido  
deu-lhe uma nota altaneira  
ele saiu satisfeito  
respeitou toda ribeira.

Também não entrava em Patos  
por ser amigo fiel  
do chefe dessa cidade  
o grande major Miguel  
que sempre foi seu amigo  
para manter seu papel.

Antonio chegava perto  
ficava pela ribeira  
na fazenda dos Pilões  
de seu Manoel Oliveira  
ou então lá na Quixaba  
de Herculano Pereira.

Assim que major Miguel  
da vinda dele sabia  
entre os comerciantes  
sempre uma cota fazia  
ia deixar a Antonio  
que com gosto recebia.

Ele só dormia fora  
do seu grupo separado  
não confiava em ninguém  
só no seu rifle afamado  
fora do rifle o punhal  
que conduzia de lado.

Lá na Serra das Preacas  
ele uma noite deixou  
o grupo no pé da serra  
e na mesma penetrou  
adiante achou uma furna  
e nela se agasalhou.

Dormindo pegou sonhar  
que ia ser atacado  
pelo Alferes Mauricio  
que ele havia matado  
quando foi abrindo os olhos  
tinha uma onça chegado.

Pulou de rifle na mão  
porém a onça tomou  
arrastou uma pistola  
ela também rebatou  
derrubou ele no chão  
e sangrá-lo procurou.

Era sempre procurando  
a goela pra sangrar  
em cima do peito esquerdo  
Antonio pôde empurrar  
seu punhal envenenado  
até a mão encostar.

Do pulo que ela deu  
ficou a arma enterrada  
e na mão esquerda dele  
deu-lhe uma grande dentada  
e quatro cortes de unhas  
lhe deu depois de furada.

Com o punhal enterrado  
ela foi esmorecendo  
saiu pra fora da furna  
arriou no chão morrendo  
assim Antonio escapou  
daquele animal horrendo.

Em novecentos e onze  
ele um dia foi cercado  
pelo Alferes Ramalho  
onde brigou um bucado  
saindo de São Mamede  
num serrote entrincheirado.

Também a João Facundo  
no mesmo mês enfrentou  
pertinho de viração  
com este Alferes brigou  
entrincheirado na serra  
grande vantagem levou.

Foi um dia a Macapá  
matar um seu intrigado  
de nome Manoel Belo  
como não foi encontrado  
lhe carregou o que pôde  
o resto acabou queimado.

Chegou em Riacho Sêco  
pegou Antonio Carão  
que era seu intrigado  
deixou ferido no chão  
fez uma coivara em cima  
morreu virado carvão.

Entrou em Santa Luzia  
procurando se vingar  
do capitão Aristides  
por ter mandado matar  
dois cangaceiros dos dele  
presos naquele lugar.

Não matou o capitão  
porém grande surra deu  
queimou a troçada dele  
muita riqueza perdeu  
devido isto Aristides  
com pouco tempo morreu.

Perto de Santa Luzia  
ele tentou em pegar  
o senhor João Simplício  
porém não pôde acertar  
alí com sua fazenda  
e ele pôde escapar.

Lá no engenho Filgueiras  
brigou com João Florentino  
o capitão foi ferido  
correu com forte destino  
de cada um morreu um  
foi igual o desatino.

Ele ali tomou conta  
do engenho e se apossou  
encendiou o que pôde  
e o resto carregou  
se tratando em Limoeiro  
o capitão escapou.

Topou o major Seabra  
no Rio Grande do Norte  
porém antes de lutarem  
tiveram conversa forte  
para o fim fizeram paz  
foram beber por esporte.

O alferes Irineu  
lhe cercou em Soledade  
porém tinha um lado livre  
ele com velocidade  
correu com todos capangas  
pra não brigar na cidade.

De outra vez em Ingá  
a polícia lhe cercou  
ele correu com o grupo  
nem um tiro detonou  
nesse dia no Ingá  
correu logo e não brigou.

Perto de Brejo de Areia  
se encontrou com o cão  
chegou virado num negro  
e disse eu sou valentão  
você briga e mata gente  
mas, a mim não mata não.

Antonio pegou o rifle  
e no negrão atirou  
deu vinte tiros seguidos  
sem matar desconfiou  
as balas de uma a uma  
o negro de mão pegou.

Antonio tinha um punhal  
que em nada se virava  
a metade envenenado  
a quem furasse matava  
botou no negrão três vezes  
quando batia envergava.

Antonio aí se lembrou  
que muitas vezes atrás  
quando brigava dizia  
brigo até com satanáas  
conheceu que era o cão  
este negrão tão audaz.

Caiu no chão de joelhos  
se valendo de Jesus  
fez logo pelo sinal  
e rezou o credo em cruz  
desapareceu o negro  
como um reflexo de luz

Continuou suas preces  
rezou mais de uma hora  
para o anjo São Miguel  
Jesus e Nossa Senhora  
pedindo força a Jesus  
se levantou foi embora.

Como cangaceiro tinha  
virtude que admirava  
quando um rico poderoso  
terra dum pobre tomava  
o pobre encontrando Antonio  
pedia e ele ajeitava.

Ia a casa do rico  
coronel ou fazendeiro  
a demarcação certinha  
mandava fazer ligeiro  
e devolver a do do pobre  
antes do mês de janeiro.

Dizia para o ricão  
assim com a cara feia  
você possui tanta terra  
porque tomou a alheia  
devolva a terra do pobre  
se não quer entrar na peia.

Pra hoje não dar mais tempo  
porém amanhã cedinho  
vocês dois vão a cartório  
agir tudo direitinho  
e você paga as despesas  
sua e do pobrezinho.

Fez isto diversas vezes  
do brejo até o sertão  
quando do lado do pobre  
ele encontrava razão  
e era tudo bem feito  
pra nunca mais dar questão.

Fez filho de fazendeiro  
casar com mocinha pobre  
devia mas não casava  
porque o pai era nobre  
mas, na volta de Antonio  
o ouro virava em cobre.

O pai dela se valia  
de Antonio e lhe contava  
que ele devia a filha  
por ser rico não casava  
além dele não querer  
o pai também não deixava.

Antonio tirava a limpo  
se era realidade  
se fosse ele marcava  
a data com brevidade  
e vinha ser testemunha  
daquela festividade.

Dizia mais ao pai  
cuidado muito cuidado  
se ele maltratar ela  
não for viver bem casado  
depois eu lhe apareço  
e o couro vai ser pesado.

Fez um bodegueiro rico  
casar com uma mocinha  
porque não vendeu fiado  
a ela uma feirinha  
de tempêro e macarrão  
café, arroz e farinha.

Na casa desta mocinha  
Antonio chegou um dia  
ela fazendo um almoço  
mandou na mercearia  
o rapaz mandou dizer  
que fiado não vendia.

Antonio soube que ele  
era noivo no lugar  
fez ele no mesmo dia  
o casamento acabar  
noivar com esta mocinha  
e com quinze dias casar.

De uma simples casinha  
um dia se aproximou  
que vinha com muita sede  
chegou na porta e chamou  
e uma voz arrastada  
dentro de casa falou.

Ou de fora a quem me chama  
porém eu estou sozinha  
acabei de dar a luz  
agora uma criancinha  
e estou sofrendo muito  
em situação mesquinha.

Antonio disse senhora  
eu venho morto de sede  
ela lhe disse: não posso  
me levantar desta rede  
entre que encontra um pote  
aí no pé da parede.

Ele disse é muita gente  
talvez que um pote não der  
ela disse: temos água  
só não há o que comer  
tem outro pote aqui dentro  
friinho que dar prazer.

Antonio abriu a porta  
tirou a água e bebeu  
carregou pra todo grupo  
satisfez o povo seu  
porém de ficar na sala  
só ele permaneceu.

Perguntou se a senhora  
quiser uma ajuda eu dou  
ela disse pode vir  
ele entrou e se ajeitou  
sem ter curso de parteiro  
todo trabalho acertou.

Viu que a mulher não tinha  
o que comer nesse dia  
assou carne e deu a ela  
com um queijo que trazia  
ajeitou a criancinha  
fez tudo que carecia.

Ela disse meu espôso  
saiu para trabalhar  
vender um dia alugado  
pra alguma coisa comprar  
as sete horas da noite  
eu espero ele chegar.

Antonio disse senhora  
fique com o seu menino  
que preciso viajar  
e tomar novo destino  
porém lhe digo quem sou  
eu sou Antonio Silvino.

Porém para seu resguardo  
vou deixar uma quantia  
de cinquenta mil réis  
ela chorou de alegria  
em novecentos e oito  
alguma coisa valia.

Se despediu da senhora  
com o grupo viajou  
ainda muito pertinho  
um cabra se atrazou  
fazendo que ia ao mato  
a dita casa voltou.

Assim que chegou entrou  
e disse eu quero o dinheiro  
por favor não dê massada  
preciso voltar ligeiro  
ela com medo entregou  
a nota ao cangaceiro.

Antonio era experiente  
e vendo o cabra faltar  
disse aquele cabra foi  
aquela nota tomar  
se ele tomou eu mato  
não há quem possa empatar.

Antonio botou um corte  
do cabra desencontrou  
chegou lá a mulher disse  
tudo quanto se passou  
Antonio deu outra nota  
de cinquenta e voltou.

Quando alcançou o grupo  
disse assim cabra safado  
bote pra fora o dinheiro  
que com gosto eu tinha dado  
lhe deu dois tiros no peito  
disse desse estou vingado.

Na cidade de Pocinhos  
entrou Antonio Silvino  
em novembro de quatorze  
desmantelou seu destino  
quando pediu um jantar  
ao padre Antonio Galdino.

O padre mandou fazer  
um jantar de pressa e bom  
de coração desumano  
Antonio mostrou o dom  
que obrigou ao padre  
a trabalhar de garçon.

Ao padre Antonio Galdino  
humilhou naquela hora  
fez ele servir a mesa  
porém quando foi embora  
o padre disse bandido  
eu vou te ajeitar agora.

Seguiu direto a Igreja  
lançou-lhe a excomunhão  
e celebrou uma missa  
ali em sua intenção  
como de corpo presente  
estivesse o valentão.

Antonio chegou adiante  
procurou se arrancar  
à noite estava jogando  
quando viu um homem entrar  
e disse tome um presente  
que pra você vim deixar.

Ele todo descuidado  
o presente recebeu  
o homem entrou ligeiro  
e mais desapareceu  
Antonio chorando as carta  
esta parada perdeu.

Olhou procurando o homem  
não viu mais no ambiente  
quando abriu o pacote  
teve um choque de repente  
porque um par de algemas  
lhe deram como presente.

Sentiu a força quebrada  
quase sem poder falar  
e disse foi padre Antonio  
a quem passei humilhar  
e ele desmantelou-me  
pra nunca mais me aprumar.

Nunca dizia a ninguém  
para onde viajava  
aí disse a todo mundo  
que caminho precisava  
seguir pra Taquaritinga  
lugar que ele gostava.

De manhã quando saiu  
com um boi se encontrou  
notou ser de Cristiano  
no dito boi atirou  
não pôde pegar o dono  
no animal se vingou.

Lhe deu um tiro na testa  
deixou no chão derrubado  
seguiu a sua viagem  
andando um pouco apressado  
com oito léguas dali  
a tarde estava arranchado.

Quando viu chegou o boi  
urrando pra se acabar  
todo esvaído em sangue  
ameaçando lhe dar  
botou com tudo em Antonio  
procurando se vingar.

Antonio lhe meteu bala  
porém o rifle falhou  
mentiu fogo toda vez  
a carga toda pinou  
Antonio saiu com mêdo  
tremeu e se arrepiou.

Perto de Taquaritinga  
um amigo dele tinha  
um juazeiro escondido  
imitando uma casinha  
dentro de uma pedreira  
para quando Antonio vinha

A vinte e oito de onze  
de quatorze ele chegou  
neste dito juazeiro  
o dia todo jogou  
e cinco horas da tarde  
a polícia lhe cercou.

Pelo alferes Teófanos  
Antonio se viu cercado  
se amparou da pedreira  
atirou intrincheirado  
no final do tiroteio  
caiu no chão baleado.

Bem sete horas da noite  
o alferes se afastou  
e a turma de Antonio  
de um a um desertou  
somente Joaquim de Moura  
caído no chão ficou.

Caído no chão também  
ficou Antonio estirado  
quando recobrou o senso  
viu que estava roubado  
brilhante, ouro e dinheiro  
tudo tinham carregado.

Disse consigo a polícia  
aquí não me atingiu  
o tiro pegou nas costas  
e sobre ao peito saiu  
disse foi um cangaceiro  
que a traição me feriu.

Tinha sido um cabra dele  
que lhe atirou por detrás  
Antonio caiu por morto  
aquele cabra sagaz  
roubou o que ele tinha  
levou dinheiro demais.

Um pacote de dinheiro  
ouro a vontade e brilhante  
tudo quanto ele tinha  
punhal e rifle importante  
o cabra carregou tudo  
saiu rico num instante.

Antonio se lastimando  
Joaquim de Moura falou  
minha perna está quebrada  
e preso amanhã não vou  
com um tiro no ouvido  
ali se suicidou.

Antonio pensou também  
ali se suicidar  
porém temeu de morrer  
antes de se confessar  
ouvia a polícia perto  
em uma casa falar.

Pra outra casa pertinho  
foi se arrastando e chegou  
mandou chamar o alferes  
e a ele se entregou  
tão doente que o alferes  
nem se quer lhe interrogou.

Sem condição de andar em uma rêde ajeitaram e para Taquaritinga na mesma manhã levaram de lá pra Caruaru no outro dia tiraram.

Chegando em Caruaru de madrugada embarcou em um trem especial pra Recife viajou no primeiro de dezembro as sete horas chegou.

Da estação pra cadeia ele foi acompanhado por mais de três mil pessoas autoridades de lado por médicos especiais começou ser bem tratado.

Pedi pra se confessar um frade lhe confessou médicos bons e enfermeiros a ele nunca faltou em dezembro de quatorze quando na cadeia entrou.

Entrou janeiro de quinze estava bem melhorado em abril se achou bom completamente curado contratou naquela época o melhor advogado.

Porque dinheiro pra ele pegou chegar de montão com certeza ele guardava com amigos no sertão além disso tinha bens terra gado e criação.

Doutor Adolfo Simões foi o seu advogado trabalhou quase dois anos para ele ser julgado no ano de dezesseis para o juri foi levado.

No dia três de setembro entrou ele em julgamento na cidade de Olinda era grande o movimento doutor Adolfo fez tudo pra defender o detento.

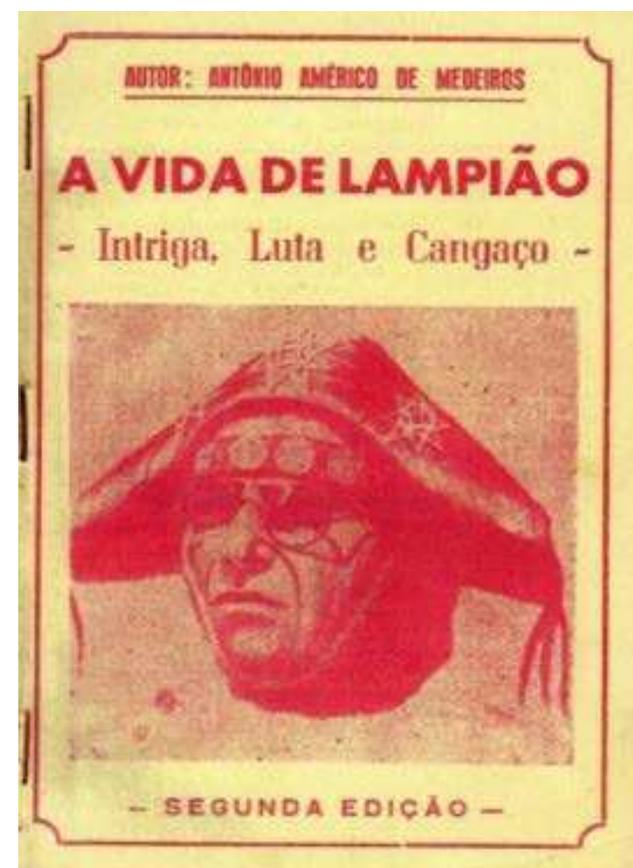
Doutor Adolfo Simões em sua defesa agiu Promotor Pedro Caú lhe acusou que tiniu o doutor Cêzar Gondim o Juíz que presidiu.

O Juíz leu a sentença trinta anos de prisão e depois contando os crimes aumentou uma porção mas, com vinte e tantos anos ele ganhou o perdão.

A sentença de Antonio  
Nessa hora foi marcada  
Trinta anos de prisão  
O cangaceiro parada  
Nunca pensou em pegar  
Isto fez ele tomar  
O prisídio por morada.

A cadeia novamente  
Mais tristonho ele voltou  
E conformado com tudo  
Reanimado ficou  
Inda tirou a sentença  
Com o alvará de licença  
O resto da vida andou. FIM

Figura – Capa do folheto



Fonte: acervo da autora

Assim como o folheto dedicado à história de Antônio Silvino, este é composto por duzentas e trinta e seis sextilhas, de esquema rímico ABCBDB, e duas setilhas – acróstico – também heptassílabas, com esquema rímico ABCBDDDB. Aqui, a capa também traz como ilustração uma fotografia, aspecto que se repete em quase todos os folhetos do poeta em que a história contada remete o leitor à retomada de fatos históricos. Um romance de 48 páginas, de abordagem biográfica, que conta a vida, as façanhas e a morte do cangaceiro Lampião, vinculando-se também, segundo a classificação de Diégues Júnior (2012), ao grupo dos fatos circunstanciais ou acontecidos.

Esse folheto, com várias edições, é o primeiro de uma série de três que se ocupa da vida do cangaceiro Lampião como tema. Nele, o poeta inicia a sua narrativa assumindo o compromisso de apresentar “pra quem não sabe” a “história completa” da vida de Lampião, “desde o seu nascimento”. O poeta conta sobre a origem do cangaceiro que era filho de pequeno fazendeiro e que teve como “padrinho de vela / o padre Cícero Romão”, recebendo o nome de Virgulino. Quando menino, “amava a religião.” Aqui, o poeta já começa a traçar o caminho de justificativas para as futuras ações do futuro cangaceiro. Postura comum nas narrativas de cordel sobre a vida desses personagens, uma vez que, segundo Abreu (1997b, p. 326), “Ao lado da apresentação de seus crimes, há uma preocupação constante em criar um enredo que confira lógica às suas ações. Os poetas preocupam-se, também, em apresentar justificativas para as atitudes dos cangaceiros, de forma a afastá-los do simples banditismo. A grande justificativa, recorrente na maior parte dos folhetos, é a morte do pai”. Ao dar sequência a essa tradição, o poeta Antônio Américo, em seu poema, conta sobre a religiosidade do menino Virgulino, de sua vida de bom vaqueiro pelas fazendas da região ainda muito jovem, de seu trabalho como mascate e como artesão de peças em couro, e afirma ainda que ele também era poeta e “fazia verso rimado”. Entretanto, tudo muda quando o pai foi assassinado por causa de uma questão antiga

com a família Saturnino. Após tentar proteger a família junto ao Coronel Delmiro, que morre logo após, Virgulino deixa suas irmãs com o Padre Cícero no Juazeiro e juntamente com os irmãos, Antônio, Livino e Ezequiel, entram para o bando do cangaceiro Senhô Pereira. Por sua rapidez em atirar, recebe o nome de Lampião e assim será conhecido por todo o sertão. Segundo relata um dos cangaceiros do bando, a vida de Lampião já havia sido “toda” profetizada por Antônio Conselheiro. De acordo com a profecia, uma vez erguido, o reino de Lampião traria morte e flagelo em seus ataques no sertão, e somente um território seria respeitado, o Ceará. Após o fim desse bando, Lampião e seus irmãos passam a fazer parte de um outro bando, que também se desfaz com o tempo. Dessa forma, o cangaceiro se torna o chefe e forma o seu próprio bando, que aterrorizará o sertão até o ano de trinta e oito, conforme profetizado.

A partir desse ponto, a narrativa se volta então para os ataques do bando em diversos estados da região, descrevendo os ataques; as lutas; as fugas; a valentia; a participação do cangaceiro em episódios como o ataque à cidade de Mossoró (narrado também em um outro folheto, conforme veremos a seguir); a ida de Lampião a Juazeiro, em 1926, para lutar, ao lado do Padre Cícero, contra a Coluna Prestes, fato que lhe rende a alcunha de Capitão. De acordo com Terra (1983), a devoção do cangaceiro ao Padre Cícero representa a ligação deste com o sagrado, tendo, na figura do Padre, o seu mediador.

Em suas andanças pelo sertão, Lampião encontra Maria Déia, “depois ‘Maria Bonita’ / como chama o mundo inteiro”. Com ela teve uma filha, Expedita, que foi criada por um tio, com direito a boa educação. As lutas seguem, Lampião perde os irmãos e pensa em abandonar o cangaço, mas é convencido por Maria Bonita a continuar. Decidido a acabar com a velha questão com Zé Saturnino, Lampião reencontra sua madrinha, a mãe de seu inimigo, que lhe pede pela vida do filho e abrandando o coração do cangaceiro. Como recompensa,

a velha o abençoa com uma “forte oração” e afirma que, enquanto ela vivesse, Lampião não seria derrotado. De fato, somente no ano de trinta e oito, após a morte da madrinha, o cangaceiro é cercado pelo tenente João Bezerra e assassinado ao lado de sua Maria Bonita e de membros de seu bando. Não há no folheto referência direta à figura de Lampião como um justiceiro lutando contra as injustiças sociais, como ocorre no folheto sobre Antônio Silvino. Aqui, possivelmente, tentando ser fiel a sua promessa inicial de contar a “história completa”, o poeta tenta, na medida do possível, ater-se ao conteúdo da “história verdadeira” sobre a vida do cangaceiro que, paradoxalmente, é descrito pelo poeta no acróstico do final do poema como alguém que “Merece todo heroísmo” e que, ao mesmo tempo, foi “O terror do banditismo”.

A referência aos feitos de cangaceiros é tema bastante comum às muitas “histórias” escritas pelos cordelistas sobre esses personagens da história do Nordeste brasileiro. Assim como acontece com a figura de Antônio Silvino, há diversas versões, escritas sobre as mais diferentes abordagens narrativas, sobre a vida e a figura de Lampião. Estes nomes representam uma espécie de síntese sobre a matéria do cangaço no sertão e, não por acaso, despertaram a curiosidade e a aceitação do público dos folhetos. Terra (1983, p. 81) afirma que, por coincidir com o início da publicação sistemática de folhetos, “O cangaço passa a ser tema preferencial e é possível supor que contribuiu em grande medida para firmar essa literatura.”

Assim sendo, cabe-nos destacar a importância que esse personagem assume na produção cordelística do poeta Antônio Américo, uma vez que a história da vida de Lampião, assim como a de suas façanhas, e sua morte, constituir-se-ão uma fonte constante de inspiração e retomadas poéticas sobre o tema. A partir deste, o cordelista elabora mais dois folhetos: *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró* e *Lampião e sua história contada toda em cordel*.

### A vida de Lampião – Intriga, Luta e Cangaço –

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS

Para ninguém esquecer  
o famoso Lampião  
o cangaceiro maior  
que já pisou no sertão  
no cangaço conquistou  
o título de capitão.

Como poeta arranjei  
completo conhecimento  
da vida de Lampião  
desde o seu nascimento  
a sua história completa  
pra quem não sabe apresento.

No sertão pernambucano  
do nordeste Brasileiro  
ano mil e novecentos  
a dose de fevereiro  
nasceu o rei do cangaço  
filho de um fazendeiro.

Seu pai era Zé Ferreira  
sua mãe dona Maria  
lugar passagem de Pedras  
onde o casal residia  
nesta pequena fazenda  
que seu José possuía

Perto de Serra Talhada  
nasceu lá este menino  
a antiga Vila Bela

pela sorte ou o destino  
no batismo recebeu  
o nome de Virgulino.

Foi seu padrinho de vela  
o padre Cícero Romão  
o chefe de Juazeiro  
na lei na religião  
com isto José Ferreira  
cresceu a satisfação.

Agora vou dar os nomes  
dos irmãos de Virgulino  
tinha Antonio Ferreira  
Ezequiel e Livino  
e João que nunca teve  
de cangaceiro o destino.

Também tinha quatro irmãs  
cada qual era uma rosa  
Maria, Anália e Angélica  
a outra era Virtuosa  
ninguém sabia das quatro  
quem era a mais caprichosa.

Virgulino aos oito anos  
fez primeira comunhão  
gostava de ir a missa  
amava a religião  
e se tornou um devoto  
do padre Cícero Romão.

Em uma escola primária  
quando fez terceiro ano  
aos doze anos de idade  
mudou de repente o plano  
pra trabalhar de vaqueiro  
no sertão Pernambucano.

Além de ser bom vaqueiro  
derrubar novilha e touro  
aprendeu a fazer sela  
arreio de sola e couro  
depois saía vendendo  
com isto arranjava o ouro.

Vendendo arreios nas feiras  
no Pageú ele andava  
também com tropas de burros  
com os irmãos trabalhava  
era tropeiro e mascate  
tudo na vida enfrentava.

Lampião era poeta  
fazia verso rimado  
cantando muié-rendeira  
improvisava animado  
e tocava em consertina  
samba, baião e xaxado.

Tudo de couro e de sola  
aprendeu a fabricar  
chapéu de couro e arreios  
sem ninguém lhe ensinar  
para fazer sela boa  
tirou primeiro lugar

E como vaqueiro era  
o campeão da ribeira  
do riacho São Domingos  
ali naquela fronteira  
perto a passagem de Pedras  
tinha a fazenda Pedreira.

Era a fazenda Pedreira  
de Zé Ferreira pertinho  
seu dono era Saturnino  
para dizer direitinho  
compadre de Zé Ferreira  
bom amigo e bom vizinho.

A mulher de Saturnino  
além de comadre, prima  
da mulher de Zé Ferreira  
naturais daquele clima  
assim em ambas famílias  
reinava paz e estima.

Saturnino tinha um filho  
que se tornou bom vaqueiro  
chamado Zé Saturnino  
nasceu pra ser fazendeiro  
dava valor a três coisas  
cavalo, gado e dinheiro.

Um dia revendo o gado  
uma vaca enchocalhou  
em dias de dar bezerro  
na outra tarde voltou  
a fim de rever a vaca  
anoiteceu não achou.

Cedinho Zé Saturnino  
voltou a mesma ribeira  
para procurar a vaca  
e na fazenda Pedreira  
as nove horas chegaram  
os três filhos do Ferreira.

Foi uma grande alegria  
para o senhor Saturnino  
recebeu os três vaqueiros  
Antonio e Virgulino  
e o mais novo dos três  
que se chamava Livino.

mandou fazer um café  
naquela ocasião  
tirou notícia da vaca  
lhe respondeu cada irmão  
eu ví muito gado seu  
porém essa vaca não.

Depois do café Livino  
disse: Vamos campear  
Saturnino lhe pediu  
se nossa vaca encontrar  
faça favor de prender  
e me mandar avisar.

A tarde Zé Saturnino  
quando do campo chegou  
sem localizar a vaca  
Saturnino lhe falou  
encomendei aos Ferreiras  
José calado ficou.

Um caçador de mocó  
em um serrote afastado  
achou a vaca perdida  
tangeu com todo cuidado  
a vaca um pouco ralada  
e o chocalho amassado.

Quando a vaca chegou  
José foi examinar  
viu o chocalho amassado  
chamou o pai pra mostrar  
e disse foi os Ferreiras  
sou capa de apostar.

José e dois companheiros  
no outro dia pegaram  
seis vacas enchocalhadas  
dos Ferreiras derrubaram  
e os chocalhos com pedras  
de todas seis amassaram.

Com a chegada das vacas  
irou-se ali Virgulino  
e disse ao pai vou agora  
com Antonio e com Livino  
para a fazenda Pedreira  
matar José Saturnino

Ainda pegou nas armas  
porém o pai não deixou  
a mãe lhe pediu chorando  
e Virgulino acalmou  
seu Zé Ferreira sozinho  
para a Pedreira rumou.

Contou para Saturnino  
tudo que aconteceu  
Saturnino disse: Zé  
começou do povo seu  
seus filhos que amassaram  
primeiro um chocalho meu.

Mandou buscar o chocalho  
mostrou e lhe disse então  
é uma coisa por outra  
fica razão por razão  
e entre as duas famílias  
surgiu a grande questão.

Assim nasceu a intriga  
de Saturnino e Ferreira  
no ano de dezesseis  
deu-se a etapa primeira  
Zé Saturnino era noivo  
da filha de João Nogueira.

Zé Ferreira se valeu  
de seu Cornélio Soares  
o chefe de Vila Bela  
pra entre os familiares  
dele e de Saturnino  
não haver sangue nos lares.

Assim coronel Cornélio  
fez uma acomodação  
prometeram ambas partes  
de darem fim a questão  
as bocas dizendo sim  
e dentro dizendo não.

José Saturnino estava  
fazendo casa e brocando  
nas terras da maniçoba  
uma fazenda ajeitando  
porque para se casar  
estava se preparando.

Porém com a sua turma  
só andava bem armado  
um dia na Maniçoba  
cedinho foi atacado  
pela turma dos Ferreiras  
e houve um fogo pesado.

Era a turma dos Ferreiras  
tendo a frente Virgulino  
levando alguns companheiros  
fora Antonio e Livino  
a vontade era somente  
matar José Saturnino.

Isto José Saturnino  
esperava todo dia  
rifle, bala e cabra bom  
tinha em sua companhia  
dele está tão preparado  
Virgulino não sabia.

Virgulino foi chegando  
junto com os companheiros  
perguntou por Zé chocalho  
quando avistou os pedreiros  
José já tinha lhe visto  
lhe deu os tiros primeiros.

Dois tiros Zé Saturnino  
deu em Antonio Ferreira  
um na mão, torou dois dedos  
com sua arma certa  
outro abaixo das costelas  
que derrubou na poeira.

Virgulino sustentou  
o fogo entrincheirado  
e mandou tirar Antonio  
para um riacho encostado  
depois correu com os seus  
por não achar resultado.

Antonio muito doente  
levou para se tratar  
com seu Antonio Martírio  
que era espetacular  
pra tratar de baleado  
ali naquele lugar.

Deixou ele se tratando  
e foi falar com o pai  
Zé Ferreira aperriado  
disse a ele, você vai  
arranjar uma morada  
que daqui a gente sai.

Bem perto de Nazaré  
conseguiu uma morada  
toda família Ferreira  
pra Nazaré foi mudada  
ficou Passagem de Pedras  
dessa vez desocupada.

Quando Antonio Ferreira  
ficou de tudo curado  
Virgulino disse mano  
agora o tempo é chegado  
vou provar a Zé chocalho  
que Virgulino é pesado.

Primeiro vamos queimar  
nas terras de João Nogueira  
tudo quanto pegar fogo  
pasto, cerca e capoeira  
eles lá, correm pra cá  
e nós de cá pra Pedreira.

Se toca fogo no pasto  
em roça de algodão  
mata o que poder de gado  
de porco e de criação  
se bota fogo nas cercas  
para arder-se a região.

Era no mês de agosto  
o pasto sêco e ventando  
nove horas os Nogueiras  
eles foram encendiando  
e doze horas do dia  
toda Pedreira queimando

Assim que tocaram fogo  
nas terras de João Nogueira  
a turma dos Saturninos  
foi acudir de carreira  
e eles queimaram tudo  
que quiseram na Pedreira.

Depois desse prejuízo  
Zé Saturnino juntou  
vinte homens bem armados  
João Nogueira reforçou  
e a casa dos Ferreiras  
esta batalhão cercou.

Ninguém sabe quantos tinham  
na casa com Virgulino  
era impossível ser ele  
o velho Antonio e Livino  
que João e Ezequiel  
cada qual era menino.

Os cabras de Saturnino  
começaram a afracar  
cinco foram baleados  
desocupando o lugar  
com isto Zé Saturnino  
o jeito foi recuar.

Nogueiras e Saturninos  
sairam na desvantagem  
porém encontrando apoio  
iam crescendo a bagagem  
que a família Ferreira  
com isto entrou de viagem.

Nogueiras e Saturninos  
gozavam na região  
prestígios com os políticos  
pra melhorar a questão  
Zé Saturnino foi ser  
inspetor de quarteirão.

Virgulino vendo isto  
naquela mesma semana  
partiu com toda família  
da terra Pernambucana  
e foi ficar bem distante  
lá na terra Alagoana.

Pertinho de Mata Grande  
arranjaram uma morada  
dona Maria vivia  
com isto traumatizada  
morreu e em Mata Grande  
a mesma foi sepultada.

Dizem que Zé Saturnino  
tendo a pista e o roteiro  
aonde José Ferreira  
com os seus fez paradeiro  
a polícia alagoana  
foi denunciar ligeiro.

Dizendo que Zé Ferreira  
tinha três filhos bandidos  
queimaram nossas fazendas  
prejuízos desmedidos  
vieram para Alagoas  
onde não são conhecidos.

O Alferes Zé Lucena  
depois da parte partiu  
a busca de Mata Grande  
Virgulino pressentiu  
na mão da grande volante  
nem um dos três não caiu.

Virgulino disse ao pai  
a polícia vai chegar  
matar ou prender nós três  
a casa vamos deixar  
nunca pensou da polícia  
seu querido pai matar.

Da casa saíram os três  
no mato se ocultaram  
no outro dia cedinho  
os policiais chegaram  
fizeram fogo na casa  
seu Zé Ferreira mataram.

Ele debulhando milho  
com uma espiga na mão  
sentado lá no alpendre  
caiu sem vida no chão  
não achando os três irmãos  
ainda prenderam João.

Não prenderam Ezequiel  
porque este era menino  
Lucena disse eu queria  
pegar era Virgulino  
o tal Antonio Ferreira  
e o perigoso Livino.

Com o coronel Delmiro  
o mais forte do Lugar  
Virgulino conseguiu  
uma morada arranjar  
depois que lhe contou tudo  
sem uma coisa faltar.

Assim levou a família  
foi trabalhar novamente  
com seu Delmiro Gouveia  
contratou ligeiramente  
sem haver perseguição  
pra ele e pra sua gente.

Quando tudo estava bem  
seu Delmiro adoeceu  
sendo doença de morte  
com pouco tempo morreu  
Virgulino sem patrão  
dividiu o povo seu.

Levou João e as irmãs  
pra Juazeiro do Norte  
entregou a Padre Cícero  
voltou no mesmo transporte  
ao lado dos três irmãos  
procurou um bando forte.

Procurou Senhô Pereira  
o mais forte cangaceiro  
aliado a Luiz Padre  
outro grande bandoleiro  
os dois chefes num só bando  
assombrando o mundo inteiro.

Na vida de cangaceiro  
entrou assim Virgulino  
junto a Antonio Ferreira  
e o seu mano Livino  
o caçula Ezequiel  
ainda quase menino.

Combinado com seu Luiz  
também com Senhô Pereira  
entrou ele e os três manos  
e na batalha primeira  
foi da vez que o seu rifle  
parecia uma fogueira.

Foram cercados de noite  
no fogo com rapidez  
enquanto um dava um tiro  
ele dava dezesseis  
o nome de Lampião  
recebeu daquela vez.

Onde Virgulino estava  
alí não faltou clarão  
devido atirar ligeiro  
chamou o grupo atenção  
seu rifle naquela noite  
parecia um Lampião.

Quando a volante viu  
que não ia aguentar  
balas por cima de balas  
quase todas dum lugar  
correu deixando a trincheira  
sem poder mais atacar.

Senhô Pereira com todos  
naquela ocasião  
abraçavam Virgulino  
apertando sua mão  
dizendo onde você briga  
não precisa Lampião.

E naquele comentário  
o Luiz Padre falou  
agora o nosso bando  
um bom Lampião chegou  
foi assim que Virgulino  
o novo nome pegou.

A vinda de Lampião  
completa sem faltar nada  
nascimento, vida e morte  
foi toda profetizada  
por Antonio Conselheiro  
e para o povo pregava.

Dizia de Pernambuco  
um ser há de se erguer  
da Bahia ao Rio Grande  
muita gente há de sofrer  
morte, resgate e flagelo  
este reino irá trazer.

Atacará os sertões  
respeitando o Ceará  
do Rio Grande a Bahia  
muita gente sofrerá  
e somente em trinta e oito  
este reino findará.

E voltando a Lampião  
junto com Senhô Pereira  
ao lado de Luiz Padre  
Montaram uma cabroeira  
assaltando os fazendeiros  
era a maior bagaceira.

Senhô Pereira e Luiz  
este bando chefiavam  
Lampião e os três manos  
com eles dois trabalhavam  
vila e cidade pequena  
toda semana atacavam.

Nessa época padre Cícero  
aos dois chefes chamou  
aconselhou todos dois  
Senhô Pereira deixou  
e Luiz Padre também  
o grupo se acabou.

Parece que pra Goiás  
os dois chefes viajaram  
abandonando o cangaço  
ao grupo despacharam  
cada qual pegou seu rumo  
assim todos debandaram.

Lampião e os três manos  
gostando daquela vida  
ingressaram noutra bando  
de família conhecida  
era o grupo dos Porcinos  
turma valente e temida.

Manoel Porcino e dois manos  
um grande grupo montaram  
foi nele que Lampião  
com os três manos entraram  
depois os irmãos Porcinos  
o cangaço abandonaram.

Quando dissolveram o grupo  
Lampião se destinou  
quem quiser ficar comigo  
ser chefe eu agora vou  
nove ficaram com ele  
e o resto debandou.

Nove cabras dos Porcinos  
e três irmãos que ele tinha  
com ele formava treze  
saíram naquela linha  
e a primeira cidade  
que atacou foi Matinha.

De Matinha a Água Branca  
arrasou a região  
tomando todo dinheiro  
do povo daquele chão  
assaltou da baronesa  
valor de quase um milhão.

Fez o seu primeiro ataque  
no Estado Alagoano  
na data de dois de junho  
de 22 foi o ano  
que Lampião fez partida  
com seu cangaço tirano.

Para a fazenda Ôlho d'água  
Lampião se encaminhou  
do coronel Zé Rodrigues  
seis contos de réis tomou  
pertinho achou um coiteiro  
seis meses se ocultou.

Durante esses seis meses  
era pra se preparar  
e contratar cangaceiros  
para o grupo reforçar  
sair todo prevenido  
para poder viajar.

Alpercata de rabicho  
pra seu bando preparava  
com o calcanhar pra frente  
um outro par fabricava  
para enganar as volantes  
Lampião já planejava

Com o calcanhar pra frente  
levava este par guardado  
na hora que precisasse  
era só fazer trocado  
não tinha rastejador  
pra não rastejar errado.

Preparou a todo gosto  
um rico chapéu de couro  
enfeitado de estrelas  
e de moedas de ouro  
tomadas da baronesa  
de quem levou um tesouro.

Um cofre papo de Ema  
amarrado na cintura  
pra guardar dinheiro e jóias  
que era a sua loucura  
assaltar todo sertão  
crescer e fazer figura.

Com seis meses de preparo  
tudo pronto e planejado  
saiu para viajar  
não demorou ser cercado  
por um sargento valente  
o Clementino Furtado.

O sargento inda matou  
Cícero Costa um valentão  
e no calcanhar esquerdo  
do valente Lampião  
também acertou um tiro  
estragando uma porção.

Lampião perdendo sangue  
conseguiu se arrastar  
com uns cinquenta metros  
ficou a observar  
Livino e a cabroeira  
garantindo o seu lugar.

Meia-Noite tinha visto  
pra onde Lampião ia  
chegou lá e viu que ele  
porção de sangue perdia  
atou com uma toalha  
que Lampião conduzia.

Meia-Noite era disposto  
ainda o fogo serrado  
passou Lampião nas costas  
tirou para o outro lado  
na casa de um amigo  
deixou Lampião guardado.

Na serra de Baixa Verde  
Lampião se ocultou  
até melhorar do pé  
ficando bom viajou  
para atacar Belmonte  
como de fato atacou.

Luiz Gonzaga de Souza  
o prefeito do lugar  
de cima da prefeitura  
pulou do primeiro andar  
morreu da queda e depois  
Lampião mandou queimar.

Numa política em Triunfo  
quando foi assassinado  
o prefeito Deodato  
por gente do outro lado  
para ir vingar a morte  
Lampião foi convidado.

Tinha duzentos soldados  
esperando Lampião  
mas, ele atacou Triunfo  
com tanta disposição  
que com seis horas de fogo  
venceu todo batalhão.

Quando entrou na cidade  
fez tudo quanto queria  
quem era do outro lado  
ele pegando morria  
aí foi matar Quelé  
lá em sua moradia.

Quando chegou na fazenda  
fez fogo logo e matou  
os dois irmãos de Quelé  
e Quelé se preparou  
somente com dois sobrinhos  
ao combate enfrentou.

Quelé e os dois sobrinhos  
se fizeram três guerreiros  
sobiram em um sote velho  
com os disparos primeiros  
cada tiro era uma morte  
acabando os cangaceiros.

Lampião se assombrou  
tocou logo retirada  
e disse: vamos correr  
cuidado rapazeada  
quem poder correr é hora  
se não eu fico sem nada.

Desta carreira que deu  
veio parar em Princesa  
foi muito bem recebido  
dalí partiu com certeza  
para ir atacar Sousa  
lugar que tinha riqueza.

Começou atacar Sousa  
era três da madrugada  
dominou toda cidade  
deixou-a quase sem nada  
voltou para Pernambuco  
com uma soma avultada.

O resto de vinte e cinco em Pernambuco passou vila, fazenda e cidade no Pageú atacou Manoel Giló em Tapera e cinco praças matou.

O sertão de Pernambuco por ele foi atacado matava e saqueava era um estrago pesado já quase no fim do ano foi Livino assassinado.

Por uma forte volante da terra Paraibana que fez Lampião correr da terra Pernambucana aí foi passar uns dias lá na terra Alagoana.

No Estado Alagoano duas forças lhe cercaram era a noite ele correu as forças se enganaram atirando uma na outra setenta praças mataram.

Nessa época começava uma parte da nação aliada a Carlos Prestes querendo revolução criaram a coluna prestes deu a maior confusão.

Contra a Artur Bernardes o atual presidente no regime legalista este povo descontente se revoltou e saiu surrando e matando gente.

Chamados de revoltosos contra o regime legal Doutor Floro um cearense deputado Federal mandou chamar Lampião com todo seu pessoal.

Sabendo que a coluna ao Pernambuco arrasava e no começo de março no Ceará penetrava e Juazeiro era a terra que mais legalista dava.

Doutor Floro combinou com o padre Cícero Romão armaram todos romeiros mandou chamar Lampião pra garantir Juazeiro na hora da precisão.

Lampião disse não posso a Doutor Floro faltar pra defender meu padrinho eu vou até sem ganhar pedindo a Deus na viagem a tal coluna encontrar.

No dia quatro de março de vinte seis ele entrou em Juazeiro do Norte a cidade se abalou dando viva a Lampião a ele nada faltou.

Hospedou-se no sobrado de João Mendes de Oliveira mandado por padre Cícero ele e sua cabroeira visita, presente e festa vinha de toda maneira.

Pra defender os direitos do Governo da nação em Juazeiro do Norte foi aonde Lampião passou a ser promovido de bandido a capitão.

Padre Cícero autorizou a um Técnico Federal encorporar Lampião com todo seu pessoal no Exército Brasileiro pelo partido legal.

Preparou pra Lampião de capitão a patente e para Antonio Ferreira que foi primeiro tenente Sabino Gomes, segundo por ser temido e valente.

Luiz Pedro e Gato Bravo as patentes de sargentos e o resto de soldados receberam documentos do Exército patriótico surgiram novos rebentos.

No outro dia seguinte prepararam um batalhão de beatos e romeiros com todos de Lampião sendo Virgulino o chefe porque era capitão.

Cada um de Lampião um bom fusil recebeu e mais trezentos cartuchos que o Doutor Floro deu a busca dos revoltosos o batalhão se estendeu.

Os revoltosos sabendo arribaram do sertão com dois dias um amigo avisou a Lampião que nada tinha aprovado seu título de capitão.

Lampião disse: está certo fui atender meu padrinho não me querem no exército para andar direitinho vou voltar a ser bandido seguir no mesmo caminho.

Se despediu dos beatos  
do batalhão dos romeiros  
voltou para Pernambuco  
com todos seus cangaceiros  
onde atacou muitas vilas  
e diversos fazendeiros.

As forças se levantaram  
que o governo mandou  
Lampião temendo a luta  
numa serra se ocultou  
o resto de vinte e seis  
se escondeu não brigou.

Em vinte e sete juntou  
um batalhão grande e forte  
penetrou na Paraíba  
tomando e fazendo morte  
e desta vez foi que foi  
ao Rio Grande do Norte.

Tomou tudo em Cajazeiras  
Antenor e Poço Adão  
invadiu duas fazendas  
mais ricas da região  
somente em Uirauna  
levou bala uma porção.

Nos confins da Paraíba  
contratou um cabra bom  
na divisão do Estado  
por nome de Massilon  
conhecia o Rio Grande  
e pra tudo tinha dom.

Perguntou a Massilon  
você conhece um lugar  
que tenha muita riqueza  
e dê pra gente atacar  
que quero passar oculto  
dois anos sem viajar.

Massilon disse conheço  
a cidade Mossoró  
no Rio Grande do Norte  
que em riqueza está só  
se quiser a gente ataca  
pega tudo e dá um nó.

Lampião passou dois dias  
com Massilon planejando  
perguntou quantas Igrejas  
tem lá, vá me informando  
Massilon disse tem três  
Lampião ficou pensando.

Lampião pensou e disse  
não dar certo companheiro  
cidade com três Igrejas  
não dar mais pra cangaceiro  
Massilon disse é tolice  
o que vale é ter dinheiro.

Daqui para Mossoró  
nós temos seis povoados  
três vilas duas cidades  
que vão nos dar resultados  
e dez fazendeiros ricos  
para serem saqueados.

Massilon tomou a frente  
o grande ataque se deu  
toda zona do oeste  
do Rio Grande sofreu  
e um rico coronel  
um cangaceiro prendeu.

O cangaceiro Coqueiro  
prendeu Antonio Gurgel  
pertinho de Apodí  
na hora que o coronel  
saía com a família  
temendo o golpe cruel.

Entregou a Lampião  
e Lampião projetou  
um resgate por dinheiro  
vinte e um contos marcou  
se não desse ele matava  
para o coronel falou.

O resgate que Lampião  
naquela época fazia  
prender gente de valor  
soltar por alta quantia  
está sendo o mesmo sequestro  
da época de hoje em dia.

E também para resgate  
prendeu o Joaquim Moreira  
e dona Maria José  
residente em Arueira  
marcou o preço dos dois  
para encher a algibeira.

Para Rodolfo Fernandes  
fez uma carta e mandou  
prefeito de Mossoró  
que leu e não se assombrou  
respondeu, não vai dinheiro  
lhe esperando eu estou.

No ano de vinte e sete  
no dia treze de junho  
ele atacou Mossoró  
cada qual de arma em punho  
as quatro horas da tarde  
assim eu li num vasquinho.

A tarde chovia muito  
ele pode observar  
a beleza da cidade  
do orgulho Português  
aí disse a Massilon  
é besteira se tentar.

Mas, como tinha avisado  
ao prefeito que ia  
atacou com toda tática  
fez tudo quanto podia  
aí tocou retirada  
fazendo assim que corria.

No ponto determinado  
quando os cabras chegaram  
disseram que Jararaca  
e Mormaço balearam  
foram presos todos dois  
e Colchêta já mataram

Lampião se preparou  
pra dar a segunda entrada  
a meia noite voltou  
as duas da madrugada  
vendo que não tinha jeito  
tornou tocar retirada.

Aonde estava arranchado  
se juntaram todos lá  
e curando alguns feridos  
deu a ordem vamos já  
seguindo com os três presos  
rumou para o Ceará.

Foi recebido com festa  
na cidade Limoeiro  
a pedido de um padre  
soltou um prisioneiro  
os outros dois mais adiante  
quando mandaram o dinheiro.

Já fora de Limoeiro  
uma volante o cercou  
depois apareceu outra  
mais adiante o atacou  
e no terceiro combate  
do Ceará desabou.

Dessa carreira que deu  
foi em Sergipe “pará”  
com raiva de Moureirinha  
Governo do Ceará  
e novas barbaridades  
desta vez inventou lá.

Adotou a palmatória  
de aroeira velada  
para quebrar mão de gente  
um ferro pra ser queimada  
mulher do cabelo curto  
se pegasse era ferrada.

Escolheu no bando todo  
o cabra mais desumano  
disse a ele faça um ferro  
para ferrar corpo humano  
com suas iniciais  
J.B José Baiano.

Depois o Sabino Gomes  
com Lampião desgostou  
saiu e criou um bando  
como chefe começou  
Lampião peitou um cabra  
pegou Sabino e matou.

Na Serra do Araripe  
Lampião foi baleado  
Antonio Ferreira morto  
ele se viu apertado  
escondido numa serra  
doente e desamparado.

Numa época de inverno  
os cabras desanimaram  
dizendo ele vai morrer  
quase todos desertaram  
só ficou Ezequiel  
com seis que não debandaram.

Até quando melhorou  
que pôde sair um dia  
só viajavam de noite  
que muito doente ia  
chegando no São Francisco  
travessou para Bahia.

Do bando restava sete  
já sem dinheiro e trapilho  
pediu uma proteção  
ao coronel Petronilho  
que na Fazenda Gangorra  
tratou dele como um filho.

Pertinho de Santa Brígida  
Lampião se encontrou  
alí com Maria Déia  
e ela se declarou  
apaixonada por ele  
até que ele aceitou.

Ela deixou o marido  
Zé de Nenê “sapateiro”  
e passou a ser mulher  
de Lampião cangaceiro  
depois “Maria Bonita”  
como chama o mundo inteiro.

Do reinado do cangaço  
nasceu a filha Expedita  
Lampião disse a Maria  
a nossa filha é bonita  
vamos dar a João Ferreira  
deu e criou-se com dita.

Criou-se em casa do tio  
foi muito bem educada  
casou com Manoel Messias  
em Sergipe fez morada  
morando em Aracajú  
de toda gente estimada.

Assim ficou Lampião  
de Sergipe pra Bahia  
fazendo as piores coisas  
nos dois Estados vivia  
mulher do cabelo curto  
Zé ferrava, ele sorria.

Também diversas mulheres  
o seu grupo acompanharam  
companheiras do cangaço  
ele aceitou e entraram  
trazidas pelos capangas  
que com eles se juntaram.

Devido a tantas mulheres  
Lampião se atreveu  
no Raso da Catarina  
entrar com o povo seu  
até achar um lugar  
no centro se escondeu.

Dez léguas de mata virgem  
de fera, espinho e deserto  
onde não ia ninguém  
Lampião ficava certo  
se alí desse pra viver  
seu grupo estava liberto.

Conseguiu arranjar água  
ninguém não sabe os segredos  
porque o deserto é seco  
cobertos de arvoredos  
onde armaram suas tendas  
quase em forma de degredos.

Dalí guiou um caminho  
sem fazer uma picada  
dez léguas pelo deserto  
até sair numa estrada  
na passagem dum serrote  
sem deixar rastro de nada.

Mandou arranjar coiteiro  
que trazia o mantimento  
até ao dito serrote  
seu grupo com sofrimento  
carregava na cabeça  
até o acampamento.

Três vezes mandou Curisco  
atacar lugares fora  
Curisco ia e tomava  
e voltava sem demora  
com saudade de Dadá  
que era a sua senhora.

Lampião bem escondido  
nessa época já diziam  
que ele tinha morrido  
porque as volantes iam  
penetravam pelo Raso  
e nem um vestígio viam.

Nos ataques de Curisco  
o Governo do Estado  
o Jurací Magalhães  
que vivia aperrado  
mandou penetrar no Raso  
até achar o reinado.

Quatro volantes vieram  
prenderam logo o coiteiro  
que foi mostrar o reinado  
lá cercaram o cangaceiro  
com duas metralhadoras  
foi o maior desespero.

Todos da frente morreram  
quando a rajada cortou  
pelo fundo da caverna  
Lampião inda pulou  
junto a Maria Bonita  
e Curisco acompanhou.

Só Curisco e Lampião  
Dadá, Maria Bonita  
correram pra esta banda  
coberto de muita dita  
escaparam na carreira  
dentro da mata esquisita.

O que tinham de riqueza  
naquela hora deixaram  
Volta Sêca e uns colegas  
pra outro lado escaparam  
com fome e sede romperam  
o deserto e travessaram.

Crescendo o bando de novo  
em trinta e quatro estudou  
um meio que a polícia  
naquela época endoidou  
dividiu o grupo em três  
e mais dois chefes criou.

Entregou um a Curisco  
e disse é para atacar  
todos três num dia só  
para a polícia endoidar  
de trinta a quarenta léguas  
cada qual em um lugar.

Moderno com o seu grupo  
a uma vila atacava  
dizendo ser Lampião  
o povo se assombrava  
Curisco atacava outra  
Lampião outra assaltava.

Todos três num dia só  
cada canto era atacado  
em nome de Lampião  
deixavam o povo assombrado  
muita gente já dizia  
ele está endiabrado.

A maior barbaridade  
lá na Bahia ele fez  
um serviço de rodagem  
endiabrou-se uma vez  
pegou matar os cassacos  
inda matou trinta e três.

Curisco lhe reclamou  
não mate o povo com fome  
Lampião lhe respondeu  
cale a boca se adome  
eu tenho que fazer isto  
para crescer o meu nome.

Continuou na Bahia  
com o seu grupo cruel  
atacou muitos lugares  
pra completar o papel  
lá perdeu o último mano  
chamado de Ezequiel.

Já tinha perdido Antonio  
e o seu mano Livio  
e neste fogo perdeu  
Ezequiel “Ponto Fino”  
o último irmão do cangaço  
do capitão Virgulino.

Com a morte do irmão  
ele ficou abatido  
igual a do padre Cícero  
quando tinha falecido  
que ele quase deixava  
sua vida de bandido.

Ainda entrou em acordo  
seu cargo renunciar  
entregar tudo a Curisco  
pra quem quisesse ficar  
e ele na Argentina  
procurar se ocultar.

Disse a Maria Bonita  
estou na finalidade  
já perdi o meu padrinho  
e o resto da irmandade  
vou me achando sozinho  
pra tanta dificuldade.

Maria Bonita disse  
Lampião não desanime  
não queira renunciar  
para acabar nosso time  
que só morro satisfeita  
se for na vida do crime.

Lampião pensou e disse  
eu lhe atendo “santinha”  
você quer morrer na luta  
eu sou seu, você é minha  
porém já sinto meu trem  
chegando no fim da linha.

Em trinta e cinco um repórter  
entrevistou Virgulino  
no fim perguntou a ele  
que diz de Antonio Silvino  
ele disse é cabra frôxo  
provou ser muito “mufino”.

Quando se viu baleado  
em vez de se ocultar  
saiu atrás da policia  
ou melhor mandou chamar  
e disse para o alferes  
eu quero me entregar.

Quando o jornal saiu  
Antonio Silvino leu  
de pressinha na cadeia  
um repórter apareceu  
e com Antonio Silvino  
uma entrevista deu.

Lá perguntou a Antonio  
o que diz de Lampião  
Antonio disse é um príncipe  
no cangaço do sertão  
pode ser mais do que fui  
que tem melhor condição.

No tempo do meu cangaço  
era um Brasil atrazado  
só tive direito a rifle  
e assim mesmo comprado  
não é Lampião que hoje  
vive todo apadrinhado.

Quando foi a Juazeiro  
o seu grupo se armou  
um bom fuzil do Exército  
cada capanga ganhou  
e ajuda de políticos  
a ele nunca faltou.

Seu grupo é um batalhão  
todo armado a fuzil  
não lhe falta munição  
neste Nordeste infantil  
com a ajuda que tem  
dos políticos do Brasil.

Só não creio numa coisa  
do capitão Virgulino  
dizer que é tão valente  
e me chamar de “mufino”  
e nunca ter conseguido  
matar José Saturnino.

Com medo dos Saturninos  
de Vila Bela correu  
a mãe dele de desgosto  
em Alagoas morreu  
o pai foi assassinado  
e mais coisa apareceu.

Quando o jornal circulou  
Virgulino na Bahia  
alguém levou ele leu  
e na leitura sentia  
ser de fato uma verdade  
o que Antonio dizia.

O jornal fez Lampião  
com poucos dias voltar  
ao Pajeú novamente  
Zé Saturnino cercar  
jurando pegá-lo vivo  
depois sangrar e queimar.

Quando José Saturnino  
viu que era Lampião  
com cinquenta capangas  
cada qual fuzil na mão  
entrou num quarto e trancou-se  
sozinho nem fez ação.

Lampião bateu na porta  
e gritou é Virgulino  
pra tudo tem o seu dia  
é hoje Zé Saturnino  
que eu vou sangrá-lo vivo  
cabra safado e cretino.

A mãe de Zé Saturnino  
madrinha de Lampião  
tomou o meio da porta  
naquela ocasião  
e disse: pode matar-me  
que eu lhe dou o perdão.

Lampião disse madrinha  
não vou matar a senhora  
irei buscar Zé Chocalho  
sangrar e queimar lá fora  
tudo quanto ele me deve  
tem que me pagar agora.

A velha olhou Lampião  
e disse: meu afilhado  
atire logo em meu peito  
mate este corpo cansado  
que não quero ver com vida  
o meu filho ser sangrado.

Lampião naquela hora  
o coração abrandou  
o que foi de nome feio  
em José descarregou  
só não te sangro já-já  
porque madrinha o livrou.

A velha naquela hora  
abraçou o afilhado  
e disse enquanto eu viver  
você não é derrotado  
como defendo meu filho  
também lhe faço guardado.

Virgulino conheceu  
da velha a forte oração  
e disse para a madrinha  
assim eu dou o perdão  
para José Saturnino  
se acaba toda questão.

Voltando para a Bahia  
o que enfrentou venceu  
foi cercado muitas vezes  
nada lhe aconteceu  
até entrar trinta e oito  
quando a madrinha morreu.

Virgulino em trinta e seis  
foi com o bando filmado  
como “O Terror do Nordeste”  
filme bom e procurado  
fez sucesso em todo canto  
onde era apresentado.

Toda vez que Virgulino  
ia matar um cristão  
se o mesmo se valer-se  
do Padre Cícero Romão  
seria considerado  
e ele dava o perdão.

Todo dinheiro miúdo  
que Virgulino pegava  
era para dar esmolas  
a pobreza onde chegava  
o lado da caridade  
ele nunca desprezava.

Com a morte da madrinha  
o seu tempo foi chegado  
como Antonio Conselheiro  
havia profetizado  
que em trinta e oito era  
o final do seu reinado.

Perseguido na Bahia  
se ausentou do torrão  
travessou para Sergipe  
se escondeu no Grotão  
lugar entre duas serras  
onde não ia um cristão.

Perto de Porto da Folha  
Angicos é o lugar  
local chamado Grotão  
trabalhoso de chegar  
Lampião disse é aqui  
que agora eu vou morar.

Mandou armar sua tenda  
e ali fez paradeiro  
arranjou com Pedro Cândido  
um seu amigo e coiteiro  
que ficou encarregado  
das compras do cangaceiro.

Assim passou muito tempo  
ele comprava e levava  
tudo quanto Lampião  
com o bando precisava  
notícia de Lampião  
nem uma pessoa dava.

O tenente João Bezerra  
da polícia Alagoana  
saindo lá de Piranhas  
para a terra Sergipana  
teve notícia das compras  
por Pedro toda semana.

O tenente que pensava  
localizar Lampião  
prendeu logo Pedro Cândido  
fez ele ir ao Grotão  
e mostrar aonde estava  
o bando do capitão.

A vinte e oito de julho  
de madrugada chegaram  
e com seis metralhadoras  
de perto localizaram  
cinco e trinta da manhã  
de uma vez metralharam.

Morreu Maria Bonita  
Enedina e Lampião  
e mais oito cangaceiros  
tomaram mortos no chão  
e os outros debandaram  
pulando pelo Grotão.

Ainda deram alguns tiros  
que mataram de repente  
um soldado e balearam  
em uma perna o tenente  
João Bezerra nem ligou  
por está de sangue quente.

Um soldado corajoso  
até o local correu  
quando viu Lampião morto  
pegou e reconheceu  
e gritou tenente João  
o cego agora morreu.

O tenente João Bezerra  
tremia emocionado  
dizia pode ser outro  
você está enganado  
o soldado disse é ele  
já estou documentado.

João Bezerra deu ordens  
naquele mesmo local  
cortar as onze cabeças  
e dentro d'água de sal  
pra Santana do Ipanema  
levou com seu pessoal.

Mostrando lá em Santana  
para Maceió tiraram  
com processo especial  
de todas onze trataram  
de Maceió a Bahia  
em todas praças mostraram.

Ainda tem as cabeças  
do reino da tirania  
no museu Nina Rodrigues  
em Salvador da Bahia  
a cabeça de Lampião  
tem visita todo dia.

Quando correu a notícia  
da morte de Lampião  
Curisco com o seu bando  
endoideceu no sertão  
do Estado Alagoano  
fez pior do que o cão.

Atacou cinco lugares  
matando gente e roubando  
cortou diversas cabeças  
um presente preparando  
e mandou pra João Bezerra  
ao mesmo desafiando.

Incendiou várias ruas  
lá na terra Alagoana  
matou gente tirou couro  
fez manta de carne humana  
depois temendo a polícia  
passou pra terra Baiana

Curisco entrou na Bahia  
causando calamidade  
esta forma de vingança  
foi sua finalidade  
com pouco tempo mataram  
o rei da perversidade.

O resto dos cangaceiros  
de ambas as partes mataram  
alguns fugiram pra longe  
e outros se entregaram  
foi assim que o cangaço  
naquela época acabaram.

Já ouvi opiniões  
que Lampião não morreu  
foi só um arrumadinho  
e ele se escondeu  
gente exibida detesta  
o que certo aconteceu.

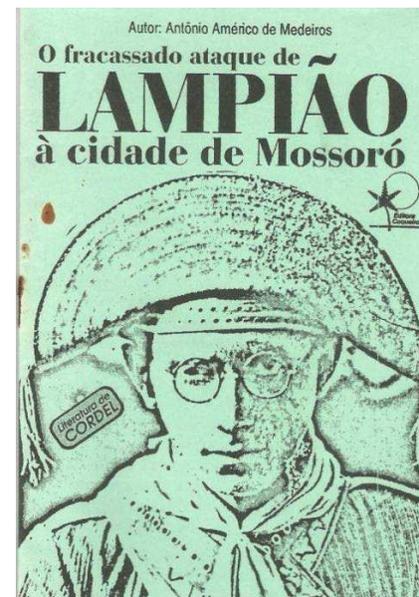
**A** história verdadeira  
**N**a vida de Lampião  
**T**rabalhei para fazer  
**O** folheto com noção  
**N**ão podemos desprezar  
**I**sto faz se recordar  
**O** cangaço do sertão.

**A** Lampião cangaceiro  
**M**erece todo heroísmo  
**E**ste trabalho mostrou  
**R**azão, triunfo e abismo  
**I**ntriga, luta e cangaço  
**C**apitão testa de aço  
**O** terror do banditismo.

F I M

**Patos, 25 de janeiro de 1980**

**Figura – Capas do folheto**



Fonte: acervo da autora

O poema é composto de cinquenta e nove sextilhas de sete sílabas e esquema rímico ABCBDB. O folheto traz, em sua capa, uma ilustração elaborada a partir da edição de uma fotografia, um recurso da atualidade agregado à composição das capas de cordel – Editora Coqueiro e, na contracapa, uma fotografia do cangaceiro José Leite de Santana, o Jararaca, morto em Mossoró. Esse folheto também foi publicado pela Queima-Bucha. A editora manteve a ilustração da capa e contracapa, assim como o número de páginas e o texto, com pequenas alterações. Também de abordagem histórico / biográfica, conta sobre o ataque de Lampião à cidade de Mossoró – RN, em 1927, e vincula-se, segundo a classificação de Diégues Júnior (2012), ao grupo dos fatos circunstanciais ou acontecidos.

Esse folheto faz parte da série elaborada pelo poeta sobre a vida e os feitos do cangaceiro Lampião. O fato histórico e o episódio da vida

de Lampião que servem como temas para o poema já foram referenciados no folheto *A vida de Lampião: intriga, luta e cangaço*. Algumas das estrofes presentes no folheto, muitas delas com pequenas alterações, também fazem parte do texto anteriormente citado. Na introdução do poema, as cinco primeiras estrofes não fazem parte desse conjunto e apresentam, com maior riqueza de detalhes, o episódio que será contado. Fazem parte do folheto anterior, principalmente, as estrofes que contam sobre a incorporação de Massilon ao bando de Lampião e o planejamento do ataque a Mossoró. Os detalhes sobre o embate, o seu desfecho, com a derrota lendária, e a fuga de Lampião, assim como a prisão e morte do cangaceiro Jararaca e a fuga de Massilon, são apresentados nas demais estrofes que, assim como as iniciais, recontam o fato já narrado, a partir de uma apresentação descritiva mais rica em detalhes que aquela presente no cordel *A vida de Lampião: intriga, luta e cangaço*.

### O Fracassado Ataque de Lampião à Cidade de Mossoró-RN em 1927

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS

No ano de vinte e sete  
Lampião a viajar  
travessou a Paraíba  
para a terra Potiguar  
do Rio Grande do Norte  
viagem que deu azar

Quando ia contratou  
um cangaceiro afamado  
que tinha sido tropeiro.  
Conhecia todo estado  
de nome Massilon Leite,  
criminoso respeitado

Viveu de carregar sal  
de Mossoró ao sertão  
e voltava carregado  
com legume e algodão.  
Antes de ser criminoso  
era um nobre cidadão

Forçado pelo destino  
foi obrigado a matar  
civil e pra não ser preso  
matou até militar  
e no bando de Lampião  
passou se incorporar

Lampião quando avistou  
Massilon em sua frente  
só em olhar conheceu  
que era forte e valente  
e disse de hoje em diante  
você vai ser meu Tenente

Perguntou a Massilon  
você conhece um lugar  
que tenha muita riqueza  
e dê pra gente atacar  
que quero passar oculto  
dois anos sem viajar

Massilon disse eu conheço  
a cidade Mossoró  
no Rio Grande do Norte  
que em riqueza está só  
planejando a gente ataca  
pega tudo e dá um nó

Lampião passou dois dias  
com Massilon planejando  
perguntou quantas igrejas  
tem lá, vá me informando,  
Massilon disse tem três  
Lampião ficou pensando

Lampião pensou e disse:  
não dá certo companheiro  
cidade com três igrejas  
não dá mais pra cangaceiro  
Massilon disse é tolice  
o que vale é ter dinheiro

Daqui para Mossoró  
nós temos seis povoados,  
três vilas, duas cidades  
que vão nos dar resultados  
e dez fazendeiros ricos  
para serem saqueados

Massilon tomou a frente  
o grande ataque se deu  
toda zona do oeste  
do Rio Grande sofreu  
cada fazendeiro rico  
muito dinheiro perdeu

O cangaceiro Coqueiro  
prendeu Antônio Gurgel  
saindo de Apodi  
na hora que o coronel  
ia com toda família  
temendo o golpe cruel

Foi levado para o chefe  
e Lampião projetou  
um resgate por dinheiro  
vinte e um contos marcou  
se não desse, ele matava  
para o coronel falou

O resgate que Lampião  
naquele tempo fazia  
prender gente de valor  
e soltar por alta quantia  
está sendo o mesmo seqüestro  
da época de hoje em dia

E também para resgate  
prende o Joaquim Moreira  
e dona Maria José  
a mais rica fazendeira  
cada resgate seu preço  
foi marcado em Aroeira

Da fazenda Aroeira  
foi para a de Oiticica  
lá escutava a graúna  
o xexéu e a peitica  
Dizia: Ah! se eu dominasse  
aquela cidade rica

Aí disse a Massilon  
nosso plano está perdido  
para atacar Mossoró  
eu não estou prevenido  
penso que vai ser assim  
seis soldados pra um bandido

Para não ficar tão feio  
vou criar uma quengada.  
Fazer uma carta agora  
para o prefeito enviada  
pedir quatrocentos contos  
para evitar minha entrada

Peço mais vinte e um contos  
para soltar o Gurgel  
ou manda tudo, ou eu entro  
diz a carta em seu papel  
se o prefeito afracar  
caiu a sopa no mel

Porque o Rodolfo é genro  
do nosso prisioneiro.  
Obrigo Antônio Gurgel  
fazer uma carta ligeiro  
pedindo os vinte e um contos  
do seu resgate em dinheiro

Para Rodolfo Fernandes  
fez uma carta e mandou.  
Prefeito de Mossoró  
que leu e não se assombrou.  
Respondeu, não vai dinheiro  
lhe esperando eu estou

Assim que o Lampião  
esta carta recebeu  
disse para Massilon:  
- Perdi o trabalho meu  
o prefeito é homem forte  
em nada me obedeceu

A tarde chovia muito  
mas deu para observar  
a beleza da cidade  
do orgulho Potiguar  
Ele disse a Massilon:  
É besteira se tentar

Porém já tinha avisado  
ao prefeito que ia.  
Aí disse para todos  
se não for é covardia  
porém já estou sabendo  
que volto de mão vazia

Dividiu seu grupo em três.  
Lado esquerdo Massilon.  
Jararaca com Sabino  
no centro com todo dom.  
E Lampião na direita  
mas sem achar nada bom

E nesta hora o povão  
em Mossoró esperava.  
A cavagem dos esgotos  
em trincheira aproveitava  
e cada ruma de terra  
uma barricada dava

Onde tinha casa rica  
o esgoto era cavado.  
Na de Alfredo Fernandes  
e Major Bento de lado.  
Coronel Tertuliano  
outro chefe respeitado

O prefeito tinha tirado  
as famílias da cidade.  
Só deixou os defensores  
civil e autoridade  
Homens que pegassem em armas  
e brigassem de verdade

Fortificou as trincheiras  
do Correio pra o hotel.  
Muita gente defendendo  
a casa do coronel  
da igreja de São Vicente  
até chegar no quartel

Tomaram todas entradas.  
Tinha gente em quantidade,  
mais de trezentos guerreiros  
empiquetando a cidade  
entre polícia e civil.  
Todos de boa vontade

A polícia de fuzil,  
carabina e mosquetão.  
Cada civil com um rifle  
e bisaco de munição.  
Mais de cem bacamarteiros  
que vinheram do sertão

Mossoró em vinte e sete  
já era grande cidade.  
Linda capital do sal,  
na maior prosperidade,  
com o progresso do trem  
trazendo felicidade

Lampião tinha avisado  
que quatro horas da tarde  
atacava Mossoró.  
Disse ao bando se aguarde  
que irei as quatro em ponto  
para não bancar covarde

Eu sei que estou perdido  
mas quero fazer bonito.  
É para entrar animado  
atirando e dando grito,  
cantando “mulé-rendeira”  
num alarido perito

Um grita e outro berra  
sapateando no chão,  
dançando mulé rendeira,  
dando viva a Lampião.  
Um esturra como onça.  
Já outro como leão

Às quatro horas da tarde,  
Lampião deu a entrada  
debaixo de grande chuva,  
numa forte trovoadas,  
relâmpago de caracol  
com faísca avermelhada

Lampião e Massilon,  
cada qual pelo seu lado,  
ficaram só nas entradas  
temendo o fogo cerrado.  
Jararaca foi ao centro  
brigando entusiasmado

Ele, Sabino e Colchete  
já assombrando o povão.  
Com um tiro entre os olhos  
cai Colchete sobre o chão.  
Jararaca baleado  
nesta mesma ocasião

Alguém diz que ele foi  
socorrer o companheiro.  
Outros disseram que ele  
foi tirar jóia e dinheiro.  
Caiu no chão baleado  
e depois prisioneiro

Sabino sem eles dois  
com o resto recuou.  
Massilon sabia tudo,  
temeu e não penetrou.  
E Lampião assombrado  
a retirada tocou

No ponto determinado  
quando os cabras chegaram  
Sabino disse que dois  
bem baleados ficaram.  
Mormaço e Jararaca  
e Colchete já mataram

Lampião se preparou  
pra dar a segunda entrada,  
às onze e trinta da noite,  
nova descarga foi dada.  
Com toda fuzilaria  
só para fazer zoadas

Massilon que conhecia  
Mossoró rua por rua,  
sabia beco por beco  
até no claro da lua,  
só penetrou poucos metros  
porque a volta era crua

A segunda retirada  
Lampião tocou de novo.  
Foram todos para o rancho  
depois que juntou o povo  
disse: Eu vou pensar um pouco  
para ver o que promovo

Tratou de todos feridos.  
Deu um grito: Vamos já  
deixar este inferno negro  
partir para o Ceará,  
enquanto eu viver no mundo  
nunca mais eu venho cá

Foi recebido com festa  
na cidade Limoeiro.  
A pedido de um padre  
soltou um prisioneiro  
e os outros dois depois  
quando mandaram o dinheiro

Para os últimos reféns  
o arrocho foi cruel.  
Vinte e um contos de réis  
só pra Antônio Gurgel.  
Joaquim Moreira dez contos  
só em notas de papel

No fogo de Alto Santo  
Massilon se escapuliu  
Do bando de Lampião  
neste dia ele fugiu.  
E aqui pelo Nordeste  
nunca mais ninguém o viu

Alguém diz que Massilon  
foi esbarrar em Goiás.  
Temendo que Lampião  
tentado por satanás  
pela derrota sofrida  
com ele quebrasse a paz

No ano de vinte e sete,  
no dia 13 de junho,  
houve este grande ataque  
segundo eu li num rascunho  
em jornal do dia 14  
que ficou por testemunho

Massilon não tinha medo  
do valente Lampião  
mas como o plano foi dele  
e perderam na questão.  
Temia que Virgulino  
o pegasse à traição

Jararaca sendo preso  
foi pra sela especial.  
Bem tratado e melhorando  
depois foi para Natal  
para ser interrogado  
pelo comando geral

Queriam saber da vida  
completa de Lampião  
e todas as estratégias  
do temido capitão.  
Jararaca pouco disse  
naquela interrogação

Há uma versão que diz  
que Mormaço baleado  
foi preso e depois de dias  
pra um cemitério levado  
obrigado a cavar a cova  
que nela foi sepultado

Jararaca a Mossoró  
tornou de novo a voltar,  
o levaram para o mato  
pra sua cova cavar.  
Não houve quem obrigasse  
ele num ferro pegar

Depois de bem judiado  
disse me dê um punhal  
e venha de um a um  
armado com outro igual  
que eu mato do primeiro  
até chegar no final

Com esta dura proposta,  
Os soldados se assombraram.  
Foram todos para um lado.

Suas armas detonaram  
Foi assim na covardia  
que Jararaca mataram

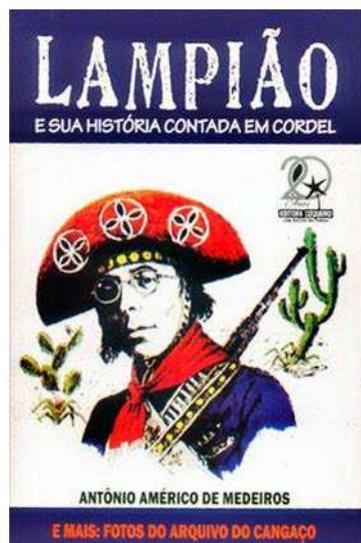
Um sargento olhou e disse:  
- Ah! Jararaca valente  
provou ao chegar no centro,  
brigando danadamente.  
Lampião ficou de longe  
com medo de vir a frente

Aqui termino o combate  
que em Mossoró se deu.  
Jararaca como herói  
considero que morreu.  
Massilon fugiu pra longe  
Nunca mais apareceu.

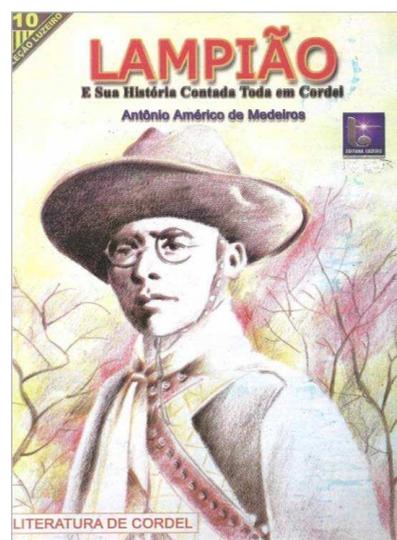
As edições desse folheto, cujas capas aqui estão apresentadas, apresentam como datas de publicação, a primeira, 1996, impressa pela Promarketing Consultoria e Popaganda, de Recife, e a segunda, 2011, da Editora Luzeiro. A edição de 1996, estruturalmente, é composta de duzentas e trinta e sete estrofes de seis versos heptassílabos e esquema rímico ABCBDB e duas setilhas – acróstico – também heptassílabas, com esquema rímico ABCBDDDB. Este folheto é anterior ao segundo folheto publicado pela Editora Luzeiro, que data do ano de 2011, que apresenta uma sextilha a menos, quando comparado ao texto da versão anterior, com um total de 236 sextilhas e 02 setilhas dedicadas ao acróstico, ambos seguindo o mesmo esquema rímico que a versão anterior. O folheto aqui transcrito é o texto da edição de 1996. Ao compararmos os textos das duas edições, constatamos que existem pequenas alterações na redação de alguns versos, sem que isto signifique alteração do sentido ou da métrica apresentada por estes. A estrofe que não consta no texto publicado pela Luzeiro localiza-se na página 40 e tem a seguinte redação:

– Só não creio em valentia  
daquele cabra cretino,  
dizer que é mais valente  
do que Antônio Silvino,  
e até hoje não vingou-se do nobre Zé Saturnino.

### Figuras – Capas do folheto



Fonte: acervo da autora



A capa da primeira edição traz como ilustração a edição de uma fotografia do cangaceiro, colorida artificialmente, e tem como ilustrador Edilson Cavalcante. Mais uma vez, aqui se repete o uso de um recurso da atualidade agregado à composição da capa do cordel, a exemplo do folheto *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró*. Cabe-nos destacar ainda que essa edição é também ilustrada com fotos de Lampião, de pessoas que fizeram parte da história dele, de um cartaz da época, que oferecia uma recompensa pela captura do cangaceiro, e das cabeças e despojos do bando por ocasião da morte de Lampião. Ainda como parte da ilustração do poema, acrescenta-se que quase todas as páginas, exceção feita à primeira e à última pá-

gina, que trazem o desenho que consta na capa, são ilustradas com xilogravuras do Mestre Dila.

A capa da segunda edição, da Editora Luzeiro, está ilustrada com uma imagem do Cangaceiro Lampião, muito próxima de uma foto de Lampião que consta na primeira página da edição de 1996, dando sequência a uma tradição presente nos folhetos do autor que partem de uma referência histórica e que correlacionam a ilustração da capa e o texto como partes que se apoiam e se confirmam na mesma história, uma vez que, também nessa vertente de sua poesia, o poeta estabelece o vínculo com o elemento histórico, uma constante que permeia quase toda a sua poesia, como forma de atribuir completude e verdade ao texto por ele composto.

Esse romance de 48 páginas pode ser considerado uma espécie de “paráfrase poética” daquele que foi o primeiro da série sobre o rei do cangaço no sertão, *A vida de Lampião: intriga, luta e cangaço*. Já nas primeiras estrofes dos textos, é possível perceber a aproximação entre as estrofes, em ambas as edições. Algumas vezes variando a ordem das estrofes e a sequência do texto, o poema chega à sua conclusão com o mesmo procedimento narrativo inicial. Entre as alterações apresentadas no texto de 1996, também encontraremos a inserção de elementos narrativos como os diálogos em discurso direto, nos quais essas figuras históricas falam diretamente ao leitor. Essa forma “híbrida” de narrar a vida de Antônio Silvino e Lampião também pode ser observada em folhetos de Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros (ABREU, 1997b). A principal diferença entre os textos está na elaboração dos acrósticos nas setilhas finais, embora, em ambos os textos, o poeta ratifique duas ideias: a afirmação de que a história é “verdadeira” e que, portanto, foi bem contada, e o enaltecimento do cangaceiro como alguém que merece “todo heroísmo”, que é “bravo e forte”, mas que foi também um “cangaceiro”, “O terror do sertão”, “O capitão Virgulino.” Lembremos que, de acordo com Abreu (1997b, p. 325), “Um ‘escritor do povo’ sabe interpretar o universo de valores,

expectativas e crenças de seu público; sabe dizer quais as possibilidades de desenvolvimento de um enredo que o tornem *verossímil* para aquele público.”

O procedimento utilizado pelo poeta, ao reescrever o seu próprio texto, revestindo-o com os recursos de uma “nova” redação para os mesmos fatos, revela, não somente o amadurecimento dos versos e da escrita poética, mas também a preocupação em presentear o público com uma história que não é nova, mas que se reveste de novos recursos para melhor ser lida e compreendida pelo leitor de seus folhetos. A postura assumida pelo poeta revela ainda que ele tem consciência dos papéis que exerce junto ao público / povo, e um deles é o de informar com seus versos, de maneira que a informação dos jornais, envolta em rimas, seja recebida e compreendida pelo leitor em qualquer tempo. Dessa forma, mais uma vez, o poeta honra o seu compromisso com o seu público.

---

### Lampião e sua história contada toda em cordel

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS

Quem desejar conhecer  
de Lampião a História.  
Foi cangaceiro famoso,  
no Cangaço teve glória,  
o título de Capitão  
ainda está em memória

A doze de fevereiro  
no Sertão pernambucano  
ano mil e novecentos  
tudo certo sem engano  
nasceu lá este menino  
dum casal bom e humano.

Pesquisei todos os livros  
da vida de Lampião.  
Juntei o que achei certo  
para versar com noção,  
a vida do cangaceiro  
que foi terror do Sertão.

Sua mãe, dona Maria  
e seu pai, José Ferreira  
lá em Passagem de Pedras,  
fazendola de primeira,  
pertencente a seu José  
e sua nobre caseira.

Na antiga Vila Bela,  
que hoje é Serra Talhada,  
lá nasceu este menino  
em uma hora agitada,  
com o nome de Virgulino  
a criança batizada.

O padre Cícero Romão  
foi seu padrinho de vela  
porque seu José Ferreira  
levou a criança bela,  
batizou-se em Juazeiro,  
data feliz foi aquela.

Virgulino e quatro manos,  
um era Antônio Ferreira.  
Ezequiel e Livino,  
João, homem de primeira  
que para ser cangaceiro,  
nunca quis esta bandeira.

Falarei nas quatro manas  
do famoso Virgulino.  
Maria, Anália e Angélica  
informo com todo tino,  
a outra era Virtuosa,  
a quem não sabe, eu ensino.

Ensinado pela mãe,  
pra padre Cícero rezava,  
chamando de meu padrinho,  
o povo se admirava.  
Fez primeira comunhão,  
tudo com fé praticava.

Em uma escola primária  
ficou no ano terceiro.  
Com doze anos de idade  
pra trabalhar de vaqueiro,  
no Sertão pernambucano,  
foi seu trabalho primeiro.

Começou como vaqueiro  
aprendeu a fazer sela,  
chapéu de couro e arreios  
feitos de sola amarela,  
courona, gibão, perneira,  
pra vender em Vila Bela.

E assim de feira em feira  
o que fazia vendia,  
nas zonas do Pajeú,  
vendendo mercadoria,  
depois com tropas de burros  
trabalhou na freguesia.

Comprou uma concertina,  
aprendeu tocar rancheira,  
samba, baião e xaxado,  
tocava em toda ribeira,  
e como era poeta,  
cantava mulé-rendeira

De sela a chapéu de couro  
era quem melhor fazia.  
Mascate e vaqueiro bom,  
tropeiro de simpatia,  
assim Virgulino era  
um grande na freguesia.

Junto a Passagem de Pedras,  
fazenda de Zé Ferreira,  
às margens do São Domingos,  
tinha a Fazenda Pedreira,  
pertencente a Saturnino,  
fazendeiro da ribeira.

Compadre de Zé Ferreira,  
era o senhor Saturnino,  
as duas mulheres primas,  
pela sorte ou o destino.  
A mulher de seu Saturno,  
madrinha de Virgulino.

Saturnino muito rico  
em dinheiro, terra e gado.  
José Ferreira, mais fraco,  
mas era considerado,  
como vizinho e compadre,  
pelo outro respeitado.

Saturnino tinha um filho,  
bom vaqueiro, inteligente,  
por nome Zé Saturnino,  
com o gabo de valente,  
querendo ser o maior  
ali naquele ambiente.

Jose Ferreira também  
tinha três filhos vaqueiros,  
o grande Antônio Ferreira,  
campeão nos marmeleiros,  
o Virgulino e Livino,  
também de corpos maneiros.

Zé Saturnino deixou  
uma vaca enchocalhada.  
Foi buscar no outro dia.  
Procurou não achou nada.  
Voltou zangado por não  
a vaca ser encontrada.

À noite chegou em casa,  
um pouco desconfiado,  
do mesmo jeito com raiva,  
não ter a vaca encontrado.  
E disse a seu Saturnino:  
–Eu estou encabojado.

– A vaca nunca saía  
do pé daquele serrote  
deixei lá enchocalhada.  
Hoje eu vi touro e garrote  
só não encontrei a vaca,  
o resto eu vi de magote.

Saturnino disse: –Zé,  
os três filhos do Ferreira  
hoje estiveram aqui  
e eu de boa maneira  
pedi que, se encontrassem,  
me trouxessem a Lavandeira.

Com isto, Zé Saturnino  
se sentiu enciumado.  
Ele vaqueiro famoso  
não ter a vaca encontrado.  
Se os Ferreira trouxessem  
não era do seu agrado.

No outro dia bem cedo,  
um caçador de mocó  
achou a vaca perdida,  
ralada de fazer dó,  
com o chocalho amassado  
e um corte no mocotó.

Quando a vaca chegou  
ralada desta maneira,  
com o chocalho amassado,  
vinha a vaca Lavandeira.  
Zé Saturnino gritou:  
– Foi os filhos do Ferreira.

Jose chamou dois capangas,  
lá no campo derrubaram  
sete vacas dos Ferreiras,  
os chocalhos amassaram  
e com esta violência  
acharam que se vingaram.

À tarde, as vacas chegaram  
com os chocalhos fechados,  
todos batidos com pedras  
e muito bem amassados.  
Virgulino e seus irmãos  
se sentiram desfeitados.

Quiseram ir se vingar,  
porém seu Zé não deixou.  
Disse: – Eu irei sozinho.  
Para Pedreira rumou.  
Ao compadre Saturnino,  
a novidade contou.

Saturnino respondeu:  
– Os seus filhos começaram,  
me derrubaram uma vaca  
e o chocalho amassaram.  
José foi com dois vaqueiros  
ao campo e se vingaram.

Mostrou a vaca ralada  
e o chocalho amassado:  
– Além de perder a cria,  
eu também fui desfeitado.  
Fica uma coisa por outra.  
Seu José ficou calado.

A família Saturnino  
e a família Ferreira,  
desta vez, se intrigaram.  
Depois conto a bagaceira.  
Ze Saturnino noivou  
com a filha de João Nogueira.

O chefe de Vila Bela  
era Cornélio Soares.  
Chamou as duas famílias,  
com diálogos populares,  
fez uma acomodação,  
levando prazer aos lares.

Na vista do Coronel  
todos prometeram paz,  
porém durou poucos dias,  
tentados por satanás,  
houve a primeira contenda,  
onde brigaram demais.

José Saturnino noivo,  
sua fazenda ajeitando  
nas terras da Maniçoba,  
fazendo a casa e brocando,  
pra casar no fim do ano,  
estava se preparando.

No ano de dezesseis,  
o casamento marcado,  
Zé Saturnino vivia  
previnido e bem armado.  
Um dia na Maniçoba,  
cedinho, foi atacado.

O chefe era Virgulino,  
e Livino, seu irmão,  
o mano Antônio Ferreira,  
rapaz forte e valentão,  
que inda tentou pegar  
Zé Saturnino de mão.

Ze Saturnino atirando,  
feriu Antônio Ferreira,  
com um tiro nas costelas,  
ele embolou na poeira,  
outro nos dedos da mão.  
Cortou dois. Arma certa.

Virgulino sustentando  
o fogo sem fracassar,  
para José Saturnino  
não acabar de matar  
seu mano Antônio Ferreira,  
no chão gemendo a rolar.

Gritava: – José Chocalho,  
você está enganado,  
saiba que sou Virgulino,  
um vaqueiro respeitado,  
no amolegar do dedo  
também sou peso-pesado.

Ele, Livino e três cabras  
no tiroteio cerrado.  
Mandou retirar Antônio  
para um riacho de lado,  
caído e perdendo sangue  
por se achar baleado.

Tinha Antônio Martírio,  
curandeiro do lugar,  
tratador de baleado,  
que garantia escapar  
quem chegasse a casa dele  
precisando se curar.

Foi Virgulino pra casa.  
A seu José avisou  
tudo que aconteceu,  
o velho se aperriou  
e disse: – A intriga agora,  
com esta, se duplicou.

– Eu irei a Nazaré  
arranjar uma morada,  
nas terras de um amigo,  
antes doutra barulhada,  
depois se vende esta terra,  
fica a questão terminada.

Quando Antônio Ferreira  
chegou em casa curado,  
já nessa nova morada,  
Virgulino preparado,  
para vingar os balaços  
que o mano tinha levado.

Virgulino e seus irmãos,  
e mais uma cabroeira,  
tocaram fogo no pasto  
das terras de João Nogueira.  
As chamas queimando tudo.  
Cerca, curral, capoeira.

Maniçoba se ardendo.  
Pastagem, cerca e curral.  
Saturnino, da Pedreira,  
correu com seu pessoal  
para acudir João Nogueira  
daquele fogo infernal.

Era no mês de agosto,  
às nove horas do dia,  
o vento soprava forte,  
Maniçoba se ardia.  
Virgulino pelo mato  
para a Pedreira corria.

Às onze horas chegaram  
sem ter homens na Pedreira.  
Todo mundo em Maniçoba  
acudindo a João Nogueira,  
nas terras de Saturnino  
foi tirana a bagaceira.

Cerca, curral, armazém.  
Queimaram tudo ligeiro.  
E Virgulino gritava  
do aceiro do terreiro:  
–São os filhos do Ferreira  
diga a José Chocalheiro.

Assim, nas duas fazendas  
foi enorme o prejuízo.  
José Saturnino disse:  
–Papai agora é preciso  
eu ir fazer a vingança.  
Dizia com ar de riso.

Saturnino combinou  
concordar com João Nogueira.  
Contrataram vinte homens  
perigosos da ribeira  
e foram pra Nazaré,  
pra casa de Zé Ferreira.

Zé Saturnino dizia:  
–Ao chegar, vamos cercar.  
Casa, curral, capoeira.  
Irei tudo incendiar.  
Quem pertencer a Ferreira  
é só pegando e matar.

Quando José Saturnino,  
da casa tomou chegada,  
Virgulino previnido,  
com sua rapaziada,  
recebeu eles na bala,  
parecia uma alvorada.

Do batalhão Saturnino,  
cinco foram baleados,  
que os Ferreira de casa  
brigavam entrincheirados.  
Zé Saturnino correu  
por não achar resultados.

Nogueiras e Saturninos  
voltaram sem solução,  
mas com apoio político  
cresceram na região.  
Zé Saturnino foi ser  
inspetor de quartelão.

José Ferreira sabendo  
da política desumana,  
mandou Virgulino ir  
para a terra alagoana.  
Arranjar outra morada  
antes do fim de semana.

Nas terras alagoanas,  
foram pra nova morada,  
lá morreu dona Maria  
por viver traumatizada.  
Na cidade Mata Grande  
a mesma foi sepultada.

Zé Saturnino sabendo  
saiu pra denunciar  
à polícia alagoana,  
para prender ou matar,  
esta família bandida  
que fugiu do seu lugar.

O alferes Zé Lucena  
lhe disse: – Deixe comigo  
que eu vou e prendo tudo,  
ou mato se houver perigo.  
Os presos mando pra lá,  
você que marque o castigo.

Avisaram a Virgulino,  
ele foi se ocultar  
na mata com os irmãos.  
Seu Zé ficou a esperar  
pra receber a polícia  
e toda história contar.

Dizer que os três rapazes  
pra Pernambuco voltaram.  
As filhas e dois meninos  
comigo agora ficaram.  
Os outros são almocreves  
com seus burros viajaram.

Mas, o alferes Lucena  
violência praticou.  
Chegou fez fogo na casa,  
seu Zé Ferreira matou.  
Prendeu João, de menor,  
e o resto ameaçou.

Disse: – Eu queria pegar  
era o tal de Virgulino,  
o brabo Antônio Ferreira,  
o perigoso Livino.  
Eu trago a ficha de todos  
dada por Zé Saturnino.

Em Mata Grande também  
seu José foi sepultado.  
E Virgulino com isto  
ficou muito aperrado.  
Foi procurar um patrão  
que lhe fizesse guardado.

Foi a Delmiro Gouveia,  
o mais forte do lugar,  
este lhe deu proteção  
e disse: – Vão trabalhar,  
nem mosquito, nem polícia,  
entra aqui pra abusar.

Quando menos esperava,  
seu Delmiro faleceu.  
Virgulino sem patrão,  
desta vez entristeceu,  
combinou com os irmãos,  
dividir o povo seu.

Levou para Juazeiro,  
as irmãs e João Ferreira,  
entregou ao padre Cícero,  
voltou quase de carreira,  
e foi procurar o bando,  
do grande Senhô Pereira.

O bando tinha dois chefes  
que tinham se aliado.  
Luiz Padre com Senhô,  
cada qual mais afamado.  
Virgulino e seus irmãos  
foi cada um contratado.

Quatro novos cangaceiros.  
O primeiro Virgulino,  
o outro Antônio Ferreira  
e o perigoso Livino.  
Ezequiel, o mais novo,  
que parecia um menino.

Logo no primeiro fogo,  
na noite da terça-feira,  
o rifle de Virgulino  
parecia uma fogueira,  
de atirar tão ligeiro,  
assombrou Senhô Pereira.

Enquanto um dava um tiro,  
ele dava dezesseis.  
Luiz Padre admirado,  
em ver tanta rapidez,  
e a volante depressa  
correu por não ter mais vez.

Vendo os tiros que saíam,  
quase todos de um lugar,  
a volante correu logo  
depois do fogo cessar,  
abraçaram Virgulino  
com elogios sem par.

Luiz Padre lhe dizia:  
– Atirar desta maneira,  
eu ainda não tinha visto.  
E também Senhô Pereira  
dizia: – O rifle do moço  
parecia uma fogueira.

– Ele atira tão ligeiro  
que não faltava clarão.  
A boca do rifle dele  
parecia um lampião.  
Foi o dedo mais ligeiro  
que vi na face do chão.

E naquele bate-papo,  
Luiz Padre combinou  
o nome de Virgulino  
naquela noite mudou  
lhe chamou de Lampião.  
Foi só chamar e pegou.

Há muitos anos atrás,  
lá em Canudos, pregado  
por Antônio Conselheiro,  
que um Rei forte e malvado  
nascia no Pernambuco,  
mandava em mais de um Estado.

E somente em trinta e oito  
este reino findará.  
Da Bahia ao Rio Grande  
nosso povo sofrerá.  
Termina tudo em Sergipe.  
O fim do reinado é lá.

Voltando pra Lampião,  
no meio da cabroeira  
com os chefes Luiz Padre,  
o outro Senhô Pereira,  
assaltando nas fazendas,  
vila, cidade e ribeira.

Luiz e Senhô Pereira  
com este bando atacavam.  
Aonde tinha dinheiro  
eles chegando tomavam.  
Lampião e os três manos  
ao grupo reforçavam.

Com os assaltos demais,  
Padre Cícero convidou  
Luiz e Senhô Pereira  
pediu e aconselhou.  
Todos dois o atenderam.  
O grupo se acabou.

Pra Goiás e Mato Grosso  
dizem que os dois rumaram,  
dispensando seus bandidos,  
assim o bando acabaram.  
Virgulino e seus irmãos  
tristonhamente ficaram.

Virgulino procurou  
Manoel Porcino e seus manos,  
outro grande cangaceiro,  
temido em todos os planos,  
que com gosto recebeu  
os irmãos pernambucanos.

Assim os irmãos Porcinos  
o seu grupo reforçaram.  
Com a vinda dos Ferreira,  
naquela época brilharam.  
Por motivo ignorado,  
o grande grupo acabaram.

Quando Manoel Porcino  
o seu grupo terminou,  
com medo de serem presos,  
Lampião se destinou  
dizendo agora eu sou chefe  
e a mandar começou.

Ele e doze cangaceiros  
saíram naquela linha.  
Como chefe, Lampião,  
que muita moral já tinha,  
e neste dia atacaram  
a cidade de Matinha.

Foi até a Água Branca,  
arrasando a redondeza,  
tomando dos fazendeiros,  
assaltou a Baronesa  
mais rica da região.  
Foi pra ele uma beleza.

No Estado alagoano,  
foi seu ataque primeiro.  
Atacou a Baronesa,  
levando jóia e dinheiro.  
Foi assim que começou  
o Lampião cangaceiro.

Na data de dois de junho  
do ano de vinte e dois,  
Lampião com seu reinado  
iniciou e compôs  
um bando pra ser temido  
como irei dizer depois.

Do Coronel Zé Rodrigues  
seis contos de réis tornou.  
Na Fazenda Olho D'Água,  
ao Coronel humilhou,  
depois achou um coiteiro.  
Seis meses não viajou.

Durante esses seis meses,  
Lampião se prevenia.  
Alpercatas de rabichos  
para seu grupo fazia.  
Com o calcanhar pra frente  
rastejar ninguém podia.

Cada cangaceiro seu  
levava um par guardado.  
No dia que precisasse,  
trocaria com cuidado  
e quem fosse rastejar  
tinha que seguir errado.

Preparou para seu uso  
Chapéu de couro estrelado,  
com seis moedas de ouro,  
que ele havia assaltado  
da Baronesa mais rica  
que houve naquele Estado.

Fez pra usar na cintura  
um cofre papo de ema  
pra guardar jóias e dinheiro  
ele inventou o sistema.  
Entre bolsa e cartucheira  
tinha quase o mesmo lema.

Depois do grande preparo,  
com seis meses viajou,  
contratou outros capangas,  
quando menos esperou  
um sargento valentão  
com sua tropa o cercou.

O Clementino Furtado,  
um sargento experiente,  
inda matou Cícero Costa,  
um cangaceiro valente,  
e baleou Lampião  
que ficou muito doente.

Foi no calcanhar esquerdo  
o Lampião baleado,  
perdendo porção de sangue,  
rolava pra outro lado.  
Meia-Noite o carregou,  
deixou no mato guardado.

Atou com uma toalha,  
aonde o sangue saía,  
e disse: – Fique escondido  
que eu vou dar garantia  
a Antônio e a Livino  
pra vê se a tropa esfria.

Quando o fogo terminou  
foram buscar Lampião,  
na Serra da Baixa Verde,  
ele arranhou um patrão,  
até ficar bom do pé  
e poder entrar em ação.

Saindo da Baixa Verde  
no outro dia atacou  
a cidade de Belmonte,  
lá o Prefeito pulou  
de cima da Prefeitura  
e da queda se acabou.

Luiz Gonzaga de Souza  
pulou do primeiro andar  
só para não dar o gosto  
de Lampião o matar.  
Lampião como vingança,  
pegou e mandou queimar.

Naquele dia em Belmonte,  
Lampião foi convidado  
para ir vingar a morte  
de um prefeito assassinado,  
na cidade de Triunfo,  
por gente do outro lado.

.O prefeito Deodato  
mataram sem precisão,  
seus parentes em Belmonte  
contrataram Lampião  
para ir vingar a morte,  
o sangue ensopou o chão.

Lampião fez a vingança  
com a maior tirania,  
gente do outro partido  
ele pegando morria.  
No fim, foi matar Quelé  
na fazenda onde vivia.

Na chegada da fazenda,  
ele avistando matou  
os dois manos de Quelé.  
Aí Quelé se espantou.  
Somente ele e dois sobrinhos  
a Lampião enfrentou.

De cima de um sótão velho  
preparado pra guerreiros,  
Quelé e os dois sobrinhos  
atingiram aos cangaceiros,  
derrubaram mais de dez  
só nos disparos primeiros.

Lampião deu um apito  
indicando retirada:  
– Quem tiver perna ligeira  
corra pra mata fechada,  
senão Quelé desta vez  
acaba minha cambada.

Desta carreira parou  
na cidade de Princesa  
esteve com Zé Pereira,  
tudo foi uma beleza.  
De Princesa foi a Souza  
atrás de tomar riqueza.

Em Souza, juntou Prefeito,  
o Delegado, o Juiz.  
Fez um quartel-general  
assaltou como bem quis.  
Voltou para Pernambuco  
com grande soma e feliz.

De volta no Pernambuco  
lá em Tapera matou  
Manoel Giló e seus praças,  
ao Pajeú arrasou  
vila, cidade e fazenda  
onde passava assaltou.

O resto de vinte e cinco  
ele ficou no Estado,  
de Pernambuco, somente,  
com seu flagelo pesado.  
Np fim do ano, num fogo,  
foi Livino assassinado.

Neste dia ele correu  
da terra pernambucana .  
temendo esta volante  
da terra paraibana  
foi procurar se esconder  
lá na terra alagoana.

No outro dia de noite,  
duas forças lhe cercaram,  
ele atirou e correu.  
As tropas se enganaram,  
atirando uma na outra,  
setenta praças mataram.

Em vinte e seis começou  
uma parte da Nação  
acusando o Presidente,  
querendo revolução.  
Criaram a Coluna Prestes  
forma de rebelião.

Sem querer, Artur Bernardes,  
neste tempo, o Presidente,  
no partido legalista  
uma parte descontente,  
chamada de revoltosos,  
com Carlos Prestes na frente.

A Coluna massacrava  
nosso partido legal.  
Doutor Floro, um legalista,  
Deputado Federal,  
convidou a Lampião,  
com todo seu pessoal.

Pra Juazeiro do Norte,  
que a Coluna esperava,  
e Juazeiro era a terra,  
que mais legalista dava,  
no mês de março a Coluna  
no Ceará penetrava.

Doutor Floro planejou,  
mandou chamar Lampião  
e tudo foi acertado  
com Padre Cícero Romão,  
pra defender Juazeiro,  
caso houvesse precisão.

Lampião disse: –Eu irei  
com Carlos Prestes brigar,  
um General do Exército  
comigo vai se topar,  
pra defender meu padrinho  
eu brigo até me acabar.

Em Juazeiro do Norte,  
quando Lampião entrou,  
no dia quatro de março,  
a cidade se abalou,  
no ano de vinte e seis  
essa cena se passou.

Foi recebido com vivas,  
se hospedou no sobrado  
de João Mendes de Oliveira,  
por padre Cícero mandado,  
ele e seus cangaceiros  
neste hotel alinhado.

Apoio, presente e festa  
cresciam pra Lampião,  
em defesa do partido  
do governo da Nação,  
passou a ser promovido  
de bandido a Capitão.

No exército brasileiro,  
pelo partido legal,  
Lampião incorporou-se  
com todo seu pessoal.  
A corporação foi feita  
pelo técnico federal.

De Capitão Virgulino  
foi recebida a patente.  
Seu mano Antônio Ferreira  
para Primeiro Tenente.  
Sabino Gomes, Segundo,  
um legalista valente.

No exército patriótico  
surgiram novos rebentos  
Luiz Pedro e Gato Bravo,  
com patentes de sargentos.  
E o restante, soldados  
legalistas de talentos.

Cinquenta e três soldados  
deste novo batalhão  
e os beatos de guerra  
do padre Cícero Romão.  
Fora trezentos romeiros  
armados de prontidão.

Lampião chamou aos seus,  
um bom fuzil entregou  
e mais trezentos cartuchos  
que Doutor Floro mandou  
para cada cangaceiro.  
Lampião se animou.

Os revoltosos sabendo  
que padre Cícero Romão  
estava bem preparado.  
O chefe era Lampião  
promovido a este fim  
de bandido a Capitão.

Os revoltosos temendo,  
Juazeiro desviaram,  
à busca do Piauí  
quase correndo rumaram,  
aí contra Lampião  
grandes boatos criaram.

O exército brasileiro  
tal título não aprovou.  
Lampião sabendo disto  
pra Pernambuco voltou.  
A vida de cangaceiro  
de novo continuou.

Atacando aos fazendeiros.  
O Governador mandou  
uma volante guerreira.  
Lampião se assombrou.  
O resto de vinte e seis,  
nem matou nem assaltou.

Aumentou em vinte e sete  
seu bando malvado e forte,  
passou pela Paraíba  
tomando e fazendo morte.  
Desta vez quebrou a cara  
no Rio Grande do Norte.

Assaltou em Cajazeiras,  
arrasou a região,  
além de ricas fazendas,  
Antenor e Poço Adão,  
entrando no Uiraúna  
levou bala de rojão.

Saindo do Uiraúna,  
apareceu Massilon  
devido intrigas e mortes  
tinha aquele mesmo dom.  
Lampião só em olhá-lo  
conheceu que ele era bom.

Gostou de Massilon Leite  
e disse: – Diga um lugar  
de comerciantes ricos  
para nós dois assaltar.  
Aí eu passo dois anos  
oculto sem viajar.

Massilon era tropeiro,  
carregava muito sal,  
lhe disse: – Tem Mossoró,  
em dinheiro é sem igual,  
a cidade tem riqueza  
muito mais “duquê” Natal.

Lampião ficou contente.  
Os dois foram planejar  
como seria o ataque  
para o esquema montar,  
perguntou quantas igrejas  
existe neste lugar.

Massilon disse tem três.  
Lampião falou ligeiro:  
– Se lá já tem igrejas  
não dar mais pra cangaceiro.  
Massilon disse sorrindo:  
–O que vale é ser guerreiro.

–Daqui até Mossoró,  
tem vilas e povoados,  
cidades e fazendeiros,  
todos vão ser saqueados,  
os lucros na Zona Oeste  
vão dar muitos resultados.

Entraram na Zona Oeste  
do Rio Grande do Norte,  
assaltando em todo canto,  
tomando e fazendo morte,  
na chegada de Apodi  
pegaram um Coronel forte.

Senhor Antônio Gurgel,  
um Coronel respeitado,  
o cangaceiro Coqueiro  
o pegou e foi levado  
para o chefe Lampião  
que vinha mais atrasado.

Lampião recebeu bem  
O Coronel escoltado.  
Disse: – O que quero é dinheiro  
que você é potentado,  
vinte e um contos de réis  
é o resgate marcado.

Lampião criou resgate  
sem achar ser covardia  
prender gente da riqueza  
e marcar uma quantia,  
como os seqüestros de hoje,  
que agora é todo dia.

Predeu Maria José,  
a mais rica de Aroeira,  
e outro ricão também  
chamado Joaquim Moreira.  
Marcou pra cada um resgate  
em moeda brasileira.

Já perto de Mossoró,  
fez uma carta e mandou  
para Rodolfo Fernandes,  
o Prefeito nem ligou,  
respondeu a Lampião:  
–Lhe esperando, eu estou.

No ano de vinte e sete,  
segundo eu li num jornal,  
no dia treze de junho  
deu-se o ataque fatal,  
às quatro horas da tarde,  
debaixo de um temporal.

Ele disse a Massilon:  
–É tolice se tentar,  
cidade com três igrejas,  
eu não posso dominar,  
como o esquema está feito  
o jeito é se arriscar.

Na carta tinha mandado  
pedir a cara quantia  
pra não entrar na cidade.  
A de Rodolfo, dizia:  
–Eu quero é que você venha.  
Hoje, amanhã, qualquer dia.

Cantando Mulé-Rendeira  
em Mossoró penetraram.  
O Jararaca e Mormaço  
os soldados balearam,  
O cangaceiro Colchete  
este depressa mataram.

Lampião se viu perdido,  
tocou logo retirada.  
Zero hora, novamente,  
deu outra segunda entrada,  
só para não ficar feio,  
porém não valeu mais nada.

Quando chegaram no rancho  
tratou dos feridos lá,  
rangindo os dentes de raiva  
deu um grito: – Vamos já!  
Conduzindo os três reféns  
partiu para o Ceará.

Pra libertar dois reféns,  
foi pago a ele o dinheiro  
no dia em que saiu  
da cidade Limoeiro,  
onde fizeram uma festa  
dando viva ao cangaceiro.

Pertinho de Alto Santo,  
uma volante o cercou,  
depois outra, novamente,  
a Lampião apertou.  
Já no terceiro combate  
do Ceará desabou.

Zangado com Moreirinha,  
governo do Ceará,  
ele correu pra Sergipe  
como na História está.  
As maiores violências  
ele praticou por lá.

Com palmatória pesada,  
rebeitava mão de gente.  
Mulher do cabelo curto,  
ferrava, diariamente,  
J. B., José Baiano,  
as letras do ferro quente.

Se intrigou com Sabino,  
a quem tinha como irmão.  
Sabino não lhe temia  
porque era valentão.  
Saiu do bando e levou  
seis cabras de Lampião.

Lampião enraivecido  
a um capanga peitou  
para ir matar Sabino  
e este se deslocou.  
Foi trabalhar com Sabino,  
covardamente o matou.

Numa época de inverno  
Lampião foi baleado,  
na Serra do Araripe,  
se achou contrariado,  
Antônio Ferreira, morto,  
tombou ali, ao seu lado.

Ficou Lampião doente.  
Os cabras desanimaram,  
vendo o seu chefe acamado,  
quase todos desabaram.  
Só ficou Ezequiel  
com seis que não desertaram.

Quando melhorou saiu  
no destino da Bahia  
travessou o São Francisco,  
já quase no fim do dia,  
só viajava de noite  
porque de dia temia.

Foi a Fazenda Gangorra  
do Coronel Petronilho  
e lhe pediu proteção,  
foi tratado como filho,  
que ainda ia doente,  
já sem dinheiro e trapilho.

Ficando bom encontrou-se  
com a tal Maria Déia,  
apaixonada por ele,  
disse na primeira estréia.  
Lampião para aceitá-la  
não tinha essa tal idéia.

Quando ela fez amor  
com Lampião, cangaceiro,  
esqueceu-se do seu marido  
Zé de Nenê, sapateiro,  
pra ser Maria Bonita  
do reinado bandoleiro.

Do reinado do cangaço,  
nasceu a filha bonita,  
a mesma foi batizada  
com o nome de Expedita.  
Ele deu a João Peneira,  
seu irmão de plano e dita.

Expedita, por seu tio,  
foi muito bem educada,  
mora em Aracaju,  
nobre senhora, casada.  
Casou com Manoel Messias,  
pessoa civilizada.

Aí outros cangaceiros  
com mulheres se juntaram,  
companheiras do cangaço  
para o bando levaram.  
E Lampião e Maria  
caladinhos aceitaram.

Lampião tomou um plano  
ao lado do povo seu.  
No Raso da Catarina  
entrou e se escondeu,  
levando muitas mulheres  
no Raso permaneceu.

Romperam de mata a dentro  
dez léguas neste deserto,  
de fera, espinho e sem água,  
deixando o grupo liberto.  
De ali passar muito tempo,  
Lampião estava certo.

Acharam uma fonte d'água,  
lá no meio do degrado,  
ali armou sua tenda.  
Disse: – Agora, estou sem medo  
do Raso da Catarina  
eu não sairei tão cedo.

Da estrada a este canto,  
deu dez léguas mais ou menos,  
eles guiaram um caminho,  
reconhecendo os terrenos.  
De dia, o guia era o sol.  
De noite, a lua e Vênus.

Para chegar a comida  
lá no seu acampamento,  
um coiteiro fornecia  
o grupo com sofrimento.  
Carregava na cabeça  
a feira do mantimento.

Aí Lampião mandava  
Corisco atacar por fora.  
Pensando ser Lampião,  
o povo dava na hora.  
Corisco pegava a grana  
e voltava sem demora.

Ele parou os ataques.  
Aí o povo dizia  
que ele estava no Raso  
a polícia quando ia,  
só procurava por perto,  
nada de vestígio via.

Volta Corisco atacar.  
O Governo aperriado.  
O Juraci Magalhães,  
Governador do Estado,  
disse: – Se estão no Raso,  
o bando agora é pegado.

Mandou ir quatro volantes  
ao Raso da Catarina.  
Foi preso logo o coiteiro,  
debaixo da disciplina,  
teve que mostrar a tenda  
do rei da carnificina

Com duas metralhadoras,  
quando a rajada cortou,  
Lampião correu com uns,  
o resto se acabou.  
Sorte, Maria Bonita  
correu com ele, escapou.

Levou sorte Volta Seca  
rolando pra outro lado,  
também escapou com outros,  
o resto foi metralhado.  
A polícia desta vez  
foi herdeira do reinado.

Jóias caras e dinheiro,  
armas boa e munição,  
objetos de valores,  
carregados do Sertão,  
as volantes foram donas.  
Perdeu tudo Lampião.

No ano de trinta e três,  
foi se fazer novamente,  
recobrar o que perdeu,  
contratar cabra valente.  
Os assaltos na Bahia  
fazia diariamente.

Chegou a sessenta homens.  
Uma estratégia criou,  
no ano de trinta e quatro,  
com esta ele endoidou  
a polícia e o Governo,  
todo mundo se assombrou.

Dividiu o grupo em três  
para fazer confusão,  
entregou um a Corisco,  
o outro era Lampião,  
e o terceiro a Moderno,  
cangaceiro valentão.

Todos três num só horário,  
em uma noite atacavam,  
três lugares diferentes,  
aí todos se assombavam,  
em nome de Lampião,  
os três ataques ficavam.

No outro dia o jornal  
deixava tudo informado,  
Lampião num só horário,  
três cantos tinha atacado,  
e o mesmo jornal dizia  
ele está endiabrado.

Ele endiabrou-se um dia  
num serviço de rodagem  
matou trinta e três cassacos,  
como fazendo vantagem,  
os baianos foram mortos  
naquele ato selvagem.

Corisco lhe deu um grito:  
– Não mate os pobres com fome.  
Lampião disse: – Se cale,  
vou matando e você some,  
amanhã pelo jornal  
vai crescer muito meu nome.

Com esta, a polícia foi  
atrás do grupo cruel,  
o cercou, ele perdeu  
o seu mano Ezequiel,  
chamado de “Ponto Fino”,  
valente em todo papel.

Era ele o último irmão  
do Capitão Virgulino.  
Já tinha perdido Antônio  
e o seu mano Livino.  
Ele desorientou-se  
como quem perde o destino.

Depois morreu padre Cícero,  
ele ficou abatido.  
Pensou em renunciar  
sua vida de bandido  
e ir para Argentina  
morar por lá, escondido.

E só não renunciou  
porque Maria Bonita  
lhe disse: – Não desanime  
atrás da morte, ou da dita,  
vamos morrer no cangaço,  
brigando e fazendo fita.

Ele lhe disse: – “Santinha”,  
eu irei lhe atender,  
estou me achando só,  
muito perto de morrer,  
a morte de meu padrinho  
me fez muito esmorecer.

Em trinta e cinco, um repórter  
entrevistou Lampião.  
Que diz de Antônio Silvino?  
Ele disse: – É um cagão,  
tão frôxo que entregou-se  
sem haver nem precisão.

–Num fogo foi baleado,  
saiu e mandou chamar  
o alferes numa casa  
disse “quero me entregar”  
Ainda hoje está preso,  
só digo para provar.

–Coisa que nunca farei.  
Nem de manhã, nem de tarde,  
não sou Antônio Silvino,  
cangaceirinho covarde,  
brigarei até morrer,  
quem me topar se aguarde.

No outro dia, em Recife,  
um repórter apareceu,  
com um jornal na cadeia,  
Antônio Silvino leu,  
teve uma raiva tão grande  
que chega o corpo tremeu.

O repórter disse: – Antônio  
fale sobre Lampião.  
Ele disse:– É um bandido,  
cretino, vil e ladrão,  
matou trinta e três cassacos  
dando ao mau gênio expansão.

–No tempo que comecei  
o Nordeste era atrasado,  
agia por minha conta  
sem ter político ao meu lado.  
Virgulino é diferente,  
vive todo apadrinhado.

–De vinte e sete até hoje,  
o seu grupo se armou,  
cada um com um fuzil,  
munição nunca faltou,  
toda dada por políticos,  
a mim, um nunca ajudou.

–Só não creio em valentia  
daquele cabra cretino,  
dizer que é mais valente  
do que Antônio Silvino,  
e até hoje não vingou-se  
do nobre Zé Saturnino.

–Zé Saturnino fez ele  
de Vila Bela correr.  
Foi ficar em Alagoas,  
a mãe dele de sofrer  
morreu lá traumatizada  
e mais coisa eu vou dizer.

–Zé Saturnino mandou  
prender aquele safado,  
a polícia alagoana  
por não ter ele encontrado  
matou seu José Ferreira,  
ele no mato ocultado.

O repórter anotou tudo  
quanto Antônio dizia,  
publicou e foi vendido,  
era a manchete do dia,  
levaram um e entregaram  
a Lampião na Bahia.

Lendo o jornal, endoidou,  
aí resolveu voltar  
às terras do Pajeú,  
Zé Saturnino pegar,  
judiar um dia todo,  
no fim, sangrar e queimar.

Zé Saturnino uma tarde  
avistou o batalhão.  
Correu e disse pra mãe:  
–Vem chegando Lampião.  
Aí trancou-se num quarto,  
a velha entrou em ação.

Lampião cercou a casa,  
gritando entusiasmado:  
–Zé Chocalho, hoje é o dia  
que você vai ser pegado,  
por Virgulino Ferreira,  
depois de morto, queimado.

A velha tomou a porta  
e gritou: – Meu afilhado,  
se é homem atire em mim,  
alveja um peito cansado,  
só não quero vê meu filho  
nunca ser assassinado.

–Você só mata José  
se matar a mim primeiro,  
atire em sua madrinha,  
se puder, mate ligeiro.  
Aí quebrou toda força  
do terrível cangaceiro.

–Tenho que pegá-lo vivo,  
pra primeiro judiar,  
depois sangro no terreiro,  
aí eu mando queimar,  
que a morte dos meus pais,  
hoje eu vim para vingar.

A velha lhe falou sério  
pegada na sua mão.  
Lampião reconheceu  
da velha a forte oração,  
aí perdoou José,  
terminou toda questão.

A velha disse pra ele:  
–Você é meu afilhado,  
como perdoou meu filho,  
que por mim vive guardado,  
enquanto eu viver, você  
nunca será derrotado.

Voltando de Pernambuco  
nada lhe aconteceu.  
Foi cercado na Bahia,  
várias vezes e venceu.  
Até chegar trinta e oito  
quando a madrinha morreu.

Virgulino em trinta e seis,  
na casa de um deputado,  
no Estado de Sergipe,  
foi com o grupo filmado,  
como “O Terror do Sertão”  
foi o filme intitulado.

Ele quando se zangava  
tinha o gênio de leão,  
se a pessoa se valesse  
do padre Cícero Romão,  
ele baixava o rancor  
e no fim dava o perdão.

O lado da caridade  
ele sempre praticava,  
gostava de dar esmola .  
à pobreza onde passava.  
Era o tipo da gilete  
pelos dois lados cortava.

Tinha Antônio Conselheiro  
há anos profetizado,  
que seria em trinta e oito,  
o final do seu reinado.  
Morreu a sua madrinha,  
o seu tempo foi chegado.

Perseguido na Bahia,  
pra Sergipe se mudou,  
lugar chamado Grotão,  
um coiteiro lhe levou.  
Ficava entre duas serras,  
onde Lampião ficou.

Ali armou sua tenda  
dizendo: – Vamos ficar,  
além de ser escondido,  
água potável a jorrar,  
perto de Porto da Folha,  
Angicos é o lugar.

Acertou com Pedro Cândido,  
um seu amigo e coiteiro,  
para fazer suas compras,  
a quem deu muito dinheiro,  
e ir deixar no Grotão,  
na tenda do cangaceiro.

Na época silenciou,  
notícia de Lampião,  
ele com sua cambada  
morando lá no Grotão,  
mandou espalhar notícias,  
ter ido pro Maranhão.

Das compras feitas por Pedro,  
todo final de semana,  
foi chamado João Bezerra,  
da polícia alagoana,  
para pegar estas compras,  
lá na terra sergipana.

Chegou, prendeu Pedro Cândido,  
coiteiro de Lampião,  
debaixo de muito arrocho,  
ele levou ao Grotão,  
João Bezerra e seus soldados  
a tenda do Capitão.

E com seis metralhadoras  
para a tenda apontaram,  
cinco e trinta da manhã,  
a rajada detonaram,  
a vinte e oito de julho  
de trinta e oito, o mataram.

Os cabras de Lampião  
inda mataram um soldado.  
O Tenente João Bezerra  
numa perna baleado,  
como o balaço foi leve,  
ele ficou apumado.

Nas rajadas foram mortos  
Enedina e Lampião,  
junto a Maria Bonita,  
tombaram mortos no chão  
e mais oito cangaceiros  
morreram ali no Grotão.

Um soldado valentão,  
chegou lá reconheceu,  
Lampião morto no chão  
deu um grito que tremeu:  
– Tenente João Bezerra,  
o cego agora morreu!

O Tenente disse: – É outro,  
você está enganado.  
Dizendo isto e tremendo,  
chorava emocionado.  
E o soldado dizendo:  
– Morrestes, cabra safado!

Quando o Tenente viu  
Lampião morto no chão  
nunca houve para um homem  
outra maior emoção,  
saber que matou o rei  
do cangaço do Sertão.

João Bezerra mandou  
preparar água com sal,  
cortar as onze cabeças,  
ali naquele local,  
pra Santana do Ipanema  
levou com seu pessoal.

Mostrando aonde passava  
lá em Maceió trataram  
de todas onze cabeças  
direitinho embalsamaram.  
Tiraram pra Salvador,  
em todo canto mostraram.

Mostraram em todas as praças  
de Salvador, da Bahia,  
no Museu Ana Rodrigues,  
com visita todo dia,  
ficaram as 11 cabeças,  
do reino da tirania.

Há poucos meses Corisco  
havia se desgostado  
com seu chefe Lampião,  
tinha outro bando criado,  
quando soube da notícia,  
ficou quase endiabrado.

Entrou lá em Alagoas  
matando gente e cortando  
as cabeças de parentes  
de João Bezerra e mandando  
a ele como um presente  
e ao mesmo desafiando.

Em Piranhas matou gente,  
tirou couro, esquitejou,  
fez manta de carne humana,  
o comércio incendiou.  
Seguiu para Mata Grande,  
o mesmo lá praticou.

Sabendo que João Bezerra  
com reforço ia chegar,  
travessou para a Bahia,  
inda querendo vingar  
a morte de Lampião.  
Matava pra se mostrar.

Polícia de todo canto,  
a pista dele pegaram.  
Cerca aqui. Cerca acolá.  
Com poucos dias mataram  
e assim em trinta oito,  
com todos dois acabaram.

Os dois chefes poderosos.  
Lampião morreu primeiro.  
Corisco tentou vingança.  
Foi morto por derradeiro.  
Houve pra esta polícia,  
promoção, festa e dinheiro.

Os cangaceiros dos bandos,  
sem os chefes, se entregaram,  
outros foram pra Goiás,  
aquela vida deixaram.  
O que foi de cangaceiro,  
desta vez, desbarataram.

Aí criaram boatos.  
Lampião não ter morrido.  
Foi só um arrumadinho  
e ele estava escondido.  
Porém foi realidade,  
vida e morte do bandido.

**A** história bem contada  
**Nos** dias de Lampião  
**Trabalho** bem pesquisado  
**O** folheto é campeão.  
**Não** podemos ocultar  
**Isto** eu fiz pra propagar  
**O** livro em toda Nação.

**A** história num cordel  
**Merece** um análise fino  
**Este** trabalho que mostra  
**Rei** do Sertão nordestino  
**Intriga** o levou a morte  
**Cangaceiro**, bravo e forte  
**O** Capitão Virgulino

## Referências

ABREU, Márcia. *Entre a oralidade e a escrita: um estudo dos folhetos de cordel nordestinos*. *E.L.O. Faro*, v.1, n. 3, 1997a. Disponível em: <https://sapiencia.ualg.pt/bitstream/10400.1/1416/1/Abreu.pdf> Acesso em: 08/06/2020.

ABREU, Márcia. Cangaceiros: história ou ficção?. In: *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997b.

ABREU, Márcia. “Então se forma a história bonita” – relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 199-218, 2004. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832004000200008](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000200008) . Acesso em: 07/05/2020.

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. 2. ed. São Paulo: Mercado das Letras, 2006.

ATHAYDE, João Martins de. *Pelêja de Romano e Inacio da Catingueira*. Recife, PE: [s.n.], 1939.

AYALA, Maria Ignez Novais. *No arranco do grito: aspectos da cantaria nordestina*. São Paulo: Ática, 1988.

AYALA, Maria Ignez Novais. Riqueza de pobre. In: *Literatura e sociedade*.V.2, nº 2, p.160-169, 1997.

BARROS, Leandro Gomes de. *Segunda peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira*. [19—]..

BARROS, Leandro Gomes de. Romano e Ignácio da Catingueira. In: *O cometa*. Recife, PE : [s.n.], 1910. 18 p.

BATISTA, Francisco da Chagas. *Cantadores e poetas populares*. Paraíba: F.C.Baptista Irmão, 1929.

BENJAMIM, Roberto. *Folkcomunicação na sociedade contemporânea*. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

BORGES, Francisca Neuma Fachine. Literatura de cordel viva no Brasil. A resistência heroica dos poetas In: *Anthropos – Revista de documentação científica de la cultura*. Nº 166-167, mayo – agosto, 1995. 148 -152.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país*. 1984.

COUTINHO FILHO, Francisco. *Violas e repentos*. 2. ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

CURRAN; Mark. A 'página editorial' do poeta. In: *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro: 12 (32), Jan./abr. 1972.

CURRAN, Mark. *Retrato do Brasil em cordel*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Ciclos temáticos na literatura de cordel*. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.

HAURÉLIO, Marco. O adeus de Antônio Américo. In: *Cordel atemporal*. 2014. Disponível em <https://marcohaurelio.blogspot.com/2014/02/o-adeus-de-antonio-americo.html>. Acesso em : 27 jun. 2020.

LEITE, José Costa. Peleja de Costa Leite com Antônio Américo. Fortaleza: Tupynanquim Editora, [19—].

LIMA, Silvino Pirauá de. *Primeira peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira*: quando Patos ainda era uma pequenina vila. [19—].

LUCENA, Damião. *Patos de todos os tempos*: a capital do sertão da Paraíba. João Pessoa: A União, 2015.

MARANHÃO, Liêdo. *O folheto popular*: sua capa e seus ilustradores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana, 1981.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.

MELO, Edvaldo Muniz de. *Um século e meio de repentos*: cultura popular nordestina. Recife: Bagaço, 1998.

MOTA, Leonardo. *Viroleiros do norte*: poesia e linguagem do sertão nordestino. 7. ed. Fortaleza: ABC Editora, 2002.

NUNES, Luiz. *Inácio da catingueira*: o gênio escravo. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura, 1979.

RIBEIRO, Lêda Tâmega. *Mito e poesia popular*. Rio de Janeiro: FUNARTE / Instituto Nacional do Folclore, 1986.

SANTOS, Luciany Aparecida Alves. o marco: uma tradição que se refaz. In: *Revista Boitatá*. Londrina, n. 10, p. 34-53, jul.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31171>. Acesso em: 10/07/2020.

SLATER, Candace. *Cordel and Canção in today's Brazil*. Latin American Research Review vol. 17 n° 3, p. 29-53. 1982.

SOBRINHO, José Alves. A viola é o templo onde eu adquiri o conhecimento. *Revue Plural Pluriel*, Paris, n.10, printemps-été. 2012. Disponível em: [http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=413:numero10-textes-et-documents&catid=36:contes-croniques-poesie&Itemid=57](http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=413:numero10-textes-et-documents&catid=36:contes-croniques-poesie&Itemid=57). Acesso em: 25 jun. 2020.

TERRA, Ruth Brito Lemos. *Memórias de lutas: literatura de folhetos do*

Nordeste (1893-1930). São Paulo: Global, 1983.

VIANA, Arievaldo. Mais um poeta que parte... *In: Acorda cordel*. 2014. Disponível em: <http://acordacordel.blogspot.com/2014/01/mais-um-poeta-que-parte.html#comment-form>. Acesso em: 27 jun. 2020.

VIANA, Arievaldo. Antônio Américo de Medeiros. *In: HAURÉLIO, Marco. Cordel atemporal: dicionário básico de autores de cordel*. Disponível em: <http://marcohaurelio.blogspot.com.br/2011/06/dicionario-basico-de-autores-de-cordel.html>. Acesso em: 27 jun. 2020.

XIDIEH, Oswaldo Elias. *Narrativas populares: estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1993.

## Livros e folhetos de Antônio Américo de Medeiros

MEDEIROS, Antônio Américo. *Patos de Major Miguel*. [19—].

MEDEIROS, Antônio Américo. *A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte*. Guarabira, PB: Tip. Pontes, [19—]. 48p.

MEDEIROS, Antônio Américo. *Segunda peleja do poeta e repentista Antônio Américo com o poeta José Costa Leite*. Campo Grande, PE: Coqueiro, [19—]. 16p.

MEDEIROS, Antônio Américo. *A vida do cangaceiro de nome Antônio Silvino*. ed. Guarabira, PB: Tip. Pontes, [19—].

MEDEIROS, Antônio Américo. *A vida do cangaceiro de nome Antônio Silvino*. Editora Queima-Bucha, [19—]

MEDEIROS, Antônio Américo. *História da Guerra de Juazeiro do Padre Cícero Romão Batista em 1914*. Recife: Editora Coqueiro, [19—].

MEDEIROS, Antônio Américo. *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró*. Recife: Editora Coqueiro, [19—].

MEDEIROS, Antônio Américo. *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró*. Editora Queima-Bucha, [19—].

MEDEIROS, Antônio Américo. *Poesias violas e repentis*. [199-]

MEDEIROS, Antônio Américo. *História completa da Cruz da Menina*. Editora Guarabira, Tipografia Fontes, 1978.

MEDEIROS, Antônio Américo. *A vida de Lampião: intriga, luta e cangaço*. 2. ed. Guarabira, PB: Tip. Pontes, 1980, 48p.

MEDEIROS, Antônio Américo. *A fada do bosque negro e a princesa Safira*. Guarabira, PB: Tip. Pontes, 1981. 48p.

MEDEIROS, Antônio Américo. *Lampião e sua história contada toda em cordel*. Recife: Promarketing Consultoria e propaganda, 1996.

MEDEIROS, Antônio Américo. *Os mestres da literatura de cordel*. Recife: Editora Coqueiro, 1999.

MEDEIROS, Antônio Américo. *Os mestres da literatura de cordel*. Mossoró: Editora Queima-Bucha, 1999.

MEDEIROS, Antônio Américo. *O marco do Sabugi*. Fundação José Augusto, 2000.

MEDEIROS, Antônio Américo. *Lampião e sua história contada toda em cordel*. São Paulo: Editora Luzeiro, 2005.

MEDEIROS, Antônio Américo. *Vida, verso e viola: andanças poéticas*. Patos: Fundação Ernani Sátiro, 2009.

MEDEIROS, Antônio Américo. *A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte*. São Paulo: Editora Luzeiro, 2009. 32p.

## **ANEXOS**

## Anexo A

Poema manuscrito, endereçado ao jornalista Cláudio Gadelha, para divulgação.

---

O cantador. Inocência gato. 1  
natural de Pau dos Ferros. R.N.  
Cantando com Antonio Américo. num  
assunto do sertão antigo. deixou a  
deixa

---

O sertão do meu passado,  
está muito diferente.

---

Antonio Américo. respondeu de improviso.

---

O sertão antigamente,  
Tinha peba e verdadeiro.  
Hoje está tudo acabado.  
até o Tejo. é marqueiro.  
Camaleão. peça a Deus.  
Deu curso. não dar dinheiro.

T. 6119/04  
C 4378

O cantador, Sérgio <sup>(2)</sup>  
Alexandre, natural de Pau  
dos Ferros, R.N. Cantando com  
Antônio Américo. deixou a deixa.

Geová. O pai dos pais,  
& autor da criação.

Antônio Américo. respondeu de improviso.

Geová. Formou Adão.  
de um barquinho amassado.  
de uma costela dele.  
Fez Eva. o seu anjo amado.  
dessa união, dele & dela.  
Homem. o primeiro pecado.

O cantador, Manoel Galisto. <sup>(3)</sup>  
natural de Augusto Severo, R.N.  
radicado em Mossoró. Cantando  
com Antônio Américo. deixou a deixa.

Para quem entende bem,  
poeta, sombra acordado.

Antônio Américo. respondeu de improviso.

O repentista inspirado. <sup>3</sup>

Sombra com a poesia.  
na vida de um bobezinho,  
doente na enfermaria.

por mãe, conhecendo a noite,  
por pai, conhecendo o dia

O cantador, Manoel Balisto. <sup>4</sup>  
Cantando com Antonio Américo. em  
1958. na Rádio Topico de Mossoró  
deixou a deixa.

---

O cantador que não cria,  
Ninze do mundo isolado.

---

Américo. se inspirou e respondeu.

---

Em meio em verso criado,  
o globo terrestre inteiro,  
a partir do Vello mundo,  
ao meu país. Brasileiro.  
Sempre a justiça da Terra.  
Toda vida Foi dinheiro.

O cantador, Severino Feitosa. <sup>5</sup>  
natural de Santa Teresinha, P.E.  
tradicado em Campina Grande.  
cantando com Antonio Américo. no  
programa Violas e Repentes. da  
Rádio Espinheiras de Patos, deixou  
a deixa.

---

Fale sobre Joana Dargue.  
Se já leu e tem lembrança

---

Américo. respondeu na Hora.

---

Joana Dargue Foi da França,  
a defensora enviada,  
depois pela mesma França.  
Foi vendida e comendada,  
e nas mãos dos inimigos,  
terminou, sendo queimada.

Deposito Feitosa. cantando (6)  
outro vez com Antonio Américo,  
na Rádio Espinheiras, deixou  
a deixa

Quem nunca andou no sertão,  
não conhece a natureza.

Antonio Américo, respondeu.

Tudo que é de beleza,  
a gente vê no sertão,  
uma oiticica pasteira,  
imitando um cararião,  
o vento empurrando o ramo,  
e o ramo, varrendo o chão.

O cantador, Deposito Feitosa. (7)  
Cantando com Antonio Américo,  
no programa Violas e presentes,  
da Rádio Espinheiras de Patos,  
no dia do Feriado de Tiradentes,  
deixou a deixa

A ideia de Tiradentes,  
depois foi vilaniosa.

Américo, respondeu dentro da História.

No largo da Lampadosa,  
Tendo Jesus não quis,  
enfocaram Tiradentes,  
que se julgava. Feliz  
morrer pela liberdade,  
que precisava o país.

O grande cantador. (8)  
Manoel Diomísio Filho, nome de  
guerra, Banelinha, natural de  
Patos, radicado em Minas Gerais.  
Cantando com Antônio Américo.  
deixou a deixa.

Amor palavra inspirada.  
na canção do trovador.

Américo. se inspirou, e compôs.

Quatro letras tem amor.  
O A. indica amizade.  
O M. moral ardente.  
O Ó. oprime vaidade.  
O R. ramos da vida.  
da ignora da Humanidade.

O cantador, Manoel Francisco. (9)  
natural de Seivramento Pb.  
Cantando no programa. Violas e  
repentes. da Rádio Espíndaras  
de Patos. com Antônio Américo.  
deixou a deixa. ..

A natureza também.  
castiga a Humanidade.

Américo. completou o castigo. Veja.

Da Força da tempestade.  
perigosos Furacões.  
revolta dos oceanos.  
terremotos e vulcões.  
se encontra a natureza.  
sepultando as multidões.

O Cantador, Manoel Francisco. (10)  
Cantando com Antonio Américo, na  
Cidade de Santo Lourenço, Pto. quando  
Chegaran dois gradistas, na cantoria,  
Nêgo Arnigio, e Quintino, Antonio  
Américo, começou a Falar nas grandes  
convidos, nos bons, cavalos, nos  
gradistas, Manoel, deixou a deixa

Parece que meu colega,  
já foi filho de grado.

Américo, falou em outra grande  
convida do passado, e respondeu.

O Daia Velha, afamado,  
de guncos do serido,  
foi conper com Arrião,  
Fracassou de fazer dō,  
dessa vez perdeu a fama,  
que tinha no mocotō.

ai os 2 gradistas pagaram bem.

O Cantador, Manoel Francisco. (11)  
Cantando com Antonio Américo,  
deixou a deixa.

Quando há seca no sertão  
deixa a pobreza arrazada

Américo, sentiu no peito e respondeu.

<sup>11</sup>  
masci na seca malhada,  
do triste ano de trinta.

Trinta e um e trinta e dois.

Foram secos, não desminta.

Trinta e três, escasso e fraco.

no livro, das secas pinta.

12  
O cantador. Manoel Francisco.  
natural de Girnamento. P.B.  
radicado em Patos. Cantando com  
Antonio Americo, no programa. Violas  
& repentes. da Rádio Espiridões  
de Patos. deixou a deixa.

Sextilha vale dinheiro.  
de Fôr. de um bom cantador.

Americo, respondeu de improviso,  
Sextilha copiado do gravador da  
Rádio.

12  
Cada pessoa, é uma flor.  
Cada flor, é um estado.  
Cada estado, um terreno.  
Cada terreno, um tratado.  
Cada tratado, um artigo.  
Cada artigo, um atestado.

O cantador. Agostinho Lopes. 13  
dos Santos. natural de São José  
do Egito. P.E. radicado em  
Baruaria. Cantando com Antonio  
Americo. em João Pessoa. deixou  
a deixa

Americo, respondeu Valendo.

a deixa de Agostinho. Foi esta

Viola tem cinco letras.  
& cada qual me consola.

13  
Cinco letras. Tem viola.  
O V. é da vibração.  
O I. indica instrumento  
O, origem do baio.  
O L. louros triunfos.  
O A. autorizações.

O cantador. Agostinho Lopes <sup>14</sup>  
dos Santos. cantando com Antonio  
Americo. em Recife deixou a  
deixa.

O cantador é um passarinho.  
que todos os dias canta.

Americo. respondeu.

<sup>14</sup> Quem me deu a vida santa.  
que possui a Anaxonga.  
além de cantar bonito.  
Tem mais uma vida longa.  
Come e vive na Floresta.  
sem precisar pagar comga.

O cantador. Femelem Dantas. <sup>15</sup>  
natural de São Mamede. P.R.  
radicado em São Paulo.  
Cantando com Antonio Americo.  
deixou a deixa.

O cantador. inspirado.  
descobre tudo cantando.

Americo. respondeu. inspirado.

<sup>15</sup> Como quem está somnando.  
vejo com meu ideal.  
um potô. tão pequenino.  
com o mijo. Fazer mal.  
levar um Homem tão grande.  
a cama do Hospital.

O cantador. Femelem <sup>16</sup>  
Dantos. cantando com Antonio  
Americo. no programa Violas  
& Repentes. da Rádio Espiritual  
de Patos. deixou a deixa

a natureza é tão grande,  
que a quem não sabe ensina.

Americo. respondeu comito.

A natureza <sup>16</sup> é divina.  
desde o tempo de Deus pai.  
que nos animais Felideos.  
uma coisa que não cai.  
o Gato. Sai de três côres.  
porém o Gato. não sai.

O cantador. que eu considerava <sup>17</sup>  
um gênio. que foi. Manoel Leudic.  
natural de Pilar. PE. radicado  
em Cappina. P.E. Cantando com  
Antonio Americo. em João Pessoa.  
deixou a deixa

Se sabe a vida dos santos.  
diga agora em cantoria.

Americo. Fez comito. dizendo  
assim na resposta

Jesus Filho de Maria. <sup>17</sup>  
Maria. Filha de Ana.  
Ana. Filha de Amarias.  
O avô. da Soberana.  
& bisavô. de Jesus.  
Salvador. da raça Humana.

O cantador, banríotimero, <sup>18</sup>  
natural de Taperoó, Pb.  
radicado em Campina Grande.  
cantando com Antonio Américo,  
em João Pessoa, deixou a deixa.

O beijo Flôr, para mim,  
tem um mistério de amor.

Américo, se inspirou com o Beijo  
Flôr, e respondeu na hora.

<sup>18</sup>  
Sabemos que o beijo Flôr,  
é muito capacitoso.  
vôo contra o gravidade,  
& colhe um mel saboroso.  
Como que seja um dos domos,  
do jardim do poderoso.

O cantador, banríotimero, <sup>19</sup>  
cantando com Antonio Américo,  
em João Pessoa, quando chegou  
na cantoria, o repentista Louival  
Batista, ai banríoto, deixou a  
deixa

Louival além de amigo,  
é meu grande repentista.

Antonio Américo, respondeu

<sup>19</sup>  
Quando Louival Batista,  
com trinta e seis de idade,  
cantava o mundo dos versos,  
com aquela facilidade,  
em todo canto que ia,  
cantar era novidade.

O nobre cantadôr, João <sup>20</sup> da Silveira, natural de Guarabira. Pl. radicado em Campina grande. Cantando com Antonio Américo, na Rádio Tabajara de João Pessoa. deixou a deixa.

Maio é o mês de Maria  
que inspira aos trovadôres.

Américo, respondeu inspirado.

É <sup>20</sup> Maio o mês das Flôres,  
em meu querido sertão,  
a Campina se parece,  
o jardim da criação,  
as abéllhas, tem ciúme  
das Flôres, que caem chão.

O cantadôr, José Barbosa, <sup>21</sup>  
natural de Santa Genésia do Sabugi,  
Pl. radicado em Recife, nome de  
guerra, Penha Preta. Cantando com  
Antonio Américo, em Santa Genésia,  
elogiando um marchante de boi.  
Conhecido por João Henrique,  
deixou a deixa.

Comfiando em João Henrique,  
bem cedo eu comprei Fiado.

Américo, completou o elogio. Assim.

João Henrique, matou gado,  
vendeu carne, osso & couro,  
mocotó, Filé, miúdo,  
com isto, arranjou o ouro,  
não faz questão, repartir,  
com nós dois, o seu tesouro.

o cantador, Bira Tomato, natural  
de Queimadas, P.R., radicado em  
Patos - P.R., cantando com Antonio  
Américo, na semana da morte  
do presidente Tancredo Neves, no  
programa Víctas e presentes, da  
Rádio Espíndras de Patos,  
deixou a deixa.

Com a morte de Tancredo,  
nosso país, entulou-se.

Américo, mexeu com 3 presidentes,  
para dar, a resposta bonita

12 Getúlio, suicidou-se.  
ninguém não sabe as razões.  
Bastelo Branco, morreu,  
de acidente. Há pessoas,  
duras, é dizer que Tancredo,  
morreu, das operações.

o cantador, Bira Tomato, 23  
cantando com Antonio Américo, na  
Rádio Itatiungo, de Patos, P.R.,  
deixou a deixa.

Antonio Américo, respondeu: Bonito.

recordar só tem vantagem,  
se for coisa de valia

veja a resposta do Américo

Ainda recordo o dia,  
Feliz que eu me casei,  
aquela lua de mel,  
que tantas noites gozei,  
Foi bom, que só a poupança,  
no tempo de José Sarney.

O cantador, e cordelista. (24)  
Benedito Borges da Silva,  
natural de Timbaúba. P.E.  
Cantando com Antonio Américo,  
em Itambé P.E. deixou a deixo.

---

Cinco garrafas de vinho.  
Seis litros de aguardente.

---

Américo, respondeu contando de um  
a seis, sextilha copiada do Fito  
de um gravador, que gravava a  
cantoria.

---

<sup>24</sup> um poeta inteligente,  
dois, anúncios de jornal,  
três, locutores falando,  
quatro, intelectuais,  
cinco, quadras de lirismo,  
seis, versos sentimentais.

O cantador, Benedito Alves. (25)  
nome de guerra, Benedito Benedito,  
natural de Patos. P.B. Cantando em  
bozemas, um dezassis em sextilhas,  
deixou a deixo, para Antonio Américo.

---

Américo tirou Codeço,  
no estado do Ceará

---

Américo, respondeu no duro.

---

<sup>25</sup> Ao povo eu digo jó,  
qual a sua profissão,  
vive de vender maconha,  
o Tarado e o ladrão,  
aprendeu quando fez parte,  
de uma gangue em Maranhão.

o cantador, Vicente Grangeiro. (96)  
natural de Mato Grande, A.L.  
radicado em Fortaleza. Ceará,  
cantando com Antonio Américo,  
no bairro da Torre em João Pessoa,  
elogiando um senhor, conhecido  
por Alcântara, deixou a deixa.

Para pagar a nós dois,  
Alcântara já vem chegando.

Américo, completou o elogio.

Alcântara está nos pagando,  
por não gostar de massada,  
peço que não tire Trôco,  
que Trôco não vale nada.  
Cantador é como padre,  
Nipe de pomba doada.

o cantador, Francisco Exaristo. (97)  
natural de Uiraúma, P.B., radicado  
em João Pessoa. Cantando com Antonio  
Américo, na Praia de Tambauí,  
deixou a deixa.

A praia atrai o Turista,  
e o povo interiorano.

Américo, respondeu bonito.

quem chega no oceano, ?  
e Fico de atalaia,

olhando o gigante verde,

Com seu nonjão de bambraia:  
e a água batendo a Chopa,  
do pol. na beira da praia,

---

O cantador, e cordelista. (98)  
Sebastião José do Nascimento,  
natural de Pilar. P.B., radicado  
em goa Pessoa, cantando com  
Antonio Américo. deixou a deixa,

---

Se conhece a nossa vida,  
vamos cantar em repente.

---

Américo, respondeu na Hora.

---

A vida da nossa gente. <sup>22</sup>  
Começo desde a partida,  
Todo dia nasce e morre,  
já é coisa conhecida  
a dinamite, do monte,  
quebrando as pedras da vida,

---

O cantador, Estrelimbo. (99)  
natural de Queimadas. P.B.  
radicado em Campina Grande,  
cantando com Antonio Américo,  
deixou a deixa. . . .

---

Vamos decantar o mundo,  
do passado, ao Futuro.

---

Américo, se inspirou e respondeu.

---

Deus fez o mundo seguro. <sup>29</sup>  
já vi, que Trabalho Caro,  
água, terra, e Firmamento,  
muito escuro, e dia claro,  
e nem uma, destas peças,  
nunca, precisam reparo.

o renomado cantador. (30)  
Pedro Bandeira, natural de  
São José de Piranhas. Pb.  
radicado em Juazeiro do Norte. Br.  
cantando com Antonio Américo, em  
Juazeiro do Norte. na Rádio  
Progresso. deixou a deixa.

quem canta sertão comigo,  
tem que ir abrindo estrada.

Vejo a grande resposta, do Américo

Sertão. Terra acidentada. <sup>30</sup>  
onde tem mandacari,  
gandaira & tataira.  
mosquito, enxui, enxui,  
gati, Tubirã, & Rajada.  
Sanharrão, & Capuxi.

o cantador. Expedito Sobrinho. (31)  
natural do Ceará, radicado em  
Juazeiras. Cantando com Antonio  
Américo, em baruaris. deixou  
a deixa.

Quem não tem Fé em Jesus,  
é Fraco que só Turmê.

Américo, respondeu inspirado.

Coisa difícil é a Fé. <sup>31</sup>  
pra quem sabe analisar.  
Jesus andou sobre as águas,  
sem o seu pé afundar.  
eu, nunca andei & nem ando,  
porque minha Fé não dar.

---

O respeitado Cantador. (32)  
Geraldo Amâncio. natural de  
bedro. br. radicado em  
Fontalês. Cantando com  
Antônio Américo. deixou a deixa.

---

Ésto Todo é do Tempo.  
de Romano do Teixeira.

---

Américo. se sentindo criticado.  
respondeu dando a resposta

---

A Todo é de primeira, <sup>32</sup>  
de Romano. gostou dela.  
Pirauá. Jô Duda. e Pinto.  
Todos três. cantaram nela.  
só você. sem me dizer.  
que a Todo. não é bela.

---

O Cantador. Justo Amorim. (33)  
natural de Serra Talhada.  
P.E. cantando com Antônio  
Américo. no Vale do Jogaquibre.  
beirão. deixou a deixa.

---

O Vale do Jogaquibre  
se parece o Pantanal.

---

Américo. respondeu. na Hora.

---

É belo o carnaval. <sup>33</sup>  
do Terro. Jogaquibano.  
Com os lindos. Cataventos.  
sete dias do semana.  
aguardo os laranjeiros.  
Caxim-elefante. e casa.

O cantador, Justo Amorim. (34)  
cantando com Antonio Américo.  
na Rádio Tapuis de Moossoró.  
deixou a deixo.

---

A salvação Humana.  
tem muito coisa guardada.

---

vêja a resposta do Américo.

---

<sup>34</sup> morre uma abelha afogada,  
quando boiando aparece.  
de tira e cobre de cinza  
igual a força de prece  
bate as asas. e sai voando  
quem nunca viu. descomrece.

---

O cantador, Juremal (35)  
Evangelista. natural de Picui. Pb.  
radicado. no Pará. cantando com  
Antonio Américo. em 1955. em São  
Bento. Pb. deixou a deixo.

---

Você tem que respeitar-me.  
porque sou um campeão.

---

Américo. respondeu bonito.

---

<sup>35</sup>  
Dos Filhos da profissão,  
deu Dimas, um personagem.  
Pinto Velho, nosso mestre,  
e Zomê, na coragem,  
bancão, para escrever bem,  
e você, na sabedoria.

O Cantador, Juvenal Evangelista. <sup>36</sup>  
Cantando com Antonio Américo,  
também em São Bento, para  
uma turma de pedreiros, no  
mesmo ano de 1955 deixou  
a deixa

Saudade tem tanta coisa,  
que ninguém canta a metade.

Américo manifestou-se, e respondeu,  
na vista de outros repentistas, que  
estavam no cantório, veja bem.

Esta palavra Saudade, <sup>36</sup>  
só existe em português,  
criada por São Duarte,  
em Dei do ano, e do mês,  
tudo isto, são lições,  
que não servir pra você.

O Cantador, Juvenal Evangelista. <sup>37</sup>  
Cantando com Antonio Américo, no  
programa, Violas e Repentes, do  
rádio Espinheiras de Patos, PB,  
em um assunto de vaqueiro,  
deixou a deixa.

O Vaqueiro é um Herói,  
quando morre é esquecido.

Américo, deu a resposta bromita,

O Vaqueiro destimido, <sup>37</sup>  
não vê, o que vai fazendo,  
quem marca o canto é o boi,  
também não vai escolhendo,  
onde ninguém passa a pé,  
um vaqueiro passa correndo.

O cantador, Severino Feitosa, (38)  
natural de Santa Teresinha, P.E.  
radicado em Patos, PB, cantando com  
Antônio Américo, deixou a deixo, em  
uma cantoria de pé de parede em Patos.

Chegou outro repentista,  
jardineiro destas plantas.

Américo, completou com esta sextilha.

Chegou o Fênelon Dantas, <sup>38</sup>  
um repentista de país,  
porem, pra carregar moço,  
é ele, e carro de moço,  
o carro, cobra dinheiro,  
ele, carrega de graça.

Severino Feitosa, mudou-se para  
Campina Grande, é radicado na  
Rainha da Borborema,

O cantador, Anastácio Basílio, (39)  
natural de Patos, PB, radicado em  
Campina Grande, cantando em Patos.  
Falando na boemia, com Antônio  
Américo deixou a deixo.

São os prazeres banais,  
do tempo da mocidade.

Américo, respondeu no lado do  
sentimento, da vida banal, disse

Os boêmios da cidade, <sup>39</sup>  
defloram as inocentes,  
só Jesus conhece as dores,  
destes pais, impacientes,  
sabendo que as Filhas foram,  
vítimas, de négras serpentes.

---

O grande e nobre cantador. (40)  
José Soares do Nascimento.  
natural de Baruaric P.E. cantando  
com Antonio Américo. em Simoesiro P.E.  
deixou a deixa.

---

Se eu mexer no que li.  
você cai logo em fracasso.

---

Américo. ainda era um cantador  
moço. porém não se intimidou  
com o velho mestre. e respondeu.

---

toda repente que faço. 40  
tem traço de um episódio.  
daquêles dias passados.  
de Valdivino e Loustódio.  
época que o tempo da ira.  
passou por cima do ódio.

---

---

O cantador. Alcides Tenório. (41)  
natural de Afogados de Ingazeiras.  
P.E. cantando com Antonio Américo.  
Sempre querendo de papão. deixou  
a deixa.

---

Cantador do Rio grande.  
não pode ser folclorista.

---

Américo. deu a resposta se  
referindo a Encílio Pimbreiro.  
o maior cantador do Rio grande do  
Norte. no seu tempo. respondeu.

---

Apenas. Sou repentista. 42  
do solo riograndense.  
lá da terra de Encílio.  
que só o nome inda vence.  
Cantador do Pajeú.  
Sergipano e Clareense.

---

---

O Cantador, Antonio Mota. <sup>42</sup>  
natural de Batole do Rocha.  
Nadado em São Bento, P.B.  
Cantando com Antonio Américo.  
em uma festa de renovação  
de Santo Antonio. o dono da casa  
era um professor, que também  
se chamava Antonio. ai  
Mota deixou a deixo.

---

Aqui tem tudo de bom.  
no nosso Festival Campônio.  
Américo, respondeu, na Hora.

---

Aqui tem mais de um Antonio,  
cada qual, com seu valor. <sup>42</sup>  
Santo Antonio, padroeiro,  
desta terra, e defensor.  
dois, Antonio cantadores.  
um Antonio professor.

---

O Cantador, José Alves Sobrinho. <sup>43</sup>  
natural de Picui, P.B. nadado  
em Campina Grande, P.B. Foi um  
dos maiores cantadores, de todos  
os tempos, até 1959 quando deixou  
de cantar por motivo de ter  
desafinado a voz. Cantando uma  
vez em Recife, com Antonio Américo.  
deixou a deixo.

---

quem batalha com José,  
está com um Leão de Frente.  
Américo, se inspirou e respondeu.

---

Nada vale ser valente. <sup>43</sup>  
qualquer um ser, se líquido,  
o Leão, é rei das selvas.  
Fera valente e tímida.  
Basta uma cobra, o morder  
pra ele tombar sem vida.

José Alves Sobrinho. (44)  
de outra vez cantando com  
Antônio Américo, em João Pessoa,  
deixou a deixa.

A você é sertanejo.  
dê uma demonstração.

Américo, que era filho do sertão,  
respondeu para o grande cantador.

Quando alguém fala em sertão,  
me chega saudade um mês,  
das montes de Farinhadão,  
um dia, dois, até seis. 44  
da brincadeira de anel,  
e o casamento francês.

O cantador, José Alves (45)  
Sobrinho, na última viagem  
que fez no sertão, como cantador,  
veio tirar 4 cantorias com Antônio  
Américo, uma em Patos, outra em  
Tomboal, outra em Malta e a última  
em Bonfado, Pr. Sentindo o fracasso  
do voz, deixou a deixa.

Não sei como me separe,  
de Viola e Cantoria.

Américo, respondeu ao grande  
José Alves Sobrinho, assim.

Quem cultiva a poesia, 45  
tendo consciência adora,  
porque é a luz da vida,  
que pra mim trouxe melhora,  
é meu lar de distração,  
minha proça e minha flora.

José Alves Sobrinho, que (136)  
era aquele famoso cantador,  
& tinha um temperamento  
sentimental, respondeu para  
Antonio Américo, assim

Já contemplei uma aurora,  
que você não contemplou.

Pequenos dias felizes. 46

O seu criado passou,  
tudo quanto eu merecia,  
com pouco tempo chegou.

Estas duas sextilhas, foram  
copiadas do gravador de  
Raimundo Bondeiro, que  
estava gravando a cantoria.

O cantador, João Pereira  
de Lima, natural de Patos, PB, (137)  
cantando com Antonio Américo, em  
uma festa em Patos, feita para  
os ex-combatentes, Pereira,  
deixou a deixa

em uma homenagem justa,  
para os ex-combatentes.

Américo, inspirou-PB & respondeu,

Estes, que estão presentes, 137  
são pessoas conhecidas,

Heróis, da segunda guerra,  
com outras nações unidas,  
derrotaram a Alemanha,  
arriscando as suas vidas,

João Severo de Lima, (48)  
cantando com Antônio Américo, na  
noite Folclórica, da Festa  
universitária de Patos, PB,  
deixou a deixa.

Cantar é um dom divino,  
que todo mundo não tem.

Américo, respondeu.

Cantador pra cantar bem,  
três coisas tem que fazer,  
primeiro tocar viola, 48  
segundo gostar de ler,  
terceiro cantar com estilo,  
pra o povo compreender.

Esta sextilha foi copiada do  
gravador da festa.

O cantador, João Severo de  
Lima, cantando com Antônio  
Américo, no programa Violas  
& repentistas, da Rádio Espinheiras  
de Patos, deixou a deixa. (49)

A maturação é tão bela,  
que nela só há beleza.

Américo, respondeu na hora

A palavra maturação, 49  
de oito letras, composta,  
por ser bonita e poética,  
sempre o repentista gosta,  
cantador não falar nela,  
eu faço até, uma aposta,

O Cantador, Jorge Viana, <sup>50</sup>  
nome de guerra José Batista,  
natural de Patos, P.B. Fundador  
do programa. Viola e repentes.  
do Rádio Espíndaras de Patos,  
com Antônio Américo, em 1960.  
em um dos programas do rádio  
deixou a deixa.

O Cantador que não sombra,  
nunca descobre roteiros.

Américo, respondeu bonito.

Antônio Américo Medeiros, <sup>50</sup>  
tudo quanto vê, anota,  
a Ticão, branca e preta,  
vive do mata pra grotá,  
leva sol, chuva, e sereno,  
e a sua côr, não desbota.

O Cantador, Encílio Pinheiro, <sup>51</sup>  
natural de Alexandria, R.N,  
radicado em Taboão do Norte,  
Beari. Foi o maior Cantador do  
Rio Grande do Norte, no seu  
tempo, até 9 de Abril de 1958  
quando faleceu nesta data,  
quando vivia cantando com,  
Antônio Américo, deixou a deixa.

Diz a lenda que o macaco,  
já foi gente no passado.

Américo, respondeu, a Encílio.

O Homem pra ser Formado, se  
passa anos, no estudo,  
um macaco, em cativeiro,  
em um mês, aprende tudo,  
não fala, mas, põe o cemo,  
conversa em forma de mudo.

O cantador, Raimundo  
Ananda Batista, nome de  
Guerra. Anudinha Batista,  
natural de Teixeira, Pb.  
Cantando com Antonio Américo,  
deixou a deixa.

Na caminhada do tempo,  
quem não tem cuidado Niza.

Américo, respondeu com uma  
das maiores sextilhas, que ele fez  
de improviso, em toda sua vida

52  
No tempo, dar e tirar,  
jôr tudo, que já compôs.  
Basta nê, quem foi Garrincha,  
até em sessenta e dois.  
O tempo, fez dêle um gêmio,  
para liquidar depois.

O cantador, Josué Alves <sup>53</sup>  
da brig. natural de poraria,  
Pb, radicado em Campina Grande.  
Cantando com Antonio Américo, em  
1956, já velho, cansado, sem  
quase nada de saldo da profissão  
deixou a deixa.

Cantador termina pobre,  
Chorando o seu desengano.

Américo, respondeu, para Josué,  
Falando em outro Josué, veja

53  
O Josué de Romano,  
repentista e seu Xará,  
Foi cantar no Amazonas,  
no Acre, e no Pará,  
Chegou, comprou terra e gado,  
com o que ganhou jôr lá.

---

Josué Alves da Cruz. (54)  
que foi um cantador renomado.  
é um dos maiores do seu tempo.  
deu a resposta sobre o outro  
Josué de Romano. veja...

---

voê diz que meu Xará.  
com cantigo enriqueceu.  
fazenda de gado dele. 54  
cantador, não conheceu.  
sei que dá tuberculose.  
muito cedo faleceu.

---

resposta de quem sabia.  
josué da Cruz. Foi um  
dos grandes. Em digo  
porque cantei com ele.  
assim, Antônio Américo.

---

O cantador, Jilão Veríssimo. (55)  
nome de guerra. Patativo.  
natural de Patos, PB. Foi radicado  
em Campina Grande quando cantava  
na Rádio Borbonema. ai foi para  
Natal cantar com Chico Traira.  
na Rádio Rural. em um destes  
programas da Rural. cantando  
com Antônio Américo. deixou a deixa.

---

quer vêr o que é sofrer.  
receber uma ingratidão.

---

Américo. dentro do assunto. disse.

---

A maior contradição. 55  
é amar. sem ser amado.  
é querer quem não lhe quer.  
é prezar. sem ser prezado.  
o fim de quem ama assim.  
é morrer. abandonado.

O cantador, & bordelista, 56  
Manoel Basilio de Lima,  
natural de Patos, P.B., radicado  
em Belo Jardim, P.E. Cantando com  
Antonio Américo, deixou a deixa,  
em uma cantoria de pé de parede.

---

Aqui tem moça noendo,  
que só rato em batateira.

---

Américo, respondeu bonito.

---

A moça com nozeira, 56  
Chora, teima, & se intriga,  
Fica desorientada,  
Come pouco & perde amiga,  
Pilhereia & Fica Fina,  
& por qualquer coisa briga

O cantador, Santino Luiz, 57  
natural de Santa Luzia do Sul,  
P.B., radicado em Campina Grande,  
Cantando com Antonio Américo, em  
assunto de amor, deixou a deixa.

---

Toda questão de amor,  
tem uma finalidade.

---

Américo, respondeu,

---

por causa de amizade, 57  
o crente, desobedece,  
o pai despeza seus Filhos,  
a esposa desaparece,  
nosaz bra sem querer,  
moça pensada endoidece.

---

O cantador, gonê moto Primeiro. <sup>58</sup>  
natural de Boa Viagem, Ceará,  
radicado em Fortaleza. Cantando  
um desafio em sextilha, com  
Antônio Américo, deixou a deixa.

---

Cantador, do Rio Grande,  
é Cavalo da menor sela.

---

Américo, deu a volta por cima  
& respondeu, arrazando.

---

Você Hoje se desmaneta. <sup>58</sup>  
quando vimber me selar,  
eu tomo a sela & lhe selo,  
& depois que terminar,  
você vai ficar de quatro,  
para eu poder me montar.

---

O cantador, Clodomiro Paes. <sup>59</sup>  
natural de São José do Egito, P.E.  
radicado em São Pessoa, Cantando  
com Antônio Américo, no Rádio Apopua,  
de São Pessoa, por motivo de Antônio  
Américo, ser natural de São João do  
Salvador, alto sertão, deixou a deixa.

---

Minha Terra é São José,  
& a sua é São João.

---

Américo, lembrou o sertão & respondeu.

---

Sertão, meu velho sertão. <sup>59</sup>  
que fui nascido & criado,  
tomando bombo em aqude,  
& comendo atrás de gado,  
comendo queijo & Coalhada,  
melancia & milho arado.

O Cantador, Francisco <sup>(60)</sup>  
Fabrício de Oliveira, nome de  
guerra. Chico Pedro, natural  
de Jardim de Piranhas, R.N.,  
radicado em Mossoró, R.N.  
Cantando com Antônio Américo, no  
assunto: da morte, deixou a  
deixa.

Até Loampião Tenner,  
a morte de Foice armada.

Antônio Américo, respondeu.

A morte é tão descarada, <sup>60</sup>  
que mata uma donzeta  
alva, decente e risonda,  
nobre, educa e bela,  
e deixa uma negra falsa,  
avoregueira, que só cadela.

O Cantador, Apolônio Belo, <sup>(61)</sup>  
natural de Vicosa, A.L., cantando  
com Antônio Américo, em Recife, P.E.,  
deixou a deixa.

Vamos cantar o sertão,  
com tudo quanto ele cria.

Américo, lembrou o sertão, e respondeu.

O Têtu é um nigio, <sup>61</sup>  
ativamente cismado,  
que qualquer hora da noite,  
só se encontra ele acordado,  
& numa arvore também,  
ninguém nunca viu preso.

O Cantador, Sebastião Dias. (57)  
natural de Ouro Branco, R.N.  
radicado em Talina, P.E.  
Cantando com Antônio Américo, na casa  
de um senhor, conhecido por Pedro  
Blico, deixou a deita.

Nós vamos fazer a festa,  
melhor de todo sertão.

Américo, deu a resposta assim.

Em rim com Sebastião. (62)  
Cantar para Pedro Blico,  
que Pedro quer dizer Pedro,  
& Blico quer dizer Tico  
em Troco o T. pelo R.  
para deixar Pedro Rico.

O Cantador, Antônio Moreno. (58)  
natural de Toperoá, P.B. Cantando  
com Antônio Américo, deixou a deita.

É junho o mês dos balões,  
dos Fogos & das fogueiras.

Américo, se inspirou das Fogueiras, & disse,  
como mês.

É junho, o mês das Fogueiras. (63)  
de São Pedro, & São João,  
São João, precursor de Brito,  
do Deserto ao Jordão,  
São Pedro, é o pescador,  
que se chamava Simão.

Antonio Américo. Glosando (54)  
em Bojazeiras, P.R. numa bancada  
de oito postos. um jornalista deu um  
tema. só de um timbre. Veja o Tema  
Governadores Gerais.

Quando glosaram cinco postos neste  
tema. Antonio era o seis. ai disse.

Quando Dão João Terceiro,  
a Dão Manoel sucedeu.  
A Martin Afonso, deu. 64  
Anos, poder e dinheiro.  
Que no Pais Brasileiro.  
Com todas ordens reais.  
Chegou trabalhou demais.  
Crisou as Capitãncias.  
& logo com poucos dias.  
Governadores Gerais.

ai todos repentistas, applaudiram  
& disseram neste tema ninguém glosa  
mais. Américo já disse tudo. ai foi  
copiado o verso da fita de um gravador.

O Cantador. Manoel Ferreira. (65)  
natural de Queimadas, P.R.  
Cantando com Antonio Américo. na  
irrigação do Açude de Bondado, P.R.  
em 1955. deixou a deixa.

até os passaros doqui.  
São Fãs. desta região.

Américo, respondeu.

O Pica-Pau do sertão. 65  
de biliscar nixe pice.  
Furando madeira dura.  
Como Anoxira & angico.  
morre de velho & nunca.  
precisa calçar seu bico.

O Cantador, Sr. Primo (56)  
Bopote, natural de Campina  
Grande. Cantando com Antonio  
Americo, no municipio de São João  
do Sabugi, em 1952, deixou a  
deixa.

Até um urubiu Rei,  
Hoje a tarde eu vi aqui.

Americo, respondeu para Bopoteinho,  
que era seu nome de guerra, e disse.

Urubiu, é um gari. 66  
a limpeza é sua mira,  
só come, se achar morto,  
não ofende e nem conspira,  
Fecha o futo quando é novo,  
morre de velho e não tira.

O Cantador, Manoel Francisco. 67  
natural de Livramento, P. B. radicado  
em Patos, cantando com Antonio Americo,  
em Santa Luzia do Sabugi, P. B.  
quando chegaram 2 gradistas na  
cantoria que eram, Nêgo Afrigio,  
& Quintino, Antonio Americo, que  
conhecia a História dos grados da  
região, começou a falar nos  
Grandes gradistas, nos bons cavalos,  
& nos corridos, deste grande esporte.  
ai Manoel Francisco, deixou a deixa.

Parece que meu colega,  
já foi piolho de grado.

Americo, se referiu, a uma grande corrida.

O Saia Velha afamado,  
de junco do Seridó,  
Foi correr com avião. 67  
Fracassou de fazer dó,  
dessa vez perdeu a fama,  
que tinha no mocotó.

ai os dois  
gradistas,  
pagaram  
bem, e  
aplaudiram  
este corrido

Tinha acontecido  
em 1937, a mais  
de 30 anos atrás.

O Cantador, Manoel Fabricio, (68)  
nome de guerra, Ada Branca,  
natural de Fagundes, Pb.  
Cantando com Antonio Americo,  
deixou a deixa

---

Se quiser cantar nas Aves,  
eu lhe dou conhecimento.

---

Americo. Se inspirou. e respondeu.

---

A garça todo momento,  
é completa de beleza. 65  
alvo, limpo e vaidoso  
exibindo a boniteza.  
pescando na beira dos lagos,  
com seu porte de princesa

---

O Cantador, Severino Alves, (69)  
nome de guerra, Severino  
Severo, natural de Patos, Pb.  
Cantando um desafio em sextilha,  
com Antonio Americo, deixou a deixa.

---

Americo tirou cadeia,  
no estado do Ceará.

---

Americo, respondeu no duro. Veja a resposta.

---

Ao povo eu digo já, 65  
qual a sua profissão.  
Vive de vender macomba,  
a tarado e a ladrão,  
aprendeu quando fez parte,  
de uma gangue em Maranhão.

O cantador, Juvenal Evangelista. <sup>70</sup>  
Cantando com Antonio Américo, na  
Rádio Itacema, de Iguaçu, Bz.  
deixou a deixa.

quem canta com Juvenal,  
precisa Fé e Coragem!

Américo, respondeu com esta linda  
Sextilha, que depois foi copiada da  
Fita de um gravador, de um rapaz  
que gravava, o número, de Juvenal  
& Américo, no programa da Itacema.

banta o rosto a paisagem. <sup>70</sup>  
do vida dos passarêdos,  
do sonho da ventania,  
nas grimpas dos alvorêdos,  
das matas, silenciosas,  
de tembranos, segredos.

Patos 18-04-96. Nobre Luiz Blaidio, meu abnço,  
Hoje recebi a sua carta. João Bezerra faleceu em  
Comço de 1980, eu Antonio Américo de Medeiros,  
natural de São João do Sabugi, R.N. nasceu a 07-  
02-1930 começou a cantar ao som da viola  
aos 15 anos, em 1945, desde 1960 que é  
radicado em Patos, escreve cordel desde a  
década de 70. Vou lhe mandar um docu-  
mentário de versos só de improviso, ao som  
da viola, com mais 50 repentistas isto é a  
deixa de cada cabeça, e minha resposta,  
juramento de improviso, como você diz  
que divulga, este material é todo seu,  
pode divulgar, distribuir, e até publicar  
em livros, revistas, e jornais, apenas quero  
só minha autoria, não alguns cordéis da  
minha autoria, e outros de pseudos João Bez-  
erra de Lima, tenho uma barraca no  
Mercado de Patos, vendas de cordel atendo  
muito por correio, não 2 filhos de Romano,  
com Dniel, mas copas tem meu embrelo, atu-  
al, estes versos de improviso divulgue o quanto  
poder, Faça de conta que são da sua autoria,  
meu telefone, 083.421.5320, só estão em  
Casa a partir das 6 da tarde, e no Domingo dia  
todo, nas Horas de Trabalho é no barraca. Medeiros.

## Anexo B

---

### Peleja de Costa Leite com Antônio Américo

AUTOR: JOSÉ DA COSTA LEITE

Agora, caros leitores  
Vamos ler uma peleja,  
De dois poetas famosos  
Fãs da lira sertaneja  
Esta saiu do jeitinho  
Que todo mundo deseja

Antônio Américo Medeiros  
É campeão no repente,  
No campo da poesia  
Tem sido bem competente  
Pra ser melhor do que ele  
Já se perdeu a semente.

José Costa Leite é  
Um poeta popular,  
E no campo do improviso  
Sabe o que é versejar,  
O que tem dá para o gasto  
Sem ser preciso comprar.

No ano 72  
Costa Leite viajou,  
Pelo Estado da Paraíba  
Em várias cidades cantou  
Chegando em Itabaiana  
Com Antônio Américo encontrou.

Na rua 13 de maio  
Em uma noite junina,  
Costa Leite foi cantar  
Numa casa de esquina,  
Na mesma casa onde hoje  
E o bar de Dona Gina

Chegando Antônio Américo  
Cresceu a animação,  
Costa Leite levantou-se  
E apertou sua mão,  
Convidou-o para ajudá-lo  
Na sua improvisação.

Costa Leite estava só  
E Antônio se sentou,  
Ao lado de Costa Leite  
E a viola afinou,  
Então naquele momento  
A peleja começou:

**AA** – Costa Leite, meu amigo  
Vamos entrar em porfia,  
Agradar a este povo  
Que gosta de cantoria  
Mas tenha muito cuidado  
Que minha rima é sadia.

**CL** – No campo da poesia  
Você pode se expressar,  
No assunto que quiser Garanto  
lhe acompanhar,  
Você vai saber agora  
Como a cobra vai fumar.

**AA** – Você hoje vai notar  
Como é que o gato mia,  
Como e que a jia canta,  
E também o canção pia,  
Porque eu vou despejar  
Um rio de poesia!

**CL** – Você vai ver na porfia  
Como se faz arroz doce,  
Como é que cabra berra  
E como se amola a foice,  
Como e que o boi baba  
E como um burro dá coice.

**AA** – Seu verso agora me trouxe  
Mais vontade de cantar,  
Você agora vai ver  
Um poeta improvisar,  
E como um moleque mama  
Sem ele querer mamar.

**CL** – Amigo, pode cantar  
Que a hora é conveniente,  
E cante qualquer matéria  
Venha de lado ou de frente,  
Você pode cantar muito  
Mas vai perder no repente.

**AA** – Quando se ver o sol quente  
E um nevoeiro na serra,  
O vento ficar parado  
Muita quentura na terra  
Pode dizer que Medeiros  
Já está em pé de guerra.

**CL** – Quando ver perto da serra  
Forte trovão ribombar,  
O sol nascer bem vermelho  
E a chuva desabar,  
Pode dizer com certeza  
Costa Leite vai brigar.

**AA** – Quando ver o mar secar  
E escurecer o poente,  
O vento ficar gelado  
E o sol se por no nascente  
Pode dizer que Medeiros  
Já está de sangue quente.

**CL** – Quando surgir no nascente  
Chuva relâmpago e trovão,  
Rios correndo pra cima  
E inverno virar verão,  
Costa Leite já está  
De clavinote na mão.

**AA** – Quando se ver no sertão  
Um fumaceiro na serra,  
E o sol esquentar dum jeito  
Que o bode com medo berra,  
Antônio Medeiros está  
Armando um canhão de guerra.

**CL** – Medeiros, aqui se encera  
Este trabalho forçado  
E vamos seguir agora  
Num estilo adiantado  
Pra se saber de nós dois  
Quem dá conta do recado.

Então naquele momento  
Levantou-se um cidadão,  
Pedindo um tema aos dois  
Para animar o salão,  
“Eu admiro a coragem  
do vaqueiro do sertão “

**AA** – Eu conheci um vaqueiro  
Respeitado na história,  
Sua fama e sua glória  
Percorreu o mundo inteiro  
No Nordeste Brasileiro  
Em qualquer ocasião,  
Derrubava boi no chão  
Sem querer camaradagem  
Eu admiro a coragem  
Do vaqueiro do sertão.

**CL** – O vaqueiro faz um teste  
Num cavalo corredor,  
Pensando no seu amor  
Por ser um cabra da peste,  
O vaqueiro do Nordeste  
Montado em seu alazão,  
Na corrida de mourão  
Envia a sua mensagem  
Eu admiro a coragem  
Do vaqueiro do sertão.

**AA** – Se um vaqueiro vai embora  
Chora toda bezerrama,  
E até a vaqueirama  
Sente saudade que chora,  
Todo dia e toda hora  
O gado na solidão  
Comendo a sua ração  
Achando boa a pastagem  
Eu admiro a coragem  
Do vaqueiro do sertão.

**CL** – Sua vida de vaqueiro  
Faz ele viver feliz  
Nunca se julga infeliz,  
E aboia um dia inteiro  
Até mesmo o fazendeiro,  
Nota a sua animação  
O aboio é sua canção  
Até mesmo na viagem  
Eu admiro a coragem  
Do vaqueiro do sertão.

**AA** – Um gibão feito de sola  
Lhe deixa alegre e contente,  
Pensa em seu amor ausente  
A lembrança lhe consola,  
Quando pega na viola  
Sempre fala em barbatão,  
E corrida de mourão  
Por ser um bom personagem,  
Eu admiro a coragem  
Do vaqueiro do sertão.

**CL** – Nas caatingas sertanejas  
O vaqueiro corajoso,

No seu cavalo fogoso  
Enfrenta duras pelejas,  
Depois de algumas cervejas,  
Para tomar posição  
Vai pegar o barbatão,  
Numa carreira selvagem,  
Eu admiro a coragem  
Do vaqueiro do sertão.

**AA** – Às vezes estando distante  
Da mulher que mais adora,  
Monta no cavalo e chora  
Pensando na sua amante,  
Não tem sossego um instante  
Mas no campo é campeão,  
O boi valente e fujão  
Sempre cai em desvantagem  
Eu admiro a coragem  
Do vaqueiro do sertão.

**CL** – Vaqueiro que é vaqueiro  
No amanhecer do dia,  
Desleita a vacaria  
E toma o café ligeiro  
Depois bota no terreiro  
A sela em seu alazão  
Para pegar o “boião”  
Que não quer camaradagem  
Eu admiro a coragem  
Do vaqueiro do sertão.

**AA** – Corre igualmente ao vento  
O vaqueiro sertanejo,  
Com carne, com leite e queijo

Ele tem um bom sustento  
Pra correr qualquer momento  
Montado em seu alazão,  
Na pega do barbatão,  
Com seu instinto selvagem,  
Eu admiro a coragem  
Do vaqueiro do sertão.

**CL** – O vaqueiro é corajoso  
Por dentro dos caatingais  
E saltando os carrascais  
No seu cavalo forçoso,  
Dá um aboio saudoso  
No piso do barbatão,  
Depois enrola na mão  
O rabo do boi selvagem  
Eu admiro a coragem  
Do vaqueiro do sertão

**AA** – O vaqueiro nordestino  
E homem valente e forte  
Respeitado em todo Norte  
E Nordeste, é genuíno,  
Verso de gado é seu hino,  
Na corrida de mourão  
Entoa a sua canção  
Corre sem ter pabulagem  
Eu admiro a coragem  
Do vaqueiro do Sertão.

**AA** – Costa, quero te avisar  
Que chegou a ocasião,  
De atender um amigo  
Que se acha no salão

Pode cantar pra valer  
E no fim do verso dizer  
– **Martelo não é quadrão.**

**CL** – Ladeira não é chapada  
Manteiga não é coalhada,  
Forró não é vaquejada  
Banana não é mamão,  
Maleta não é caixão  
Chá mate não é café,  
Cobra não é jacaré  
Martelo não e quadrão.

**AA** – Mesa não é tamborete  
Picolé não é sorvete  
Espada não é trinchete  
Leite não é requeijão  
Cariri não é sertão  
Parola não é coragem  
Vereda não é rodagem  
Martelo não e quadrão.

**CL** – Tubarão não é atum  
Condessa não é tucum  
Siri não é guaiamum  
Jaca não é fruta-pão  
Soneto não é canção  
Rádio não é radiola  
Pandeiro não é viola  
Martelo não é quadrão.

**AA** – Ciúme não é amor  
Concriz não é beija-flor,

Gaivota não é condor  
Ema não é gavião  
Porteira não é mourão,  
Galega não é mulata  
Cinturão não é gravata  
Martelo não é quadrão.

**CL** – Cavalo não é jumento  
Rato não é papavento,  
Areia não é cimento  
Namoro não é paixão  
Esteira não é colchão  
Tatu não é punaré.  
Cigano não é pajé  
Martelo não é quadrão.

**AA** – Grito não é valentia  
Uva não é melancia,  
Bandeja não é bacia  
Jerimum não é melão,  
Vaca não é barbatão  
Farmácia não é igreja  
Cachaça não é cerveja  
Martelo não é quadrão.

**CL** – Riacho não é lagoa  
Jangada não é canoa  
Sereno não é garoa  
Laranja não é limão,  
Tainha não é cação  
Peixeira não é qjicé,  
Açude não é maré  
Martelo não é quadrão.

**AA** – Missa não é gafeira  
Angélica não é roseira  
Jaqueira não é manqueira  
Frade não é sacristão,  
Bonde não é caminhão  
Avenca não é capim,  
Roçado não é jardim  
Martelo não é quadrão.

**CL** – Bife não é panelada  
Machado não é enxada,  
Guisado não é buchada  
Fumaça não é carvão,  
Biquini não é calção,  
Vale não é serrania,  
Loja não é padaria  
Martelo não é quadrão.

**AA** – Tarrafa não é puçá  
Rede não é samburá  
Jambo não é trapiá  
Espeto não é formão  
Bofe não é coração  
Cumeeira não é ripa  
Bucho de boi não é tripa  
Martelo não é quadrão.

**CL** – Abacaxi não é pinha  
Marreco não é galinha  
Farelo não é farinha  
Grilo não é camarão,  
Gigante não é anão  
Maçã não é genipapo,  
Lagartixa não é sapo  
Martelo não é quadrão.

**AA** – Taboleiro não é gruta  
Sanduíche não é fruta,  
Brincadeira não é luta  
Carnaval não é São João,  
Mole não é campeão  
Papagaio não é pato,  
Pulga não é carrapato  
Martelo não é quadrão.

**CL** – Bar não é mercearia  
Briga não é harmonia,  
Estreito não é baía  
Zoadá não é trovão  
Traque não é foguetão  
Caju não é cambuçá  
Castanha não é cajá  
Martelo não é quadrão.

**AA** – O assunto está enfadonho  
Já é preciso mudar,  
E é bom tomar cuidado  
Que a poeira vai voar  
Eu agora vou matá-lo  
Num galope à beira-mar.

**CL** – Eu no beira-mar sou bem aplaudido  
De norte a sul de leste a oeste  
Noroeste sudeste e até sudoeste  
E em todo Nordeste eu sou conhecido  
Garanto meu nome onde tenho ido  
E faço galope de admirar  
É na água, é na terra, é no fogo, é no ar  
Descrevo estreito, restinga e baía,  
É porto, é cabo, é maré, maresia.  
Fazendo galope na beira do mar.

**AA** – Colina, vulcão, chapada e outeiro  
Campos verdejantes, morro e cordilheira  
Cascata, represa, serra e cachoeira,  
Fralda de montanha e despenhadeiro  
País, continente, campo e tabuleiro,  
É no eixo do globo e na zona polar,  
É no clima sadio, é na hora solar,  
Terra, superfície, canal e nascente,  
Barra, litoral, regato e torrente  
Eu faço a salada na beira do mar.

**CL** – É bote, barcaça, navio e canoa  
Rede, samburá, tarrafa e jangada,  
É barco pesqueiro, estuário, enseada  
Planície, Campina, riacho e lagoa,  
E istmo, ilha, ribeiro e camboa  
Cantando galope sei improvisar  
Descrevo regato, rio, maré e mar,  
Mangue, panorama, porto, maresia  
Horizonte, dunas e Oceania  
Misturando tudo no meu beira-mar.

**AA** – É tronco, é galho, é ramo, arvoredado  
É ilha, é lago, é barra, é canal,  
É golfo, é praia, costa ou litoral  
É serra, é montanha, é monte, é rochedo  
É pico, é ladeira, é sopé, é penedo  
É maré enchente ou maré preamar,  
É maré vazante ou maré baixamar  
É no meridiano, é no eixo, é no polo,  
É na crosta da terra, é no chão, é no solo,  
Cantando galopes por fora do mar.

**CL** – Descrevendo os signos, falo em Sagitário  
Virgem, Capricórnio e Escorpião,

Gêmeos, Carneiro, Peixes e Leão,  
Touro, Caranguejo, Balança e Aquário,  
Todos os planetas que tem no Lunário,  
Júpiter e Urano vou mencionar  
Mercúrio e Vênus também vou citar  
Plutão é noturno e o Sol é diurno  
Marte, Netuno, a Lua e Saturno  
Eu traço em galopes sem ser beira-mar.

**AA** – No banho da praia vou falar agora  
Onde a mocidade vai gozar a vida  
Vê-se muita moça andar quase despida  
Mostrando ao povo o seu corpo de fora  
Com o maiô ligado, já tora não tora,  
Tem sujeito que vai só pra reparar,  
As moças bonitas que vão se banhar,  
Na maior zoadá na hora do banho,  
Tudo pinotando, mostrando o tamanho  
Daquela folia na beira do mar.

**CL** – O banho da praia é uma coisa louca  
Vê-se braço, barriga, coxa, bunda e peito,  
Deitadas na praia não escolhem jeito  
Tem cabra que fica com água na boca,  
Sabemos que ali a vergonha é pouca,  
Ninguém não tem cisma da roupa tirar,  
Na beira da praia quem for reparar,  
Vê cada morena, que chama atenção  
Cintura bem fina, à moda pilão  
Insultando os homens na beira do mar.

**AA** – Na beira da praia a vida é gozada  
Na beira da praia tem morena boa,  
Na beira da praia ninguém fica à toa,  
Na beira da praia tem moça falada

Na beira da praia tem mulher casada  
Que vai com o urso para se banhar,  
O marido em casa fica a cozinhar  
E ela na praia enfeitando o marido  
Com um par de chifres bem grosso e comprido  
Que é a lembrança da beira do mar

**CL** – Vê-se a mocidade na beira da praia  
Dia de Domingo ou dia feriado,  
Ninguém não reclama, é tudo misturado,  
Quando a moça chega tira logo a saia  
Mostrando o tamanho do rabo de arraia,  
Que um pescador veio lhe mostrar  
O banho da praia é muito popular,  
Todo mundo ver as moças se banhando  
Com o maiô bem justo chega fica entrando  
Na espuma branca da onda do mar.

**AA** – Costa Leite, meu amigo  
Vamos parar que é hora  
Cantamos a noite inteira

O sol já está de fora,  
A peleja fica empate  
Quem puxa muito, se tora.

**CL** – Pois vamos beber agora  
Sem se falar em cachaça  
E depois tomar um banho  
Para ver se o sono passa,  
Você me provou agora  
Ser um poeta de raça.

Luiz, o dono da casa,  
Disse para um companheiro:  
– Foi esta a maior peleja  
Do Nordeste Brasileiro,  
E cada um deu a prova  
De ser um bom violeiro.

FIM

Formato 16x23 cm  
Tipologia *Alegreya*  
Nº de Pág. 540

Editora da Universidade Federal de Campina Grande- EDUF CG



